

OS ESPERANDOS

PIRATAS JUDEO-PORTUGUESES... E EU

ANGELINA MUÑIZ-HUBERMAN

editora cajuína

Copyright by © 2020
Angelina Muñiz-Huberman

Título original:
Los esperandos: piratas judeoportugueses ...y yo
Tradução: Ester Abreu Vieira de Oliveira - Maria Mirtis Caser
Projeto editorial: Wilbett Oliveira
Revisão: Ester Abreu Vieira de Oliveira / Maria Mirtis Caser

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução integral ou por partes sem o consentimento da autora, por escrito. Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

1ª edição
2020

[CIP]
BRASIL: Catalogação-na-fonte

M963e
Muñiz-Huberman, Angelina .-
Os esperandos: piratas judeo-portugueses...e eu. Angelina Muñiz-Huberman. Tradução de Ester Abreu Vieira de Oliveira / Maria Mirtis Caser. 1. ed. Cotia, SP. Editora Cajuína, 2020.

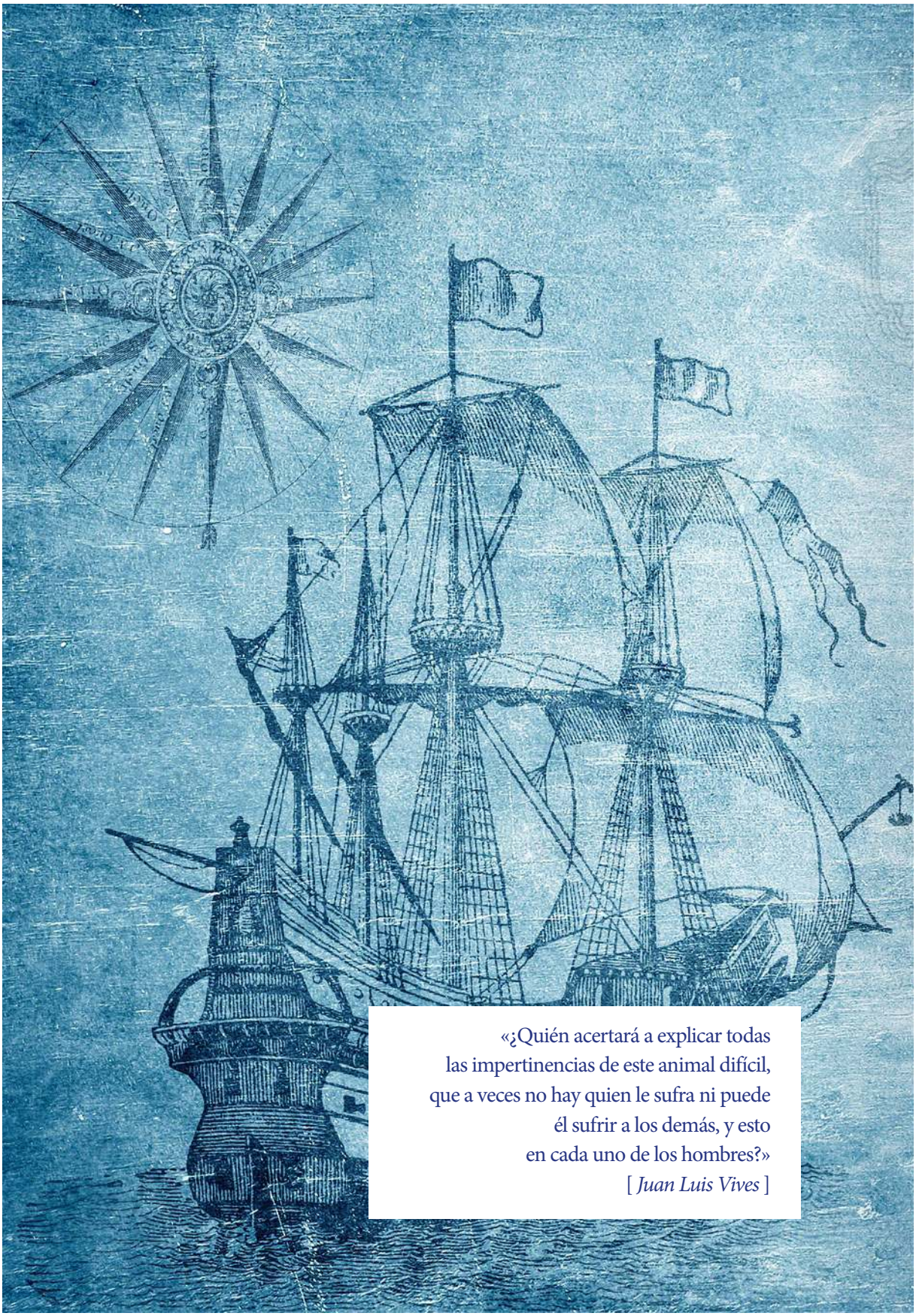
ISBN (Impresso) **978-65-86270-43-3**
ISBN (Epub) 978-65-86270-42-6
ISBN (PDF) 978-65-86270-60-0
1. Literatura mexicana 2. Romance
I. Angelina Muñiz-Huberman II.Título
DOI 10.26893/esp/am-h/2020

CDD. 868991

editora cajuína

Estrada Velha de Sorocaba, 763 - C428
Granja Viana - 06709-320 - Cotia, SP
www.editoracajuina.com.br
Instagram: @editoracajuina — Facebook: editoracajuina
E-mail: contato@editoracajuina.com.br

A Alberto, en aventuras marítimas y otras



«¿Quién acertará a explicar todas
las impertinencias de este animal difícil,
que a veces no hay quien le sufra ni puede
él sufrir a los demás, y esto
en cada uno de los hombres?»
[*Juan Luis Vives*]

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....7

PRIMEIRA PARTE: OS ESPERANDOS

O COZINHEIRO DOS PIRATAS.....11
UM POUCO DE HISTÓRIA.....17
Folhas em branco. Variedade.....18
Folhas em branco. *Notas sobre o comércio*.....21
LA BURLADORA.....25
O PINTOR ANGLICANO.....29
CERVANTES PRISIONEIRO.....35
HYÈRES E OS PIRATAS.....39
Folhas em branco. Branco.....42
SINÁN.....45
POR QUE SOU COZINHEIRO?.....49
PORQUE SOU COZINHEIRO-CONFECCIONADOR DE HISTÓRIAS?....53
O BARCO CABALISTA.....59
CARTOGRAFIAS E OUTRAS PAIXÕES.....65
INTERLÚDIO.....73
A ZOMBADORA *FALASHA*?.....81
Folhas em branco. Nerudiana.....85
DA MALDADE.....89
Folhas em branco. Vila Esperança em Sitges.....91
AS CARTAS SICILIANAS.....95
O CONTRATENOR PIRATA.....99
DA VIOLÊNCIA.....103
DA MELANCOLIA I.....107
DA MELANCOLIA II.....113
LEVIATÃ.....121
MAUS PENSAMENTOS E ALGUM OU OUTRO REFRÃO.....125
1391, ANO AZIAGO.....133
NOTAS.....142

SEGUNDA PARTE: OS TRANSGRESSORES

SAMUEL PALACIO.....147
OUTROS MARES.....153
Folhas em branco. Caimito del Guayabal.....158

PENETRAÇÕES....163
NÃO ESQUECER....167
Folhas em branco. Absurdos....170
Folhas em branco. Dois cães suicidas....173
MISTÉRIOS....177
INVEROSSIMILHANÇAS....181
MINIMALISMOS....185
TEATRALIDADES....189
GRUMETE-ANJO....193
SEREIAS....197
Folhas em branco. Sem assunto....198
RELATO NA RUA....203
CIRCO E SANGUE....207
UMA VISITA RÁPIDA A SOR JUANA....209
INAD....217
CASAUBON....223
Folhas em branco. Lodaçal....226
Folhas em branco. O olhar perdido de minha mãe....228
Folhas em branco. Quem era o Sr. Velasco?....231
EM CUBA, LIÇÕES DE ALQUIMIA....235
AÇÚCAR, CAFÉ, CACAU, FUMO....241
A ESPERANÇA DE MENASSEH BEN ISRAEL....243
O MUNDO ESCURO....247
Folhas em branco. Sones Jarochos ou a memória da eternidade....250
DESTRUIÇÕES OU PEQUENOS APOCALIPSES....255
CONTINUAÇÃO DO ANTERIOR....259
CONSTRUÇÕES....261
Folhas em branco. Sonhos....263
Folhas em branco. Gargarejos....266
O IMPREVISÍVEL 269
Folhas em branco. Um exilado....271
A HISTÓRIA DE HANS STADEN....273
Folhas em branco. Nem tempo nem espaço 275
Folhas em branco. Nem Cervantes nem Shakespeare....278
TESTEMUNHO....279
RESTAURANTE KÓSHER DE COMIDA RÁPIDA....283
Folhas em branco. Ponto final....285
NOTAS....287

APRESENTAÇÃO

Em um tempo em que o mundo foi açoitado pela pandemia da *Covid -19,* um amigo nosso de Barcelona (Espanha) nos apresentou uma escritora amiga sua do México, Angelina Muñiz-Huberman, poeta, narradora e ensaísta, que nasceu na França, mas vive no México e ganhou vários prêmios. Contatamos com a autora, que respondeu prontamente a nossa mensagem, e nos enviou o seu romance *Los esperandos. piratas judeoportugueses...y yo,* publicado em 2017. Algumas peripécias ocorreram entre o entendimento por e-mail e a chegada do romance as nossas mãos, mas depois da longa viagem e de muitas chamadas ao correio daqui e de lá, finalmente recebemos os aventureiros judeus sefardis que habitam a ficção de Angelina.

O texto requintado e provocador nos fez pensar que os brasileiros mereciam conhecer a autora tão laureada no México e a ideia da tradução foi surgindo espontaneamente. Consultada sobre a possibilidade de ter seu romance traduzido ao português brasileiro, Muñiz-Huberman se declarou "encantada" e iniciamos então o processo de aprofundamento da recepção para a reescrita que pressupõe o traduzir.

São sobejamente conhecidas as diferentes possibilidades que a atividade tradutória pode adotar, indo do apagamento do tradutor que, evidenciando as marcas do autor do texto de partida, dá ao leitor a "ilusão" de estar lendo o "original", conforme ensina Paulo Henriques Brito, em *A tradução literária*, à posição oposta de, numa

roupagem nova, evidenciar sua intervenção, utilizando formas denunciadoras do tempo e do espaço em que se produziu a tradução.

Buscamos em nossa proposta conciliar esses procedimentos, deixando que o leitor brasileiro sinta como o leitor da língua espanhola as emoções provocadas pela criação da autora mexicana, mas experimente ao mesmo tempo a proximidade da narrativa com o tempo e o espaço das tradutoras brasileiras.

Ainda que se trate da tradução de uma língua irmã do português, reescrever um texto de uma língua estrangeira na língua nativa implica consideráveis mudanças: é a viagem de um mundo para outro. É necessário ter em conta o vocabulário, a gramática, as expressões coloquiais nos dois idiomas, e principalmente ter em mente que se traduz não palavra ou frase, mas o texto.

Em *Los esperandos*, romance neo-histórico, leem-se as aventuras de piratas sefardis, do século XVI, narradas pelo protagonista pirata-cozinheiro-escritor Oseas, com a intervenção, nas "folhas em branco", deixadas com este propósito por Oseas, de uma continuadora da história, que nos dias atuais vai entrelaçando seus apontamentos com os do narrador principal.

Traduzir é a forma de internacionalizar e intercambiar literaturas. O papel da tradução do mundo das letras é relevante, pois gera valores, e torna acessível ao leitor novas criações literárias.

A escolha por deixar a obra *on line*, em livre acesso, se deve a nossa crença de que a cultura é direito de todo ser humano e de que com esse tipo de divulgação se permite ao público em geral o contato com a tradução, a publicação, a circulação e a recepção de uma obra.

Ester Abreu Vieira de Oliveira
Maria Mirtis Caser
[*Tradutoras*]

PRIMEIRA PARTE

OS ESPERANDOS

O COZINHEIRO DOS PIRATAS

Não é pouca coisa ser o cozinheiro de uns famosos piratas. Uns piratas que empreenderam em quase todos os mares, que sempre estiveram na vanguarda, que obtiveram numerosas pilhagens, e que, em terra firme, também souberam desenvolver-se e se atreveram a ser espiões, intermediários entre poderosos reis, mensageiros, diplomáticos, escritores; que tramaram planos de ataque; fundaram colônias agrícolas e novas indústrias; para, ao final, retirarem-se para viver de seus lucros e converterem-se em respeitados membros de sua comunidade.

Se a isto acrescentamos que referidos piratas não eram quaisquer piratas, nem católicos, nem protestantes, nem mulçumanos, mas judeus e que eu não era um cozinheiro qualquer, mas um expert nas mais saborosas gastronomias, provadas e deliciosas receitas, com uma surpreendente capacidade inovadora, aproveitando os mais estranhos e desconhecidos sabores, em uma palavra, eu era um refinado gourmet e, ainda mais importante, era um cozinheiro kósher.

Diante de tais características começo neste momento a contar a história dos chamados esperandos ou piratas judeo-portugueses do mar do Caribe e do Mediterrâneo. Quem são os esperandos? Aqueles judeus de Sefarad, conversos forçados, que escapamos à perseguição do Santo Ofício da Inquisição e que encontramos novas fontes de trabalho nas terras recém-descobertas. Criamos as principais vias

comerciais entre as novas terras e Europa. Desenvolvemos os cultivos da cana de açúcar, do café, do cacau, do tabaco, do milho, da batata e da exploração mineira.

Até aqui tudo ia muito bem, mas quando o comércio florescia nos eliminaram e os reis de Espanha e Portugal encarregaram a Inquisição de nossa intimidação, roubos e morte. Os esperandos, nem estúpidos nem preguiçosos, buscamos outros lugares onde refugiarmos e solicitamos a proteção de governos protestantes que não nos perseguiriam. Holanda e Inglaterra permitiram que nos estabelecêssemos e nos apoiaram, principalmente nesta última, na sua luta contra os católicos. Foi assim como muitos de nós, especialistas marinhos e cartógrafos, e eu, grande cozinheiro, nos convertemos em piratas do mar do Caribe, ao lado dos ingleses, para atacar os barcos espanhóis e roubar os seus carregamentos.

A isso se deve a adoção do nome de esperandos para ser conhecida de maneira velada nossa identidade judaica, à espera da chegada do Messias, e nos destacarmos dos cristãos.

Pois bem, para mim foi uma grande honra preparar a comida para tão valentes personagens. Principalmente, aproveitei quando me embarcava sob as ordens dos capitães e irmãos Palache, e quando em cada uma de nossas incursões fortuitas meus dotes culinários melhoravam. Agora quero lembrar uma de nossas incursões.

La Burladora, o barco em que trabalhava naquela época, ao avistar no horizonte dois poderosos galeões espanhóis dispôs a proa a toda velocidade, introduziu-se entre as naves anulando a sua capacidade de manobrar, disparou seus canhões por ambos os lados, seguiu sua veloz carreira e desapareceu.

Em seguida, nosso barco de guerra, *La Reina Esther*, aproveitou a confusão dos galeões espanhóis para, por sua vez, atacá-los. Ele se afirmou com toda a sua força como uma verdadeira rainha, e os deixou quase afundando para assim iniciar a abordagem. Nossa tribulação possuía uma fúria desenfreada e suas espadas cintilavam a torto e a direita sem dar repouso aos inimigos.

Em pouco tempo dominaram os espanhóis que não podiam recuperar-se do que ocorria diante de seus olhos. Logo foram empurrados para o porão ficando fechados e despojados de suas armas.

Os piratas, em perfeita ordem, destruíram as naves e fizeram um grande saque de moedas de ouro, pedras preciosas, barras de prata e todo tipo de metais extraídos das minas. A pilhagem resultou muito produtiva e não tiveram nenhuma baixa. Incendiaram as naves e se afastaram rapidamente para reunir-se com *La Burladora* e dirigir-se a um porto seguro. Isso me dava tempo para preparar o excelente banquete *kósher* em sua homenagem, já que para nossa maneira sefardita de celebrar qualquer vitória é com um esplêndido jantar.

O mar brilhava nessa hora da tarde. O reflexo do sol feria a vista e o mistério das rotas que nunca teriam que ser marcadas por mais vezes que as retomassem, não deixava de surpreender-me, embora já devesse ter-me acostumado. Mas o mar, embora repetitivo, sempre guarda surpresas e parecia ter uma alma inalcançável. Sobretudo quando decide castigar os homens desprevenidos.

Como não há um altar para um deus marinho não se sabe que oferta fazer-lhe, pois nem mesmo as vidas humanas nem os barcos afundados o satisfazem. Sua falta de forma o torna intocável e é inútil cantar para ele, pois desdenha qualquer elogio. Deveria ser o verdadeiro deus dos deuses. O único. Sem princípio nem fim. Sem sentimentos nem ideias. Perfeito na sua indiferença.

Para mim, o que aproveitava do mar eram seus balanceios que proporcionavam um ritmo único para o cozimento dos alimentos. Assim que o banquete ficou de muito bom e todo mundo contente.

La Burladora e *La Reina Esther* se dirigiram para Port Royal. O clima estava a seu favor e logo estava na costa. A tripulação ansiava chegar para descansar e receber o seu pagamento. Buscar suas mulheres, quem as tivesse e quem não as tivesse, as do porto, dispostas para recebê-los. Conter assim o medo e o perigo passados, a proximidade da morte com o prazer sexual. Fundi-los em um só. E depois dormir, como santos, sem ser. Deixar que o cansaço esgotasse seus corpos, relaxasse seus músculos e penetrar no reino do sono que apaga e esquece.

Depois de semelhantes incursões eu gostava de descansar, de esquecer as batalhas e as elaboradas receitas. Nessa hora dedicava-me a uma atividade furtiva, a de saber escutar, porque quem tem consideração com um cozinheiro fora da hora de comer? Passava

inadvertido e ninguém prestava atenção a tudo o que eu ouvia nas minhas tarefas culinárias. A cozinha, onde eu era o rei, serviu muitas vezes de lugar de encontro para quem conspirava e queria tomar decisões delicadas sem que os demais suspeitassem deles. Quem vai à cozinha a não ser com o interesse de saber qual será a comida do dia ou pedir um determinado alimento? Mas os conspiradores de um grupo ou de outro faziam encontros no meu reino sem quase me notar, porque acreditavam que meu dever era concentrar-me nas iguarias.

Isso de concentrar-se nos alimentos e nas bebidas é de muita importância. Efetivamente, é uma importante tarefa calcular a quantidade de carne, peixes ou aves, verduras e frutas para a tripulação e os oficiais. Depois vem a tomada de decisões: de que modo prepará-las, enfeitá-las, condimentá-las. Mas, principalmente, seguir as regras da dietética ritual. Descartar os alimentos não consagrados, escolher carnes em estado de absoluta higiene, não misturá-las com lácteos, ter jogos específicos de vasilhas e talheres para usá-los com cuidado e lavá-los bem em baldes diferentes.

Deste modo me entretinha, mas meu sentido da audição era tão desenvolvido, que podia escutar várias conversações ao mesmo tempo. Além disso, como bom cozinheiro, era viciado em inventar não só receitas, mas também em guardar segredos e em contar contos. Como muitos escritores, eu me dedicava a cozinhar histórias, embora, às vezes, de tanto divagar eu me esquecia que estava cozinhando y os alimentos se queimavam. Acontecia até de eu deixar queimar a água e os recipientes. Depois imaginava algum nome peculiar, como "peito de frango enfumaçado misteriosamente", ou "creme de alcachofras ao forno bem quente", ou "verduras da horta no fogo da Cabala"; e os comensais ficavam maravilhados com os novos sabores e odores. Cheguei a pensar que, quanto mais desastrosa a comida, mais encantados os famintos. Assim que procurava atrasar os horários de servi-la para que os estômagos vazios se conformassem com o que fosse desde que se enchessem de algo, e a capacidade de crítica diminuísse.

Outros dias eu me inspirava e tudo me saia à perfeição. Às vezes os comensais, acostumados a meus desastres, perdiam o sentido do paladar e não sabiam a que dar o devido valor.

Na realidade, a cozinha era um pretexto, do que eu gostava era de escrever, embora não fossem precisamente receitas, por isso, eu criava situações para ter um pequeno caderno em que registrava as estranhas manias dos seres humanos. Essa era a minha outra atividade furtiva.

Além disso, um barco pirata é um bom lugar para inteirar-se das intrigas politiqueiras. É um ensaio de domínio e poder, de hierarquia e de interesses. Um mínimo país. Onde manda capitão não manda marinheiro, mas o melhor é que onde manda cozinheiro não manda ninguém mais. Também se considera que cozinhar é uma arte e um mistério. Um perigo, claro, pois se pode envenenar os comensais ou dar-lhes comidas de uma matéria prima horripilante e depois dizer-lhes o que era essa matéria. Como em uma famosa tragédia shakespeariana (quando vivi em Londres vi algumas obras no Globe Theater) onde dão de comer a uma mãe seu próprio filho, ideia que eu sugeri ao autor.

Temas para escrever não me faltavam e tampouco para refletir. Pensava, entre outras coisas, sobre os esperandos. Esperandos, esperandos, por que estar sempre esperando? Por que a esperança é o motor de toda ação? É como o vento na vela? Esperando que sopre e assim avançar mais rápido e mais rápido chegar. Quando se sai do porto esperar chegar ao destino final e depois esperar o regresso. Os pontos de partida e de chegada se invertem, mas o trajeto é o mesmo.

Esperar o dia e a noite, de um a ou e do outro a um. Que amanheça. Que anoiteça. Que o tempo passe. Isto é, que venha a morte. E, para evitá-la, comer. Esta é minha sina, dar de comer para alimentar a esperança. Escrever em meu caderninho para esquecer o tempo. A única maneira de que o tempo não corra é escrevendo. Escrever é fonte da juventude.

Mas devo interromper meus pensamentos. Os irmãos Palache me convocam para dizer-me que me encarregue de comprar uma boa provisão de alimentos que, em alguns dias, nos embarcamos de novo, pois um espião lhes avisou que já vinha navegando uma escolta de galeões espanhóis carregado de grandes riquezas.

Aqui suspendo as notas no meu caderninho e saio imediatamente para o mercado. Amanhã será outro dia e poderei continuar

cultivando meus dotes de escritor furtivo. Ah, e de dar conselhos a Cervantes e a Shakespeare para seus livros.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Como bom pirata-cozinheiro-escritor passo a palavra para uma futura coautora deste livro que vamos escrever juntos. Estou certo que as notas de meu caderninho cairão em suas mãos, ela as colocará em ordem e as publicará em um extravagante livro. Será um livro escrito séculos depois de minha existência. Pelo menos assim espero.

Continuarei com a história dos esperandos ou portugueses. A palavra chave e perigosa de empregar foi "esperar". Sendo amigo de Miguel de Cervantes que conheci no barco que o levava de regresso à Espanha, depois dos anos de cativeiro em terras argelinas, me dediquei a preparar-lhe comidas especiais. Foi então que lhe dei a ideia de utilizar esse verbo em alguma de suas comédias ou entremeses. Por certo, os termos tão apetitosos de entremês ou de salada, dentro das obras de teatro, foi algo que começou a circular graças ao meu propósito de unir cozinha e escritura.

A ideia que sugeri a Miguel foi que empregasse essa palavra tão esperançosa na boca de um personagem para indicá-lo como judeu e creio que me escutou, pois seria um grande sucesso teatral.

Agora sim dou a palavra a minha colaboradora que sabe mais coisas que eu sobre este tema, sobretudo porque viverá muitos séculos depois de mim. Deixo aqui umas folhas em branco para ela.

FOLHAS EM BRANCO. VARIEDADE

Graças à ideia de Oseas de deixar umas folhas em branco para uma futura escritora, eu me atrevo a acrescentar o seguinte.

Durante o século XVII o auge do mercantilismo ocorreu, principalmente, devido aos esperandos e aos já abertamente judeus sefarditas da Holanda. Inclusive os famosos irmãos piratas, Samuel e José Palache, chegaram a ser posteriormente membros proeminentes da comunidade sefardita de Amsterdam. Até a pseudopirata Elena de Céspedes esteve por esses mares em seus sonhos e na realidade, e não deixou de ser uma esperanda. Deve-se sua união com os piratas a certeza de suas origens quando ouviu falar aos irmãos Palache dos judeus da Etiópia ou *falashas*.

Segundo minha inventiva de escritora, atribuo a Elena de Céspedes o fato de que sua mãe, escrava negra, lhe contasse que tinha sido sequestrada da região de Gondar e levada a um caminhar cansativo até as costas da Berbéria. Depois foi submetida ao humilhante processo de venta e, por fim, enviada acorrentada a Andaluzia.

A história dos *falashas,* muitos séculos depois, teve um final feliz. Quando se desencadearam perseguições e uma seca devastadora ameaçou a povoação o estado de Israel decidiu executar uma operação de resgate e transferi-los em aviões à terra prometida onde se incorporaram a uma nova vida.

De regresso à história do mercantilismo e ao auge dos mercadores em Amsterdam quero mencionar algo sobre a belíssima sinagoga portuguesa de madeiras preciosas preservada até nossos dias. A *esnoga*, como é chamada, possui setenta e duas janelas em forma de arco. É iluminada com candelabros que contém até mil velas. Quatro imensas colunas jônicas e oito arcos de madeira sustentam o teto. Foi a maior sinagoga existente e os gravados da época refletem a quantidade de gente com seus melhores trajes.

Dois grandes representantes da época completam o quadro. Um é Rembrandt com seu interesse não somente pelos temas bíblicos, mas também pela comunidade judaica e os personagens que pintou. O outro, Baruj Spinoza, que escreveu seus livros filosóficos

nesse ambiente, a pesar de que suas ideias chocaram com a ortodoxia religiosa e foi excomungado.

Assim, comércio, pirataria, arte, pensamento filosófico e misticismo representaram as lutas de uma época plena de acontecimentos, descobertas, paradoxos, contrariedades, ironias, grandezas e indignidades. Como qualquer época, diríamos. Já Miguel de Cervantes tinha vivido e escrito sobre seus pesares e alegrias, vítima ele mesmo do roubo dos piratas, no seu caso, do Mediterrâneo muçulmano, como já mencionou meu amigo e colaborador o cozinheiro. Algo que em nossos dias renasce com a pirataria muçulmana, estendida por todos os mares.

Quanto aos esperandos, poderíamos referir-nos, no século XX, àqueles judeus que pretendiam esconder sua identidade para subsistir em países como a Áustria e a Alemanha até que o nazismo os marcou e exterminou muitos deles da mesma e aberrante maneira inquisitorial dos séculos XVI y XVII. Poderiam contar-se muitas histórias das vicissitudes das famílias Wittgenstein, Warburg, Freud, Kafka, Zweig, Broch, Celan, Benjamin, Ullmann, Arendt, Weil, entre outras.

Ampliando o conceito, entende-se que esperandos são também aqueles que não se conformam com as ideias e as doutrinas baseadas no dogmatismo, a arbitrariedade, a inflexibilidade, e que estão dispostos a criar novos conceitos e mudanças substanciais dentro do pensamento humano. Poderiam ser chamados idealistas, iluminados, vigias. São os que arriscam o todo pelo todo e escolhem o altruísmo como regra de suas vidas.

Em outras palavras, comportam-se como o *nistar* o sábio oculto que mantém a bondade sobre a terra sem fazer conhecido o seu nome. A sua é a vida do herói anônimo. Os esperandos herdaram essa tradição.

Movidos pelos meandros das guerras em qualquer época se aferram à ideia de um mundo melhor quando reinarem as pazes. Mas se acostumam com o fato de que a guerra é o estado natural e tratam de sobreviver a todo custo.

Os esperandos são por isso os sobreviventes. Os que cruzam e recruzam as fronteiras: as apagam, as evitam, as destroem. São capa-

zes do bem e do mal sem importar muito. Pertencem ao mundo do instável e, no fundo, sabem garantir-se com unhas e dentes.

Não falam de sexo porque não é necessário, salvo um, Sigmund Freud que a todos superou. Ou porque em épocas passadas, para os piratas, não era o tema predominante e quando o exerciam era com tanta naturalidade como qualquer outro animal da selva ou da planície. Na realidade, não era importante nem obsessivo. Ocorria, isso era tudo. Para que mencioná-lo?

Os esperandos não se conformam com o meio termo. Além disso, não existe para eles. O único que sabem é viver nas margens, no mais absoluto dos extremos. Parece que lhes faltam regras e não é assim, mas elaboram as suas de maneira intercambiável. São uma espécie de violentadores dentro do barco e sobre o mar. Em terra, sua personalidade é outra e podem chegar a ser filósofos. Marx era um esperando de esperandos. Heine também foi. Na pintura, Chagall, Modigliani, Rothko. Na música, Mendelssohn, Mahler, Schönberg, o mesmo. São chamados também os tolerantes. E, claro, são os exilados e, por isso, os bem-aventurados. Muitos nomes mais irão surgindo por estas rotas de esteira de mar.

Agora é necessário acrescentar as seguintes notas para ir pondo um pouco de ordem e para lembrar dados esquecidos e, porém, como ocorre na história da humanidade, nunca o passado será tão presente como no presente.

A verdade é que o tempo não existe: é outra invenção a mais do gênero humano. Depois que inventa alguma coisa, ele acredita. Como Deus.

FOLHAS EM BRANCO. NOTAS SOBRE O COMÉRCIO

Algo muito esperançoso é o comércio. Os piratas gostam de interceptá-lo para seus próprios fins. Que não são apenas fins em si, mas servem para cobrir as aparências de fins além do visível, isto é, com um conteúdo político. Que vem a ser o mesmo, porque a política é um comércio dissimulado. E, às vezes, nem sequer dissimulado. A política é cínica, embora também seja misteriosa. Flutuante e arbitrária. Imprevisível. Sujeita às mesmas mudanças do clima ou aos humores e paixões. É também algo muito prejudicial, mas infalível. Como uma enfermidade. Deveria haver uma vacina contra a política. Contra os políticos, melhor dito.

Bem, o comércio. Chegará um dia em que se elaborarão famosas teorias sobre seu mecanismo. Mas para mim, é simples. Desde que o homem é homem (porque antes com certeza foi outra coisa ou outro animal) dedicou-se a intercâmbios a trocas. Se você me der essas flechas eu lhe dou esta pele de urso. Se me der estes grãozinhos de café lhe dou esta faca de pedra. E por esta vasilha que está cozinhando ao sol eu lhe dou um pedaço de deliciosa coxa de mamute. Acompanhada a transação de posterior regateio, de um pouco mais de um pouco menos, talvez a metade, talvez um quarto, pode ser que eu acresça uma maçã, quem sabe eu a retire. Até que se estabeleça o acordo adequado e se encerre a operação.

Se o comércio foi num princípio admirado, chegará o momento em que ele vai ser considerado origem de maldades e injustiças. Mas sempre terá seus defensores e não haverá mudança: tudo será sujeito de compra e venda. Até o matrimônio, nem falemos nisso.

A pirataria é outro grande assunto. Desde 1525 a palavra começa a circular por todos os mares, assim como seus participantes, sinônimo de tentar ou de aventurar-se. Sua origem grega comprova que onde se originou foi no Mar Mediterrâneo. O cozinheiro *kósher* Oseas se incorporou quando pôde. O mar é a total liberdade e cozinhar também. Ninguém impõe regras. E mais do que isso, sobram regras. Reina o acaso. Pode ser que haja tormentas, que haja marés, que haja recifes; que haja pouco sal, menos pimenta, pode ser que agrade.

O comércio marítimo já aparece na Bíblia, com as famosas naves do rei Salomão para Tarsis. E nem falemos nos gregos, rodeados de mar e mar: por todos os lados e, às vezes, por toda menos uma. Como os romanos, tão orgulhosos do mar que se apropriaram dele e o chamaram *Mare Nostrum*. Assim que, pela água viajam os barcos carregados de histórias. Jonas, Ulisses, fenícios, hebreus, romanos, gregos, troianos, egípcios, espanhóis, Benjamim de Tudela, árabes, turcos, Cervantes, marroquinos, os esperandos, os irmãos Palache. Padecendo e provocando aventuras, ataques, tempestades.

A arqueologia marítima descobre em nossos dias os barcos naufragados e seus tesouros. Grandes carregamentos de tonéis de vinho e de azeite, de grãos e de sementes. Estátuas de deuses, vasilhas e recipientes, cerâmica de todo tipo e de longínquas regiões. O comércio que não para, incansável. Cofres de moedas de ouro e prata. Armas, peças de reposição. Os peixes colando-se pelas aberturas. Corais aderidos e crescendo. O óxido, grande dominador. Relatos que podem contar-se de novo. Ou talvez não, inventar-se.

Barcos famosos. Piratas famosos. Viajantes famosos. Poemas e romances. Obras de teatro.

Não é preciso mencioná-los: são lembrados: foram lidos: quando crianças brincamos de piratas e corsários.

As rotas do mar não têm regras, são apêndices de regras. O mar Mediterrâneo é um mar fácil: foi muitíssimo percorrido. É benevolente. É abundante em portos. Portos para embarcar e desembarcar. Portos para esconder-se. Golfos, enseadas, praias suaves, desembocaduras de rios. Ilhas e penínsulas, umas depois das outras. Povos inquietos, os mediterrâneos, dispostos a tomar o primeiro barco. A conhecer outras terras. A dominá-las. Para extrair delas todo o removível. E levá-lo e trazê-lo. Até escravos. Principalmente escravos. Guerras sem fim. Conquistas. Destruição. Religiões que vão e vêm.

Mar de terra próxima, quase à vista. Navegação simples costeira. Quase não é mar, mas uma grande lagoa. Serie de lagoas fechadas, como num punho. Ou, talvez, poderoso grande rio e navegação fluvial. Pontos de escape de terras não produtivas. Do norte da África ao sul da Europa. Qualquer pequena embarcação faz a travessia. Primitiva embarcação.

Costa por costa pode-se escapar à perseguição de um navio e até fazê-lo encalhar para que a tripulação se lance na água e zombe de seus perseguidores, levando consigo o mais valioso de seu carregamento.

A cabotagem foi uma grande solução e permitiu o intercâmbio constante de mercadoria e de prazeres. Muito mais coisas poderiam acrescentar deste tema tão apaixonante, mas nesse momento percebo que as páginas em branco, que Oseas me deixou, acabaram e devo interromper meu relato.

LA BURLADORA

Depois da incursão em que *La Burladora* e *La Reina Esther* foram tão bem-sucedidas, José Palache, regressando a Port Royal, se dirigiu à casa que tinha construído. Uma casa pequena mas bem acondicionada. Ele gostava de descansar depois de suas incursões e esquecer as batalhas. Sua leitura preferida era a *Torá* e, embora já conhecesse as histórias, voltava a lê-las e a encontrar novos aspectos que não tinha notado nas leituras anteriores. Deste modo, se absorvia em um mundo só por ele habitado, em tranquilidade, em repouso.

A leitura como fonte da vida era o seu sustento e o remanso onde se refugiar. Quando todos buscavam saquear, ele só buscava as caixas que continham os livros aceitos pela Inquisição, os quais seriam entregues aos poucos livreiros das colônias. Sobretudo apreciava as novelas de cavalaria, as cervantinas e as de Mateo Alemán. Destas últimas se entretinha decifrando os códigos que seus conterrâneos conversos deixavam transparecer para aqueles que fossem como eles. Códigos que lhes permitiam zombar das rígidas regras cristãs e lançar críticas severas contra os costumes corruptos da época. Deste modo se divertia ao mesmo tempo em que ia aumentando o caudal de livros e formando sua especial biblioteca.

O comandante chegava à conclusão de que uma biblioteca é o maior tesouro do conhecimento e a fonte de prazer. Que as páginas, sua fragilidade e o imperceptível peso, folheadas entre dois ou três

dedos, era a mais delicada das tarefas que lhe entregava o mundo inteiro sem que ele se movesse de um lugar tão reduzido como um assento. E isso era para estar agradecido cada dia pelo invento da imprensa e entoar uma oração a são Johannes Gutenberg.

Saber ler era o universo na mão e o privilégio da vista. Ter diante de si esses signos e as formas das letras negras sobre os espaços em branco. O cérebro maravilhoso que reconhecia e a memória indelével. Querer ler além do escrito: o vazio que escondia tudo o que não se pôde ou não se soube dizer. Imaginar nos interstícios outro mundo não expressado. O silêncio como poderosa fonte da interpretação. Interromper rapidamente a leitura para pronunciar em voz alta e captar o ritmo misterioso das palavras. A ondulação da fala, a respiração acomodada, a inflexão. O tom, o sotaque.

Cantar a leitura. Musicá-la. Isso era o que José Palache queria fazer. Por isso o mar lhe parecia o paralelismo perfeito. Como explicar o ritmo das ondas senão pelo ritmo da música das palavras? Como avançar pelas águas como pelos versos e a poesia? Como a claridade e a escuridão?

Do mar só lhe interessava o inexplicável, a metáfora inacessível, o balanceio das imagens. Os instrumentos marítimos: o astrolábio, o sextante, a bússola, a luneta. O ímã e a lente de aumento. O horizonte perdido.

Todo o resto era pretexto: a viagem, o comércio, a guerra, a pirataria. Não lhe importava dividir-se em dois: o homem sem escrúpulos e o leitor apaixonado. O de ação e o de reflexão. O que mais podia pedir? Ser dois em um. Como sabia que ocorrera a Elena de Céspedes que agora, em sua longa vida, comandava *La Burladora*. Fosse homem ou mulher ou, seguramente, hermafrodita, o caso é que se desempenhava às maravilhas dirigindo as operações de assalto e ataque contra as naves espanholas.

Elena ou Eleno era um personagem e tanto. Escapada da Inquisição espanhola tinha aparecido magicamente nas terras baixas e se estabeleceu em Amsterdam como cirurgiã. Sua qualidade de hermafrodita lhe valeu uma longa vida sempre jovem. A metade da sua vida era masculina e a outra metade era feminina, e assim vivia a duplicidade do resto dos mortais. Como nos gravados al-

químicos o ouro e a prata se fundiam eternamente ela/ele brilhava para sempre.

Além de hábil estrategista, pois em sua juventude tinha participado da guerra das Alpujarras, era uma cirurgiã experiente. O famoso médico judeu Mateo Tedesco tinha sido o seu mentor e graças a ele não só estudou nos novos livros de medicina, mas também tinha lido a fundo as obras de Maimônides. Assim, poucos assuntos médicos lhe escapavam.

Quando conheceu José Palache o seu espírito aventureiro tornou a despertar-se e ao saber das façanhas marítimas em que se envolvia ela/ele quis provar sua sorte e ir viver em um barco. Deixou de lado sua tranquila profissão médica em Amsterdam, depois de ter-se reposto das torturas inquisitoriais que tinha sofrido. Estava pronta de novo para empreender façanhas guerreiras.

Primeiro começou a atuar como médica, ou melhor, médico, pois voltou a usar as roupas masculinas que a Inquisição lhe tinha proibido usar na Espanha. Eleno cuidou dos feridos e, pouco a pouco, foi-se tornando imprescindível, sobretudo por seus conselhos bélicos já que conhecia de perto a maneira de lutar dos espanhóis. A isto unia seus dotes adivinhadeiros, que como se diz é qualidade dos hermafroditas, e previa de que modo manobrariam as naves inimigas. No fundo, um desejo de vingança pelas humilhações que tinha sofrido, como quando foi condenada a receber cem chibatadas em Madri e outras cem em Toledo, a impelia a destruir tudo o que fosse de origem católica. Sabia que a Igreja antepunha as operações de ordem econômica à espiritual e que sua ambição era obter ainda maior domínio por meio do lucro e o enriquecimento. Embora, claro está, disfarçado de conveniente aparência religiosa. Daí que a onipresente ameaça do Santo Ofício da Inquisição apoiasse seus interesses econômicos.

Unir-se aos esperandos significava uma espécie de redenção. Completaria um círculo, como se um oroboro a ela destinado cumprisse, por fim, sua função. Ante a estrita e corrupta lei, hasteava a bandeira da liberdade.

Nunca se tinha sentido tão ela/ele como quando navegava e o barco deslizava sobre o mar. Ser transladada sem esforço era algo de que não se repunha. Era como quando patinava nos canais congela-

dos de Amsterdam. Sentir o ar fresco no rosto e não poder deter a velocidade, como tampouco se podia deter o barco.

Instalada na proa contemplando a água e a linha interminável do horizonte era um prazer que não queria interromper. O tempo não contava e o espaço se diluía. O silêncio era mais apreciado e a transparência do ar se escapava num contato de frescor. A água limpava sua história passada e o que tinha sofrido parecia uma história alheia. Seus dois matrimônios, primeiro com um homem e depois com uma mulher, a acusação de bígama e ainda pior do pecado nefando, a tortura nas mãos da Inquisição, o corpo maltratado, o escárnio, a humilhação e sua brilhante defesa que a salvou de ser queimada viva, quando se definiu como hermafrodita, ficavam muito atrás, na bruma dos tempos.

Elena/Eleno, acontecesse o que acontecesse, reconhecia-se agora livre e capaz de vingar-se um pouco dos seus torturadores. Poder atacar os barcos que levavam riquezas para o clero e os nobres, arrebatá-las e empregá-las em melhores causas. Mas, sobretudo, o viver em perigo e deixar ao acaso o resultado das empresas. Nem uma rotina nem uma pitada de cotidianidade: não saber nunca o que esperar.

Assim eu, Oseas, cozinheiro e grande conversador, me entretinha falando com ela/ele. Naveguei por todos os mares conhecidos e tratei com personagens famosos. Minha tarefa culinária me permite conhecer segredos, intrigas, peripécias e mil e uma histórias.

Na realidade Elena, José e eu, Oseas, formamos um peculiar trio que deu muito que falar e até do que escrever.

O PINTOR ANGLICANO

O mais jovem dos irmãos Palache, do qual não há registro nas crônicas, por nome Ezequiel, foi protagonista do ataque pirata mais surpreendente, embora ele não chegasse a conhecer toda a história. Produziu um ataque com consequências artísticas.

Nunca tínhamos imaginado que o galeão espanhol que avistávamos levasse esse tipo de mercadoria. Coisas raras já nos tinham acontecido, mas todas resultavam objeto de comércio e nossas contas (isto é, as do capitão) eram claras e o chocolate que eu preparava, espesso. E todos contentes.

O jovem irmão Ezequiel foi quem deu o grito de "Barco à vista!" e todos se prepararam para o ataque. Eu comecei a ferver água, para o caso de haver feridas para lavar e desinfetar, já que nas batalhas meu ofício mudava para o de ajudante do médico que, nesta ocasião, era um médico-médica. Tratava-se de Elena/Eleno de Céspedes, recém escapada da Inquisição, que tinha sido contratada em Amsterdam por nosso rabino-pirata Samuel Palache, recomendada pelo cirurgião Mateo Tedesco, outro grande personagem.

Esta vez íamos no barco *La honda de David* propriedade do sultão Omar o Cordovês (melhor dito, o ex-Cordovês), flagelo do mar Mediterrâneo, famoso pela velocidade de suas viradas e a tripulação impiedosa. Nossas coordenadas eram, se mal não recordo, 35°372 N 5°162O / 35.617, -5.267, e tendo saído do porto de Martil

nos aproximávamos da costa de Al-Andalus. Nossos espias em Cádiz nos avisavam quando uma frota estava por zarpar e agora tinha chegado o momento.

Preparamo-nos. Como sempre, me lancei ao *shuk* em busca do melhor abastecimento, pois eu gosto de premiar nossos heroicos piratas com uma esplêndida comida. De regresso, já todos estavam prontos e só aguardavam a minha chegada para zarpar de imediato.

Vento em popa a toda vela, nos lançamos ao mar. Tínhamos que atacar e abordar o barco inimigo quando estivesse afastado das costas espanholas. Nossa façanha foi fácil esta vez. Nosso estilo, caracterizado pela velocidade e a surpresa, costumava não falhar. Nosso valente capitão que, esta vez, era Ezequiel Palache deu a ordem de investir no galeão e, sem muita consideração, imobilizá-lo, lançar os ganchos na cobertura e começar a feroz abordagem. Espadas vão e vêm, disparos de arcabuzes, gritos e ais, sangue por toda parte, feridos e mortos. Em uma palavra: vitória dos assaltantes.

Vitória, sim. Mas. E a pilhagem? Ah, surpresa: o que ninguém esperava: obras de arte, quadros religiosos, esculturas de santos, objetos de culto cristão. Em fim, nada aproveitável. O que fazer?

Para o acaso de alguma coisa ser vendável, Ezequiel mandou recolher tudo e guardar com cuidado. Um tanto quanto decepcionado, deixou escapar o galeão com os poucos sobreviventes a bordo.

La honda de David recolheu velas e se dirigiu a seu porto de origem. A decepção dos objetos conseguidos se transformou em esperança, quando Samuel, o irmão mais velho, reconheceu que se tratava de obras de arte valiosíssimas e que a assinatura do pintor era de alguém muito famoso, nada menos que Francisco de Zurbarán. Além disso, as pinturas se referiam à história do patriarca bíblico Jacó e seus filhos, em especial a Asher, o feliz ou o afortunado, fundador da tribo de seu nome, que foi benzido com pão substancioso, segundo Gênesis: 49: 20. Isto foi o que lhe disse o rabino Samuel a Ezequiel.

Então Ezequiel, contemplando o quadro com a figura de Asher levando um enorme cesto de apetitosos pães, compreendeu o significado da pintura. De imediato, ratificou o que seu irmão mais velho o rabino sempre fazia notar: que o cristianismo era um derivado do

judaísmo, que tinha alterado alguns de seus conceitos e transformado outros. O que fazia um pintor da Espanha católica pintando tão belamente Asher o bom e feliz judeu? Talvez, justificar um pouco suas origens. Ou, encobrir o insolúvel conflito de todo espanhol da época: ser ou não ser: cristão novo ou cristão velho.



"As doze tribos de Israel", de Zurbarán

Aqui chegou o momento de introduzir um extraordinário pirata: Little Little John, da tripulação do inglês Drake e emprestado aos esperandos por suas qualidades especializadas de ataque. Como se poderá imaginar, Little Little John honrava o seu nome, pois era dos anões o menor que se tinha visto. Às vezes o chamavam Little Bell, por seu balanceio ao caminhar. Sua especialidade era quebrar as pernas dos inimigos, armado de uma poderosa machadinha com espetos de metal. Sua maneira de atacar era a seguinte: dava uma carreirinha e fazia girar a machadinha e, com todas suas forças, des-

carregava-a contra as canelas de seus adversários. Nunca falhava e o grito de dor do atacado podia ser ouvido a léguas de distância.

Little Little John, como bom anglicano, não suportava os católicos contrarreformistas, de maneira que isso de recuperar quadros para a tradição veterotestamentária lhe parecia das mil maravilhas. Ele ficou encantado com o tão precioso quadro de Zurbarán e jurou protegê-lo até sua chegada às terras britânicas. Como, por sorte, não tinha sinais antigos de católicos no quadro, decidiu que Zurbarán era um pintor anglicano, com toda a clareza, e sombra.

Na hora da comida-prêmio que preparei para os meus queridos piratas falei um pouquinho com Little Little John. Ele me descreveu todo tipo de situações absurdas: em especial as eróticas. Seu desatado erotismo e a dificuldade de realizá-lo. Contou que zombavam dele, que tinham pena, que as posições eram ridículas e impossíveis, que tinha que encontrar uma anã para ser feliz, mas se apaixonava por mulheres altíssimas as quais não podia alcançar, que às vezes caia da cama e rolava no chão, às vezes um amigo normal o ajudava a completar o fato e às vezes fazia com um animalzinho pequeno.

Então interveio Elena/Eleno que tinha estado escutando nossa conversação e cantou uma canção sevilhana para ele:

Por fartar-me de rir
me casei com um anão
Coloquei a cama no alto
E ele não podia subir[1]

Também, tratou de explicar-lhe que não se preocupasse, porque isso de sexo não era tão importante, que era exagerações das pessoas religiosas e que se ele se tornasse ateu tudo se resolveria e alcançaria até as mulheres que chegavam ao céu. Ou que se tornasse muçulmano e que na sua gloriosa morte teria 100.000 virgens à sua disposição nas suaves nuvens de algodão.

O quadro de *Asher VIII* do pintor anglicano, como eu comecei a chamar Zurbarán, por influência de Little Little John, me pareceu

magnífico. Como o resto dos quadros, suas medidas eram de dois metros e meio de altura por um de largura. Impressionante.

Little Little John, o quebra-canelas, tornou-se um grande conhecedor de arte muito embora tivesse que subir numa cadeira para ver os doze quadros em sua totalidade, não parava de fazer comentários extraordinários. Reconhecia exatamente cada um dos filhos jacobianos pelo atributo que os caracterizava segundo o pintor: Rubén, Simeón (Leví), Judá, Dan, Neftalí, Gad, Asher, Isacar, Zebulón, Manasés, Efraín, Benjamín. Mas sempre regressava ao quadro que más o atraía: o de Asher e os apetitosos pães. Sua vestimenta, objeto de fantasia, era diferente da dos demais integrantes das tribos. Parecia um príncipe, não um pastor ou um camponês. Ricos tecidos de complicado desenho e cores de arco-íris. Turbante, gibão, túnica em escamas, meias, sandálias. Cajado ao ombro. Seu olhar cuidadoso dirigido à cesta de pães. Pães recém-saídos do forno, dourados, bem cheirosos. A mão estendida que mantinha com delicadeza o cesto. Cesto de tecido simples, aspecto agradável. Grande céu com nuvens. Ao fundo uma casa acolhedora, árvores, plantações.

Escutava as palavras do guerreiro mini sobre os quadros de Jacob e seus filhos e me extasiava. Se eu tivesse tido uma casa de paredes altíssimas os teria pendurado. Mas, onde iriam parar essas apreciadas pinturas? A quem as venderiam os irmãos Palache que não despertassem dúvidas de como tinham sido adquiridas?

Ezequiel logo encontrou a resposta. Tinha um amigo riquíssimo em cujo palácio acumulava objetos de arte e peças antigas. Pertencia às famílias portuguesas que conseguiram escapar para a Inglaterra antes da perseguição inquisitorial. Jaim Mendes se tinha instalado perto do castelo de Auckland e estava relacionado com dignitários e aristocratas anglicanos. Sobretudo, havia proporcionado dados interessantes da política espanhola e das rotas ultramarinas.

Segundo soube depois, se efetivou a compra dos quadros que teriam de permanecer na coleção de Mendes durante séculos. Algo que, seguramente, minha coautora[2] confirmará.

Nesse ínterim, Little Little John e eu contemplávamos extasiados os enormes quadros e compartilhávamos a felicidade de sermos os primeiros espectadores de umas obras únicas. Pensar que um

quadro visto pela primeira vez é uma emoção comparável ao nascimento de um novo ser. Pensar que, a partir deste momento, a vista de milhões de milhões de seres humanos se pousará sobre ele é para ficar calado e, talvez, no meu caso, preparar outra suculenta comida para celebrá-lo. Esses pães tão apetitosos de Asher até me dão vontade de tirá-los do cesto e comê-los.

CERVANTES PRISIONEIRO

São muitas as histórias do mar Mediterrâneo. Uma dessas histórias é a de Miguel, cujos antepassados provinham do povoado chamado Cervantes. Ele me contou assim, mas ele deu muitas versões do que lhe aconteceu. E como gostava de escrever tudo mudou e inventou de novo.

Ao voltar da batalha de Lepanto onde teve o infortuno de ser ferido por dois arcabuzaços, um no peito e ou na mão, e depois de viver vários anos na Itália embarcou com destino à Espanha. A galera *Sol* foi atacada por uma flotilha turca e a tripulação e os passageiros foram aprisionados e enviados para Argel. Miguel e seu irmão caçula Rodrigo passaram vários anos no cativeiro. Durante esse tempo, trataram de escapar em várias ocasiões, mas terminaram sendo aprisionados de novo e os castigos foram endurecidos. A primeira tentativa se frustrou porque o guia que os levava os abandonou e eles foram aprisionados de novo. Nisso, a família pôde reunir o resgate, mas só para um dos irmãos e Miguel escolheu o seu irmão para ser libertado, encarregando-o de sua libertação e a de seus companheiros. De acordo com o plano, Miguel se escondeu com seus companheiros numa gruta perto da praia onde uma galera espanhola os recolheria. Mas esta tentou duas vezes atracar e, quando foi descoberta, o plano desmoronou. Miguel foi castigado e enviado à prisão ou "banho" de Argel cheio de correntes. Na terceira ocasião utilizou um mensageiro fiel que levava cartas para Martín de Córdoba, o general da Praça

de Orán, pedindo-lhe ajuda. Por desgraça, o mensageiro foi descoberto e Cervantes assumiu a culpa, por isso os castigos aumentaram. Pela quarta vez, reincidiu. Ele tinha obtido dinheiro de um mercador valenciano para comprar uma galera que o transportasse junto com os demais prisioneiros e, na última hora, um deles os traiu. O governador de Argel o colocou prisioneiro em seu próprio palácio e decidiu enviá-lo a Constantinopla de onde seria impossível escapar. Já estava pronto para enviá-lo, quando os frades trinitários, dedicados a resgatar prisioneiros, conseguiram reunir a quantidade pedida por seu resgate e, por fim, o liberaram.

Esses cinco anos de sofrimentos tinham que se converter em matéria literária. Mas antes de ser matéria literária eram pensamento, desejo e esperança. Na segunda tentativa de escapar, Miguel, na gruta onde esperava a galera, escrevia na sua mente obras e mais obras. Não me perguntem como pude estar perto dele e como soube tudo isso. Mas o caso é que eu, Oseas o cozinheiro *kósher*, com minhas artes culinárias, em busca de cogumelos dentro das grutas, me encontrei com o grupo que aguardava aquela que acreditavam ser a galera salvadora.

Sentei-me um pouco para falar com eles, enquanto lhes ensinava a distinguir os cogumelos bons dos venenosos. Também lhes disse que estaria vigiando quando a galera chegasse para recolhê-los, pois embora estivéssemos em facções contrárias, prisioneiros são prisioneiros e minha consciência me dizia que os ajudasse a libertá-los. Fiz um discurso a Miguel sobre a liberdade e, muitos anos depois oh, surpresa! Ele repetiu, palavra por palavra, no livro que o faria famoso entre os famosos. A tentação é grande e aqui anoto o começo daquele discurso que Miguel me plagiou:

> A liberdade é um dos mais preciosos dons que aos homens deram os céus; com ela não podem igualar-se os tesouros que encerra a terra nem o mar encobre; pela liberdade, assim como pela honra, se pode e deve aventurar a vida, e, ao contrário, o cativeiro é o maior mal que pode acontecer aos homens.

Por que falhou este plano de escapatória? Eu soube depois. O que aconteceu foi que os irmãos Palache me chamaram com urgên-

cia, pois iam realizar um pequeno combate e necessitavam de meus serviços. Despedi-me de meus amigos e lhe desejei que conseguissem logo o retorno à sua terra. A galera que vinha com eles tentou duas vezes aproximar-se da praia, mas como viram que nosso barco estava disposto a atacar fugiu rápido. Nesse momento, me dei conta de que meus amigos já não poderiam escapar.

Miguel, só na gruta, o que pensaria? Embora o rodeassem os prisioneiros, seu olhar se perdia ao longe. Imaginava estar de novo em sua casa. Imaginava o que iria ser de sua vida. Que trabalho teria de conseguir. Com que mulher se casaria. Imaginava, sobretudo, dormir em sua própria cama. Descansar sem preocupações. Alongar-se. Não sentir as correntes nos punhos e tornozelos. Comer sentado à mesa. Desdobrar um guardanapo. Ter roupa limpa e muito cheirosa. Poder estender as dobras de papel para escrever as histórias que povoavam a sua cabeça.

O que não podia imaginar eram as infelicidades. Ou, talvez, conceder a um personagem por ele criado que tivesse a felicidade de não distinguir entre realidade e ficção. Que fosse plena fantasia e que não se desse conta. Que para tudo tivesse uma explicação mágica e que não padecesse rancor, nem inveja, nem hipocrisia. Um personagem como não existe.

Esse personagem seria como ele gostaria de ter sido. Seu alívio e seu oposto. Seu duplo ideal. Seu propósito de zombaria dos que o perseguiam. Seu protesto por uma Espanha inquisitorial contra a que não podia lutar como eu, cozinheiro de barcos que investiam e atacavam para consumir o poder dos tiranos.

Regressar à sua pátria não era uma felicidade, pois só mudou de prisão. Também ali foi levado para a prisão. Também ali aprendeu a usar dupla fala: a dos antigos cristãos e a dos conversos. Sua única tábua de salvação foi escrever, escrever, escrever. De tudo.

Poesia, teatro, romance. Em códigos só por ele conhecidos. Só por ele recordados. Enquanto eu pensava nele para que escrevesse as histórias de cativos, as batalhas navais, os equívocos e as zombarias. Lástima que estávamos em partidos contrários, pois se tivesse passado para o nosso, aí sim, não sei o que teria ocorrido. Porque nunca ocorreu.

HYÈRES E OS PIRATAS

A VERDADE É QUE ESSA ÉPOCA que me coube viver era muito enredada e cheia de intrigas. Espanha e Inglaterra em constante pugna, dividindo-se o mundo. E do outro extremo do Mediterrâneo o pujante império otomano. No meio, nós, os esperandos. Esperando justiça. Dando cabeçadas. E com certa ironia ante as divisões, as balelas e as calúnias de uns e outros. O que nos dava carta branca.

Por isso, atacávamos e atracávamos. Com os ingleses e os holandeses era diferente. Sua religião se aproximava da nossa e não suportavam os governantes espanhóis e seu enaltecido orgulho. Sobretudo se preocupavam com o poder eclesiástico que dominava os demais.

Daí que a aliança com os ingleses tinha acabado sendo simples. Sobretudo com Oliver Cromwell e a permissão de que regressássemos à ilha britânica e que o nosso conhecimento das habilidades dos peninsulares lhes servisse para algo.

E, claro, serviu. Eu era um simples cozinheiro de barco, mas os melhores cartógrafos eram sefarditas e tudo ajudava. Além disso, diante da perseguição inquisitorial, qualquer risco valia a pena. Terremotos e maremotos não eram nada para nós. O que mais ansiavam meus queridos irmãos Palache era arriscar ao máximo suas vidas e gabar-se da aventura de cada dia.

Nossas alianças eram multifacéticas e também com os turcos nos podíamos unir. Aí, entrava eu, pois como cozinheiro *kósher*

nunca preparei porco para eles, porque, como nós, eles não podem comer essa carne. A arte culinária é uma arte político-religiosa.

O método que empregamos nas incursões mediterrâneas acontecia nas abundantes lagoas marinhas, já que é um pequeno mar não tão complicado. Encerrado mar. Prisioneiro? Assim foi como ficamos famosos e temidos. Nossa especialidade era zombar da vigilância do Estreito de Gibraltar e passar despercebidos em uma e outra direção, atravessando ao amparo da noite ou utilizando a poderosa artilharia de nossos velocíssimos barcos, imbatíveis perante o inimigo.

Os domínios do Mediterrâneo mudavam de mãos e eu de barco. Coube-me estar sob as ordens de Sinán, sefardita da Turquia e braço direito do intrépido Jeiredín Barbarroja. Era um deleite navegar em suas galeras esbeltas e de fácil manobra, com a triangular vela latina e seus potentes remos que superavam as pesadas naves espanholas e genovesas. Sempre recordarei a famosa tomada de Túnez sob o seu comando que estabeleceu o domínio muçulmano no Mediterrâneo e o auge dos mercadores judeus.

Mas as coisas não ficaram por aí. Um ano depois, o imperador Carlos V da Espanha conseguiu a sua vingança. Retomou Túnez numa nova cruzada religioso-territorial junto com tropas italianas, alemãs e de Malta, que acabou em uma sanguinária matança. Por essa época, eu tinha saído para uma temporada para um lugar que aprecio particularmente: o porto de Hyères. Com frequência escapulo de meus deveres gastronômicos e tomo uns dias de descanso para passear pela praia e refugiar-me sob os pinheiros que as ondas quase tocam. Mas, sobretudo, para organizar as minhas notas e escrever esta história.

Cheguei à conclusão de que as guerras nunca terminam, e, decepcionado como estou da espécie humana, imaginei que pelos séculos dos séculos as batalhas mediterrâneas seguiriam de vento em popa a toda vela. No meu ceticismo até cheguei a pensar que se redobravam e que poderosas armas destruiriam cidades inteiras e arrasariam a população. O último recurso seria retirar-se para os desertos e, talvez, dedicar-se à meditação. Embora, claro, só o fariam contadas pessoas bem-aventuradas.

Regressando a Hyères: Que lugar! Quem me dera que eu tivesse nascido em Hyères: clima ideal: paisagens dignas de ser pintadas por famosos pintores: música das esferas quando o vento move as ramas dos pinheiros: pomares agradáveis: cheiro de ervas e flores: folhas de eucalipto: apetitosos frutos: encontros de amantes: poemas escritos: histórias antigas e novas: noites de lua cheia: canto das cotovias: flamingos de penas rosa pousados: princípios: ruínas e construções: Torre dos Templários: recordações de gnósticos e cavaleiros: um ou outro alquimista: salinas: presença de sombras: ausências inomináveis: silêncios: sobretudo, silêncios. A Hyères sempre regressarei. Oxalá! (Para dizer a verdade, às vezes duvido de ter estado lá.)

Hyères, estranho nome, do occitano "leras". E mais estranho, também, me encontrei com outra língua, o *shuadit*, falada pelos judeus provençais. Então recordei quanto Dante Alighieri apreciava o trovador provençal Arnaut Daniel que incluiu seus versos no canto XXVI do Purgatório de *La divina comedia:*

> *Tan m'abellis vostre cortes deman,* / Tanto me agrada vossa cortês pergunta
>
> *qu'ieu no me puesc ni voill a vos cobrire* / que nem posso nem quero de vós esconder-me.
>
> *Ieu sui Arnaut, que plor e vau cantan* / Eu sou Arnaut, que choro e vou cantando.
>
> *consiros vei la passada folor,* / Pensativo vejo o passado desvario
>
> *e vei jausen lo joi qu'esper, denan* / e gozoso vejo a alegria que diante de mim espero
>
> *Ara vos prec, per aquella valor* / Agora vos peço, pelo mesmo valor
>
> *que vos guida al som de l'escalina* / que vos guia ao cimo da escadaria,
>
> *sovenha vos a temps de ma dolor!* / que vos lembreis a tempo de minha dor

Isso do *shuadit* me intrigou tanto que comecei a perguntar que tipo de língua era e a buscar dados sobre ela. Eu me encontrei com o rabino Jacob Gabai que vivia em Lunel, mas que gostava de passear por Hyères e se converteu em minha fonte de informação.

Se bem me lembro, algumas das coisas que me disse foram as seguintes: Shuadit vem do hebreu *yehudit* e significa judeu. Poderia

tratar-se de uma língua derivada do provençal, mas para o rabino Jacob Gabai lhe parecia antes ser derivada do judeu-latino e, por tanto, ainda mais antiga. Depois me deu uma explicação linguística, como grande conhecedor que era da língua hebraica e da aramaica. Fiquei maravilhado: isso da origem das línguas e suas derivações para mim é como descobrir que ingredientes tem um guisado que provo por primeira vez.

Hyères, por seu excelente e acolhedor porto, foi em seguida considerado refúgio dos piratas. Quase, quase que me fazem perder tudo. Mas não, Hyères, minha Hyères, sempre estará em minha memória, embora perca a memória e nunca tenha estado ali.

Hyères é um mistério para mim. Eu a conheço e a desconheço. Como se tivesse nascido ali e nunca mais tivesse retornado. Como se não existisse mais que na minha imaginação.[3]

Algumas coisas que aconteceram no pequeno porto e que se apontam como grandes triunfos se deram quando encalhamos deliberadamente para escapar da perseguição de nossos inimigos, saltamos a terra e nos escondemos nos lugares que eu bem conhecia e aonde ninguém chegava. Além disso, tivemos a sorte de nossa nave não ter sido destruída. Às vezes, acontecem essas coisas. Graças a meu querido porto.

Não sei o que mais escrever. Deixo as folhas em branco para a minha futura coautora.

FOLHAS EM BRANCO. BRANCO

Estas folhas em branco me vêm a calhar. Chegou o meu momento de falar do que não sei, ao contrário de Wittgenstein que recomendava calar o que não se sabe.

Do que não sei é de Hyères. Só sei que nasci ali. E que aos cinco dias de vida parti de trem. Mas me fascinou um lugar que é o lugar de nascimento e em que nunca viveria. E pior ainda, nem sequer regressaria alguma vez. E péssimo: morrerei sem re-re-conhecer este lugar? É o mais provável.

Portanto, dedico-me a fazê-lo aparecer por toda parte: desde a memória, a não memória e até a imaginação. O interessante é que cada vez que digo isto: "Não conheço Hyères nem sei se existe", alguém salta de seu lugar e me diz: "Sim, existe sim e eu até estive ali."

Portanto, eu tenho que acreditar.

Outras pessoas caridosas se esmeram e me trazem fotos ou um livro ou algo comprado ali. Em compensação, eu peço a outras pessoas caridosas que, como vão viajar por perto de Hyères, por favor, passem para conhecer o pequeno porto para depois me descreverem. Mas, por alguma razão, estas pessoas que estavam por perto, no último momento, não podiam passar por lá. Assim, aumentam minhas dúvidas sobre sua existência geográfica.

Por isso, foi muito interessante que um antigo pirata me assegurasse de que existe sim. Do que deduzo: se existe Hyères, existo eu, como diz um de meus poemas.

Na realidade, Oseas me deixou muito pouco espaço e, como ele, eu já não sei o que acrescentar. Além disso, já me cansei de escrever sobre Hyères. Todo mundo me pergunta como se escreve e como se pronuncia, e estou cansada de escrever esse nome e de buscar no teclado o acento grave. Adeus. Não sei quem, mas adeus. Adeus aos séculos e aos signos.

SINÁN

Começamos a nos unir com outros países. A fama dos piratas tornava-se chamativa e lendária. Divertida para mim. Às vezes, angustiante. Com tanta invenção de menus que não dava conta. Eu me cansava de preparar tanta comida eu, que necessitava de tempo para escrever.

Tenho um grande sentido histórico e sei que este momento que vivo é único. (Claro, como todo momento histórico.) Sou um pouco dado a bobices, mas esse é o meu encanto. Digo o que dizem, só que temperado com este ou aquele sabor culinário.

Outros assuntos no Mediterrâneo foram os da Grécia e Dalmácia onde a frota de Carlos V era derrotada por Sinán e o imperador mais se enfurecia contra os esperandos perseguindo seus compatriotas convertidos nos Países Baixos e em qualquer parte que estivessem a seu alcance. Assim a batalha ultrapassou o político-econômico, para centrar-se no fanático-religioso. E aqui, não há razões que valham.

Barbarroja e o seu lugar-tenente Sinán seguiam fazendo das suas. A última notícia que tive de Sinán ocorreu quando ele embarcou com uma frota de 150 naves para saquear as costas italianas e dirigir-se, finalmente, a Constantinopla, onde perdi o seu rastro. Mas as lendas floresciam. Era mencionado como o pirata judeu mais famoso e por tratar bem dos prisioneiros. Foi chamado pelos turcos Kaptán Pashá ou o Senhor Capitão. Adotou como bandeira de seus navios a

Estrela de David que os otomanos nomeavam o "Sello de Solimán" pelo rei Salomão. Chegou a ter até 6.000 homens sob o seu comando.

Também lhe eram atribuídos poderes mágicos. Quando descansava de minhas tarefas gastronômicas subia à cobertura e observava como Sinán manejava uma espécie de arco e flecha que lhe permitia medir a posição das estrelas e assim determinar a localização da embarcação. Eu soube depois que esta espécie de arco e flecha se chamava sextante. Mas a tripulação a considerava uma vara mágica e a chamaram "a vara do patriarca Jacob".

Agora que recordo, Josefo Flavio menciona, em *A guerra dos judeus,* que piratas judeus enfrentaram os romanos e que o túmulo de Hazán no bairro de Rehavia em Jerusalém tem uma gravura de barcos piratas. Então, minha tradição é de linhagem. Por isso somos tão bons nos ataques, sobretudo Sinán. Além disso, os cartógrafos judeus sempre foram os mais apreciados desde épocas antigas e, nem se fale, na minha. Isso do mar cada vez me entusiasma más.

Depois de tudo, o que são os mares senão outras terras e outros caminhos? Com a vantagem de que nada está predeterminado e nada é como era há um momento. Também não se pode esperar nada, só o acaso absoluto. Por isso impõe, por sua falta de regras e sua constante surpresa. O que espera alguém embarcado é chegar a algum lugar, porque o mar é a carência de lugar. Cada gota, cada onda, cada reflexo é igual ao outro e seria muito difícil distingui-los. Sua instabilidade, sua volatilidade, seu encrespamento, sua espuma efêmera não são nada. Mera ilusão do navegante. É o mar o grande espelho da morte. Uma morte no fundo, limpa, sem rastros. Uma morte pura, sem estorvo, sem cerimônia. Desintegrada. Com algum peixe misericordioso e faminto, dando fim aos restos mortais.

Cemitério marítimo sem tumbas nem sulcos. Selva marinha de corais e esponjas. Correntes submarinas em lento movimento. Algas no vaivém, como esplêndida cabeleira embalada. Pente de conchas e caracóis.

Todo um mistério apenas deslocado pelo peso de cada navio. Como manter-se flutuando?

Sei que avança e vejo o leme e as velas, as escalas, a bússola, o sextante. Tudo em ordem e em seu lugar. O rumo. A bitácula. As anotações. As palavras.

Os beliches presos ao solo. Os utensílios atados para não caírem. Copos de metal. As leis e as ordens. Uma hierarquia estrita. Tudo codificado porque senão o barco iria a pique. Onde manda capitão não manda marinheiro.

Nem um momento de descanso para evitar pensar.

Aturdimento.

Ritmo de sonho.

Ritmo lento.

Sonolência.

Até que ocorre o grito de alarme: a tormenta anunciada pouco antes pelas densas nuvens e o céu cinzento. Atender as velas. Equilibrar. Golpes de leme. Nada a fazer, senão proteger-se. Amarrar-se no mastro maior. Ou correr para debaixo da coberta. Os corpos cobertos de sal e espumas marinhas. O vento implacável. As gotas impecáveis. Virar. Mudar a direção. Golpes de leme. A bússola quebrada. Golpes de leme.

Não importa qual mar, o resultado é o mesmo. Imponentes ondas encobridoras que tudo arrasam. Ou arrastam. Deslocam-no. Rompem-no. Fraturam-no. Força desatada sem princípio nem fim. Barcos que voam, rompem-se, encalham. Ficam terra a dentro em paragens absurdas: sobre una torre: sobre uma falésia: sobre um templo: templo do fim dos tempos.

A ordem desordenada. Nada é o que é. Nem sequer o seu contrário. Nova invenção da natureza. Água que tudo apaga. Purifica. Bendiz. Porque nem sequer é possível a maldição quando a onda se eleva até o céu. Território do espaço sagrado onde nada se ergue. A forma que volta à sua origem sem forma. Deformação que encontra a sua razão original. A origem de todas as coisas rastejando no fundo do mar elevado a sua divindade. Para voltar a cair e voltar a nascer. O princípio do zero até o infinito.

Tudo se completa.

Tudo acaba.

E volta a começar.

Porque o fim não existe.

Ou tudo é transitoriedade

Movimento imparável.

Redemoinho dos tempos.

Nem o ontem nem o amanhã.

Hoje. Só hoje.

A tormenta de cada dia.

O barco sobre a onda.

O templo na montanha.

O barco na montanha.

O templo sobre a onda.

Não acreditem que isso seja um poema. Nada disso. Isso não é um poema. São ideias, nada más, deste cozinheiro *kósher* dos piratas.

É que o mar é minha paixão.

Pois bem, Sinán, o Grande Capitão, o dos muitos nomes, como Sinán o Judeu ou Haradín Cachidiablo ou Sinán Reis, continuou com a sua vida de pirataria, mas também religiosa. Se fosse *shabat* ou alguma das festividades, não atacava as naves inimigas e sempre se encomendava, como bom sefardita, ao "Deus do céu". Terminou seus dias, em tranquilidade, em Istambul coincidindo sua morte com a de seu grande inimigo Carlos V. Amém.

POR QUE SOU COZINHEIRO?

Não sei por que sou cozinheiro, se no fundo não gosto de comida. Mastigar, deglutir, assimilar e expelir não são verbos de que eu goste. Degustar em outro sentido, isso é mais agradável, porque se aplica a outras coisas. A tudo aquilo de que gosto.

Sou cozinheiro por necessidade, não por escolha. Sou por ter observado. Sou um observador: de regras e de comportamentos. Vejo como os outros cozinham: como cozinham suas ideias, suas intolerâncias, suas intransigências, suas limitações. Cozinham-nas muito bem e até as justificam: colocam-se no centro do universo: possuem um mínimo umbigo, contemplam-no inclinando-se e acreditam que ele é um espelho. Que bonito e redondo espelhinho ondulado. Opaco, totalmente opaco. Eu sou eu e meu umbigo central. Apontando sempre para frente, nunca para os lados e, muito menos, para trás.

Então eu me disse: se algo falta aos outros é um bom cozinheiro que lhes indique quais ingredientes usar e como deixar de olhar para o umbigo.

Por isso comecei a cozinhar, para que os demais não levassem a colher ao próprio umbigo. Por isso e por outras razões. Porque já não vivia minha sefardita mãe que tinha sido queimada pela Santa Inquisição e já não estava ao meu lado para cozinhar minha comida. Então comecei a recordar suas receitas. Quando eu acreditei que não a observava, na verdade eu observava sim. Conscienciosamente.

Minha mãe nunca olhava o seu umbigo, por entretida que ficasse cozinhando para toda a família. Nunca queria que se queimassem seus refogados, mas toda sua família, ela incluída, foi sim queimada com lenha verde, para melhor cheiro e sabor. Eu fui o único que se salvou, porque o dia que vieram atrás de minha família, cujos membros não se preocupavam com o próprio umbigo, para dizer a verdade, eu tinha ido ao porto para ver os barcos chegarem e para prometer a mim mesmo que, quando crescesse, seria um marinheiro. Um pirata? Talvez um cartógrafo. Sem imaginar que ia ser um cozinheiro.

Ao regressar a minha casa e encontrar a porta aberta, móveis destruídos, roupa destroçada, livros desordenados, objetos profanados, rastros de sangue pelo chão, só busquei o receituário de minha sefardita mãe que ela costumava esconder zelosamente. Mas eu, o inveterado observador sabia muito bem onde o guardava e o encontrei intacto. A partir desse momento, foi meu grande tesouro para toda a vida. E a *Torá*, claro, mas isso se subentende. Assim fiquei esperando a oportunidade de poder usá-lo. Um dos vizinhos, o pai dos irmãos Palache ainda não alcançado pelo braço impiedoso dos agentes católicos, me resgatou e me escondeu. Esse foi o princípio de minha relação com eles. Comecei a misturar conhecimentos e ingredientes. Páginas do receituário de minha sefardita mãe e estudos marítimos. Desejo de embarcar, mas não de guerrear, mas sim de lutar pela paz, cozinhando da melhor maneira. Afastar-me do inconsistente mundo terráqueo pelo sutil, mas perene vaivém das ondas: até em seus piores momentos tormentosos.

Tudo isso preferível à instabilidade do homem sobre a terra. Onde nem governo, nem religião, nem sociedade beneficiam, mas todo o contrário, difamam, aviltam, exploram e corrompem. Se existisse uma doutrina da anarquia me afiliaria a ela. Nem leis nem utopias, o absoluto primitivismo. Viva a época das cavernas onde, pelo menos, não havia hipocrisia nem falsidade. Bom, nisso creio, talvez ingenuamente.

O único de que não gostaria da gloriosa época das cavernas seriam os alimentos crus: totalmente crus sem nada que os disfarçasse, porque depois de tudo, a culinária é a arte de disfarçar os alimentos crus, mudar-lhes o sabor, a cor, o cheiro, o aspecto. Tirar-lhes suas

características e convertê-los em outras coisas. Então, por que fazemos isso senão porque o que comemos é nauseabundo, fedorento e de aspecto desagradável? Como podemos querer comer um pedaço de carne sanguinolenta, de entranhas virulentas, de marisco horripilante, de peixe grotesco, de ave escandalosa? Claro, só desprovido de seu aspecto original e para isso é preciso metamorfoseá-lo, perfumá-lo e enfeitá-lo. Que nojo! Ainda não entendo como escolhi semelhante profissão. Talvez, por seu aspecto prático: comer é preciso comer, não falha. E claro, por um tributo filomaterno.

Sempre tinha que fazer das tripas coração, outra vez termos alimentícios, para continuar à frente do fogão. A única coisa que eu desfrutava era quando fazia pão. Pelo menos a farinha é bela e pura.

Por mim estaria em regime carcerário: a pão e água.

Talvez, alguma que outra fruta ou verdura.

Pelo menos costumam ser de bom aspecto.

E, simplesmente, se descascam.

Nada de complicações.

Mas, comer tudo o que parece conosco, isso é canibalismo destilado. Canibalismo que, evidentemente, sempre existiu e existirá. Comer uns aos outros, essa é a fórmula da perfeição, da sabedoria, dos êxtases.

Seguirei cozinhando, não me resta mais remédio, mas contrariado?

PORQUE SOU COZINHEIRO-CONFECCIONADOR DE HISTÓRIAS?

Porque isso é do que eu gosto, isto é, a segunda parte. Confeccionar-cozinhar histórias. Escrever tudo o que me ocorre. Livre pensamento sem nada que o detenha. Sem nenhuma trava, sem nenhuma regra, sem nenhuma preocupação. Sem agradar a ninguém, sem adular, sem especular. Por exemplo, como não tenho mecenas não escrevo nem sonetos, nem romances em honra de tal ou qual duque ou conde, instituição ou conselho governamental, político ou religioso. Ninguém foi tão livre como eu. Eu o desapadrinhado. Nem os próprios escritores me reconhecem, e nem sabem quem sou. Embora, isso sim, eles se aproveitaram de meus contos e ideias. Alguns que passei a Fernando de Rojas e ao anônimo autor do *Lazarillo de Tormes* que eu sim sei quem foi, mas que não direi o nome e, claro, a meu querido amigo Miguel. Mas não me importa. A arte de narrar, a *hagadá*, consiste nisso, na arte do prazer. De contar por contar. De inventar por inventar. De alinhavar, como bom alfaiate, palavra por palavra. (Porque os alfaiates quando costuram contam: levam a conta e os contos.) (Às vezes, cantam e contam.) (Cosem e cantam.)

Como se confeccionam as histórias? A verdade é que não sei. Estão aí, em algum lugar da memória. Guardadas. Esperando. São também umas esperandas. Y, de repente, diante de uma circunstância, agora em troca, inesperada, surgem, gritam e exclamam: "Aqui

estou". Então, escute-as, repita-as e já estão prontas. A coisa mais fácil do mundo. Deixá-las correr sem nenhum duplo pensamento. Que elas só são múltiplas e se multiplicam. Uma leva à outra, sem nenhum trabalho.

Talvez, nem sequer são suas histórias: você ouviu de alguém e um dia chega o momento de voltar a contá-las. E é isso.

Também pode ser que alguém tenha contado suas histórias para que você as reconte, adorne, alimente, condimente, exagere, corte ou recorte. Aí também entra o papel de alfaiate-cozinheiro. Creio que todas as profissões se reduzem a uma: a de relator. Todos relatam, todos contam, todos falam antes de começar a trabalhar. O mesmo acontece durante o trabalho e depois do trabalho. Não se para de falar. Isto é, de escrever.

A palavra. Essa é a chave. Se nos faltassem palavras, o que faríamos? Pobre de nós em espetacular silêncio. Inconcebível. Desrespeitoso. Irresoluto. Incontinente. Idiotamente. Imbecilmente.

Rapidamente, aparece-me uma vogal ou uma consoante e já não posso parar.

Sou uma máquina de sons e de rimas. Por acaso serei poeta? Era só o que faltava.

O problema dos poetas é que não sabem o que fazer com as palavras. Complicaram-se na essência. Por isso, eles se detêm a contemplá-las sobre a folha de papel e colocam-nas sobre seu apreciado umbigo centralizador.

Também não sabem cozinhar: desobedecem ao ponto exato da cocção e os alimentos ficam ou crus ou muito cozidos.

O ocorre aos romancistas é que eles não sabem quando parar de colocar água na sopa.

O melhor seria não escrever: mas é irresistível, irresistível, irresistível. Vejam o meu caso, não paro. Ou o parto é demasiado longo ou a criatura demasiado pequena.

Às vezes, não sei como vou começar, mas quando pego da pena, molho-a na tinta, acomodo a folha de papel, as letras bailam, passeiam, agarram-se umas a outras, se organizam, ganham sentido

e aí está a história. Eu sou o primeiro surpreendido e como quero saber em que acaba tudo, contínuo palavra após palavra para inteirar-me do que está ocorrendo e saber como acaba.

Às vezes, não sei como terminar. Inclusive não quero terminar. Entristece-me pôr o ponto final e despedir-me. Se já tinha todo um mundinho armado, isso de acabar com ele me desagrada. Mas assim é a vida. E a literatura. É preciso pôr ponto final. Saber onde estará o ponto final. Terminar. Para voltar a começar. Enquanto durar a vida.

O meio é o de menos. É questão de preencher com o que venha à mente. Por sorte, não me preocupo se é congruente ou incongruente. Sonoro ou grandiloquente. É meu desabafo o que conta.

Então levo a vida. Folha branca, folha negra. Tinta branca, tinta negra. Tudo é bem-vindo.

Sei que existem tratados de escrever bem. Artes literárias. Retóricas. Classificação de gêneros. Regras. Desde Aristóteles até hoje. Mas nem ligo para isso. Além do mais, nem sequer me ocorre que são a perfeição. Perfeição a minha. Porque é uma per-confecção aleatória, sem necessidade. Como a cozinha: nunca se sabe qual será o cardápio de cada dia. A palavra de cada dia. A história de cada dia. O que se aproveitará e o que se descartará.

Uma profissão à espera. Inusitada. Incontrolada. Indeterminada.

Muito imprevisível.

Divertida. Se não, não a exerceria.

Complicada? Não, não creio. Embora os verdadeiros escritores assim afirmem, não é possível crer que seu oficio seja tão simples.

Porque se preferirá o complicado ao simples? Se o simples é tão simples.

Será simples o simples? Talvez não seja tão simples e, por isso, é evitado.

É como o amor. O verdadeiro amor é simples. Mas a fama é que ele deve ser complicado, tortuoso, rebuscado, incompatível. Uma história de amor bem-sucedido: isso não vale a pena. Sofrer, chorar, padecer: isso sim que vale.

O meu mal é que não sou um sofredor e isso não está na moda. Sobrevivo. Escapo-me. Evado-me. Despreocupo-me. Tudo me escorrega. Tudo? Bom, quase tudo.

Nunca faço afirmações categóricas. Embora esta pareça. O que acontece é que, às vezes, é preciso afirmar. Porque, de novo, o fácil é negar. O difícil, afirmar. Para afirmar é preciso estar seguro. Seguro de quê, não sei. E isso é o interessante da dúvida. Que se converta em afirmação. É como a ciência. Dúvidas, dúvidas e mais dúvidas. Para, logo, encontrar a afirmação.

O como a construção, muito mais lenta e longínqua que a destruição. Mas o que atrai é a destruição, a desconstrução. Derrubar, melhor que levantar. Mais rápido matar que dar a luz. Desordenar que ordenar.

E, no entanto, o que se aprecia é o rápido e o morto. Viver é paulatino e complicado.

Ah! Então é como o bem e o mal. Tão esporádico o bem, tão presente o mal. Poucos casos bondosos. Muitos, perversos.

Talvez não exista o bem: só o sonhamos.

Enquanto que o mal: existe: é a realidade. Não é preciso sonhá-lo.

Embora exista um bem que se faz presente: a criação.

De novo, o positivo.

A preferência do negativo.

Não quero falar de deus e o diabo, porque talvez eles sejam o mesmo. Inseparáveis.

Dualismo?

Também não.

Solidão.

Absoluta solidão.

A beleza da solidão.

E do silêncio.

Ninguém sabe calar.

Até escrever é falar.

Silencio.

O que fazer?
Realmente sabemos o que fazer alguma vez?
Não creio.
Nós nos arrastamos.
Vamos à deriva.
Podemos escolher?
Poucas coisas.
Nós nos enganamos?
Quase sempre.
Qual seria a regra?
A desregra.
Cremos que há regras.
Mas não há.
Nem sequer gravadas na pedra.
E os mandamentos?
Sobre pedra para que não se apaguem.
Mas se apagam a cada instante.
De esquerda à direita.
De direita à esquerda.
De norte a sul.
Sem bússola.
A pesar do leme. A pesar dos barcos.
Será um erro o homem?
Para que serve?
Para que todas estas perguntas?
Uma voz me diz que para escrever.
Serei por isso um cozinheiro-confeccionador de histórias?
Por acaso são histórias?
Por acaso estão cozidas e confeccionadas?

A comida está queimando. A comida real que alimenta a tripulação do barco. É o lado ruim de escrever: a comida acaba queimada.

E tenho que lavar rápido as panelas para que as pessoas não percebam que acabo de queimar a melhor comida que preparava. E agora vamos ver o que lhe dou ou que história invento para justificar o meu descuido. Nunca aprenderei.

Claro, se é disso que se trata, de inventar histórias em torno da arte de cozinhar. De confeccionar, que é outra arte parecida.

Do que não escrevi foi da arte da confeitaria, mas isso é mais refinado, mais decadente, desnecessário. Nada como um bom pão. Um nobre pão. Divirto-me fazendo pão. Que me remete ao simples e ao complicado. Não é tão apreciado um bom pão, porque parece simples. Mas é a melhor comida que existe. Um pão, pão.

Sim, meus marinheiros terão pão para suprir a comida que queimou.

Escrever é como amassar o pão. A farinha, a quantidade exata de água. Amassar e amassar. Meter no forno na temperatura adequada. Esperar o tom dourado.

O tom dourado é muito difícil na escritura. Mas acontece. De repente aparece. E, então, rapidamente tira do forno o pão-texto. Que não é o pretexto.

Por que sempre me desvio?

Porque escrever é isso: desviar-se. Perder a via e desbarrancar. Ou em termos marítimos: perder a bússola.

Isto parece um tratado do que queria evitar. Mas não, de tratado não tem nada. É alguma coisa assim como deixar correr as palavras, deslizar-se, como sobre o mar. Na realidade, não trata de nada. Mas me encanta. Diverte-me. Que disso sim se trata. Porque se escrever não é divertido, melhor deixá-lo. Repito: nada de sofrimentos.

Que sofram os demais: os que estão pendentes do que dirão. Eu não.

Sou tão independente, aqui na minha afastada cozinha, que nem acredito. E, ainda pior, comem minha comida. Como é possível? Será porque não tem outra coisa? Mas, por que não chamam outro cozinheiro? Será porque não é tão fácil encontrar um cozinheiro *kósher* marinheiro?

Sem mais perguntas. Cozinheiro para tua cozinha E escritor para tuas palavras.

O BARCO CABALISTA

Pouco a pouco, no meio do mar, o barco pirata o *Álef* foi perdendo sua tripulação de maneira inescrutável. Aleatória? Certo domingo desaparecia um dos marinheiros enquanto lançava baldes de água para lavar a coberta. Em uma segunda-feira, não se conseguia encontrar o foguista. Numa terça, não era visto mais aquele que polia os binóculos, o sextante e outros instrumentos. Em uma quarta-feira, o piloto não empunhava o leme. E assim pelo resto da semana.

A tripulação ia diminuindo segundo o tempo passava. O timoneiro não foi encontrado, os oficiais sumiam, o piloto não apareceu, o capitão estava ausente.

O *Álef* navegava em círculos cada vez mais amplos e regressava uma e outra vez sobre sua mesma rota. Quando ficou só, Dan, o grumete, empoleirado no mastro maior contemplava a imensidão do mar. O tempo se apagou e ele ficava horas e horas ou, talvez, minutos, imóvel fascinado diante do horizonte interminável.

Na realidade, o horizonte era um mistério para ele.

O seu não princípio nem fim o igualava a uma estranha força da divindade inominável. O horizonte como espaço livre e criador.

O horizonte como sonho não completado.

O horizonte, arco-íris aberto.

O horizonte, signo da esperança.

O horizonte, horizonte.

Do alto do mastro maior Dan, o grumete, que costumava ler em seus momentos livres alguns fragmentos do *Zohar*, recordava as histórias de viajantes que nunca chegam à sua meta, de leitores que nunca acabam de ler embora estejam na última página, de mensagens cifradas que mudam com cada leitura e de fórmulas mágicas em torno à construção golêmica. Para ele, viver era se perder no mapa sem fim das palavras, enquanto desempenhar seu ofício de grumete era uma reflexão filosófica sobre o mundo.

Com frequência, Dan tinha uma tontura ontológica e existencial que o fazia perder o equilíbrio e ter que apoiar-se em qualquer objeto ou sujeito estável a seu alcance. Pois bem, do alto do mastro maior isto era impossível por mais voltas que a embarcação parecesse dar. Desse modo, a tontura se converteu em seu estado normal.

Esta situação lhe permitiu ver as coisas de todos os pontos e perspectivas. Em contínuo movimento e sem possibilidade de descanso. Evolucionando e transformando-se. Em perpétua alquimia. Com a fragilidade do ovo filosofal. Quando ele contou ao cozinheiro Oseas sua peculiar visão do mundo, foi para este a revelação das artes escriturais: ver tudo por cada resquício, por dentro e por fora, por cima e por baixo, dos pés à cabeça, de norte a sul, de este a oeste, sem maneira de deter tempo e espaço. Isto é, o paraíso mesmo das letras. Isto é, Oseas.

A navegação pelos mares de Deus era a perfeição espiritual total e abrangente. O constante clímax amoroso. A origem da vida. A claridade da mente. A viagem sem retorno. A entrega absoluta.

Era Dan o grande descobridor, o primeiro que avistava terra. O que gritava as palavras virgens. O que soletrava os sons e entoava a canção das sereias. O que falava com delfins e baleias. O que pedia conselhos a albatroz, pelicanos, martins pescadores e com todos se deleitava. O que passava do riso ao pranto sem pretexto nem fundamento.

Do seu posto de observação notava como o seu enjoo influenciava o barco, que não parava de dar voltas, embora com a vantagem de que não tinha onde cair. O único temor é que provocasse um tão grande redemoinho que então sim tivesse onde cair e fosse ao fundo do mar para sempre.

Dan não sentia a necessidade de descer. Era como se tivesse estado de regresso de um além inexistente. Como se fosse o paradoxo ideal. No meio de uma utópica utopia.

Repassava a sua curta, porém profunda, existência. Proveniente do porto de Cádiz estava predestinado à vida marinheira. Do seu milagroso nascimento em um cárcere da Inquisição onde sua mãe foi torturada e morta, acusada de obstinação por seguir práticas de criptojudaísmo, até que foi retirado de maneira oculta e salva a sua vida. Levado de um país para outro por via marítima, educado em Amsterdam, grande leitor da *Torá* e do *Zohar*, terminou por embarcar no *Álef* em busca do sentido de sua vida.

Outra de suas leituras chave foi *O livro de viagens* de Benjamín de Tudela e daí proveio a ideia de sulcar os mares como páginas de livro. Imaginava que as ondas punham em movimento letras que conformavam histórias que terminavam em livros sem princípio nem fim, escritos e apagados com as vagas. Considerava-se um autor incessante, de uma obra infinita, incatalogável. As regras não existiam para ele, que não se preocupava com cânones, métricas nem gêneros: apagava tudo sem sinal de remorsos. Tão eclético como o *Zohar* misturava contos, relatos, esboços de novela, parábolas, homilias, poemas inclassificáveis, picantes e desatados. E ficava tão feliz.

Às vezes, ilustrava a margem de tais produções com desenhos de delfins, baleias, peixes-espadas, tubarões aves marinhas que não lhe importava se afundavam nas águas ou se elas ficariam detidas, algum dia, em pedaços de papel, no caso de que decidisse mudar as ondas para um meio mais estável.

Continuava no alto do mastro maior e o seu enjoo ontológico se agravava. Seu enjoo literário também sofria de enredos e escorregões, e se algum dia descesse do mastro maior já não saberia o que escrever nem por onde começar. Sua ideia seria tomar a pena, molhá-la no tinteiro e sacudi-la sobre a folha de papel para ver o que acontecia. Dessas sutis manchas acidentais tomando o último traço daí derivaria uma letra e dessa letra outra e outra encadeando as sucessivas manchas numa ordem sintaticamente aleatória.

Das palavras às frases passaria aos conceitos que ficariam à deriva, mas em combinações infinitas embora sem bússola que os

guiasse. De todo modo, a bússola do *Álef* dava voltas sobre si mesmo, e os quatro pontos cardiais estavam invertidos. Era uma maneira de ver o mundo ao revés, com a ideia de que se endireitasse.

As aves marinhas visitavam Dan e pousavam sobre seus ombros. Murmuravam-lhe segredos e entoavam um ou outro canto. Ele lhes assoviava e aprendia suas melodias. Formavam um coro bastante aceitável ao qual costumavam unir-se alguma baleia com seu escape de água vertical e os delfins que por aí passavam. Só faltava que algum destes convidasse Dan a passear sobre o seu lombo, mas já chegaria o dia. Por enquanto, o panorama do alto do mastro maior era o que mais curtia e não pensava em descer logo.

Oseas, que era o único tripulante que junto com ele tinha permanecido sem desaparecer, concentrado em seus labores culinários lhe avisava quando a comida estava pronta e entre os dois aconteciam grandes banquetes. Aproveitavam para expor seus comentários sobre o *Zohar* de uma maneira absolutamente livre e pessoal, pois o cozinheiro também era cabalista e um tanto quanto alquimista.

Eles não se surpreendiam com a súbita desaparição da tripulação e dos oficiais. Antes a atribuíam à ignorância de quem tinha se alistado num navio por nome o *Álef* sem conhecer o seu significado e que se expunham a sessões de interpretação mística das que não tinham nem a mais mínima ideia. Diante de tanta ignorância nem sequer se davam conta de sua desintegração física.

Em compensação, os sobreviventes, Dan e Oseas, à vontade, se valiam das artes combinatórias para suas experiências metafísicas. Tanto a cozinha como o panorama do mastro maior serviam para entender que este mundo não é o limitado que se considera. Para cada pensamento, guisado ou visão marítima eles podiam encontrar um significado profundo nas páginas dos cinco tomos do *Zohar*.

Seu procedimento de estudo nunca se valeu de regras fixas. Adoravam o acaso, sobretudo agora que a nave deslizava por seu próprio impulso, sem vontade que a guiasse. Assim tomavam qualquer tomo, às cegas, e o abriam com os olhos fechados. Pousavam a vista não importa em qual linha e daí partiam para ler e interpretar o significado do mundo todo. Consideravam que os livros, as páginas, as palavras, as letras e os espaços em branco possuíam uma

vida própria junto com um corpo e uma alma. Era extraordinário contemplar a dança interminável das letras e o canto das palavras. Uma atividade incompreensível para a desaparecida tripulação. E seguramente, vituperada.

A imaginação voava junto com as metáforas, os acrósticos, as alegorias, os anagramas, as antíteses, as cesuras, os encavalgamentos, os enigmas, as eufonias, as cacofonias, as hipérboles, as metonímias, as onomatopeias, os paradoxos, as paranomásias, as prosopopeias, os simbolismos, as ironias, e vamos parar por aqui.

O mais interessante ocorria quando o ritmo das frases se equiparava ao ritmo marítimo e as novas construções linguístico-oceânicas subiam e baixavam, transparentavam-se, espumavam-se e eram motivos de magias e prodígios.

Em seu extensíssimo mundo criado do nada, embora apoiado em fontes sagradas, Dan elaborava teorias incomprováveis, teoremas incompatíveis, operações matemáticas que já fossem somas, subtrações, multiplicações ou divisões sempre davam 7. Tudo isso sustentado pelos sábios e suculentos alimentos que preparava o cozinheiro-profeta Oseas, para quem a comida era arte combinatória de química, física e herborização à maneira pseudoluliana. E, depois, dentro dos estritos cânones kosherísticos.

Uma manhã a fiel vigilância de Dan descobriu no horizonte a presença de um galeão espanhol. Imediatamente desceu do mastro maior, esta vez a toda velocidade, com a intenção de interceptá-lo para obter seu rico carregamento. Avisou Oseas para que interrompesse seu cozinhar e se apressasse em combater. Deixou que o galeão se aproximasse. Como o *Álef* continuasse navegando em círculos desenfreados continuou fazendo-o em torno do galeão até que seus tripulantes ficassem imobilizados como por arte de magia. Nem simplórios nem preguiçosos, Dan y Oseas abordaram o galeão e o mais rápido possível, porque sabiam que o encantamento não duraria muito, foram levando todo o seu carregamento até deixarem o barco vazio.

Afastaram-se, sempre navegando em círculos, antes de a tripulação recuperar sua mobilidade.

Com essas novas riquezas e as que tinham acumulado de pilhagens anteriores decidiram que, se o *Álef* obedecia a eles, com sua peculiar maneira de navegar, era hora de dirigir-se a Amsterdam e entregar seu carregamento para melhores fins dos que tinham pensado originalmente.

O banquete desse dia melhorou qualquer outra celebração. A leitura do *Zohar* foi acompanhada de acertados comentários e os círculos do *Álef* adquiriram um novo ritmo e uma brilhante esteira de diamantes, safiras, pérolas e esmeraldas. Sua navegação se prolongaria pelos tempos dos tempos. Esperando chegar e sem saber se chegaria.

CARTOGRAFIAS E OUTRAS PAIXÕES

Sua maneira de expressar-se se dava pelo desenho. Não gostava de falar. Não sabia por que as pessoas falavam. Ou porque escreviam. Só desenhava e isso lhe bastava. Recorria os litorais e em sua memória ficava gravada cada reviravolta, cada curva, cada saliência, cada declive, cada praia, cada recife. Media de memória as distâncias e sabia passá-las para o papel com toda precisão. Seus instrumentos de trabalho eram escassos, mas suficientes para deixar estabelecidas as casuais formas da geografia. Compasso, sextante, bússola, quadrante, astrolábio.

Conhecia a projeção de Gerardus Mercator e a aplicava em seus cuidadosos planos: uma projeção cilíndrica retangular direta na qual os paralelos são linhas que conservam as distâncias. Não podia entender como um homem de ciência fora perseguido pela Igreja e condenado à prisão por ser considerado herege. No entanto, pensava que todo homem inteligente e livre sempre levantaria suspeitas e seria condenado pelos ignorantes e pelos fanáticos.

Recapitulando sobre sua vida, tinha participado em tantas viagens, expedições, conquistas, guerras que seu conhecimento dos mares e costas, sobretudo o Mediterrâneo, era perfeito. Adivinhava que rochedos, que recifes, que bancos, golfos, enseadas, se avizinhavam que até com os olhos fechados poderia mencioná-los. Nem é preciso dizer, desenhá-los com precisão.

A sua era uma leitura à primeira vista e a vistas sucessivas. Por isso o dia em que as coisas mudaram e os mares começaram a rebelar-se diante de seu conhecimento, decidiu estabelecer uma conversação com as vagas e a espuma. Principalmente, aplicou as regras da sabedoria sexual para empregar a melhor linguagem compreensível.

Parecia-lhe que o mar é o depósito de toda sexualidade. A origem da vida e, portanto, do prazer sexual. Banhava-se no mar para que a água penetrasse em seu corpo e alcançasse o êxtase lúbrico. Recordava que um dos melhores lugares para uma boa cópula úmida era dentro do mar. Depois de tudo não pode esquecer que a primeira habitação é a aquosa matriz e que nascimento e orgasmo se encontram *in situ*.

A amorosa exatidão de sua mão de desenhista era a de sua mão de amante. E, às vezes, passava do pergaminho à pele como se fosse um só estendido campo de voltas e profundidades, curvas e paralelos. Acariciar era desenhar e desenhar, acariciar. Assim, suas amorosas artes se aperfeiçoavam e se fundiam em uma só. Sua fidelidade era o contorno e seu ritmo a presença constante.

De noite imaginava seus mapas e de dia os ilustrava. Aprendeu a linguagem das estrelas como guiadoras cambiantes, mas infalíveis. O mesmo acontecia com o sentido do amor em que não repetiu ato algum, porém se extasiou em sua novidade. Ambas as profissões eram uma, de contínuas tarefas e grande simplicidade. Pureza e paixão em uma mesma balança. Ou melhor, sem fronteira alguma que impedisse o conhecimento. Sem freios nem fingidos pensamentos seu mapa do mundo era como era.

À maneira de um retratista retinha em sua memória a curva, a linha, o esboço. Guardava e reproduzia o suave e o áspero, o construído e o desmoronado. Mas, principalmente, era a suma das sensações, das fortalezas e das debilidades.

Navegava e flutuava sem peso nem embaraço. Como uma pena de ave a descer ou a pena de um poeta a escrever. A transferência para o papel era de ordem natural. A transferência para o corpo era de ordem natural. De tal modo que não deixava de navegar e de flutuar. De desenhar e de amar. Tudo era uma coisa só.

Por isso poderia receber a acusação, como seu admirado Mercator, de um completo herege. Ainda mais por seu conceito de unicidade que o afastava de qualquer trindade. Por isso tinha escolhido não pisar terra firme, origem da intransigência, e elevar-se sobre as águas do mar com seu decidido ritmo.

Quando Oseas teve seu conhecimento, disse: "É a representação do incontido, por mais que se afane em conter terras e mares." E amores.

Como não se inclinava para as palavras e o silêncio era sua carta de apresentação evitou toda classe de equívocos, só os que se atribuem à incompreensão pela diferença.

Tal era a sua meta: destacar o diferente de cada cartografia e de cada situação de amor.

Poderia ter mudado para qualquer mar conhecido ou desconhecido, tanto o atraia a geografia como a história ou pensava que sua proximidade estava predeterminada, considerava que no Mediterrâneo estava em jogo uma parte crucial da política e da religião. E isto é o que o atraia: conhecer suas entranhas.

Navegava em todo barco e em toda direção e não lhe importava voltar a percorrer o conhecido e já delineado, porque assim mais afinava seu trabalho e mais decifrava os arcanos do mar. Considerava que a cartografia era do mar para a terra: a escavação que o mar mantinha com a terra e como a devorava onda a onda.

Tinha visto grandes tempestades e ondas desmedidas invadindo praias e povoados. Mudando paisagens e alterando conformações. A água arrastando toda forma vivente e construção poderosa. Sem deter-se diante de nada, sem encontrar obstáculo que o fizesse parar. Tão fácil e simples como um castelo de naipes que se derruba com o menor sopro.

O do mar na terra e o da terra sob o mar. Motivo pelo qual não acreditava na ordem e até duvidava de seu trabalho que poderia ser apagado não por mão humana, mas pela brutal natureza.

Então, Oseas lhe recomendava que só vivesse o dia e esquecesse o amanhã. E que desfrutasse de uma boa comida, coisa que com frequência esquecia.

Aprendeu o ofício de seu pai e, sendo sua única descendência, era um orgulho poder dedicar-se ao mesmo. Herdou a habilidade de desenhista, instrumentos, noções de navegação, relação com reis e nobres, navegantes e piratas. Nunca lhe importou o signo, a classe, a religião. Só suas cartografias. E isto era imperdoável. A correta política da época lhe exigia afiliar-se a algum partido. O que nunca faria. Seu partido era o seu e nada mais.

No entanto, conseguia sair com vantagem. Por isso quase não falava. Assim, não se comprometia e seu interlecutor acreditava que lhe dava razão. Escutava e se punha a desenhar. Isso era tudo. Às vezes consentia, às vezes negava. Mas como quem fala só põe atenção a seu próprio eco, também não se importava. Sua experiência o advertia da necessidade dos demais e esboçava um sorriso diante de tanta asneira.

As linhas dos mapas que ia desenhando impregnavam o papel como um sêmen definitivo e a sua claridade não deixava lugar a dúvidas. Gostava de comparar essas linhas com as da palma de sua mão esquerda e depois com as da mão direita: imagem em espelho: marca que ficava.

Quando desenhava um mapa se perguntava de que modo inverteria as imagens e como estabeleceria direita e esquerda e os quatro pontos cardiais. Colocava-se de frente a um espelho e exibia o mapa que acabava de desenhar. Estava correto?

Apagou a certeza e escolheu a relatividade.

Mas um mapa não pode ser relativo, de modo que guardou o segredo e não disse nada a ninguém. Essa era outra razão pela qual e preferia não falar.

A afirmação de seus mapas era a irrisão em seu interior.

Outra razão para guardar silêncio.

Dos deleites de desenhar o melhor era o momento antes de preparar os materiais. Pensar na inversão das imagens: na especulativa e na imaginativa. Positivo e negativo como seus eixos. Certo e incerto. A filosofia era outra arma de seu pensamento.

Passado esse momento se instalava na mesa de trabalho orientada para a máxima luz e o mínimo de reflexos. A primeira coisa era

lavar suas mãos perfeitamente, como modo de purificação e como modo de não manchar os planos. Escolhia o melhor papel, alisava-o e o recortava. Organizava as penas e as peninhas, as tintas e as cores. Colocava réguas e esquadros, diferentes tipos de compassos e uma lupa na mão. Escolhia régua e compasso para estabelecer as coordenadas. E fazia uma pausa.

Uma pausa necessária para desatar o espírito da pureza antes de todo ato transcendental. Uma espécie de via mística. Assim considerava seu labor. Não podia cometer um erro: nisso gastava o seu tempo. Como se fizesse uma oração.

Como com o amor, não podia incorrer em um descuido. Artes magnas as suas.

Se em um dia conseguia o traço preciso era seu melhor pagamento e o prêmio merecido. Nunca se cansou e nunca praguejou. A paciência foi o reino da promessa cumprida. Afastou a esperança imediata por uma esperança do fim dos tempos. Messianismo. Ver-se como messias. Um messias que conseguisse a revelação no último momento e que sua obra fosse não ter sido considerada terminada.

Tratar-se-ia de una continuidade da esperança encarnada naquele que retomasse seu trabalho no dia em que morresse. Entregar seus instrumentos para quem continuasse como seu pai tinha feito. E seus conhecimentos. E assim não romper a cadeia do grande atlas mundial. O único que desejaria acrescentar a sua visão terrena e marítima era uma visão aérea. Mas isso só conseguiria se tivesse asas.

Conforme aperfeiçoava seu trabalho, aperfeiçoava o seu sentido do amor. Tão exclusivo que chegou à unicidade absoluta. Escolhia o objeto de amor e o aperfeiçoava na solidão. Seu guia era os *Diálogos do amor* de León Hebreo que sabia de cor:

> O amor acontece de dois modos. Em uma pessoa gera o desejo, o apetite sensual, que, desejando o homem alguma pessoa, a ama e este amor é imperfeito, porque depende de vicioso e frágil princípio, porque é filho gerado do desejo, e este foi o amor de Amnon por Tamar, e neste é verdade o que dizes que acontece, que, cessado o desejo ou o apetite carnal por sua satisfação e fartura, em continente cessa totalmente o amor; porque cessando a causa, que é o desejo, cessa o efeito, que é o amor, e muitas vezes se converte em ódio, como fez aquele. Todavia, o outro amor é aquele de quem se

> engendra o desejo da pessoa amada, e não o amor do desejo ou o apetite; antes, amando primeiro perfeitamente, a força do amor faz desejar a união espiritual e a corporal com a pessoa amada.

Buscava, então, encontrar esse amor ideal, como anotação cartográfica: perfeita em si em forma e fundo. Por isso, navegava e navegava, sem encontrar o porto aonde chegar e onde recalcar. Ia e vinha. Sem desesperação, com uma calma marítima, calmaria, como diria Oseas.

A calma das decisões e do livre arbítrio. Algo que era objeto de seu pensar. Perguntava-se se tinha liberdade ou se era produto do destino. Algumas coisas decidia plenamente e outras dependiam de forças alheias. Sobretudo da natureza, a mais poderosa das forças. E viver em um barco é estar à mercê do mar, sem poder prever ou, talvez, levemente. É, chegado um momento, flutuar à deriva. Esperando, sempre esperando qual será a próxima onda, o próximo vento. A próxima tempestade. A nuvem ficava acinzentada. A espuma sobre a coberta. O barco sem controle. Arrastado. Ladeado. O mastro quebrado. O mastro maior quase caindo. A vela rasgada. O leme que já não obedece.

Todas as medidas de livre arbítrio desfeitas pelas ondas. Mas as ondas também terão vontades? Ou estarão sujeitas ao determinismo? Às leis físicas? Divinas? Não há maneira de pronunciar-se. Como a cartografia é ciência humana tem que se submeter a imprevistos, surpresas, reações. De repente, tudo vem abaixo. O melhor esquema, o cálculo comprovado, o passo seguro, tudo se destruiu.

E volta a começar. Em um descuido, perde uma folha recém preparada para elaborar o mapa requerido, por um torpe movimento de uma mão que derramou tinta sobre o papel branco. E volta a começar.

O irremediável como norma. E, porém, a esperança de que o mal não se repita e que tudo chegue a bom termo. Que o mapa se desenhe limpidamente. Que o barco atraque em bom porto.

Porém, algo não estava bem. Assim como podia anotar cada mínimo detalhe em seus mapas, sobre o amor, que tanto tinha conhecido, não podia dizer nem a mais breve palavra. Nem a palavra amor podia pronunciar. Daí seu silêncio.

Para quem lhe perguntava se amava, também não podia responder e isto afastava seus amantes que queriam ouvir uma palavra, embora fosse um sim ou um não. Nunca pôde contestar se amava ou não.

Era um estranho caso: de tanto amar não podia reduzir a um sim ou a um não. Assim sua mudez começava a ser total.

Não podia comprometer-se diante de um fato além das palavras e de tantas palavras que se desperdiçaram. Só o silêncio poderia defini-lo. Mas como estender o silêncio? Como dar a entender que o silêncio era a única possibilidade do amor?

Ninguém. Ninguém podia entender.

Ocas palavras.

Só isso era entendido. Era exigido.

E a incontestável pergunta: te amo, me amas?

Perante os tratados e as teorias, nada podia dizer-se. Por isso se fechava, desenhando mapa atrás de mapa. Mapas que inundaram as cortes e os palácios. Mapas entregados a marinheiros, a soldados, a reis e a governantes.

Guia que não eliminava a cegueira.

Porque a cegueira é um dom desejado para aqueles que não aceitam a realidade. E seus mapas eram a realidade que, às vezes, não queria ser aceita. Uma fronteira que não deveria passar por esse campo recém semeado. Um rio que estorvava a conquista de um território. Uma altiva montanha que impedia a passagem de tropas e armamentos.

Mudar então a natureza, coisa que não lhe incumbia. E que não queria presenciar, porque alteraria para sempre seus mapas da perfeição. Seus mapas da eleição. Da vontade e do determinismo ao mesmo tempo.

Mas era a moda. E se alternavam montes e vales. Perfuravam túneis, escavavam minas, conectavam rios. Nada ficava em seu lugar, para que, então, os mapas? Voavam os pássaros e as borboletas em busca de novos refúgios. Os lobos e os ursos se internavam na espessura dos bosques.

Não se decepcionaria. Seguiria adiante. Seus mapas ficariam. Embora obsoletos. Mas mostra de um mundo que desaparecia.

O mais apaixonante deste cartógrafo da perfeição é que não era cartógrafo, mas cartógrafa, hábil em amores de todo tipo.

INTERLÚDIO

Sim, eu rio muitas vezes. Mas outras, choro. Não é que ria para fora. Ou chore para dentro. Mas é riso e é pranto. Sem rictos. Nem lágrimas. *Lámigras*, como dizia uma amiga quando pequena.

É o mundo que me rodeia. A conflitante situação humana. Condição humana. Como algum escritor dirá nos futuros séculos (me dou muito bem com os escritores e lhes dou ideias ou os adivinho). Minha futura escritora, a das folhas em branco que lhe deixo. Condição de riso, total riso. Isto é, de pranto. Absoluto.

A verdade é que estou ficando sem palavras. Pergunto-me, para que servem as palavras?

E não me respondo. Antes acreditava nelas e até as criava. Por questões dos cabalistas. Agora, com este ateísmo crescente, eu deixo de crer nelas.

Sou ateu em tudo. Até em minhas receitas culinárias. Já não creio nem nelas. Apesar do repetitivo. Porque, o que é uma receita culinária senão uma esperança rompida. Tudo pilado, triturado, desfeito. Esperando que seja um delicioso guisado.

O que está me acontecendo é que deixei de crer na cozinha.

Isto é (quase como meu nome) nas relações humanas. Por exemplo, um lugar de vasta reunião humana é um enterro. Por que num enterro é preciso falar dos mortos? E dizer maravilhas: o melhor ser humano. Outra vez: pela bendita-maldita palavra.

Já não creio nela. Então, como cozinhar?

Cozinhar histórias. Eis aqui o grande dilema: cozinhar ou não cozinhar. Histórias.

Cervantes era um bom cozinheiro. Apesar de que Dom Quixote só comia um pouco de carne, picadinho de carne, fritadas de ovos, lentilhas e pouco mais.

Não digamos Shakespeare. Eu os conheci. Assim que os conheci. Falei com eles. Dei-lhes ideias. E eles me agradeceram. Por terem aprendido de mim a serem bons cozinheiros.

Por isso este interlúdio. Esta pausa na escritura. Que serve para refletir. Aqui pode entrar de tudo. Como não sou escritor, rio-me de quem se apega às regras e de quem crê que não as segue. Porque eu posso fazer qualquer coisa: resumindo, ninguém vai pedir-me contas: para um simples, esperto e esbelto cozinheiro.

Eu gosto muito deste relato do cartógrafo-cartógrafa que conheci. Recordou-me da vida e dos milagres de Elena/Eleno de Céspedes, nossa agora acompanhante-pirata-pirato.

Passando para outra coisa. Quer dizer que é preciso passar para outra coisa? Claro. Se eu me tornar filósofo-cozinheiro (os filósofos são também cozinheiros especialistas, cozinham tudo), repito: se eu me tornar filósofo-cozinheiro disserto sobre o "passo para outra coisa". Considero-o como a vida mesma: sempre passando de um lado para o outro. Nunca quietos. Porque se ficássemos quietos significaria que tínhamos acabávamos de morrer.

Claro que sempre penso muito na morte. Não seria eu. Oseas. Minha relação com cadáveres de aves, pescados, cordeiros, e com vegetais, frutas e especiarias inertes, me obriga a isso. É tão sarcástico meu ofício: sou uma classe de enterrador: tempero o que não vive para que viva o vivo. E, além disso, para o deleite com o morto e até sua louvação: Que saboroso! Que delicioso! Quero um pouco mais! Está em seu ponto! Cada cadáver.

Vejam só, dizer que o morto está em seu ponto. Isto é, que ainda não apodreceu. Rápido. É preciso cozinhar o mais rápido possível.

Retomando a condição humana. Que autêntico desastre! Mas de repente, pondero. Ora, ora, alguma coisa de bom haverá. Sim, mas ainda assim, desastroso.

Porque até o bom pode ser mau para alguém. Não falemos da comida. Que parece excelente a custa de seres que acabam de ser mortos, massacrados, assassinados. Mas como não o vemos e foi disfarçado tão artisticamente, nós o devoramos. O que os olhos não veem o coração não sente.

Contarei agora dos governantes. Oh! Os governantes! Reis, vice-reis, duques, czares, sultões. Oxalá tivesse repúblicas. Porque a de Veneza não me parece. Um pouco melhor é a dos Países Baixos, salvo sob o domínio espanhol.

Não me importa o nome. Quando alguém governa, estraga tudo. O poder mata ao que o sustenta e aos sustentados. Mata, porque lhes tira a graça e a harmonia. Aos poderosos e aos possuídos.

Além disso, mata de verdade: inquisições, guerras de todo tipo, conquistas, pestes, intrigas, alucinações, ordens, traições.

Não só mata para comer, mas também por tudo que não importa: sobretudo por ser diferente: de cor, de religião, de sexo, de idade, de fraqueza, de gordura, de altura, de lixo, de enfermidade, de saúde, por uma bobagem qualquer, porque olhou feio, porque lhe deu vontade, porque sim, e pronto.

Isto é, estamos à mercê de qualquer preconceito, mal-entendido, ironia, ignorância, humor negro ou branco.

Qualquer acaso e qualquer necessidade.

Os governantes: eis aí o problema. O melhor seria que não existissem. Mas alguém tem que suportar os erros, culpas e desastres de cada país. Só lhes pediríamos que o fizessem um pouquinho melhor. Um pouquinho. Só. Porque perfeito, impossível. Digamos um grãozinho de sal.

O que mais? Ah, o saber se há algo bom. Algo bom deve haver. Ponho-me a pensar. Que é o bom, depois de tudo? Impossível de definir. Porque o que é bom para um, é mau para o outro. O que ganha é à custa do que perde. O que vende do que compra. O que ri do que chora. O que nasce do que morre. O que se enriquece do que empobrece.

Não devo ser tão negativo. Algo bom haverá. Veremos. E pronto. Os homens piedosos. As mulheres compreensivas. Os vir-

tuosos. As generosas. Os dedicados. As devotas. Os maravilhados. As iluminadas. E assim poderia continuar sem saber onde parar. Os amáveis. As amorosas. Os amadores. As amantes. Os inventores. As descobridoras.

Embora pensando bem, todo o anterior não quer dizer que os portadores dessas qualidades sejam, efetivamente, bons. Fazem coisas boas somente. Mas não exageremos, podem ser um e outro. Verdade?

De novo, caio nas inexistentes utopias.

Nas esperanças.

Porque, claro, não há nada como a esperança.

Amém.

Como me dizia Miguel de Cervantes, às vezes há que dar o braço a torcer e crer em alguma coisa. Não me parece que ele acreditasse em muitas coisas, mas se salvava pelo senso de humor. Pelo menos se divertia com suas próprias ocorrências. Algo é algo.

Com Shakespeare eu tive algumas oportunidades de falar e de intercambiar ideias. Também obtive informação daqueles que o conheceram ou foram à representação de suas obras no Globe Theater e me contaram que seu senso de humor era extraordinário e que zombava até do apontador. Principalmente do apontador que era quem esquecia, com frequência, as palavras que devia dizer ao ator, isto é, a deixa que deveria murmurar-lhe.

Em outras ocasiões disseram-me que as canções e os bailes que aparecem em suas obras devem ser aprendidos de cor e serem repetidos sem parar. Vê-se que a música o enlouquece.

A verdade é que para mim o que me enlouquece é o teatro: o grande teatro do mundo. O mal é que com meu trabalho, pouco tempo eu estou em terra. Solicitam-me tanto que não paro. Mas quando salto do barco, minha primeira atividade terrenal é a teatral.

Penso que os atores têm a felicidade de ser por umas horas todo o existente e por existir: desde príncipes até mendigos, heróis ou pícaros, velhos ou jovens, homens ou mulheres. Aliás, isso de que os papéis femininos sejam representados por crianças de treze ou quatorze anos não me convence. Daí que muitas obras atuam com a

ideia do travestismo. A propósito, eu dei a Miguel a ideia de que em uma de suas novelas exemplares, diante do perigo de serem abordados por piratas turcos, não fosse a mulher que se disfarçasse de homem para escapar do perigo de ser violada, mas ao contrário, que o homem se disfarçasse de mulher pela mesma razão.

Por isso, todo esse mundo intrincado da dramaturgia me parece deleitoso. Ninguém sabe onde está parado. Muitas vezes os atores desconhecem o que acontece e nós, os espectadores, já sabemos. Sabemos mais da obra que os atores, porque vimos ou ouvimos algo que eles ainda não sabem.

Creio que os dramaturgos fazem isso para que nós os espectadores nos consideremos muito inteligentes. Como aqueles que vão ao teatro não sabem ler nem escrever, recuperam sua inteligência adivinhando o porvir. São quase magos.

Ao contrário, se eu quiser ser mais esperto ainda, compro um livro ou peço-o presenteado a um de meus amigos escritores e leio-o sozinho sem o bulício dos palcos. Mas não deixa de ser divertido ver tanta gente entusiasmada, acreditando em tudo e até participando da ação com algum grito de advertência ou de surpresa ou de temor. E o pior, os que vão armados de projéteis de todo tipo, pois, no caso de não gostarem do que veem, lançam verduras ou ovos podres contra os atores, como se de verdade estivessem sucedendo essas coisas. Suas caras são as mesmas das crianças diante de um teatro de bonecos.

Quando lhe mencionei tudo isto, Miguel fez com que Don Quixote arremetesse contra o retábulo de Maese Pedro não deixando títere com cabeça, pois tomou as ações dos bonecos ao pé da letra.

Portanto, ficção e realidade são uma só coisa.

Mais ainda, a realidade é um invento.

Uma mera invenção.

Pura fantasia.

Desejo.

Simples desejo de que as coisas sejam de um determinado modo.

E se o desejo não encaixa na realidade, pobre da realidade.

Como Maese Pedro que ficou na miséria quando seus títeres foram destroçados.

E dom Quixote muito feliz, desfazendo injustiças.

Outro autor que conheci quando estava por embarcar-se para a Nova Espanha foi Mateo Alemán. Foi difícil para ele conseguir a permissão porque, aqui entre nós, sendo converso, como ia conseguir a certidão de limpeza de sangue e demonstrar que quatro gerações de antepassados eram antigos cristãos? E por que quatro e não cinco ou três e meia? E, além disso, com um pai médico e ele mesmo que estudou alguns anos de medicina, profissão suspeita por ser própria de judeus, como foi que pôde viajar para as novas terras? Alguma trapaça teve que fazer ou topou com um escrivão que não era muito esperto ou que recebeu umas moedas para dar-lhe o feliz documento que tinha uma falha inadvertida ou intencional, pois não mencionava o sobrenome da mãe, tipicamente judeu.

Em fim, tudo é objeto de compra e venda, neste decepcionante mundo.

Agora me dou conta que isto de não crer não ser humano me vem de Mateo Alemán e seu famoso lema da aranha que pega a mosca. Contra meu costume, não dei ideias a esse autor, pois quando o conheci no porto já tinha lido o seu *Guzmán de Alfarache*, e foi a única vez que o vi. Lástima, poderia ter-lhe aconselhado que não fosse tão amargurado. Creio que é um exemplo típico do que sofrem os conversos, sem poder definir-se de um lado ou do outro e sempre pensando que podem ser denunciados à Não Santa Inquisição. E o que poderia esperá-los. Uns esperandos de signo negativo.

No final de tudo o mundo será um esperando.

Regressando a Mateo Alemán. Conseguiu escapar da perseguição quando desapareceu sem deixar rastro em um povoado novo-hispano, creio que de nome Chalco ou algo parecido. Deixou de escrever e não se sabe até esta data se continua vivo ou não.

Talvez o anonimato lhe tenha servido para recuperar a felicidade, longe do mundano ruído e sem ter que lutar contra a inveja de escritores, impressores e mecenas.

Porque todos invejam o que não fazem e o que não têm.

O que mais me ocorre neste momento?

Que é preciso enfrentar a vida com enorme dose de otimismo. Ia dizer de realismo, mas isso é algo que duvido. Com enorme dose de invenção, talvez.

As coisas que vi são inenarráveis. Impossíveis de crer entre seres que convivem uns ao lado de outros. Assim, o comércio de escravos neste mar entre terras. Que sobre ele relate nossa pirata/pirato. Escravos de todo tipo, inclusive para ser castrados e pertencer a haréns, e tanto homens como mulheres para serem violados.

Que prazer pode haver nisso?

Como alguém se regozija em ver retorcer-se entre as chamas um corpo humano?

E o cheiro à carne queimada, como alguém suporta?

A infelicidade humana em todos os níveis.

Porque deve ser mais infeliz o torturador que o torturado.

Melhor é o silêncio.

A ZOMBADORA *FALASHA*?

A história de Elena/Eleno de Céspedes se conta de muitas maneiras. Poderia vir dos *falashas* da Etiópia, a tribo perdida de Israel chamada Dan, que se refugiou nas montanhas de Gondar perto do lago Tana. Denominam-se os Beta Israel e asseguram ser descendentes do rei Salomão e da rainha de Sabá. O resto da povoação os chama os estrangeiros ou *falasha*. Seu judaísmo é fiel aos mais antigos preceitos e foram perseguidos tanto por cristãos como por muçulmanos. Antes de render-se elegeram o suicídio como tinha acontecido em Masada diante dos romanos.

Os sobreviventes foram vendidos como escravos e outros se refugiaram no recôndito das montadas. Seu inquebrantável judaísmo perdurou pelos séculos dos séculos até que chegasse o momento em que pudessem retornar à sua terra de origem.

Elena não tem certeza disso, mas sua mãe, levada para Espanha como escrava, contava histórias estranhas nas quais assegurava que descendia dos reis de Israel.

Acreditou reconhecer algumas palavras de sua mãe quando ouvia seu mentor Mateo Tedesco falar. Talvez fossem palavras hebraicas. Mas não quis averiguar muito. Só sua estância com os esperandos aclararia as suas dúvidas.

Mas o que descobrisse manteria em segredo. Incorporaria aos que guardavam silêncio sobre suas origens. Aos que se disfarçavam.

Aos que não podiam falar por temor de serem perseguidos. A serem repelidos. A serem vilipendiados.

Que difícil é ser o que se é. E mais ela, com tantas peculiaridades, signos de estrangeirice, extravagâncias (sim, porque vagava por todas as direções). Ambiguidades.

Elena/Eleno podia escolher a mudança de sua personalidade. Ser o que lhe convinha em determinado momento e segundo as circunstâncias. Agora, entre os esperandos, unia-se a eles e decidiu converter-se ao judaísmo. Fez isso de maneira dupla, na *mikvá* como mulher e submetendo-se à circuncisão como homem. Ficou feliz, consagrada por certidão dupla. Aqueles que presenciaram a sua conversão não deixavam de admirar-se e consideravam um milagre o duplo ato. Duplo único ato.

Sua experiência, como soldado na guerra das Alpujarras, era aproveitada por seus companheiros de luta, esta vez contra os cristãos. Em troca, ouvia relatos de longínquas terras e se afirmava na ideia de que sua mãe provinha das margens do lago Tana. Os dados que acumulava iam conformando a história de sua vida à maneira de um escritor que parte de meras intuições para criar página por página de um longo livro.

Seu conhecimento da medicina e seu constante interrogar-se sobre o funcionamento do cérebro eram o fio que se esforçava em tecer ao redor de sua própria história. Para ela, a memória era o grande dilema e o grande acontecimento.

Ao esforçar-se em recobrar as palavras e os contos de sua mãe, descobria o que até então permanecia oculto. Às vezes, recorria à reconstrução de antigas canções e, pouco a pouco, as frases se iam enlaçando ao compasso da música. Surpreendia-se enormemente com o apoio rítmico da música para encontrar a palavra, se não a original, pelo menos a substituta. E essa substituição era a base de sua história que podia contar-se de um modo ou de outro.

Assim como o destino muda as vidas, a palavra recordada ou seu equivalente inventado mudava o seu passado. Reconstruía o passado a seu bel-prazer e isso era uma grande satisfação. Limava asperezas e delineava novas paisagens. Não se importava com a verdade.

Não acreditava nela. Tantas coisas tinham passado que só a memória tinha o privilégio de guardar ou de eliminar.

Ao lado de Oseas, comparavam fatos e apagavam ou alteravam os detalhes, inclusive dos que tinham vivido juntos. Porque sempre alguém recorda o que outro não advertiu e interpreta o que não compreendeu.

Sua mãe seria descendente dos *falasha*? A ideia o atraía e a história se recompunha. Oseas se entusiasmava e o ajudava a acrescentar detalhes. Começaram por recriar a infância de Amba. As paisagens áridas, o deserto, de repente os oásis. As guerras internas. Os reféns que deverão ser vendidos como escravos. A interminável caminhada dos prisioneiros para o porto. Os que morrem de fadiga. Os sobreviventes como os escolhidos por sua fortaleza. A venda nas praças públicas. O desnudamento. A humilhação. A travessia, esta vez por barco, para os portos mediterrâneos na Espanha, Itália, Grécia, Turquia. Não mais liberdade.

A chegada à casa de dona Elena de Céspedes. A violação de Amba e a semente que cresce. O nascimento de Elena/Eleno. Sua liberação aos dezesseis anos com a morte da dona. Sua aprendizagem. Seu interesse pelos estudos médicos. Seu primeiro matrimônio e o nascimento de seu filho. O abandono de ambos e seu desejo de vestir-se de homem e ir lutar na guerra das Alpujarras. Tantas aventuras e até prisões. Começa a cortejar mulheres. Casa com uma. É denunciada diante do tribunal da Inquisição. Sua brilhante defesa em que diz que é hermafrodita feita assim por Deus. Seu castigo é menor. Cem chicotadas em Madri e cem em Toledo, sentenciada a servir num hospital durante dez anos. Seu desaparecimento. Suas viagens. Seu desejo de embarcar com os piratas e seguir guerreando.

Não poder permanecer quieta. A constante movimentação. Dados perdidos sobre sua vida. Daí que se acumulem sem ordem, sem espaço nem tempo.

Sim, elege que sim. Que será descendente dos *falasha*. Por convicção. Nunca pediu a sua mãe que lhe contasse a sua história. Agora a inventa. Tem que preencher os vazios de sua vida. Por que não lhe perguntou mais coisas? O que fazer? Como inventar?

Acudir a vagas recordações de palavras, gestos apenas esboçados. O que queria dizer-lhe sua mãe? Por que agora, neste preciso instante, necessita saber sua história?

Quando já não é possível conhecê-la. Quando é inútil todo esforço. Esperar, esperar que um sonho, um momento de lucidez, alguma coisa, sejam a revelação.

Um espelho que lhe devolvesse a imagem invertida, mas imagem ao fim, em que visse a história de suas origens. Em que fizesse inversamente o caminho de Amba e reconhecesse seus passos entre as areias do deserto que tudo apagam. E chegasse às altas montanhas sobre o lago de Tana para encontrar-se com seus irmãos os Beta Israel, descendentes do rei Salomão e da rainha de Sabá.

Por isso seu ir e vir por toda terra, por toda desolada paisagem. Como encontrar a rota e não se arriscar a ser presa pelos vendedores de escravos? Uma esperança, um sonho que ficará afastado no fundo de sua mente. Se pudesse chegar por mar. Se os piratas se arriscassem a navegar para o cabo de Boa Esperança. E se chegasse o que perguntaria? Tantos ses e nenhuma confirmação.O que fazer?

Longo é o caminho e, pela primeira vez, não se atreve a empreendê-lo. Ela, tão aventureira, que nada a detém. Não se decide. Melhor esquecer e só dedicar-se à vida nos barcos piratas.

Oseas mesmo a deteve em sua ideia. Sozinha não pode realizá-la. Ficaria presa na rota dos escravagistas e esse é o maior temor. Ele lhe explicou que voltar à origem nunca se realiza. Porque seria voltar à morte inicial, a anterior ao nascimento. É melhor envolver-se no contínuo passar do tempo para diante e não ver para trás, para não repetir a história de Orfeu, a história da mulher de Ló. A da perda indesejada. A da esperança cumprida. Porque, de novo, a esperança cumprida é a morte total. A falta de horizonte.

Melhor, pospor os horizontes e deixá-los ao acaso. Que se delineiem ou se apaguem. Questão de surpresa. Como as rotas marítimas e as mudanças de clima, Oseas acrescenta.

Nessa conversação com palavras ou sem elas, nesse engano de história narrada jaz o mistério da existência. De onde vim? Poderia perguntar-se Elena/Eleno: quem sou? Para regressar à sua dupla

natureza: abrangente e indefinida. Masculina e feminina. Branca e negra. Das antigas religiões africanas, da conversão cristã e se, de verdade descendia dos *falasha*, então sua origem judia.

Ao lado de Oseas, Elena recorre aos relatos que sucedem de boca em boca durante milênios. Pertenceria à tribo perdida de Dan? Por sua parte, David ben Solomón ibn Abi Zimra testemunhou sua existência. Provinha de uma família que partiu para o desterro depois do Decreto de Expulsão dos judeus em 1492. Chegou a Safed aos treze anos e aí se incorporou à comunidade dos cabalistas. Tempos depois mudou para o Cairo e se converteu no grande rabino do Egito. Estudioso do *Cantar dos cantares*, ele investigou sobre os *falasha* e os considerou descendentes do rei Salomão e conhecedores das leis judaicas ou *Halajá*. Foi mestre do que deveria ser famoso cabalista Isaac Luria.

—Se David ben Salomão ibn Zimra disse isso, não há dúvida.

—Mas minha mãe, viria dos *falasha*?

—Digamos que sim, para que você fique tranquila.

FOLHAS EM BRANCO. NERUDIANA

Posso escrever qualquer coisa esta noite. Escrever, por exemplo, sobre a perda do tempo e sua melancolia, por causa da leitura de um artículo de Antonio Muñoz Molina no suplemento *Babelia* do jornal espanhol *El País* de 27 de junho de 2011, titulado "Um cúmplice de Proust". Ou sobre o minimalismo de David Markson em seu livro A *amante de Wittgenstein* que, como sabemos, não teve nenhuma amante. Posso ficar imitando seu estilo e saltar de uma coisa para outra. Simplesmente deixar que a mão pouse sobre as letras do teclado e seguir adiante.

Posso escolher outro teclado, por exemplo, o do piano, e deixar que os dedos toquem uma invenção de Bach ou que improvisem um novo tema musical.

Posso, embora eu já tenha dito isso (escrevi, melhor dizendo), saltar de uma coisa para outra.

Posso esquecer que sou a colaboradora do cozinheiro *kósher* e não mencioná-lo. Embora eu já tenha dito isso, quer dizer, estou dizendo. Mas não posso esquecer porque é a matéria de minha escritura.

Sim, e Oseas, o que faria? Guardaria silêncio, como recomenda Wittgenstein.

Posso recordar que na última sessão de insônia tive umas frases vertebrais que, por não anotá-las como costumo fazer durante essas sessões, agora tenho que reconstruir ou inventar total e radicalmente do nada.

Impossível saber quais seriam essas frases. Então, aqui vão outras em seu lugar.

Essa é a eventualidade de toda escritura. Não será o mesmo escrever na sonolência que na clarividência. Às quatro da madrugada no silêncio absoluto que a meia manhã entre todo tipo de ruído e de interrupção.

O que posso recordar dessas frases vertebrais é que eram invertebradas. Sem vértebra alguma que as apoiasse. Mas seu significado sim que era vertebral.

Vertebral. Ereto. Sobre dois pés. Esse é o grande erro. Por que tínhamos que ter a ideia de andar com dois pés e não com quatro? Não teríamos dor nas costas, nem no pescoço, nem na cintura, nem no cóccix, nem nos joelhos, nem nos tornozelos. A verticalidade é um erro. O preço de pagar por ver o horizonte e não a terra, o que nos fez sonhadores, convencidos, ambiciosos e um pouco mais altos.

Uma coisa pela outra.

Não estou aproveitando bem estas folhas em branco que Oseas me deixou em testamento. Em lugar de continuar com suas histórias, continuo com as minhas. Mas é que eu gosto de fazer conexão entre o passado e o presente. Só assim se entende a atualidade. Mas para que quero entender a atualidade. É inteligível. É tal o enredo que não há maneira de encontrar por onde começar. Porque se o entendesse talvez entendesse também Oseas e sua época.

As coincidências são grandes. Não grandes. As mesmas. Pode-se resumir ontem e hoje em: política, comércio, poder, corrupção, guerras, escravismo, explorações, enganos, fraudes, invejas, hipocrisias, traições, falsidades.

Posso escrever esta noite um relato tão triste como as palavras acima escritas. Escrever, por exemplo. Não sei que exemplo.

E do amor o quê?

O que de quê?

Como disse uma minha amiga antes de morrer.

Escrever, por exemplo, vinte relatos de amor e outro mais desesperado.

Não, não de amor. De amar. Isto é, de mar. De ah mar.

Isso me disse quem mais amo e acrescentou que gostava de quando calava. Isto é, quando calava, não por estar ausente, mas porque escrevia. Como agora. Neste mesmo momento. Que já não é. Que já não. Que já. Que. Q. (Aqui entra o silêncio, mas tenho que escrever e já deixa de ser silêncio. Porque escrever faz ruído.)

Ai, Wittgenstein. O que fazer contigo?

Wittgenstein querido.

Querido?

Tudo é signo de interrogação.

O que faríamos sem o signo de interrogação?

Nada. Absolutamente nada.

Wittgenstein querido: tantas vezes citado.

No centro-cúmulo do silêncio.

Para que são as folhas em branco?

Senão para que deixem de ser.

Isto é, para negá-las e enchê-las de signos negros.

Quase como os cabalistas: fogo negro em fogo branco.

Por que houve necessidade de inventar alfabetos?

Pelo que dizia acima: por presunção. Por pensar que o que dizemos ou falamos é tão importante que não deve morrer: ficar aí para sempre. Pela morte. A desastrosa morte. Que nos impulsiona a registrar e assim crer-nos imortais. Eu morrerei MAS minhas palavras, vãs, vãs, palavras, ficarão. Que consolo tão risível

Esta noite posso escrever os absurdos mais tristes e, por exemplo, não acontecerá nada. Estas variações sobre um tema. Como as de Goldberg. Que não são de Goldberg, senão de Bachberg. De Bach e de Berg?

Não dê pistas. Não, se não der pistas, talvez você despiste.

Esta noite eu posso escutar a música mais triste. Escutar, por exemplo, as "Canções para as crianças mortas" de Mahler. Crianças mortas antigas, mas que poderiam ser as crianças do campo de concentração de Theresienstadt.

Talvez Mahler tivesse sabido o que já estava muito próximo. Talvez por isso a tristeza.

Talvez Kafka tivesse sabido que suas irmãs e as mulheres que o amaram teriam de ser assassinadas nos campos de concentração. Talvez por isso tenha morrido antes, não de tuberculose, mas de tristeza.

Por qualquer lugar que olho, aparece a tristeza, a dor e a morte.

E a beleza, o que foi dela? Outra vez, o que é dela?

Estranha beleza, perdida beleza. Onde ficou?

Por acaso existiu alguma vez?

Foi um engano? Uma ilusão? Um invento?

Fantasia tudo o que nos rodeia.

Nada é verdade nem mentira. Depois nada é algo. Nada é nada.

Perda absoluta.

Oseas, querido Oseas, não é uma perda de papel que você me tenha deixado estas folhas? Você teria mais coisas que dizer. Será que o seu tempo estava acabado?

DA MALDADE

Enquanto cozinho costumo refletir sobre a maldade. Meu ofício me deixa muito tempo e espaço para que a mente divague: enquanto frito dois ovos, tempero uma carne, marinho um pescado, coo um caldo, descasco umas laranjas. Pensar é algo que se pode fazer ao mesmo tempo. Por exemplo: pensar e cozinhar: pensar e caminhar: pensar e distrair-se: pensar e tomar banho (sobretudo, não se esquecer de Arquimedes: ele fez isso muito bem): pensar e subir em uma árvore: pensar e ver voar uma borboleta: pensar e imobilizar a asa quebrada de um pássaro: pensar e caminhar de costas: pensar e ouvir: pensar e rir: pensar e ver: pensar e cheirar: pensar e tocar: pensar e provar: pensar e correr: pensar e nadar (sem guardar a roupa, isso não se pode): pensar e pesar: pensar e beijar: pensar e rezar (difícil): pensar e existir (cuidado, Descartes): e até pensar e pensar. Isto é, todos e cada um dos atos, não humanos, senão animais. Porque todos os animais pensam, logo existem. Até os mosquitos. Sobretudo, os mosquitos: que sangue eles vão chupar? Ah, e os colibris: que néctar de flor vão escolher? Porque o que escolhe, pensa.

Depois de tais tolices, fico muito satisfeito. Se entre tantos pensamentos não deixei a comida queimar, felicito-me por minhas capacidades psicomentais e psicogastronômicas e até psicoambidiéstricas.

Depois passo para outro passatempo. Penso: o que é o bem e o que é o mal? O bem eu sei o que é. Mas o mal? Assim reduzo o

problema e o formulo da seguinte maneira: não há mal que por bem não venha e me congratulo por isso.

O mal é uma desordem, me digo. É um caos. É uma destruição. É uma morte. É a velocidade e o volumem. A violência. Não sei por que estas últimas palavras começam com a mesma letra.

É a inveja. A dor. A tortura. A injustiça. Palavras entre o abstrato e o concreto. Quando elas tomam forma deformam tudo. Aqui eu poderia fazer um parêntese para intercalar uma estranha história que me foi contada.

Era uma vez, em épocas antigas, quando éramos tolerados em terras de Sefarad, um homem metade bom e metade mau. Chamava-se Tov Rah. Vinha do mar. Seu lar estava em um pequeno povoado chamado Sitges. Povoado de pescadores e de mercadores, de cultivadores de videiras e de malvasia. Doce sabor e perfume da malvasia. Palmas e palmitos. Emblema. Um castelo no alto. Poucas casas descendo até o mar.

Tov Rah, como indica seu nome, era bom pela frente e mau por trás, como o mago Carrasclás. O problema surgia quando passeava por uma rua, pois ninguém queria ir atrás dele. Todos se convertiam em caminhantes de um só sentido.

Tov Rah em sua mistura não sabia o que fazer com esse problema. Chegou a pensar que nunca andaria de costas ou que sempre se colocaria com as costas coladas na parede. Deste modo, pretendia corrigir sua estranha situação e só fazer o bem? Então era um personagem errado, porque o interessante era sua duplicidade.

Um dia encontrou-se com Malrayo Teparta e isto foi o fim. Malrayo Teparta era mau por diante e por detrás, o que não significava problema para ele. Além disso, depois de aparecer se anunciava com um trovão e todo mundo corria para esconder-se. Por isso, corrigimos, ele tinha sim um problema: não podia fazer o mal.

Aconteceu que ambos ficaram melancólicos. Os habitantes do pequeno povoado de Sitges só puderam dedicar-se ao bem. Situação que também é má, porque não distinguiam entre uma coisa e outra: tudo lhes parecia bem. Inclusive se faziam o mal, o consideravam bem.

Começaram a encurralar Tov Rah e Malrayo Teparta e por isso não tiveram mais remédio que fugir do pequeno povoado. Sem as suas presenças já não tiveram dúvidas para fazer o mal que lhes proporcionava o bem.

Recordei esta história, enquanto virava o peixe que fritava e uma gota de azeite escorregou por meu branco avental. Que chatice! Que chatice!

FOLHAS EM BRANCO. VILA ESPERANÇA EM SITGES

Como se acaba de mencionar em Sitges não tenho outra opção a não ser aproveitar as folhas em branco que Oseas, providencialmente, sempre deixa.

Sitges é a memória perfeita da família de meus pais. Meu tio Luciano ter tido a ideia de comprar uma casa e chamá-la "Villa Esperança" é como se tivesse feito isso sabendo que algum dia alguém da família escreveria sobre ela.

Primeiro eram as histórias que me contavam meus pais. A casa no pequeno porto catalão, lugar de veraneio da família, por volta de 1928. As fotos, uma em especial, muito estranha de todos os membros da família em cima de uma árvore, como se fossem frutas e embaixo um automóvel. Uma verdadeira árvore genealógica. Poderia recordar os nomes de cada um? Ainda poderia, mas dentro de pouco os esquecerei. Só eu fico para recordar e é o momento de deter a história. Que estranho ser a última testemunha de una família. Filhos e netos guardarão depois a recordação? Eles encontrarão uma caixa com fotos e não saberão quem é quem. É minha oportunidade de manter os nomes das frutas da árvore.

Quando desceram da árvore se dirigiram à "Vila Esperança". Esperança também se chamava minha prima, a filha de Luciano, que também já não vive e poderia ter-me ajudado a lembrar os nomes da família na árvore. Agora que penso nisso deveria fazer um álbum com todas as fotos e os nomes.

De Sitges tenho, além das fotos, um quadro que um amigo da família pintou. Um pouco antes de tomar o trem rumo ao porto de La Pallice, em 1939 e de embarcarmos para América, este amigo chegou correndo e presenteou meus pais com o quadro. Muitos anos depois soubemos que, quando entraram os nazistas em Paris, ele foi fuzilado na rua. Mas não sei se é verdade que esse quadro seja de Sitges, mas eu gostaria que fosse. Demasiado tarde me dou conta das perguntas não formuladas e só me resta conjeturar.

Portanto, entre brumas, entre verdade e ficção, entre desejo e invenção, enfim, entre pseudomemórias, meu gênero preferido lança estas recordações. Em realidade, recordaçõesdesrecordações. O que me contava minha mãe. Tinha fascinação pelo meu tio Luciano, e eu herdei essa fascinação. Graças a ele tenho essas fotos viajantes que da costa mediterrânea à costa atlântica sobreviveram quase um século. E poderão sobreviver mais. Meus filhos e seus filhos as herdarão. Serão digitalizadas. Isso eu espero.

Meu tio também gravou para mim um filme que ficou em Paris. Teria eu menos de dois anos e aparece minha luta com um gato que puxo pelo rabo e minha tia Elisa me repreende. Vi esse filme quando aos dezesseis anos regressei com meus pais da França pela primeira vez depois da Segunda Guerra Mundial. Também não sei nem saberei o seu destino final.

A Sitges, em compensação, eu regressei nos finais de 1996 quando já tinha morrido tio Luciano e tia Elisa o tinha mandado enterrar no jardim da casa, com uma cruz, logo ele que era judeu. Eles tinham sido um casal ideal e sempre apaixonados, sempre um para o outro, inseparáveis. Quero imaginar que também ela foi enterrada no jardim, junto com ele. Como no romance: amor mais poderoso que a morte. Aquela vez eu viajei com Alberto e tenho uma foto de Sitges, aqui em meu escritório, que vejo todos os dias.

Recordações. Hoje é como viver ontem. A foto que tenho, tirada por Alberto, é do mar de Sitges, um mar agitado em dia de chuva.

E minha terceira e, talvez, última viagem à "Villa Esperanza", foi na ocasião de um congresso do Grupo de Estudos do Exílio Literário na Universidade Autônoma de Barcelona. Essa vez fui sozinha e minha tia Elisa enviou um táxi para apanhar-me em Barcelona. Tratei

de gravar o trajeto em minha memória. Falei com o chofer e ele me contou como minha tia recorria a ele para seus afazeres e compras.

Minha tia tinha arrumado para mim o quarto de minha prima Esperança, mas não queria que ela se inteirasse, então me disse que não atendesse ao telefone se tocasse para que ela não soubesse que eu estava em seu quarto. Coisas estranhas. Será que minha prima teria ciúmes? Sei que ela não se dava bem com a mãe, e que sempre preferiu meu tio Luciano a ela.

"Villa Esperanza" foi sofrendo modificações ao longo dos anos. Eram acrescentados quartos, banheiros, pequenas cozinhas para não ter que descer as escadas, corredores, passagens, até converter-se em um verdadeiro labirinto. No patamar da escada havia um escudo e minha tia me levou especialmente para que o visse. Ela tinha mandado fazer o escudo da família: meu avô foi marquês de Palácio e da Caridade. Outro dia me mostrou um exemplar antigo das obras de nosso antepassado Manuel Bretón de los Herreros. Na sei por que tive um instantâneo desejo de que me desse de presente esse livro, mas o que me disse é que pensava enviá-lo ao rei Juan Carlos. Minha decepção foi enorme e até hoje me pergunto o que terá sido desse exemplar.

Quando uma manhã me viu escrevendo no jardim ela se aproximou de mim para dizer-me o quão orgulhosa estava de que houvesse uma escritora na família.

E isso é a última coisa de que me lembro dela, más o dorso de suas mãos totalmente atapetado de manchas de velhice, seu caminhar tão ágil e seu porte tão erguido com seus oitenta anos às costas. Teria querido alguma recordação dela, mas não me presentou com nada.

Entre as coisas que me contou foi como em plena Guerra Civil ela e o tio Luciano subornaram um padre de um lugar cujo nome já não lembro (estava em um caderninho que esqueci, anos depois, em Morelia) por um milhão de pesetas daquela época para que anotasse meu tio como nascido nesse lugar e batizado catolicamente. O que mais temia minha titia Elisa era a perseguição contra os judeus com o já triunfante nazismo. Muitos anos depois recuperei o nome do lugar graças a Federico, neto de minha tia, e que era nada menos que a Paróquia de São Cucufate (*sic)*.

Minha tia também me contou como na Guerra Civil eles ficaram separados de minha prima com sua preceptora e como tiveram que ir de automóvel a uma longa distância para apanhá-las.

De tudo isto poderia escrever até um livro, mas aqui me detenho.



Pais e tios da autora na "árvore genealógica", em Hyères. F

AS CARTAS SICILIANAS

Esta foi outra história que me contou um pirata quando entrou na cozinha para perguntar pelo menu do dia e, que como toda história, não se sabe se se acredita nela ou não. O que, definitivamente, não importa.

David ben Eliezer costumava acariciar as telas como um amante a pele de sua amada: com suaves movimentos dos dedos até produzir o prazer. Reconhecia, com os olhos fechados, o tato de cada tela, de cada pele. Se algodão, se seda, se lã. Se lábio, se pescoço, se mamilo.

David ben Eliezer, mercador de tecidos e pedras preciosas, não podia saber que a viagem que empreendia do porto de Lampedusa até Estambul e depois por terra para o Longínquo Oriente seria a última. E é bom estar à espera, sem saber qual será o fim. É bom imaginar sem realizar. Não há decepção nem desengano. A última espera, que essa sim é conhecida, se pospõe desse modo. O acaso toma o caminho e a necessidade se desvia.

David ben Eliezer se esmerava escolhendo sua mercadoria como se fosse assunto de amor. Delicados tecidos, sedas, panos, veludos, pedras preciosas, perfumes e essências, e até manuscritos enigmáticos. Portador de boas notícias, de documentos, de epístolas e contratos, mas principalmente de folhas e folhas de escritos de filosofia, de comentários e exegese da *Torá e*, em um estojo de couro cinzelado, as escolhidas interpretações da Cabala. Ao longo de seus

itinerários ele ia entregando tudo isso a quem o esperava com ansiedade. Era o mercador mais querido dos esperandos. Não importava se a notícia era boa ou má, triste ou alegre, conciliadora ou cruel: em todos os casos representava o desenlace depois de um longo tempo de incerteza.

De todas suas entregas a que mais o deleitava eram as cartas de amor para Elisheba que seu noivo Arié bar Natán lhe enviava de Istambul. As cartas seladas com lacre vermelho eram um mistério que ele teria gostado de decifrar, e conhecer que palavras usavam os apaixonados e que coisas se confessavam. Cada vez que recebia uma se sentia tentado a violá-la e a gozar com sua leitura como se fosse um ato de perversão erótica. Até se sentia tentado a escrever sua própria versão.

A situação na Sicília piorava. Depois do Decreto de Expulsão dos judeus muitos mudaram para Turquia e dali eles tratavam de convencer a seus amigos ou parentes de que abandonassem a ilha porque o perigo era de morte. Foi a oportunidade para que os piratas sob as ordens dos irmãos Palache tivessem uma nova tarefa. Dedicaram-se a escoltar os barcos que evacuavam os desterrados e a conduzi-los a portos seguros. E em muitos casos, a oferecer seus próprios barcos para salvá-los. Por isso, o mercador de sedas sabia que, logo, teria que abandonar seu comércio com a ilha da Sicília se não quisesse arriscar a sua vida. Mas as cartas eram seu maior interesse para conhecer o fim da história dos dois apaixonados. Sem dúvida, Arié pedia a Elisheba que embarcasse o mais rápido possível para reunir-se com ele. Mas, por que não se decidia? E dava uma série de razões que não pareciam ser as dela. O que a prendia ainda na ilha se as restrições e as exigências de conversão eram cada vez maiores?

O mercador começou a elaborar sua própria história dos amantes. Quando estavam quase se casando avisaram a Arié que a Inquisição estava atrás de seu rastro e que, em questão de horas, o prenderiam. Saiu fugindo sem ter mais tempo que o necessário para preparar um pequeno alforje só com o necessário e uma bolsa com moedas de ouro que coseu entre sua roupa. Sabia que um barco estava por zarpar e que devia alcançá-lo imediatamente. Não pôde despedir-se de Elisheba, mas durante a viagem escreveu sua primeira

carta para enviá-la quando desembarcasse. Sua fuga poderia significar que tinha rompido com o compromisso de casamento.

Cartas iam e vinham e o mercador se desesperava por conhecer seu conteúdo. Averiguava alguma coisa quando as entregava aos destinatários, mas não o suficiente. Teria querido que Elisheba viajasse para reunir-se com seu amado, mas ela não se atrevia a deixar sua família. Viviam há tantos séculos na Sicília que os pais e os irmãos não queriam abandonar a ilha. Decidiram converter-se e seguir secretamente com sua vida judia. Quando David ben Eliezer levou estas notícias a Arié, que se decepcionou tanto que rompeu o compromisso matrimonial e lhe enviou as últimas palavras.

Foi então quando o mercador decidiu abrir a carta. Nunca a entregaria a Elisheba. Ao contrário, tomou a iniciativa e lhe escreveu cartas e mais cartas. Apropriou-se do papel de um Arié inventado. Converteu-se em um autêntico escritor. Fez seu personagem viajar por longínquas terras e lhe proporcionava suas próprias experiências. Até acrescentou o que ele teria querido fazer e relatou outras experiências que não tinha vivido. A pena deu asas a sua imaginação e ele descobriu que a melhor maneira de existir era pela imaginação e a virtualidade. Esperava, ansioso, as respostas de Elisheba para responder cada vez mais livremente. Ela o desconhecia ao mesmo tempo em que se enamorava de novo como se fosse outra pessoa.

David ben Eliezer passou a um tom sensual em que descrevia seu corpo e o dela como se fosse o *Cantar dos cantares*. Elisheba não se esquivou e continuou com o mesmo tom. Era como se copulassem sobre as mesmas cartas. Chegaram a impregná-las de suas secreções e humores, e sua excitação crescia. Já não liam, mas só cheiravam. Viviam o dia esperando a noite para imaginar suas cenas de amor em plena masturbação. Elisheba lhe suplicava que a aceitasse e dizia que ela correria ao seu encontro. David ben Eliezer embarcava em viagens cada vez mais longas. Chegou um momento em que não podia pensar no regresso a Sicília. O que faria diante dela?

O cerco contra os judeus sicilianos se estreitava e Arié se arrependeu de ter rompido o compromisso com Elisheba. Escreveu-lhe uma nova carta em que lhe pedia que saísse da ilha e prometia que se casariam em Istambul.

A carta chegou tarde. Elisheba tinha sido presa pelo Ofício da Santa Inquisição, torturada e queimada viva com lenha verde. Seu sofrimento só foi atenuado pelas recordações das cartas que havia memorizado e que repetia incansável diante das perguntas dos torturadores e depois entre as chamas que abrasavam seu corpo. Pôde abstrair a dor física e só imaginar seu prazer nunca consumado.

Quando David regressou a Istambul para dirigir-se a Sicília, Arié o deteve e lhe contou sobre a morte de Elisheba. (David teve uma memória fugaz: a de queimar um fio de lã para saber se era pura e pelo cheiro reconhecê-la, como o cheiro à carne ardendo de Elisheba e de todos os condenados.)

—Você não pode viajar a Lampedusa. Vão prendê-lo e eu já não tenho cartas para Elisheba. Sua história terminou.

—O que farei então?

—Você não tem que fazer nada. Sicília terminou para nós. Você não sabe o que eu fiz. Suplantei você e escrevia cartas para ela em seu nome. Amamo-nos intensamente sobre as cartas.

—Não importa o que você me conte. Foi um consolo antes de morrer. Uma esperança diante do horror.

—O que faremos? Não posso imaginar a vida sem ela.

—Eu tampouco.

—Se nos olharmos nos olhos veremos sua imagem.

—E nos amaremos os dois, porque já não poderemos amar a ninguém mais.

—Nos amaremos e nossos corpos serão um só.

Amaram-se e nunca mais se separaram, fundindo seus corpos para sempre.

O CONTRATENOR PIRATA

Quero agora contar-lhes uma história recente sobre Abelico, contratenor sinagogal. Apareceu em *La Reina Esther* de maneira inusitada, pedindo asilo.

Contou-nos que a causa de querer embarcar era pelo delito de usar roupas inadequadas. Vendo-o bem, suas roupas não pareciam nada inadequadas: correspondiam às de um fidalgo comum e vulgar. O que causava estranheza era seu tom de voz, coisa que esclareceu depois: Todos acreditam que eu seja mulher quando começo a falar e me acusam de travesti. Mouros e cristãos me perseguem.

Os irmãos Palache não tiveram outra opção a não ser aceitá-lo e, acostumados a esses intercâmbios de vestuário no caso de Elena de Céspedes, não lhe deram importância. Perguntaram-lhe quais eram suas habilidades e ele disse que sabia um pouco de cozinha e muito de canto sinagogal. Isto lhes pareceu muito bom, pois pouco a pouco iam convertendo o barco em uma sinagoga flutuante.

Intervim para pedir que ele me fosse cedido como ajudante e assim eu teria uma boa companhia. Durante a viagem, rumo a Chipre, dedicou-se a cantar enquanto picava verduras e descascava frutas. A princípio me divertia, pois os romances que cantava com sua doce voz me recordavam os de minha infância no porto de Palos. Mas chegava um momento em que tinha de dizer-lhe que se calasse, porque a cozinha exige concentração.

Sua habilidade como cantor ficou demonstrada no *shabat*, quando diante da mesa dos irmãos Palache entoou a bênção, embora também eles ficassem surpreendidos por seu tom e se olhassem arqueando as sobrancelhas.

Abelico não parecia dar-se conta e se entusiasmava mais e mais com sua voz de contratenor, pois podia cantar livremente sem perigo algum. Logo fez dueto com Ezequiel, barítono que até sua chegada era o encarregado dos cânticos.

Sabíamos que a viagem para o Chipre era arriscada, mas já estávamos acostumados a qualquer eventualidade. Efetivamente, depois de dois dias de navegação fomos atacados, inesperadamente, por duas naves turcas, apesar de nossas boas relações. Abordaram-nos e, em uma operação rapidíssima, o que fizeram foi aprisionar o nosso cantor Abelico, como se soubessem que vinha conosco. Depois se afastaram sem provocar-nos maiores danos.

Não deixávamos de perguntar-nos a que se devia o que acabava de passar. A resposta eu soube muito tempo depois. Por enquanto, seguimos com nossas atividades cotidianas, atacando naves do rei da Espanha e despojando-as de seu carregamento. Nossos negócios floresciam e os irmãos Palache pensavam que logo poderiam aposentar-se do perigoso ofício e passar o resto de seus dias em terra firme.

A família dos Palache era originária de Córdoba e depois do Édito de Expulsão se exilaram em Marrocos, na cidade de Fez. Seu nome originário era Palacio, mas se divertiam escrevendo-o de diversas maneiras, segundo o país em que se estabeleciam. Alguns membros da família chegaram a ser embaixadores do rei de Berberia nos Países Baixos.

Quanto a Abelico, sua história como contratenor natural o diferenciava dos *castrati*, mas ninguém podia acreditar que não tivesse sido castrado. Sua família era de cantores sinagogais e desde pequeno se destacou por seu tom de voz doce e aguda. Ele teve a sorte de, ao crescer, manter o mesmo tom e era um prazer enorme ouvi-lo entoar as orações, os cantos de boda e o *kol nidrei*.

Começou a adquirir fama e quando sua família teve que escapar da Espanha se refugiou na Turquia onde foi bem recebida. Ali,

a comunidade de sefardis aumentava e podiam viver segundo seus costumes e religião. Abelico era solicitado como cantor mais e mais. Porém, sua situação se tornou perigosa quando o milagre de sua voz chegou aos ouvidos do sultão e, acreditando que fosse castrado, pensou que seria um bom presente para seu harém, agradando as esposas e concubinas. A isso se deve que fugisse e que acabasse no barco dos irmãos Palache para depois ser sequestrado.

Encerrado no harém, converteu-se no entretenimento mais alegre das esposas e concubinas que não só gozavam com suas melodias em hebreu e em ladino, mas também com a sua exaltada e melódica maneira de fazer amor, quando descobriram que não estava castrado e que era capaz de procriar preciosos filhos, que herdavam seu dom e que chegaram a formar com os anos um coro de contratenores único no mundo e aos quais, acreditando serem seus filhos, o sultão deu riquezas e honrarias. Quanto a Abelico, nunca mais pensou em escapar. O tão prometido paraíso muçulmano estava aqui na terra, ao alcance da sua mão.

DA VIOLÊNCIA

É UM ERRO CRER QUE A VIOLÊNCIA pertence a uma época determinada. Eu, Oseas, sei e vi que a violência é própria de todo momento histórico. O qual não a justifica, muito ao contrário. Poderia dizer que a minha é a pior das épocas: com guerras de cem anos, matanças, massacres, o Tribunal da Anti-santa Inquisição, torturas, mutilações, violações, prisões, discriminações, repressões, censuras, vinganças. Morte, morte, morte por todo lado.

Pela traição de Ruy Velázquez, Almanzor mandou cortar as cabeças dos Sete Infantes de Lara e as lançou a seu pai na prisão. Gonzalo Gustios uma a uma tomou em suas mãos e as foi limpando do pó e do sangue. Falou a cada filho como se estivesse vivo. Começou por Diego, o primogênito, ao mesmo tempo em que arrancava as barbas e chorava. Beijou sua cabeça, recordou suas façanhas guerreiras e predisse que o povoado se despovoaria e que nada voltaria a crescer. De Martín, o segundo filho, colocou a cabeça em seus braços e recordou como era bom jogador de tabuleiro, sua mente ponderada e sua admirada maneira de falar. De seu terceiro filho, Suero, abraçando a cabeça destacou o hábil caçador que era e maldisse o traidor que o mandou decapitar. De seu quarto filho, Fernando, hábil matador de ursos e javalis, não havia outro melhor a pé ou a cavalo, chorou sobre a cabeça. De seu quinto filho, Rodrigo, de cujo senso de amizade todo rei estaria orgulhoso, exaltou a lealdade. De seu sexto filho, Gustios, cavalheiro amante da verdade e destro com

a espada, beijou a cabeça e olhos como tinha feito com os demais. De seu sétimo filho, Gonzalo, o caçula e mais querido por sua mãe, beijou e abraçou sua cabeça com suavidade e rememorou suas façanhas, sua destreza com as armas, bom amigo com os amigos, leal, conhecedor de direito, amado por senhoras e moças.

E desta cruel história que os esperandos recordamos no desterro, entoo os versos finais do cantar de Gonzalo Gustios e seus sete filhos mortos:

> Os *que me temiam por vos, inimigos me serão,*
> *embora eu volte a Lara, nunca valeria um pão;*
> *não tenho parente nem amigo que me possa vingar:*
> *mais me valeria a morte que esta vida tal!*
> *E nisto moderando, amortecido se tem,*
> *a cabeça das mãos sobre as outras lhe cai,*
> *quando caiu em terra de si não sabia parte.*
> *Entristeceu muito a Almançore e começou a chorar;*
> *com grande dor que disse contra Alicante:*
> *"Não morra aqui dom Gonçalo por quanto Córdoba vale,*
> *porque eu vi quanta traição lhe fez Ruy Velásquez".*[4]

Outra história cruel que quero recordar é a que me contou um marinheiro que vinha de Pisa e que repetia uma e outra vez. O martírio e morte de Ugolino della Gherardesca que tinha sido comandante naval e que, por isso, sua história atraiu o marinheiro. Claro que eu tinha lido sobre sua vida em *La divina comedia* de Dante, mas me interessou ouvir a versão de quem a repetia sem tê-la lido. Costuma acontecer que o assunto de alguns livros é conhecido e então começam as diferentes versões, enquanto mais afastadas mais aceitas. O assunto provém da época das lutas entre guelfos e gibelinos e às mudanças de facção e constantes traições. Finalmente o conde Ugolino, traído pelo arcebispo Ruggieri, foi aprisionado e encerrado em una torre com seus filhos e netos. A chave foi jogada no rio Arno, deixando morrer de fome e sede os prisioneiros. As lendas

posteriores se centraram nos sofrimentos dos prisioneiros e, entre os atos violentos, está o do canibalismo. Sobre isso o marinheiro se deleitava estendendo-se e trazendo detalhes cada vez mais explícitos e próprios de sua inventiva.

Se quisesse seguir enumerando violências e torturas não pararia nunca de contar. Também não deixo de imaginar, em épocas futuras, que cruéis tormentos terão de surgir das mentes depravadas. É algo que me arrepia e não consigo entender. Em especial, por parte da classe religiosa cristã contra aqueles que não são de sua fé. Penso que assim se ofende a Deus, pois toda criatura criada por Ele deveria ser objeto de compaixão e de amor.

Fico sem palavras. Prefiro não continuar com violências e intolerâncias e concentrar-me na comida que devo preparar hoje para meus famintos piratas.

DA MELANCOLIA I

Hoje fui tomado pela melancolia. Entre tanta batalha e tanta preparação de comida, é justo que me sinta melancólico. É também algo próprio desta época. Estou rodeado de melancólicos. Todos os desterrados, incluindo os esperandos, somos melancólicos. O que se vai fazer! Meu amigo Cervantes se tornou um melancólico. Depois dos cinco anos de cativeiro que ele padeceu como não se tornar melancólico? Portanto, com todo direito, passou a sua melancolia a dom Quixote. Que como bom melancólico tinha seus momentos de ira. Alguma vez, Sancho provou a melancolia, mas, por sorte, rápido se repôs.

Claro que Hamlet e Segismundo foram dois grandes melancólicos. Perdidos os dois entre sonho, imaginação e inatividade. Para que mover-se? – disseram. De realidade, nada. Para que queremos a realidade se ela não existe? –continuaram. Ah, não existe a realidade? NÃO.

Tinham sido enganados e já não distinguiam entre as trevas e a luz. E mais, preferiam as trevas. Ou a meia luz. Porque seguramente eram míopes e se aborreciam de ver desfiguradas as coisas. Porque os míopes costumam ser muito melancólicos.

Agora me lembro de ter falado com Durero e de ter-lhe sugerido que pintasse um anjo da melancolia. É o melhor que pode suceder: um anjo da melancolia[5]. Disse a Albrecht Dürer: "Olha, deves pôr na parte superior um quadrado com números cabalísticos

que lidos da direita para a esquerda, de cima arriba abaixo, obliquamente, sempre dê o número sete". E me ouviu. Depois acrescentei: "Deve ser um anjo belíssimo. O mais belo que você tenha pintado de toda sua pintura". E me ouviu. "Além disso, você deve pôr um cachorro aos pés, talvez um galgo". E de novo me ouvia. "Não te esqueça de incluir figuras geométricas: coloque-as como quiser". E, de novo, me ouviu. "Ah, o anjinho inspirador, *il putto*". (Em italiano, que não gosto de pensar mal.) E ficou um momento meditando, como se fosse melancólico, isto é, com a cabeça apoiada em u'a mão. E tanto demorou que quase lhe indico onde colocá-lo. (Com frequência, Durero é muito dubitativo.) Às vezes me perguntava: "E se eu colocar um relógio de areia?". "Sim, sim", lhe respondia. "E uma balança?". "Claro, e não se esqueça de um sino e a escada da ascensão – eu acrescento - se, evidentemente, os raios da iluminação divina e a promessa do arco-íris. Também não se esqueças do compasso da construção e os quatro elementos". "É verdade, obrigado por me lembrar, querido Oseas, o que faria eu sem você?", me respondia Albrecht Dürer. Assim seguíamos colaborando e nos entusiasmávamos com tudo o que intercalávamos, até não deixar um canto sem algo mais. Quando o quadro ficou pronto era a perfeição absoluta

Outro grande melancólico que conheci, em minhas múltiplas viagens, foi Robert Burton, o famoso médico inglês, cujo livro, A*natomia da melancolia*, deve muito a minhas ideias e às discussões que tivemos. Às vezes penso que em lugar de cozinheiro *kósher* dos piratas deveria ter sido um grande pensador.

Por exemplo, quando falamos das causas da melancolia e ele me diz:

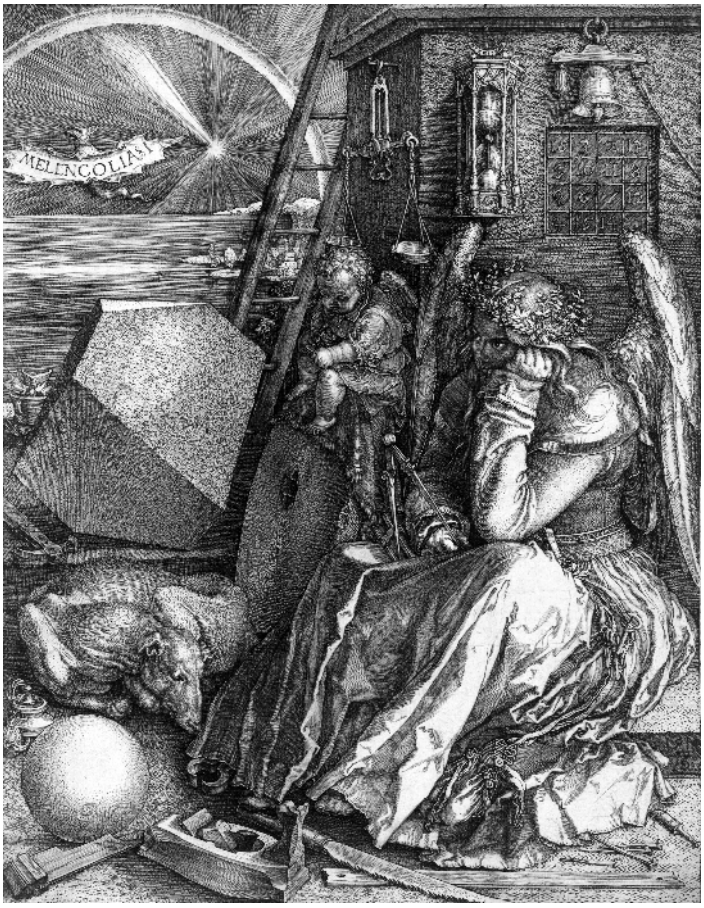
—Estamos sujeitos a enfermidades e padecimentos, sofremos golpes e quedas aqui e ali, deixando-nos arrastar impotentes, atormentados muitas vezes por causas insignificantes e, sobretudo, somos frágeis.

Eu acrescentei, como bom esperando, o seguinte:

—Sim, somos frágeis como são nossas esperanças e as coisas em que as ciframos.

Também o fiz notar que o rei Saul tinha sido um grande melancólico, razão pela qual Burton acrescentou de imediato a citação

bíblica que o comprovava: "O Senhor fez baixar um espírito maligno para que atormentasse Saul".



O Anjo da Melancolia, de Durero

Em outra ocasião, discutindo sobre anjos e demônios e seu papel no judaísmo, no cristianismo e no islamismo, eu mencionei a história talmúdica de Lilit, como primeira mulher, anterior a Eva. Ficou tão surpreendido que incorporou este dado em um livro.

Quando enumerávamos as características físicas de quem padece melancolia me lembrei do Provérbio 17: 22 onde de maneira

sintética se diz: "O coração alegre constitui bom remédio, mas o espírito triste seca os ossos", daí que meu amigo Robert se estendesse na descrição: "A angústia enfraquece quem a sofre; seus olhos se fundem, seu rosto se torna pálido e cheio de rugas, seu olhar se apaga e seu caráter se transforma por completo".

Tratamos muitos temas mais, como a solidão e a propensão de filósofos e poetas a padecerem a enfermidade. Se por acaso começávamos a contagiar-nos logo nos desfazíamos desse temor, já que escrever afasta de todo sofrimento. É uma boa recomendação para os melancólicos. Se é que não lhes dá preguiça e os entristece mais começar a escrever.

A música pode levar também à melancolia. Os cânticos de desterro de meus compatriotas sefardins me fazem chorar.

Árvore da recordação,
O que vai ser de mim?
Em terras longínquas
Não poderei viver[6]

Quando fico melancólico como hoje, todas as coisas me entristecem. Gostaria de estar só, absolutamente só, sem que ninguém venha perguntar-me o que há de comida. Por acaso a comida interessa a um melancólico? Não, de nenhuma maneira. Afinal, o que significa comer? Fartar-se de alimentos para subsistir. Por acaso interessa subsistir? Para quê? Para ver as misérias deste mundo, os desastres, as mortes, as estupidezes? Não, não me interessa.

Às vezes, eu gostaria de desaparecer e ficarem todos sem comer. Um jejum não faz mal.

Outras vezes, penso. Os piratas não seriam também melancólicos? Poderia ser. Há nostalgia maior do que a de contemplar o imenso mar, sem caminhos, sem sinais? Ou melhor, olhar o céu em busca de um sinal de companhia. As estrelas cambiantes, as fases da lua, a impossibilidade de olhar o sol ofuscante, as volúveis nuvens, o ar que as deforma. Branco, azul, azul, branco.

O propósito da vida marinheira. Afastados do amor. Impossibilitados. Por isso a ansiedade de chegar a um porto. Qualquer.

Agora me vem outra recordação, enquanto ponho sal e pimenta no refogado. Essa nossa vida dos judeus na Espanha, nos pomares e à beira dos rios, entoando romances e cantos de bodas e, por fim, cantos de morte. Meu romance preferido era e continua sendo o do infante Arnaldos:

Se eu pudesse ter tal ventura
sobre as águas do mar
como teve o infante Arnaldos
na manhã de São João.
Andando em busca de caça
para seu falcão cevar,
viu vir uma galera
que em terra quer chegar.
As velas ela traz de sedas,
enxárcia de ouro torcida,
âncoras ela tem de prata,
tábuas de fino coral.
Marinheiro que a guia,
dizendo vem um cantar,
que o mar punha em calma,
os ventos faz amainar;
os peixes que andam no fundo
para cima os faz andar;
as aves que vão voando
ao mastro vem pousar.
Ali falou o infante Arnaldos,
bem ouvireis o que dirá:
—Por tua vida, o marinheiro,

dize-me agora esse cantar.
Respondeu-lhe o marinheiro,
tal resposta lhe vou dar:
—Eu não digo minha canção
senão a quem comigo vai.[7]

O infante e o marinheiro eram dois perfeitos melancólicos. O infante por querer conhecer o mistério de uma antiga canção mágica. O marinheiro por ser um solitário navegante capaz de fazer poesia apreciada pelos elementos da natureza. Um renascido Orfeu sobre as ondas do mar. Ambos em busca do inefável e do oculto mundo das aparências. Ambos apagando a realidade e ancorando-se na idealidade.

Essa galera com velas de seda, bainha de ouro, âncoras de prata, tábuas de coral, eu a vi. E se não a vi, eu a sonhei. Navegava para mim, como se quisesse levar-me. Sabia que era a morte e ainda assim não me importava. Mais ainda, desejava que se detivesse e me permitisse subir a bordo. Mas a galera me desdenhava, passava a meu lado sem deter-se e o marinheiro guardava silêncio. De longe, me parecia escutar: "Não chegou o seu momento".

E o que me entristecia e me fazia lembrar era a beleza da morte que não me deixava ir com ela. Desde então, seria de pouca importância perder a vida para, em troca, merecer o reino da iluminada perfeição. Do sossego, por fim, alcançado. Da música que rompe todo cânon.

DA MELANCOLIA II

Disto é do que eu gosto verdadeiramente de falar, ou melhor, de escrever. Porque na realidade não é nada e tudo o que é nada é perfeito. Por não existir é como a eternidade.

Não há erros, não há repetições, não há maus entendidos. Nada é nada.

Mas não vou falar, escrever, de nada, senão da melancolia.

Não repetirei o que já todos sabem e que se pode encontrar nos livros. Não, disso não. Senão da melancolia melancolia. Isto é, do inexprimível. Como questão abstrata e muito próxima a Deus é não ter o que quiséssemos ter.

De parágrafo em parágrafo se instala a melancolia. Todo o escrito até agora nestas minhas folhas é pura melancolia. Na cozinha, enfrentando o que poderia cozinhar no dia de hoje, o que sinto é melancolia. E se um dia não cozinhasse com o melancólico que estou? Aconteceria alguma coisa? Ou não aconteceria nada? Como não fiz, nada sei. E isto também me faz melancólico. O que não farei.

Com certeza me repito, mas não posso evitar. Teria que revisar o que escrevi até agora, mas a melancolia me invade e nada farei. Poderia considerar-se como tema e variações. De toda maneira, isto não é para ser publicado.

Aqui, na cozinha, diante da mesa de preparar os alimentos, me abato no não fazer nada. Não quero fazer nada. Não tenho vontade de nada. As frutas e as verduras me recordam a tristeza deste mundo: deveriam ter sido cortadas para depois devorá-las. O processo da vida e morte das frutas e das verduras é lamentável. 1) Foram arrancadas de seu lugar natal. 2) Foram amontoadas em caixas e transportadas a lugares estranhos. 3) Foram manuseadas em um mercado até que alguém as comprou. 4) De novo, foram transportadas, agora a uma cozinha que costuma ser um lugar escuro e não um lugar de plena luz. 5) Lavadas rapidamente. 6) Separadas por categorias. 7) Depois começou sua tortura: cortadas, picadas, lançadas a uma panela com água fervente ou a uma frigideira com óleo. 8) Condimentadas com sal e pimenta ou com açúcar. 9) Despojadas de seu sabor original, outros que mudam a sua natureza são acrescentados a elas. 10) Preparadas são levadas à sala de jantar e engolidas pelos comensais. 11) Descem pelo aparelho digestivo, incorporam-se à corrente sanguínea e o que não serve vai parar no intestino para ser devolvido ao exterior e incorporar-se ao ciclo da vida como estrume.

Isto quanto às frutas e às verduras. Nem se fale do que acontece com os animais, aves, cordeiros, reses, peixes, mariscos e todo ser vivente por mais estranho, raro, desagradável, extravagante que pareça. Ou que se eles escondam em lugares inacessíveis, cavernas, rochas submarinas, sob terra ou nos altos ninhos das montanhas. Não importa, o homem os descobrirá e os comerá. O processo de vida, morte e deglutimento será o mesmo. Embora com novos e delicados matizes: comer tudo do animal: músculos, nervos, entranhas, papadas, fígados, miolos, rins, testículos, rabos. ossos. Enfim, não desperdiçar nada: a fome tudo aceita. E aqui entra a cozinha: tudo isso tão repelente deverá ser disfarçado com molhos, condimentos, especiarias, vinhos, aromas, óleos, ervas e, claro, termina por ter bom sabor.

Eu aqui, sentado diante da mesa de cozinhar, me sinto tão triste com o panorama que me é oferecido que caio na melancolia. De nada serve consolar-me que assim é a vida e que meu papel é o de mantê-la à tona.

Creio que por isso estou perdendo apetite e peso. Depois observo a maneira de comer dos seres humanos. Encher a boca com mais de sua capacidade, começar a salivar e a mastigar. Saborear? Não creio. Tragar e tragar o mais rápido possível. Não é um espetáculo recomendável.

Por isso, me invade a melancolia. Talvez se não fosse necessário comer, estaria mais alegre. Mas não, a melancolia é pela comida, por ter que prepará-la e em tão grandes quantidades. Se fosse por mim, com um pouquinho de pão e água me conformaria.

Portanto, fico quieto. Debruço-me na mesa e pouco a pouco escorrego a cabeça e durmo um pouco. Até que vêm interromper-me para saber a que hora é a refeição. Diante da pressa e de que não cozinhei nada, preparo umas quantas saladas e alguma coisa mais para enganar a fome desses famintos piratas. Não ficam muito satisfeitos, mas como eles movem os queixos, bater os dentes e ranger os molares, o exercício os acalma.

Tudo isto acentua mais minha melancolia. Recolho os pratos, lavo-os com lágrimas, seco-os com tristeza e falo comigo mesmo: "Que vida a minha!" Tão compungido estou que me deito e durmo para esquecer meus sofrimentos. Dormir é a melhor das operações melancólicas. O mundo apaga e com sorte me transfiro para outras situações e outras paragens. Com frequência não quero despertar e aperto os olhos para ver essas cores e essas figuras indeterminadas que me afastam da realidade.

A realidade é a realidade e, para mim, a realidade é a melancolia. Sinto-me bem instalado nela, com uma auréola de santo ou de profeta. Pelo menos nisso me pareço com eles. E, sobretudo, porque nunca falam de comida.

A melancolia me satisfaz. Embarga-me. Sinto-me bem com ela. Não sofro nem penso em morrer. É uma luz reveladora. Impulsa-me a pensar em paz. Não me movo, mas os reflexos me inundam. Como una estátua: imóvel, mas animada por dentro.

É um grande invento a melancolia: o invento da inação criativa. Depois de um ataque me sobreponho, começo a correr e resolvo o insolúvel. Que alegria é a melancolia.

Às vezes é triste, não digo que não. Mas é uma tristeza piedosa.

É como se a melancolia buscasse um sujeito apropriado para crescer como hera trepadeira. Dá folhas e flores. No meu caso será sempre bem-vinda. E ainda mais, sinto falta dela, se ela não me visita. Embora às vezes, pese e me esmague. Enrede-me e me asfixie. Mas não deixo de querê-la.

Que coisa grandiosa: ser um sujeito melancólico: perseguido: esquecido: incompreendido. Mas presente, mais presente assim.

A melancolia é um jogo de palavras. Aceito-o. Requeiro-o. Traduzo-o. Define-me, embarga-me, conscientiza-me. A melancolia.

É não poder sair para dar um passeio pelo campo e imaginá-lo, com todo tipo de árvore, de sombra feliz, de inseto zumbidor. Observar o leve movimento das folhas e as ervas entre fragmentos de claro--escuro. É a ramagem em ondulações e filetes de arco- íris. Gotas de sereno suspensas. Quase caindo. Tudo imaginário e aflitivo.

É o complemento ideal. O que verdadeiramente faz falta ao homem, mas que ele insiste em desterrar. Ela é temida, a melancolia é temida quando deveria ser o contrário: a amada perfeita. A união mística com a natureza.

Vendo-o bem, os homens de mar são melancólicos. Embora amem o mar sentem falta da terra. E quando estão em terra sentem falta do mar.

Trata-se da qualidade humana que nunca encontra satisfação e gostaria de estar em todos os lugares. Por isso inventou o Deus único que tudo absorve. Portanto, é melancólico. Não lhe resta mais remédio. Deus melancólico?

Para contradizer a melancolia se inventou a esperança. Que é tão desesperançada como a própria melancolia. Mas como nunca se cumpre dá ânimos e palmadinhas nas costas.

A melancolia também não promete terminar. Embora sim, sua promessa de por fim é isso: o fim: a morte. Creio que por isso significa humor negro. Para mim, ao contrário, é humor branco. Melhor ainda, humor transparente.

A melancolia é tão transparente que quem a padece não pode ocultá-la. Nem dissimulá-la. Eu aprendi a dissimular meus estados melancólicos porque são contagiosos e nem todos amam a melancolia como eu. Porque, às vezes, pode ser perigosa e existem pessoas que se deixam levar por ela e acabam suicidando-se.

Vi marinheiros que se refletem nela e estando o mar em calma se lançam sem mais nem menos entre as águas para não subir à superfície. Os demais compreendem o ato e não tentam resgatá-los. O que quer dizer que são também melancólicos sem saber que são.

São melancólicos os animais? Creio que sim. Os cães são com certeza. Quem não ouviu histórias de cães que, ao morrerem seus donos, se deitam sobre seus túmulos para se deixarem morrer. Ou de cadelas que vagam dia e noite uivando, porque tiraram seus filhotes.

E os demais animais, serão melancólicos? Uma baleia? Um hipopótamo? Estou certo que sim se bem que isso é preciso comprovar. Uma mosca? Uma centopeia? Perguntas difíceis de responder. E os anjos? Pelo menos há um que sim, de um pintor de Nuremberg que conheci e a quem ajudei a colocar o quadro cabalista para a direita.

A verdade é que somos muito ignorantes. Conhecemos pouco do mundo que nos rodeia. Tendemos a crer que somos únicos e máximos. Quando somos todo o contrário: múltiplos e mínimos. E, sobretudo, melancólicos.

Nunca nos tinha ocorrido que existia outro grande continente além do mar com outras pessoas e outros costumes e outras religiões. E outras melancolias. Será que os frades catequizadores se perguntaram pela melancolia dos índios? Estou certo que não. Se até discutiam se teriam alma. Porque a melancolia pertence à alma, não?

Existe um médico famoso que fez um tratado ao que nomeou: *Anatomia da melancolia*. Quis localizar exatamente a melancolia e analisá-la em finos cortes. Tanto se empenhou que morreu dela e por ela. De nome Robert Burton, que tive o prazer de conhecer e com quem discuti um ou outro assunto.

Existem também escritores que desenvolveram o seu melhor em meio a ela. Recordo meus queridos amigos Cervantes e Shakes-

peare, que se especializaram em dar vida a famosíssimos personagens angustiados por esse mal. Que para mim é bem.

A melancolia aparece também na música. Mais que em nenhum outro lugar. As canções do desterro dos sefardis e o esperandos. Os lamentos desgarrados e o tom da poesia. Ritmo e harmonia. A história de Orfeu. Nossos cânticos portugueses e os cantes flamencos.

A melancolia nos faz duvidar da realidade. Existirá? Ou será um engano? O que vejo talvez não seja o que vejo. O que gostaria de ver é o que vejo. O que elimino, onde irá parar? Assim há melancolia pelo inexistente e pelo perdido. Pelo que não chegou a ser.

A melancolia me domina quando descubro que minhas palavras se convertem em outras palavras quando alguém as escuta. Será que não falo claro? Porque eu quero dizer uma coisa e interpretam outra. Às vezes sorrio e pensam que é zombaria. Às vezes sorriem para mim e eu me surpreendo. Acontecerá o mesmo com uma formiga? As formigas sorriem? Terão em sua carinha o mesmo número de músculos que eu?

Que tristes histórias contam as abelhas? Não saber isso aumenta minha melancolia. Quando uma serpente perde sua pele, se ruborizará? Este desconhecimento total me arrasa. Não sei o que fazer com tanta ignorância. E o pior, dentro de minha ignorância atribuo aos outros tudo o que eu não posso explicar. Por que creio que falar é o máximo para comunicar-me? Não percebo que é o contrário? Falar tudo complica e confunde.

Então, de que outro modo poderia comunicar-me com os demais?

O pior da melancolia é que faz muitas perguntas, mas não dá nenhuma resposta. Por isso a melancolia aumenta em proporção aritmética. Não sei o que fazer com tanta melancolia, pois no caminho em que vou tudo é melancolia. Já não sei se é boa ou má.

Algo que também me preocupa são os adjetivos. Para que se precisa adjetivar. Tão logo abrimos a boca e emitimos alguma palavra, por pequena que seja, de imediato lhe aplicamos um adjetivo. É que tudo o que fazemos deve ser catalogado como bom ou mau? Estamos reduzidos a um par de adjetivos. Claro que há outros, mas os confusos e esmagadores são dois. E eu não tenho que repetir quais são.

Claro que os adjetivos devem alegrar-nos porque não têm nada que ver com a melancolia. Ou, pelo menos, isso eu creio. O que em verdade me provoca um grande desânimo, como primeiro escalão da melancolia, é pensar em novos guisados para a tripulação. As minhas ideias estão se esgotando. Digo as culinárias. Não sei por que não me dediquei às letras. Se tivesse feito isso não teria que escrever nos momentos livres, senão o tempo todo. O tempo todo? Então, de que viveria? A muitos de meus amigos escritores falta-lhes um mecenas e eles têm que trabalhar em profissões absurdas. Veja o pobre de Miguel transformando-se em coletor de impostos. Não, não devo queixar-me, depois de tudo cozinhar não é ofício tão ruim e se parece um pouco com escrever, no melhorar os crus elementos da natureza, na combinação de picar, cortar, deixar-se levar pela fantasia, inventar, misturar, aproveitar, dissimular e em tudo o que pode ocorrer a alguém. Sim: artes irmãs. Às vezes não descobrimos o seu sabor nem de que se trata.

Está cansando-me a melancolia, então, das duas uma: ou continuo instalado nela ou me farto dela e entro na etapa eufórica e reconstrutora. Escrever tudo isto me serviu para afastar-me dela, mas até aqui chego, não sei o que mais dizer. Claro que é um bom tema que desata associações a mais não poder. Retomarei isso mais adiante. Por hoje basta e sobra.

LEVIATÃ

Já que estou no meio do mar quero falar de seus monstros. Do que foram considerados seus monstros. Porque eu não creio nos monstros. Ou quase. Nos monstros humanos sim. Mas não quero ser pessimista. Melhor, realista.

Um que é muito misterioso e que proporcionou lendas é o leviatã. Leviatã é uma palavra hebraica da qual gosto muito. Eu a uso com frequência. Significa algo assim como enrolado. Poderia ser uma grande serpente marinha, um monstro das profundidades, um cachalote, uma baleia. Que sei eu. Thomas Hobbes chamou assim seu livro sobre direito como a base da sociedade e governo. Falei algo com ele, mas suas explicações eram muito complicadas para um simples cozinheiro como eu, embora tenha minhas aspirações literário-filosóficas. Além disso, para mim, o leviatã é outra coisa, sobretudo se se vive em um barco.

Poderia ser uma enorme serpente com um toque de baleia. Gosto das combinações e dos experimentos. Em alguma ocasião nós, os piratas, temos visto enormes cetáceos que se aproximam da nossa embarcação. Alguns são amistosos e até lhes jogo as sobras para que saboreiem uma boa comida. Agradecem-me dando saltos e cambalhotas. Mas de outros, imediatamente, advinham-se as más intenções, e o melhor é fugir velozmente.

Um destes monstros, em especial, nos tem em sua mira. Reconheço-o. Sei quando se aproxima. Em seguida aviso aos irmãos Palache para que nos afastemos a toda vela. Coloquei-lhe um nome: Atanlevi, pois quero que mude seu caminho o mais rápido possível e que desapareça.

Imagino que Atanlevi se identifica com o caos em uma batalha, no princípio da criação, quando a divindade lutava com as forças do mar. E do mar pode passar a habitar o grande rio Nilo e converter-se em alimento do reino animal. Assim, o que tudo o devora é devorado e é princípio e fim. É também o exílio em Babilônia, como se se vivesse na caverna interna: na escuridão e na prisão. O grande ventre do monstro antes de nascer. O nada. Animal sem nenhum outro parecido, isento de temor, menospreza dor e soberbo, segundo o *Livro de Jó.* Atado ao mar apaga o tempo e o espaço, e se estende sem limites.

Eis que Atanlevi está empenhado em perseguir-nos. Em impor em primeiro grau a sua presença. Nunca gostou da minha comida, pois a primeira vez que provou as sobras que lancei no mar fez um gesto de desgosto e se arremeteu contra o barco. Por sorte, recobramos o equilíbrio e vencemos a dificuldade. Então penso que ele nos está perseguindo pelo meu menu *kósher*. Atanlevi deve ser de outra religião. Ou, talvez, seja um apóstata. Como Shabetai Zvi que terminou na Turquia, convertendo-se ao Islam.

Pois bem, Atanlevi está empenhado em perseguir-nos e teremos que mudar de mar para que ele não nos importune mais. Mas é essa a vantagem de nossa ágil embarcação e nosso rápido deslocamento. De qualquer tipo de inimigo, real, figurado, imaginado, climático, humano ou animal, nós sempre escapamos a tempo, sãos e salvos. Como se alguém de lá de cima nos protegesse. Ou como se nosso serviço de espionagem não nos falhasse.

Claro que tivemos que desenvolver o nosso serviço de espionagem para escapar à insidiosa perseguição já sabemos de quem. Muito aprendemos dos ingleses que nos ensinaram a desconfiar até de nós mesmos. Isto é, eu desconfio de mim. Oseas desconfia de Oseas. E tanto, com minhas inclinações literárias quem não desconfiaria de mim. Invento tudo. Já não creio em minhas histórias. Não sei se isto me acontece ou se eu estou inventando.

Voltamos à história de Leviatán, melhor dizendo, Atanlevi. Folheio meu *Tanaj* e me encontro com o seguinte:

> Naquele dia Javé castigará com sua espada dura, grande e forte o Leviatã, serpente veloz, e o Leviatã, serpente tortuosa; e matará o dragão que está no mar. (Isaías, 27: 1)
>
> Machucaste as cabeças do Leviatã; e deste por comida aos moradores do deserto. (Salmos, 74: 14)
>
> Ali andam as naves; ali este Leviatã que fizeste para com ele brincar. (Salmos, 104:26)
>
> Tirarás teu Leviatã com anzol ou com uma corda que prenda sua língua? Porás tua corda em seu nariz e furarás com gancho sua queixada? (Jó, 41: 1,2)

De acordo com o anterior é preciso saber pescar muito bem Atanlevi. Como a maneira de fazê-lo fica em interrogação creio que o melhor é empregar os dois métodos: corda e anzol. Teremos que esperar que apareça de novo para então nós o atacarmos.

E, dito e feito, o mar se encabrita e é sinal de que Atanlevi se aproxima. Esta vez não fugiremos e o enfrentaremos. Distrai-nos de nossa honorífica empresa de pirataria. E isso não é bom. É nosso *modus vivendi* com muita honra.

Atanlevi, a um lado de nosso barco, não nos ataca; ao contrário, parece dizer-nos alguma coisa. Considero-me a pessoa adequada para comunicar-me com ele. Faz-me alguns gestos e eu procuro interpretá-los. Pergunto-lhe: "Você quer fazer as pazes conosco?" Responde-me com um forte bater das asas que interpreto como um sim. "Você traz alguma mensagem especial?" De novo um forte bater das asas me indica um sim. Seja qual for a mensagem terei que adivinhá-la. "Não tenho ideia, querido Atanlevi". Golpeia duas vezes com sua nadadeira. "Isso, o que significa?" Afasta-se um pouco e regressa repetidas vezes. "Você quer que o sigamos?" A resposta é um só forte bater de asas, o que significa que sim.

Corro para avisar aos irmãos Palache que, por alguma razão, devemos seguir o monstro Atanlevi. No princípio não me dão importância, mas pensando duas vezes, concordam em seguir o cetáceo. Afastamo-nos de nossa rota inicial e ficamos à espera do que acontecerá depois.

De repente, cruza por minha mente e se for uma emboscada? Corro, de novo, para perto de meus capitães Palache e, antes de eu falar, eles adivinham: "E se for uma emboscada?" Mas já é tarde: sim, é uma emboscada.

Uma galera espanhola começa a disparar contra nosso barco e apenas temos tempo de virar, para voltar a virar, para enquanto isso preparar os canhões e disparar. O capitão aproveita para dirigir a proa a toda velocidade e simular um choque. Na realidade, sua tática é a de abordar subitamente a galera e lançar-se para uma batalha corpo a corpo. O inesperado e a surpresa obrigam os espanhóis a se renderem. Como é habitual, os marinheiros obtêm um bom botim e nossa fama como piratas continua de vento em popa.

Atanlevi ficou decepcionado e se afastou depressa. Pus-me a pensar o porquê de sua animosidade e o desejo de destruir-nos. Talvez, porque seus antepassados foram maltratados, tivesse o desejo de vingar-se. Ou porque era a representação do mal e cumpriria o papel a ele atribuído. Por tratar-se de um jogo. Por aborrecimento. Por qualquer coisa.

A partir de agora ficamos à espera de sucessivos ataques que não chegaram a acontecer, embora a lenda de sua aparição como serpente marinha ou dragão das profundidades ou lula gigante era repetida pelos marinheiros de todas as latitudes. E, certamente, seguirá sendo repetida pelos séculos dos séculos.

MAUS PENSAMENTOS E ALGUM OU OUTRO REFRÃO

Maus pensamentos em alto mar. No mar podem acontecer maus pensamentos. Em um barco pirata. Sobretudo em um barco pirata. Pensamentos de loucura. De insônia. Erva humana que se seca. Flor de braços caídos. Mente que já não dá voltas. Estática. Horror de horrores.

Os mortos voltam a dançar como em outros tempos. A gadanha não perdoa a ninguém. A cavalo. A pé. Rápida. Certeira.

Os mortos não são reconhecidos. Tropeçam como os vivos. Assustam.

Talvez não exista a morte, senão esquecimento, a desesperança.

Caem como folhas de árvores.

Sem sentido.

A pé. A cavalo.

Sem nada que os cubra.

Pulverizados.

Os vivos.

Os mortos.

Você dá voltas à página e não há outra página.

Nada.

Absolutamente nada.

Não aspirava ao silêncio?

Pois aí o tem.

Obrigada.

De nada.

Isto é, de verdade de nada.

O barco dá voltas em círculos concêntricos.

Para não regressar à origem.

Para ficar por esses mares de Deus.

Loucura. Insônia.

Quais são os alimentos terrestres?

Não fazem falta. Em verdade não fazem falta.

Só o maná. A ambrosia. O néctar.

Voltas e revoltas.

A ordem transtornada.

Os elementos em qualquer mensagem.

Acima e abaixo são a mesma coisa

Escala de luz invisível.

O inexistente, porém se crê que existe.

Deus.

Do demais, o vazio.

Há o vazio? Existe?

Meras palavras.

Palavras meras.

Reais palavras. Tudo são palavras.

Deus é palavras.

Os profetas das palavras.

Umas com outras as palavras lutam. Batalham.

Desérticas palavras.

O deserto como fonte de criação.

Cada grão de areia. Que antes foi fértil terra.

Agradecer ao rio por desbordar-se porque frutifica.

A inundação não. Essa não.

O ritmo imparável das ondas do mar.

Na palma da mão todo o mar encabritado.

A fortuna dita pelos peixes.

Peixes escapadiços. Encontrados.

Espinhas dispersas.

Corais em movimento.

Sem cessar.

De cabeça. Tudo de cabeça.

Disse que eram maus pensamentos e são.

Poderiam ser piores, mas resisto.

As ideias são intrusas. Juntam-se por pares e ímpares.

Matematicamente. Geometricamente.

Absurdamente.

Não disse. Pensei.

Maldosamente.

Depois de tudo é uma improvisação.

A vida é uma improvisação.

Um tema com variações.

Repetições.

Improvisações.

Ascensão e quedas.

Volta a começar.

Do dito e o não dito.

Alinhavos e pontos sucessivos.

Extraordinários textos.

Tecidos.

A arte de tecer sons e letras.

Ruídos. Prefiro apagá-los.

Você ouviu de alguém que padeça de algiacusia?

Eu sim, eu padeço.

Por isso não suporto os canhonaços.

É como se disparassem os canhões dentro de meus ouvidos.

A explosão total.

Sinto-me desintegrar.

Escondo-me no último canto do barco e tapo meus ouvidos até o fundo.

Alguma coisa pode atenuar a dor.

Por sorte é instantâneo e não deixa sequelas.

Também não suporto ver caírem cadáveres a meu lado. Sua fragilidade.

Seu último gesto. Seus rictos. Seu silêncio.

Às vezes quero deixar esta vida a bordo.

Mas, que outra coisa poderia fazer?

Claro que um cozinheiro é solicitado em todos os lugares.

Mas.

Eu gosto do mar.

Esse é meu problema.

Estou entre que sim e entre que não.

Poderia pensar em não fazer nada?

A absoluta imobilidade?

Estar sempre na disjuntiva.

Minha mãe me dizia: "Pense mal e acertará". Assim é que o primeiro é pensar mal e depois vem o que segue. A maldade do mundo que nunca parará. A roda da fortuna começa a andar: o de cima para baixo e o de baixo para cima. Mas com matizes intermediários: os sete pecados capitais e capitalistas (estou criando uma nova palavra) ao máximo. O engano, a mentira, a corrupção, a tortura. Palavras que se repetem para mim.

A política: eis o maior dos males. A política se compõe de todas as negativas partículas possíveis. Trata de adquirir o maior dos poderes e riquezas para dominar não só o próprio país, mas também a imensa quantidade de países e mares existentes e por existir. O povo e seus sofrimentos é o de menos. Por isso nós, os esperandos, nos aliamos aos reinos da Grã Bretanha contra os do império espanhol. O nosso tem um fim especial, diferente do das duas grandes potências, para nosso proveito. Na realidade, não sei se sabem isso e também não importa. Depois de tudo nos apegamos a outra regra: "O inimigo de nosso inimigo é nosso amigo." Por isso nos convertemos em navegantes dos sete mares. Pelo menos não exploramos ninguém. Em todo caso, roubamos o que foi roubado e, para seguir com os oportunos refrões matriarcais: "Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão".

Somos uma espécie de Robin Hoods, cuja lenda vem desde as Cruzadas e me parece muito adequada para esta época em que ninguém pensa nos explorados (outra palavra que inventei: não vá inventar uma doutrina socialista: outra nova palavra, não sei o que acontece comigo: devem ser minhas qualidades de excelso escritor).

Regressando aos males deste mundo. Não têm remédio. Ninguém os corrigirá. Repetem-se uma e outra vez. Até lendo. Eu gosto tanto de ler, leio e leio todo tipo de mal. O que se poderia fazer para

restaurar o reino da bondade e da beleza? Contar pequenas histórias de paz e tranquilidade? Quem acreditaria nelas? Seria um escape? Como dizem meus colegas britânicos: *A wishful thinking?*

Nada. Seguir adiante esquivando escolhos e leviatãs que surjam. Com graça e sorrisos. Com dignidade. Sobretudo, que o mal não nos permeie, não nos invada, e não nos tente a desejar que regresse. Para acrescentar outro dizer mais: "A mau tempo, boa cara". Que deve vir de um antigo marinheiro ou corsário.

E, por último dois refrãos mais. Para as desgraças deste mundo: "A justiça tarda, mas não falha". Para os ilusos: "Não há mal que por bem não venha".

A ESCALA MUSICAL DO MAR (ESCÓLIO)

DE MEU POSTO de observação preferido, quando terminei os meus trabalhos culinários, perto do timoneiro, observo o movimento do mar.

Isto me leva a pensar que muitas coisas podem relacionar-se com esta experiência. Sobretudo, a música. A música é o ritmo do mar. E como ritmo pode ser lida em diferentes claves. Uma destas é a cabalista. Os livros da *Torá* que são cantados e que louvam a voz e os instrumentos ondulam seu som como se boiassem sobre as ondas do mar. Certa vez acompanhou nossas andanças um rabino que dirigia nossas orações e com quem líamos e interpretávamos as palavras da *Torá.* Dele aprendi muitas e variadas coisas. Entre outras, me explicou o seguinte. Uma nota musical em tons maior e menor corresponde a cada *sefirá* ou atributo divino:

Gevurá ou Juízo: ré

Jésed ou Compaixão: dó

Tiferet ou Beleza: mi

Hod o Reverberação: sol

Nétzaj ou Eternidade: fá

Yesod o Fundamento: lá

Maljut ou Reino: si

Esses mesmos atributos representam o mar com sua grandeza, sua beleza, sua glória, sua eternidade, seu fundamento e seu reino sobre todos os reinos. E, sem dúvida, o mar é juiz severo e compassivo, coroa da criação e sabedoria da vida.

Os sons do mar, a tempestade, a marulhada, o canto das aves e a linguagem dos delfins encontram seu som preciso na escala musical. De tanta majestade, só é permitido ao homem contemplar o mar por fugazes espaços e tempos.

1391, ANO AZIAGO

Enquanto descasco batatas, este novo tubérculo, proveniente das terras do Peru, que acrescento à dieta pirata, eu recordo algumas histórias de meus avós. Terríveis histórias. Histórias de massacres.

Segundo me contavam meus avós, foram várias as causas das matanças de judeus que se estenderam pelos reinos cristãos da Espanha. Matanças, saqueios, violações, torturas, queimas de casas e sinagogas, roubos, assaltos, conversões forçadas, venda de mulheres e crianças como escravos. Por um lado, a perseguição religiosa empreendida pelo arcediago Ferrán Martínez foi cruel e contagiosa, estendendo-se por toda a Espanha. Por outro, a situação política deteriorada pela ascensão ao trono da casa de Trastamara. Também as epidemias de peste que se atribuíam aos judeus. A crença de sua riqueza acumulada. As lendas difamatórias e os libelos de sangue. A inveja e a maledicência. A intolerância e o desprezo pela vida humana.

Parte de minha família sucumbiu a essas perseguições. Outros membros foram convertidos de maneira forçada e outros mais, com a dupla vida de criptojudeus, temiam o dia em que fossem descobertos. 1391 foi o princípio do fim. Já não se recuperaria a tranquilidade relativa que tinha reinado até então. E já sabemos o que passou depois de 1492. Por isso eis-me aqui, descascando batatas a bordo de um barco que pretende fazer justiça.

Um de meus anteanteantepassados teve a ideia de dizer que construiria um golem para deter as matanças. Sua história corre assim:

Foi um dia luminoso quando decidiu isso. Meu anteanteante-passado, por nome Abraham o Cabalista teve a ideia de construir um ser mágico e poderoso, um golem, que fosse o defensor das judiarias. Dedicou-se a buscar antigos manuscritos e unindo seus conhecimentos da cabala e da alquimia começou a idear fórmulas. Para não ser descoberto trabalhava no porão de sua casa.

A primeira coisa que devia fazer era buscar terra virgem da montanha para seu propósito. O monte de Boaventura era o lugar idôneo. Com frequência tinha-se aventurado por seus bosques e tinha chegado a uma fonte de água pura onde fazia suas abluções. A clareira do bosque era para ele um lugar sagrado no qual meditava e rezava. O contato com a natureza, o silêncio e a solidão era uma sensação mística que o afastava das misérias deste mundo.

Esse dia luminoso subiu ao monte de Boaventura e recebeu a inspiração. Dispôs-se a executar a fórmula mágica descrita nos antigos manuscritos. Se escalava um pouco mais o monte chegaria à fonte de água e à terra virgem nunca antes pisada por ninguém. Ali, separou a terra com bastante cuidado e a passou por uma peneira para afastar raizinhas, restos de folhas ou minúsculas pedras que se tivessem incorporado. Em um saco elaborado especialmente para isso, de pano recém fiado, colocou a terra tratando de manobrá-la o menos possível.

Repetiu várias vezes o procedimento, a fim de reunir a quantidade necessária de terra para emular a criação e elaborar um homem de proporções perfeitas, capaz de encarnar as qualidades que faltaram ao criado por Deus. Um homem ideal que reunisse em si as *sefirot* ou atributos divinos e fosse a coroa da criação. Um homem que obedecesse às ordens de seu criador e só se dedicasse ao bem, ao amor, à paz e à justiça.

Uma vez reunidos os elementos necessários para a criação de um golem, Abraham desceu da montanha e se encaminhou para sua casa. Em uma câmara afastada começou a elaborar sua obra de criação. Pouco a pouco moldou a terra com a água até que a mescla deslizava perfeita entre seus dedos, sem sequer manchá-los, e estava pronta para dar-lhe forma. Foi um prazer, quase um ato sensual, esculpir a cabeça, o pescoço, o tronco, os membros, ao mesmo tempo

um ato místico e de cânticos entoados. O homem ainda não tinha adquirido vida e suas características pareciam refletir a alegria de novas sensações nunca antes conhecidas. O cabalista, por sua vez, inaugurava um estado de ânimo desconcertante.

O homem que começava a nascer teve seu primeiro signo de conhecimento pelo ouvido e, também sem se mover, parecia que acumulasse palavras, frases, histórias, relatos. Era como si compusesse em seu interior a ordem e separasse o caos, assimilando o sentido da história da humanidade. Em um instante de iluminação assim o compreendeu também Abraham o Cabalista e tomando entre suas mãos a *Torá* começou a recitar-lhe *Bereshit*. O golem se estremecia como se entendesse o que era lido para ele.

Quando ele já estava pronto, as palavras que o cabalista pronunciou e o hálito que soprou sobre sua boca, o comoveram a tal ponto que, por um momento, pareceu que ia desintegrar-se e até, coisa impossível, que ele sentisse dor. Seu corpo se esticou pouco a pouco e como se despertasse de um longo e reparador sonho, incorporou-se e olhou a seu redor tratando de reconhecer o novo mundo que se abria diante dele. Depois, direcionou a vista a seu criador e, como se lhe dissesse obrigado, tentou esboçar um sorriso. Ficou sentado e não se moveu mais naquele momento. O cabalista lhe falava e ele permanecia imutável. Parecia cansado, como se quisesse voltar a dormir, mas não tentou deitar-se. Tratava de esboçar um sorriso que quase não se notava.

Meu anteanteantepassado lhe falava e parecia que ele entendia porque movia imperceptivelmente os músculos do rosto. Isso foi um bom sinal.

Durante vários dias o instruiu e falou com ele. Pouco a pouco a obra adquiria movimentos. Quis descer do leito em que tinha sido construído e esticou uma perna e depois a outra. O cabalista o ajudou a pôr-se de pé e o golem moveu instintivamente os braços para apoiar-se em seu criador. Depois tentou dar um passo e outro mais. Separou-se e pôde caminhar sozinho, desajeitadamente.

Abraham lhe disse que se detivesse, para provar se entendia e obedecia. Efetivamente, se deteve. Você nos ajudará, nos protegerá? - perguntava-lhe, esquecendo que o golem não sabia falar. O golem

esboçou um gesto como se afirmasse. Ao menos assim o interpretou o seu criador. Ato seguido, Abraham escreveu sobre sua fronte umas letras que formaram a palavra: *emet* e o advertiu de que nunca a apagasse, pois se eliminasse o *álef* inicial provocaria sua morte e pulverização, cumprindo o preceito de "pó és e em pó te converterás".

O golem se dirigiu para a porta como se quisesse sair para o mundo. De repente, parecia desesperado por conhecer tudo e saber o que é a vida humana. Foi como se, subitamente, tivesse recebido o conhecimento acumulado de séculos e milênios, e quisesse comprová-lo. Como se não suportasse a prisão e necessitasse os ares da liberdade. Como se nada fosse detê-lo e seu corpo escolhesse passar por todos os estágios da humanidade.

De agora pra frente não só obedeceria, mas também escolheria seus atos, para depois ser ele quem determinasse o que deveria fazer. Se enfrentasse uma transgressão que pudesse significar sua morte, mas, a salvo da dor e do padecimento, poderia arriscar-se ao que nenhum humano se atreveria ou poderia fazer. Uma vez que seu criador lhe deu vida escaparia de suas mãos, como os homens tinham escapado das mãos de Deus. Ele se converteria em um ser todo-poderoso e temível, embora ao mesmo tempo, amoroso, amante, sábio e pacificador. Sua vida, embora breve e intensa, saciaria quem o conhecesse. Surgiriam seus seguidores, mas também seus detratores e finalmente seus dotes atuariam contra ele e não poderia evitar a derrocada de tudo o que tinha conseguido.

Abraham o Cabalista começou a chamá-lo de seu sobrinho e assim o apresentava quando decidiu lançá-lo à rua. Disse que ele provinha de terras distantes, da Germânia, e que lhe faltava o dom da fala, mas que tudo compreendia. Em sua primeira saída, uma menina com um filhotinho nos braços se aproxima com curiosidade enquanto acaricia o pequeno cão e lhe sorri. O golem consegue sorrir também e aproxima lentamente sua mão para acariciar o filhote.

Outro dia, passeando com seu criador, veem desabando uma casa às margens do rio Tejo. O golem fica paralisado, mas reage ao ouvir os gritos das pessoas, lança-se velozmente e consegue deter a casa em seu deslizamento. As pessoas se maravilham.

Esse dia, quando voltaram, Abraham o Cabalista decide ensiná-lo a ler. Escolhe uma bela *Gadá* de *Pésaj* que lhe tinha sido presenteada pelo escriba Ben Tov e, pouco a pouco, mostra-lhe as letras e sua pronunciação. Sua surpresa é grande quando o golem lhe dá a entender que já sabe ler e até escrever. Aproxima-se da mesa onde estão as penas, o tinteiro e as folhas preparadas para escrever. Maneja os instrumentos com perfeição e escreve uma mensagem para Abraham. De agora en diante poderão comunicar-se desse modo.

No meio da semana, leva-o à Escola de Tradutores onde todos ficam maravilhados por seu interesse em ver os manuscritos e em como com o dedo vai assinalando as passagens mais interessantes. Era como se já os tivesse lido e possuísse um extenso conhecimento de línguas. Domingo Gundisalvo e Yehudá bem Moshé lhe mostram passagens difíceis de entender e ele é capaz de assinalar que as compreende. Às vezes põe o dedo indicador sobre uma palavra como se duvidasse de sua tradução e os sábios esclarecem sua dúvida.

A partir desse momento, é convidado para reuniões, para discussões, para refeições e sempre vence as dificuldades com sua maneira justa e acertada de dar sua opinião sem falar.

Um nobre cristão, próximo ao rei dom Alfonso, convida-o para jantar. O golem contempla pela primeira vez as belas damas da corte. Sente-se muito atraído, mas sem saber o motivo. Uma delas se destaca e ambos se olham. O rabino o afasta, pois teme um perigo e que seja descoberta sua natureza. Depois chegam os músicos e os nobres se dispõem a escutar. Para o golem é uma novidade tal que se aproxima para observar de perto os instrumentos e a maneira como são tocados. Quando um dos músicos deixa no chão um alaúde ele o apanha e começa a tocar como se fosse um consumado executante.

Todos ficam encantados e lhe pedem que continue tocando, mas ele deixa o alaúde no chão perto de seu dono. Chega o momento de dançar e é, de novo, uma surpresa para ele. Observa detidamente os passos e seu corpo se movimenta no compasso. Deleita-se contemplando a dama que chamou sua atenção. Ambos não deixam de olhar-se e é quando o cabalista decide que é preciso terminar a visita e não ficar para jantar, já que seria estranho descobrir que o golem não necessita comer.

Sua fama se estende até o ponto de um dia o próprio rei dom Alfonso querer conhecê-lo. Era a época em que saúde do rei estava debilitando-se e em que começava a duvidar do que consideravam seus êxitos, para concentrar-se em seus fracassos. O abandono de sua pretensão ao Sacro Império Romano Germânico, as mortes de seu primogênito, de sua filha, de seu irmão e de seu sobrinho, além de seu padecimento de hidropisia só encontraram uma compensação pelo tempo dedicado a sua magna obra cultural e legislativa centrada na Escola de Tradutores.

Por isso, conhecer um ser extraordinário ao que todos parecem admirar e que poderia incorporar-se a seu trabalho é algo que não deixa para depois e pede uma entrevista com ele. Abraham se sente atemorizado, pois não pôde predizer o comportamento do golem que nem sempre obedece a ele. Para começar, o Golem não tem nome e seu criador se põe, de imediato, a pensar qual poderia ser o adequado. Brincando com as letras por fim o encontra: Melog cuja inversão era outra maneira de ler suas qualidades.

O dia da audiência com o rei Alfonso chegou e criador e criatura se encaminharam ao palácio real. O rei, fatigado de seu regresso forçado de Roma e de sua renúncia depois de vinte anos procurando valer seu direito para ser imperador do Sacro Império Romano-Germânico, de seu enfrentamento com os benimerines, dinastia muçulmana que tinha invadido com grade ímpeto Gibraltar, Rota e Algeciras, da morte de queridos familiares, só aspirava a um momento de tranquilidade e de distração.

Os visitantes foram apresentados ao rei Alfonso e, depois de um momento de prolongado silêncio, durante o qual o rei contemplava a beleza de Melog e sua refinada vestimenta, perguntou-lhes de que eram capazes. Abraham o Cabalista falou e ao chegar a vez de Melog, ele voltou a tomar a palavra e descreveu suas habilidades.

O rei ficou surpreendido, sobretudo pelo fato de que a uma criatura tão perfeita lhe faltasse o dom da fala. Perguntou-lhe se ele gostaria de trabalhar de copista. Ele lhe ensinaria a transcrever as notas musicais para os poemas que escrevia. Mostrou-lhe uma partitura musical e Melog seguiu as notas com o dedo, assentiu e sorriu. O rei lhe deu uma folha em branco com o pentagrama apenas e o golem co-

meçou a escrever tão rapidamente as notas que ninguém podia seguir sua mão. O resultado foi uma nova melodia para as canções do rei tão a seu gosto que ele o contratou como seu compositor principal.

A partir de então, a música fluía como nunca antes tinha sido ouvida. Era uma música apaziguadora, tranquila, suave que, no entanto, despertava paixões e devassidões. Como tinha conseguido isso, não sei. Parecia que a sua regra era o contrário do comum. Mas como os cortesãos eram dados às desordens estava tudo bem. *Ad hoc*, como dizem os latinistas.

Essa música criada por Melog servia para tudo: de acompanhamento à hora da refeição, acentuando os sabores e os sensabores; de ritmo para as danças despertando lubricidades e ereções; de canção de berço para os recém nascidos fazendo-os sonharem estrepitosamente; de entendimento para os jograis e tradutores que já não podiam parar nem a voz nem a pena; de produtividade para os camponeses que não deixavam de semear nem de colher até na cama; de estatutos para os legisladores que não paravam de fazer artimanhas uns aos outros; de venenos e antídotos para os médicos que os aplicavam a torto e à direita sem pé nem cabeça (rompendo a musicalidade); de lentes poderosas para os astrônomos que não confiavam em seus próprios olhos e os fechavam hermeticamente. Em fim, de estropícios bem-intencionados.

Tudo parecia deslizar sobre rodas, expressão que deve vir desde a época em que a humanidade descobriu a roda e que, claro, pôde fazê-la rodar para a *mercabá* ou carroça divina. Como círculo móvel, aqui eu farei uma associação para depois regressar ao ponto de partida. O que é a *mercabá?* Boa pergunta. Não é que seja um especialista, mas agora explico. De tanto ler torno-me muito culto. Sou conhecido como o "cozinheiro letrado". Começarei pelo que me recordo do *Livro de Ezequiel*:

> E olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do aquilão, uma grande nuvem, com um fogo envolvente, e no seu redor um resplendor, e no meio do fogo uma coisa que parecia como de âmbar.

No meio dela, a figura de quatro animais. E este era seu parecer: existia neles semelhança humana. E cada um tinha quatro rostos e quatro asas.

E os pés deles eram retos e a planta de seus pés como a planta de pé de bezerro; e cintilavam como bronze muito polido.

E debaixo de suas asas, em seus quatro lados, tinham mãos de homem; e seus rostos e suas asas pelos quatro lados.

Com as asas se juntavam um ao outro. Não se voltavam quando andavam; cada um caminhava para frente.

E a figura de seus rostos era rosto de homem; e rosto de leão na parte direita dos quatro; e a esquerda rosto de boi nos quatro; também havia rostos de águia nos quatro.

E estando eu olhando os animais, eu vi uma roda na terra junto aos animais, com suas quatro caras.

E o parecer das rodas e sua obra assemelhavam-se à cor do topázio. E as quatro tinham uma mesma semelhança: sua aparência e sua obra como roda no meio da roda.

Estes estranhos seres que eu poderia tentar desenhar, mas não farei isso, são a descrição da magnífica carroça divina o *mercabá*. E tudo, graças à roda. Bendita roda, círculo mágico, timão dos barcos e de nossas vidas. O absoluto, o princípio e o fim. Nada antes nem depois dela. Quem não conhece a roda não conhece o cosmos.

Agora regresso à história de Melog e me dou conta de que Abraham o Cabalista muito bem podia ter feito seu golem com o pó ao redor da *mercabá*, mas como não teve essa visão, acudiu à terra virgem da montanha.

Tudo isso veio a propósito por transcorrer a vida de Melog como sobre rodas. Mas a vida não desliza sobre rodas, mas, pelo contrário, sobre pedras e obstáculos. Por isso, eu prefiro o mar, onde o deslizamento é incessante. E como as coisas mudam, as rodas da vida de Melog se detiveram e a comunidade sefardi começou a sofrer perseguição, matança e morte.

Melog despertou de seu sonho de felicidade e, na verdade, despertou para a realidade. Seus dotes já não foram apreciados. Deixado de lado já não significou nada. Absolutamente nada. Ficou paralisado, vendo a seu redor dor e morte. Seu rosto se contraiu em temíveis trejeitos, rugas, deformações, contrações, tumores, excrescências que anularam sua perfeição e sua beleza. As pessoas iam caindo a seu lado e ele não podia fazer nada. Seu sonho tinha durado mais de um século e isso foi o que presenciou ao abrir os olhos.

Os cristãos avançavam incitados por seus clérigos e a judiaria era arrasada sem misericórdia. O fogo queimava os corpos e o cheiro de morte era insuportável. Nada deteria a catástrofe. Dezenas de milhares morreram. A maioria das dez sinagogas foi arrasada. As academias destruídas. Poetas, tradutores, médicos, artesãos, mulheres, crianças e anciãos passados na faca.

O moinho do bairro judeu foi utilizado para lançar as vítimas e triturá-las entre suas rodas. Outras foram arrojadas e lançadas nas águas do rio Tejo que se tingiu de vermelho durante dias e dias. Esse moinho foi conhecido depois como o Moinho da Degola.

Melog compreendeu que só seu sacrifício poria um basta à desgraça. Seu corpo começou a crescer desmedidamente e avançando a pernadas destruiu as forças do mal. Por último, arrancou o *álef* de sua fronte desabando sobre as massas incontroláveis. Como um novo Sansão conseguiu o seu propósito.

Essa foi a triste história daquele meu antepassado, Abraham o Cabalista e da imolação do golem. Agora já não é necessário perguntar por que o ano de 1391 foi aziago e o princípio do fim que culminaria em 1492 com nossa expulsão do país.

NOTAS

1 *Por hartarme de reír*
me casé con un enano.
Le puse la cama en alto
Y no se podía subir

2 É verdade, como coautora eu confirmo. Segundo notícias de última hora tomadas de *El País* (6 de fevereiro de 2011), os quadros de Zurbarán foram comprados por 124 libras em 1756 pelo bispo de Durham, Richard Trevor, depois da morte de um descendente de Jaim Mendes, de nome James Mendes. O bispo, amigo e protetor dos judeus, pendurou os quadros no castelo de Auckland porque pretendia assim apoiar uma nova lei que permitia os judeus fossem ser cidadãos britânicos. A representação dos filhos de Jacob era uma alusão ao trabalho e produtividade das Doze Tribos e seus descendentes. Mas a história não termina aí. A notícia do jornal *El País* se referia a um novo acontecimento em torno às aventuras zurbanianas. Acontece que agora, em pleno século XXI, se está planejando, perante o sínodo de bispos anglicanos, leiloar os referidos quadros por necessidades econômicas. Isto provocou muitas discussões e também não se sabe qual será o resultado.

3 Leio estes apontamentos de Oseas, eu, a coautora do século XXI, e não posso mais que suspirar: fui eu que nasci em Hyères e nunca voltei

4 *Los que me temían por vos, enemigos me serán,*
aunque yo torne a Lara, nunca valdría un pan;
non he pariente ni amigo que me pueda vengar:
¡más me valdría la muerte que esta vida tal!
E en esto comediando, amortescido se ha,
la cabeça de las manos sobre las otras se le cae,
quando cayó en tierra de sí no sabia parte.
Pesó mucho a Almançore e començó de llorare;
con grant duelo que del ovo dixo contra Alicante:
"Non morra aquí don Gonçalo por quanto Córdova vale,
ca yo vi quanta traición a él fizo Ruy Velázquez".

5 Quando eu, a co-autora, leio isto me lembro de outro famoso e melancólico anjo: o que pintou Paul Klee (outro melancólico) e que possuía Walter Benjamin (outro melancólico) e que recebeu como testamento Gershom Scholem (outro melancólico?). Todos, no fundo, somos melancólicos, queiramo-nos ou não. Parabéns, melancolia!

6 *Árbol del recuerdo,*
¿qué va a ser de mí?

En tierras lejanas
no podré vivir.

7 *Quién hubiera tal ventura*
sobre las aguas del mar
como hubo el infante Arnaldos
la mañana de San Juan.
Andando a buscar la caza
para su falcón cebar,
vio venir una galera
que a tierra quiere llegar.
Las velas trae de sedas,
la jarcia de oro torzal,
áncoras tiene de plata,
tablas de fino coral.
Marinero que la guía,
diciendo viene un cantar,
que la mar ponía en calma,
los vientos hace amainar;
los peces que andan al hondo
arriba los hace andar;
las aves que van volando
al mástil vienen posar.
Allí habló el infante Arnaldos,
bien oiréis lo que dirá:
— Por tu vida, el marinero,
dígasme ora ese cantar.
Respondióle el marinero,
tal respuesta le fue a dar:
—Yo no digo mi canción
sino a quien conmigo va.

8 *Nace en las Indias honrado,*
donde el mundo le acompaña,
viene a morir en España
y es en Génova enterrado
9 *Es en el mar secuestrado*
por ingleses y holandeses
y en seguida portugueses.

10 Derecho de pernada
udal en el que el señor, tocando con la pierna el lecho nupcial, simbolizaba la servidumbre de la descendencia del nuevo matrimonio.
nos territorios, **derecho** que se atribuyó al señor feudal para yacer con la esposa delsiervo en su noche de bodas.

3. m. coloq. Ejercicio abusivo del poder o de la autoridad. (DRAE online)

11 Aquí la alma navega
por un mar de dulzura, y finalmente
en él ansí se anega,
que ningún accidente
extraño o peregrino oye o siente.

12 *Papá, si me deja usted*
un ratito a la Alameda
con las hijas de Merino
que traen rica merienda.
A la hora de merendar
se perdió la más pequeña,
su papá la fue a buscar,
calle arriba, calle abajo,
calle de Santo Tomás
donde la vino a encontrar
en un portalito oscuro
hablando con su galán.
Y estas palabras decía:
Mi abuela tiene un peral
que cría la pera fina.

13 *Un automóvile, dos automóviles*
tres automóviles y un sidecar.
pronunciado sidecar como si fuera en español.

14 *Un hijo tiene el rey David*
que por nombre Amnón se llama
namórose de Tamar,
aunque era su propia hermana
Fuertes eran los amores,
malo cayó y echado en cama.
Un día por la mañana,
su padre a verle entrara.
—¿Qué tienes tú, Amnón,
hijo mío y de mi alma?
—Malo estó y no como nada.
—Sí comerás tú, Amnón,
pechuguita de una pava.
—Yo la comeré, mi padre,
si Tamar me la guisara.
—Yo se lo diré a Tamar,
que te la guise y la traiga.

SEGUNDA PARTE

OS TRANSGRESSORES

SAMUEL PALACIO

Emigrar da espanha católica, romana e apostólica para as novas terras foi um alívio para muitos esperandos, incluindo os irmãos Palácio. Em primeiro lugar, consistia em libertar-se, até certo ponto, da perseguição religiosa, da ignorância e dos preconceitos, da maledicência, da hipocrisia, da vida dupla: a externa e a interna. Mas, acima de tudo, era para começar uma vida limpa em paisagens, climas e situações limpas. Era começar tudo de novo, virar a página. Dar começo ao que não existia em terras desconhecidas, cheias de surpresas e de novos conhecimentos. As pessoas, as antigas religiões, as fisionomias, as plantas, as árvores, os frutos, tudo era uma surpresa constante e um aprendizado.

O Brasil foi outro mundo. Os esperandos acreditaram que seus problemas estavam resolvidos. Eles se dedicaram ao trabalho, a trazer novas colheitas, a instalar indústrias. Enfim, o apogeu. Que maravilha para aqueles que reconhecem a importância de suas vidas. Que apenas o trabalho, a honestidade e o desenvolvimento comercial e agrícola possam se manifestar em metas ao alcance da mão. Construção de cidades, novos plantios, esperanças a torto e a direita.

Vida interna também. Recolhimento. Contemplação. Escrita de diários para quem sente o chamado. Para mim, Oseas, a grande oportunidade de pegar da pena e seguir com minhas ideias, obsessões, arrogâncias. Ah, não uma vida relaxada, mas uma vida

complicada. Porque no começo estava tudo bem. Éramos admirados e elogiados. Mas que nada, não há coisa boa que dure para sempre. O trabalho dos portugueses ou dos esperandos começou a ser invejado e a ambição fez os católicos pensarem em superar os judeus, em ficar com suas plantações e indústrias. Nada mais fácil do que urdir tramas e conspirações, quanto mais absurdas, mais aceitáveis. Imputações, falsidades, mentiras inconcebíveis. Tudo, tudo. Menos a verdade, que a verdade era destruir e matar para ficar com os benefícios.

Mas antes de prosseguir, quero acrescentar algo sobre os irmãos Palacio, principalmente Samuel, também chamados Palache, que serão os trapaceiros incomuns. Fartos da perseguição católica, eles decidiram por sua vez explorar seus inimigos e ficar com a riqueza roubada das populações indígenas. Diminuir ao máximo o que os súditos do rei espanhol fizeram. Vencer batalhas em todas as frentes, especialmente na política, que é a que mais machuca. Participar de intrigas ou criá-las para atingir seus objetivos. Ansiosos por poder. Todos os meios ao seu alcance. Transgressores antes de tudo.

A família Palacio, estabelecida no reino de Córdoba desde séculos atrás e com ramificações na Itália, Grécia e Turquia, exibe com orgulho seu antigo escudo de armas. Seus membros se dedicavam aos estudos e às ciências hebraicas. E, no entanto, depois da Expulsão da Espanha e de seu assentamento em Tetuã, viraram piratas indo e vindo sem nenhum escrúpulo e realizando as façanhas mais audazes.

Com antevisão, Samuel Palacio compreendeu que as entranhas da espionagem eram a base para conseguir o êxito de suas maquinações. Eu mesmo, seu cozinheiro tão próximo, nunca pude decifrar suas artimanhas e saber a que bando ele pertencia. O caso é que se atreveu a regressar para Espanha para ampliar suas redes comerciais revendendo seus produtos pirateados ou, quem sabe, para salvar seus correligionários. Ou ambas as coisas. Chegou, inclusive, ao próprio rei Felipe e lhe prometeu entregar-lhe dados dos mouros que pretendiam atacar as costas espanholas. Nunca se soube se ele foi levado a sério ou não, até que foi obrigado a desistir quando lhe avisaram que a Inquisição estava atrás dele. Assim que conseguiu escapar, mudou por completo seu plano.

Essa vez eu o acompanhei à corte do príncipe Maurício de Nassau em Amsterdam (ainda que eu tivesse ficado preparando um menu substancioso, para o caso de se ter que celebrar) para oferecer-lhe seus serviços contra o rei espanhol. Além disso, meu capitão tinha pensado que, se a Holanda se unisse com Marrocos, o dano seria maior e isso foi o que ele propôs ao príncipe Maurício.

Como as manipulações de Samuel Palacio foram suficientemente convincentes, partimos de imediato para convencer agora o rei de Marrocos, de maneira que quase nem provamos o meu excelente menu. Tudo saiu às mil maravilhas e o tratado se estabeleceu. Maurício enviou navios com armas a Sidão de Marrocos. Mas. Os espiões estão em todos os lugares e o rei da Espanha soube da trama. Imediatamente enviou seus galeões e afundou as embarcações holandesas. Com muita dificuldade conseguimos escapar uns poucos.

De novo, meu capitão estava em apuros. Mas se saiu bem. O tratado entre muçulmanos e calvinistas foi firmado e nascia uma nova e mista potência naval. Samuel encarregou o seu irmão José de armar uma tripulação com marinheiros de aqui e acolá sob bandeira marroquina. Tal mistura de nacionalidade, idiomas e religiões foi coisa de admirar. Uma autêntica Babel marítima.

Pouco depois Samuel Palácio começou a levar famílias para Amsterdã e acabou sendo o fundador da comunidade portuguesa-sefardi de Amsterdã, amparado na liberdade existente no país holandês. Aos setenta anos continuava com suas incursões piratas e inventou sua própria bandeira com uma ave fênix, aludindo ao renascer do povo sefardi.

Suas aventuras continuaram multiplicando-se e suas riquezas aumentando. Em uma dessas aventuras, foi perseguido por uma embarcação espanhola e teve que se refugiar na Inglaterra, ainda que, mais prevenido do que ninguém, tinha um salvo-conduto. No entanto, o embaixador espanhol em Londres pediu ao rei Jacobo que prendesse Samuel. Mais uma vez, a boa sorte o acompanhou: o príncipe Mauricio de Nassau interveio por ele diante do monarca inglês e ele ficou em prisão domiciliar na casa do nobre Guilhermo Craven que não apenas virou seu amigo, mas lhe permitia passear pela cidade. Finalmente foi perdoado e posto em liberdade.

Nem é preciso dizer que foi recebido como herói em Amsterdã e que quase se engasga com a especial comida *Kósher* que eu lhe tinha preparado, incluindo uns deliciosos marzipãs de amêndoa.

Seu fim foi tão pitoresco quanto sua vida. Outro duplo ou triplo jogo de espionagem lhe aconteceu. Certamente, um golpe de humor. Como tudo em sua vida podia ser verdade e/ou mentira, invenção e/ou realidade, traição e/ou fidelidade. À escolha, dependendo do ponto de vista.

Isso foi do que me inteirei. De repente, Samuel Palacio ou Palache ou Palatio ou Palaggi ou Palyaj ou Balyash ou al-Palas ou Pallas que foram variantes de seu sobrenome segundo lhe convinha, algo parecido aos variados nomes de dom Quixote, pensou em uma brincadeira extraordinária com honorários. Nada menos do que propor de novo aos espanhóis ser espião deles. A essa altura eu já não sabia o que pensar dele nem sabia em que bando estava.

Pediu duzentos ducados por seu trabalho de espionagem. Espalhou-se o rumor de que o que Samuel pretendia, dos múltiplos nomes palacianos, era resgatar uma biblioteca de quatro mil exemplares e excelentes manuscritos, herança do sultão de Marrocos, que tinha sido sequestrada por piratas espanhóis quando viajava em direção a seu destino. Assim, a fingida aliança com a Espanha seria a recuperação dessa biblioteca para seu dono original.

Como pouco depois Samuel adoeceu e não se recuperou, eu já não soube mais do assunto da biblioteca, mas parece que finalmente o rei espanhol a doou ao monastério do Escorial. A arte da pirataria é uma arte verdadeira porque, quando joias bibliográficas e até pictóricas (lembro agora as de Zurbarán no Atlântico) são sequestradas, isso enobrece a profissão.

O enterro do rabino-pirata, devoto talmudista, foi um espetáculo e tanto. O carro fúnebre tinha seis cavalos. O príncipe Maurício e os magistrados iam a pé, seguidos dos sábios da comunidade judia mais seus 1200 membros, entre homens, mulheres e crianças. Eu nunca tinha visto algo tão grandioso como aquele enterro, nem cristãos honrarem desse modo um judeu.

Senti a perda dele e assisti todos os sete dias de *shivá* com suas orações diárias. No entanto, me consolei rápido, pois seu irmão José

e seus sobrinhos o substituíram nas ações de pirataria e espionagem, assim como nas relações entre a Holanda e Marrocos, e seguiram de vento em popa a toda velocidade.

Mas meu destino mudaria quando os judeus portugueses que se desenvolveram nas novas terras do Brasil começaram a crescer. Pensei que podia unir-me a seu tráfico e assim conhecer outros mares. Minhas aventuras tomaram outro rumo e me seduzia a ideia de embarcar de novo.

OUTROS MARES

Viver na república da Holanda era algo inusitado no panorama europeu. Quando eu estava em terra firme, ficava maravilhado com sua forma de vida. Que os sefardis pudessem ter tantas vantagens e, a pesar de certas proibições, que pudessem viver em paz era impensável. Poucas vezes tínhamos conhecido alguma coisa parecida. Sobretudo, formas da liberdade e de oportunidades sociais: viver em casas boas, ter nossas academias, nossos teatros, nossas tertúlias filosóficas e poéticas, vestir-nos como o resto dos vizinhos sem marcas distintivas. Ser objeto de pinturas como realmente somos, não como caricaturas humilhantes. Que um dos meus pintores preferidos, Rembrandt, vivesse em nosso próprio bairro e fosse nosso amigo. Tudo é inconcebível. E até cassinos e casas de prostituição próprias, só faltava essa! Enfim, começávamos a ser normais, como todo mundo.

Participávamos dos assuntos do país, de modo que muito rápido nos unimos ao desenvolvimento das novas terras descobertas. O Brasil foi nosso centro de atividades. De imediato me lancei ao mar para preparar pratinhos e mais pratinhos.

Agora meu capitão foi Moisés Cohen Henriques, inspirado nos atos de Samuel Palache, razão pela qual foi fácil eu me adaptar a ele. Na realidade, Moisés e seu irmão Abraham decidiram mudar de ambiente porque a pressão dos judeus ortodoxos ficou muito forte e chegaram a imitar o procedimento inquisitorial. Não quero nem re-

cordar o caso de Uriel da Costa, que, por questionar a ortodoxia, sofreu humilhações e castigos que o levaram ao suicídio. E mais tarde a escandalosa excomunhão de Baruj Spinoza. Por isso, sempre preferi a liberdade dos mares. Em questão religiosa não sou tão *Kósher* assim.

Pelo contrário, estou farto da religião institucionalizada. De qualquer instituição, na verdade. Nem vamos falar das políticas e de outra ordem. Por isso navego. Navego por todo tipo de mares. Por exemplo, os mares dos místicos. Esses sim me atraem. Por estarem fora da realidade. Absolutamente fora. Por não existirem. Por saírem pelas tangentes. Todo tipo de tangentes.

Eu também: sempre que posso fujo. Não suporto a falsidade. Nem a hipocrisia. Nem a mentira. Nem a traição.

Estou em um momento de crise. Já não me vêm à cabeça novas receitas culinárias e em meu livro eu só anoto protestos e incongruências. Não, não é verdade, também anoto acontecimentos importantes como uma constância para o futuro.

Essa necessidade de relatar, de transmitir o secreto, o estranho. Às vezes, histórias fantásticas. Outras, tão reais que parecem fantásticas. Enfim, o enredo complexo da mente e da imaginação. Tudo dá voltas sem saber o porquê. Tudo se amontoa como em um ato de loucura. Minha amizade com Miguel só me levou a acreditar em sua personagem e tomá-la como modelo. Mas não Alonso Quijano, porém Sancho. E isso é o que me atormenta: a ideia de que o verdadeiro bom personagem é Sancho e suas preocupações de curto prazo, mas realizáveis. Enquanto Alonso nunca realiza sua missão, então qual é o papel dele?

Alonso está disfarçado do que não é e até seu nome é outro. Parece um ator. Sancho é Sancho, nunca deixará de ser. Haverá quem diga que Sancho foi o criador de dom Quixote. Dulcineia tampouco serve. Simplesmente não existe. Nem nome, nem aspecto, nem atuação. Nada é ela.

E eu? Meu nome será meu nome? Eu existo? Por agora sim, mas me faço muitas perguntas e não sei se isso é bom.

Dizem que perguntar é o importante, não responder. Pois esse é o meu caso. Eu me pergunto, não deixo de me perguntar. Alguma

coisa vai mal, em lugar de cozinhar, só penso em escrever. Ainda que eu tenha pensado que ambos os atos se parecem. O ruim acontece quando começo a misturar uns com outros. Por exemplo, ontem por pouco não jogo pimenta nas páginas abertas de um livro e juntei ao caldo fervente a página que arranquei. Ninguém se deu conta, mas isso se deve a que a fome aceita tudo.

Confundo os limites e isso não é bom. Eu gostaria de temperar meu livro com azeite e vinagre, porém em seguida decido que seria melhor juntar a ele mel ou geleia. Depois não decido se tostar as folhas ou fritá-las. Estou diante do grande caldeirão a ponto de juntar um princípio de parágrafo ou a frase final. Alguma coisa eu tenho que adicionar para dar maior sabor a minhas comidas.

Tudo isso é questão de escolha e é o que me dá trabalho. Ninguém me pede satisfação e até elogiam meus cozidos. Quanto mais cozinho mais escrevo e as duas tarefas viram uma. Gostaria que alguém me parasse, mas cada marinheiro e cada capitão, cada grumete e cada piloto estão tão concentrados nas suas coisas que passo despercebido.

Até ficam alegres na hora da comida e logo pedem mais um bocado. Não consigo entender. Mas é assim.

Quanto ao meu livro, como ninguém o lê, não sabem os disparates que existem nele. A propósito, escrevo e escrevo disparates e disparates e nada de alguém se dar conta. Tudo desliza ladeira abaixo, com grande facilidade, em um alegre tobogã.

Divertir-me, em me divirto. Eu sozinho, às minhas custas. A verdade é que rio muito cozinhando ou escrevendo, o que é a mesma coisa. E como ninguém entra para me interromper, não há quem me detenha.

Então, quando me entedio de cozinhar, subo à coberta para contemplar as batalhas dos meus queridos piratas. Tenho um lugar especial, por ninguém descoberto, dentro de uma lancha de salvamento coberta por uma lona, na qual fiz alguns furos para ver sem ser visto.

Agora, por exemplo, o galeão espanhol que nos vislumbrou tenta a fuga, mas a velocidade de nossa *Reina Esther* é incontrolável e logo alcançamos o objeto de nosso saque. Já sei o que vai acontecer: a abordagem, os espadachins, os feridos e mortos, o sangue derrama-

do, os ais de dor, a tomada das riquezas. A rapidez, principalmente a rapidez, para o caso de se avistar outro galeão escolta. Imediatamente girar e navegar a toda velocidade para apagar o horizonte e escapar de uma possível perseguição, entoar um cântico, atender aos feridos. E conseguimos. Quase sempre conseguimos. O que nos tem encorajado e me faz temer o dia em que percamos a coragem e nossa embarcação seja afundada. Sei que nos chamam os invencíveis, mas somos, antes, os temerários. Também começaram a nos chamar os Soldados de Sião.

Um episódio do qual eu não participei foi o que ocorreu perto da costa de Matanzas, na ilha de Cuba. Mas me contaram. Disseram-me que Moisés Cohen Henriques avistou do barco *Amsterdam* a presença de uns galeões espanhóis. A frota holandesa que tinha 25 embarcações se lançou de imediato ao ataque e capturou nove dos galeões com todos os tesouros a bordo: prata, ouro, pedras preciosas, pérolas e toda classe de riquezas em quantidades extraordinárias.

A verdade era que os espanhóis estavam assediados por ingleses, holandeses e nós os portugueses e que nossa vantagem era maior. Sempre é melhor atacar que defender. Essas nações foram enriquecendo com toda facilidade por causa dos nossos saques. Quando mencionei isso a meu amigo Francisco de Quevedo ele criou o seu poema "Poderoso Caballero es don Dinero", do qual recordo alguns versos sobre a história do ouro:

Nasce nas Índias honrado,
onde o mundo o acompanha,
vem morrer na Espanha
e é em Gênova enterrado[8]

Mas recordo que eliminou os que lhe sugeri:
É no mar sequestrado
por ingleses e holandeses
e em seguida portugueses.[9]

É o problema com os poetas, não aceitam melhorias.

Deixando a poesia de lado e regressando a Matanzas me perguntava o porquê desse nome e desta vez a informação me foi dada por Bernal Díaz del Castillo. Ele me disse que um barco espanhol encalhou no porto de Guanimar e os índios que receberam os tripulantes pouco depois os traíram e os mataram. Em virtude do trágico acontecimento o lugar recebeu o nome de Matanzas.

E as matanças continuaram, porque ali mesmo Moisés Cohen Henriques participou de assaltos e saques. De Cuba terei oportunidade de escrever, já que ela é a primeira ilha que se encontra vindo de além-mar: grande refúgio de piratas franceses, ingleses, holandeses, portugueses e cenários de contínuas batalhas com os espanhóis.

A diferença entre nós, os esperandos, e os de outras nacionalidades é que nós nos limitávamos à obtenção de riquezas e evitávamos destruir, matar, violar. Realmente era um caos nos mares do Caribe. E não víamos que isso pudesse ter fim.

Como era de esperar, o mal é mais fácil que o bem. Isso, sem sombra de dúvida. E a guerra que a paz. Também sem nenhuma dúvida. O não que o sim. Por isso dos dez mandamentos são maioria os que negam.

Chego até aqui por enquanto, que já estou esquecendo a comida, como costuma acontecer comigo. Além disso, eu tenho uma pessoa que vai colaborar com meus dotes de escritor oculto. Se alguém me ler, no caso de esses apontamentos serem publicados alguma vez, o que é uma incógnita, vai saber que deixo, com toda intenção, umas quantas páginas em branco em meus escritos para que outro escritor ou escritora de séculos vindouros complete minhas ideias e lhes acrescente os episódios históricos que julgue necessários, ou então que detalhe suas próprias opiniões. Seria como o que em música se chama: tema e variações. Ou poderia ser um cânone: tomando e retomando a melodia.

Então deixo as folhas em branco.

FOLHAS EM BRANCO. CAIMITO DEL GUAYABAL

De fato, esse futuro escritor ou escritora existiu e sou eu, como bem sabe o atento leitor. O diário de Oseas, o cozinheiro *kósher* dos piratas, foi encontrado por mim. Devo advertir a quem não nos tenha lido anteriormente que este livro está sendo feito em parceria através dos séculos. Ele me serve para recolher outras histórias dispersas e incorporá-las a este livro.

Por exemplo, quando Oseas escreve sobre Cuba, posso enlaçar as palavras dele com as minhas, pois eu vivi em Cuba quando menina. Essa é minha oportunidade de fazer isso. Se não o fiz em outros livros, faço aqui.

Nessa época não existiam piratas, porém eu lia os livros de piratas. Os que todo mundo lê na infância. Via também filmes de piratas. Não gostava particularmente nem dos livros nem dos filmes, mas para acompanhar Oseas completo estas páginas em branco.

Do que escreverei é de alguns acontecimentos de minha infância. Cheguei no navio *Oropesa* a Havana e fui com meus pais viver em Caimito del Guayabal. Interior. De modo que não vi o mar. Do mar só tenho as lembranças da viagem e anos depois meu reencontro com o mar no México, em Chachalacas.

Muitos, muitos anos depois voltei a Cuba. Quis ir a Caimito del Guayabal para procurar minha casa e, se existissem, pessoas que conheci quando menina. Foi um trabalho detetivesco. De casa em casa, perguntando. Até que alguém soube por quem eu perguntava e me deu pistas para encontrá-los.

Mas antes procurei a fazenda de São José, onde vivi. Depois de dar voltas e voltas não encontrei nenhum lugar que parecesse com ela. Por fim, cheguei a um espaço vazio, mas com uma paisagem que pensei reconhecer. Talvez a casa tivesse sido ali. Nunca poderei saber. Mas não importa, quando eu morrer todas as minhas lembranças e meus esquecimentos se perderão. Então, para que acumular mais?

O que encontrei foi uma pessoa, uma só que ainda vivia e que se lembrava de meu pai e de mim. O filho dela foi chamá-la e depois de um momento chegaram. Era Adelina, a esposa de Juan José, o ca-

pataz da fazenda, a quem eu chamava Can Conché. Ela vinha apoiada em um andador, porque tinha quebrado o tornozelo e apressou a caminhar quando me viu de longe. Já perto me chamou: "Angelinita". Nós nos abraçamos e choramos. Quando eu saí de Caimito tinha cinco anos e quando a reencontrei tinha cinquenta.

Ela me contou coisas de meus pais que eu não sabia. Mostrou-me uma corrente de ouro que eles lhe deram de presente quando ela se casou com Juan José. Nós nos despedimos e se fechou uma etapa da minha vida e da dela. O que um pirata faria com essa história simples? Em que Oseas a teria convertido?

De repente, eu teria gostado de não ser eu, mas Oseas. Não tenho nada que contar. É uma história tão simples que não vale a pena. Vou tratar de transformá-la em outra coisa.

Poderia ser uma história truculenta. De algo inventado que não fosse a realidade e que se convertesse na realidade. Por exemplo, que Adelina guardasse o cordão porque foi a maneira de recordar não seu casamento, mas sim a noite que passou com quem deu a ela o presente. A noite em que perdeu a virgindade. Como um direito de pernada[10], reproduzido em nossa época. Isso seria verdade? Tratar de amarrar os pontos. Passar para a terceira pessoa, já não sou eu. Deixo de ser eu e sou a outra. Essa outra que tem maior liberdade. Posso atribuir qualquer história a ela.

Bem, a história se transforma no seguinte. Já não é Angelina, mas talvez Alberina, personagem de outros livros. Eu percebo as pseudomemórias. Quer dizer, será verdade e mentira fundidas. Mais que mentira, invenção, imaginação. Fio do qual fazer correr uma meada. A meada que é escrever. Pontos soltos transformados em um emaranhado completo. Digressões. Atalhos. Elucubrações. Claros do bosque. Escuridões temidas. Os segredos. O calado. O não-comprovável.

Escrever é o não-comprovável. O não manifestado. O não esclarecido. A negação antes que a afirmação. Como Maimônides: a teologia negativa. O não princípio nem fim da negação, diante da afirmação limitante. A física e a astronomia com seus descobrimentos. A matemática. A música.

Isso é a escritura. O nada.

Então, se é Alberina e não Angelina, tudo fica mais fácil. É a vantagem da despersonalização.

Assim, Alberina recorda o que não é.

E pode seguir adiante.

Em Caimito del Guayabal ela viu o invisível.

Houve histórias de desaparecimentos que nunca se resolveram. Os desaparecimentos são algo que vai acompanhar Alberina. A história de desaparecimento foi uma história de morte. Guarina, a gata negra da qual ela tem muitas fotos, teve gatinhos. Um dia quando Alberina foi vê-los encontrou um massacre. A maior parte dos gatinhos tinha morrido violentamente, outros tinham desaparecido e só a gata e um gatinho se tinham salvado. Estavam aterrorizados, os olhos desorbitados, em um canto, espremidos. Nunca se soube o que aconteceu, como ocorreu a tragédia e o que provocou o desaparecimento. Alberina não esquecerá a cena e passem os anos que passarem, ainda doerá e seguirá sem encontrar qualquer explicação.

Outra cena aconteceu quando a vaca Cunegunda pariu um bezerro com duas cabeças. Na semiclaridade do amanhecer Alberina e seu pai contemplavam o fenômeno sem entender. O bezerro viveu pouco, mas provocou a visita de jornalistas e fotógrafos. Alberina não queria que o pobre bezerro fosse um espetáculo e chorava ao seu lado.

Outra cena ocorreu quando ela viu seu pai sair de uma espelunca, abraçado com uma mulher que ela não conseguiu identificar (seria Adelina?), caminhando em direção de casa. Mas também podia tratar-se de uma fotografia.

Uma menina não ocupa muito espaço e via sem ser vista. Não compreendia nesse momento, mas a memória ficou para ser interpretada anos depois.

Ela teve um amigo. Um só amigo. Que vinha, às vezes, acompanhando a tia dele, amiga querida dos pais. Da mesma idade que ela, Alarico jantava com Alberina à luz de um candeeiro e assim apareceu em uma foto. Foto tirada ou não, porém como foto da memória. Alarico, que dizia que ia ser bailarino de balé e cumpriu o previsto. A quem Alberina não voltou a ver desde essa idade. E que, quando

adulta, leu num jornal que, realmente, tinha realizado seu desejo e era bailarino famoso no Balé de Montecarlo. Para depois ler que ele tinha morrido de aids.

Coisas assim aconteciam. Os pais e os amigos que chegavam para passar o fim de semana na fazenda São José costumavam jogar cartas. Alberina os via jogar e aprendia. Às vezes ela roubava uma carta deles, já que essa era a palavra que eles usavam. E se não se davam conta o jogo falhava sem que soubessem o porquê. Ela reunia algumas cartas e ia para um canto jogar sozinha imitando os adultos.

Os animais a atraíam e ela gostava muito deles. Sofria se eles sofriam. Não queria que fossem explorados. Não gostava que estivessem presos ou que fossem usados para o trabalho. Na fazenda havia cães e eram seus amigos. Cada um com seu nome especial: Guarina, Dali pequeno e Dali grande, Pequenino e o mastim, grande guardião da fazendo, de nome Tampouco. A gata era chamada Guarina e apelidada "Pirata", porque segundo contavam tinha vindo em um navio. A égua, Cuca, e o potrinho Chevalier. Essa mistura de nomes era também um jogo para Alberina e ela os embaralhava em silêncio chamando o mastim de Pequenino e o Pequenino: Tampouco, trocando Dali pequeno pelo grande, Guarina por Chevalier e Cuca por Guarina.

A clareira no bosque será seu refúgio preferido. Possuir uma clareira no bosque não é para qualquer mortal, nem sequer para uma filósofa que só falará de memória e de nostalgia. Filósofa que, certamente, estaria por essa ocasião em Cuba, como Alberina. Y como Alberina a converteriam na "ilha secreta". Leitor, você adivinhou, a filósofa é Maria Zambrano.

A vida na fazenda será a melhor que sempre vai lembrar Alberina. Esse mundo tão sereno, tão pleno, em paz. O que desejava Luis de León (a quem com certeza meu coautor Oseas conheceu e saberia um ou outro poema de sua autoria; isso se não foi ele quem o sugeriu, algo propício para uma vida retirada.)

Paraíso perdido.

Angelina e Alberina fundidas em uma.



A autora com sua mãe em Caimito del Guayabal

PENETRAÇÕES

Existem histórias simples de contar. Porém são necessárias. Essas histórias ocorrem quando estou em terra firme. Acontecem no quebra-mar de Havana. São histórias de marinheiros e de prostitutas. Esses marinheiros que chegam descontrolados como animais no cio e que só pensam em qualquer vagina para penetrar. É tão estranho o instinto, sem freios, sem sentido. Sem piedade.

Como se nada acontecesse. Apenas o rugir. Como matar ou torturar. Porém essa vez é um prazer liberador. É o domínio e é o corpo triturador. Não importa o que exista debaixo. Penetrar. Rasgar. Fugir. Nada que fique. Nem um resto. O esvaziamento.

O nada. A perda. A loucura. Para isso não importa se é mulher. Qualquer ser vivo usado como recipiente. Masculino. Feminino. Macho. Fêmea. Indiferente, mas penetrável. Pouco importa, tanto faz. Então, por quê? Para quê?

Para não pensar, se é que o gênero humano é pensante ou só atuante.

Esses marinheiros não se cansaram do movimento do navio e do mar? Para irem em busca de mais outro movimento? Desejável e involuntário. Essa perda é a que os atrai.

E elas, por que elas estão ali? À margem e na primeira fila. Despejadas e esperadas. Maculadas e necessárias. Necessárias? Exploradas. Humilhadas. Qualquer coisa. Elas são qualquer coisa.

Uma delas teve uma história simples. Seu único modo de vida. Para que servia se não para isso? Não é tão difícil, não? Simplesmente aguentar o peso e que o resto aconteça. Um atrás do outro, os marinheiros. Não importa quantos. Um atrás do outro todos pagam. Algo é algo. Depois lhe tomam o dinheiro e lhe entregam uma quantia mínima. Porém ela fica feliz com qualquer coisa. Com comer um pouco. Com tapar-se um pouco. Ela ri, ri de tudo. Às vezes, até no meio do peso e da penetração. Não consegue explicar. Não tem por que explicar. Mas é como se a situação lhe parecesse risível. Grotesca. Mas risível.

Alguns marinheiros, com senso de humor, também riem. Outros, solenes, batem nela fortemente. Por acaso, ela está rindo deles?

Ela não sabe bem. Porém não pode conter o acesso hilariante. Talvez seja a sua defesa. Seu menosprezo. Ou sua hilaridade. Ou cócegas vaginais?

Ela não sabe. Ela ri. Vai pela vida de pênis em pênis sem pena. Tranquilamente. Como ela não se preocupa com o fato de depois de dez penetrações em um dia não sentir a dor ou acreditar não sentir? Na realidade, não pensa. não sente. Não é nada, ela diz, se lhe perguntam. Nem castigo. Nem vício. Nem prazer. Nada. Absolutamente nada.

Se a insultam. Cospem nela. Maltratam-na ou a levam presa, tudo a entretém. Não fala. Não precisa. Para quê? Nada sabe. Nada entende. Ignora onde vive ou que dia é. Muda seu nome cada vez que lhe perguntam qual é. Chamam-na "a inominada". Para ela tanto faz. Ela ri.

E eles? Eles a penetram. Com sua cara meio sorridente. Sua careta sem expressão. Podem fazer qualquer coisa com ela. Não responde. Não protesta.

Mal balbucia sons. E isso é bom. Não recrimina. Não duvida. Não vacila. É o vazio. É o nada. Em qualquer lugar.

Fui com ela uma vez e não a toquei nem abri as suas pernas. Foi igual: meio sorridente, feliz, balbuciando. Ela me pediu dinheiro. E não parava de rir. Não soube se mais do que outras vezes. Ela me disse que estava com fome. Com meus dotes de cozinheiro preparei um jantar delicioso para ela. Estava feliz e ria sem parar. O que o riso significaria para ela? Era sua expressão máxima. Depois balbuciava e descobri que não

eram balbucios, mas que falava outra língua. Talvez sua língua materna, já que tinha sido comprada em terras longínquas.

Impossível entender-se com ela. Parecia que ela olhava e não olhava. Parecia que ouvia e não ouvia. Tudo era parecer, mas nada de ser.

Com que se deu muito bem foi com Elena de Céspedes, nossa capitã de *La Burladora*, que a embarcou e protegeu, deixando a moça de sofrer dez ou mais penetrações diárias.

Conseguiu recuperar-se durante uma temporada e seu sorriso se acentuava ao ponto de ser permanente. A única coisa ruim foi que começou a enjoar dia e noite, e até na calmaria. Receitei para ela que cheirasse limões dos que levava para combater essa doença mortal que começa por atacar os dentes, sangramento, debilidade e que muito bem poderia chamar-se escorbuto dentro de um século, porque eu comecei a dar-lhe esse nome. Os fenômenos gramaticais não são tão rápidos.

Tampouco me convinha que a tripulação tivesse escorbuto porque a perda de dentes os impediria de morder e triturar minhas especialidades gastronômicas, por isso sempre me abastecia de uma grande quantidade de cítricos.

E então, a minha pobre romena, não sei por que a chamo de romena, mas o comércio de escravas romenas é frequente, ela cheirava e cheirava limões e até chupava o caldo, mas nada acalmava suas tonturas e vômitos.

Não tivemos outra opção a não ser desembarcá-la na próxima ilha para que ela seguisse adiante com seu triste-risível destino. Quando a deixamos em Trinidad Tobago ela não parava de nos dizer adeus e de rir desenfreadamente. Ainda conseguimos ver como um marinheiro a levava com ele. Sua cota de penetrações ia começar de novo.

NÃO ESQUECER

Como esquecer? Como nós os esperandos vamos esquecer o terror espanhol? Depois de séculos podendo conviver com certa liberdade, de repente a expulsão ou a conversão forçada. A instauração da temível Inquisição. Impossível esquecer.

Os esperandos assumimos as rédeas, melhor dizendo, o leme dos navios e atacamos onde doía mais: em saquear os saqueadores. Não foi por ambição. Por afã de riqueza. Para estabelecer novas leis. Foi para destruir o império do terror contra nossa gente. Para sobreviver. Para restaurar a ordem.

E fomos conseguindo isso pouco a pouco. Juntarmo-nos à frota inglesa foi uma boa medida. Aprendemos com ela: táticas, ligeireza de movimentos, métodos de ataque. Nós nos autodenominamos os Soldados de Sião e começamos a ser temidos.

Nossa relação com os holandeses também foi muito frutífera. Com o vice-almirante Piet Hein, da frota holandesa, conseguimos alguns de nossos maiores êxitos e, em algumas ocasiões, sem derramar uma gota de sangue obtivemos altíssimos saques de prata e ouro provenientes dos impérios asteca e inca, graças à audácia de Moisés Cohen Henriques. Costumávamos esperar os galeões provenientes de Vera Cruz perto das águas de Cuba e as façanhas se desenvolviam rapidamente. Então nos transladávamos a toda velocidade em direção à costa holandesa e éramos recebidos como heróis. Em algumas ocasiões o

carregamento de riquezas era tão importante que eram necessários dias para descarregá-lo. Desse modo a Holanda se ressarcia de suas perdas econômicas e da derrota em outras incursões, como a famosa da Bahia.

Quero lembrar que sempre separávamos uma parte de nossos ganhos pirateados para obras benéficas e educativas, a publicação de livros e outras atividades de apoio a centros judeus da Terra Prometida.

O ponto estratégico de nossas atividades ficava entre Vera Cruz e Havana, pois sabíamos que a frota espanhola reunia também as riquezas provenientes de Manila. A famosa Nau da China desembarcava em Acapulco e sua apreciada mercadoria, ouro, marfim, especiarias, sedas, joias, peles, era transportada para a capital e daí para Vera Cruz. Para esses trabalhos era fundamental o labor de espionagem: alguns conversos que residiam em Havana eram os encarregados de avisar a Moisés Cohen sobre os movimentos portuários, o que lhe dava tempo de reunir embarcações para o ataque em alto mar.

Outra façanha devida a nossa intrepidez foi a tomada de Pernambuco, compensando a perda da Bahia. Moisés Cohen proporcionou os dados geográficos e urbanos que levaram os holandeses à vitória. Foi tanta a sua bravura que chegou a ter sua própria ilha como base de operações e a chamou, com grande senso de humor, com o nome que usava quando vivia em Portugal: "Antônio Vaz".

Durante o tempo em que os holandeses permaneceram em Pernambuco, graças ao Príncipe Maurício, houve liberdade de credo e o comércio e a indústria floresceram. O cultivo da cana de açúcar foi intensamente desenvolvido pela comunidade judaica até o ponto de me presentearem o açúcar necessário para minha cozinha marítima. Também foi instaurada uma das primeiras sinagogas, um cemitério e uma academia de estudos bíblicos.

A colônia se manteve de 1630 a 1654, porém foi recuperada pelos portugueses. Começaram de novo nossas desgraças e estávamos ao Deus dará. Eu esquecia que já contávamos com uma nova Amsterdã, porém muito ao norte, fundada uns cinco anos antes pela Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais no sul da ilha de Manhattan e que muitos esperandos, quando começaram as perseguições católicas, se mudaram ao novo remanso. Resumindo, essa época foi de contínuos vaivéns. Se não for de tormentas e tormentos.

Por sorte, viver quase todo o tempo a bordo encerra a gente em uma torre aquática ou em um mastro de marfim que afasta dos males terrenos. Não ter notícias, ou escassas, não aterroriza tanto. Desenvolve seu pensamento e a imaginação. Mar-céu rodeiam você e sem terra à vista tudo flui com facilidade. É uma vida muito recomendável. Para mim, ideal. Cozinhando iguarias e palavras. Minha caderneta de apontamentos aumenta e, às vezes, deixo pouco espaço para minha futura coautora.

Em contraste com o horror católico de queimar a torto e a direita (lembro que me contaram que o último imperador asteca, acredito que seu nome era Cuauhtémoc, foi torturado, seus pés e mãos encharcados em óleo e queimados para tempos depois pendurá-lo); repito, em contraste com esse afã de queimar a torto e a direita, os holandeses atuaram de maneira totalmente oposta e nos consideraram, os esperandos, com cidadãos com plenos direitos, concedendo-nos uma "patente honrosa". Eu nunca soube de algo igual. Há mais que ver.

Na verdade, este momento histórico, que me coube viver, me maravilha. Ainda que cheio de guerras e violências também com momentos de iluminação e de grandes empresas e descobrimentos. Algo semelhante ao que observou Erasmo de Rotterdam sobre os contrastes que lhe couberam durante sua longa vida. Claro, tinha que ser dos Países Baixos.

Por outro lado, no novo mundo sob o domínio espanhol, logo se instalou a Inquisição e em seguida começou a perseguição aos suspeitos de judaizar. No Peru e na Nova Espanha foram realizados os maiores e mais cruentos autos de fé e queimas em praças públicas. Não houve modo de escapar. Centenas morreram como mártires e mesmo assim não acabaram conosco nem com a nossa esperança de que viriam tempos melhores. De que sobreviveríamos. Talvez isso seja o que eles invejam em nós.

Aqui quero escrever sobre dona Blanca Méndez de Rivera, sevilhana casada com um português. Ela tinha conseguido fugir da Inquisição junto com suas cinco filhas, chamadas as Blancas, pensando que na Nova Espanha não seria perseguida. Porém sua relação com os conversos portugueses que tinham chegado à capital e a suspeita do criptojudaísmo a levaram à prisão. Sofreu vinte e quatro audiên-

cias, torturas e açoites públicos junto com suas filhas sobreviventes, já que três delas morreram na prisão, e foi expulsa das Índias Ocidentais. Em sua viagem de regresso para Espanha quisemos atacar a embarcação para liberá-la junto com outros prisioneiros, mas não conseguimos. As notícias nos chegaram demasiado tarde.

Pergunto a minha futura coautora: como estão as coisas no seu século? Eu não vou saber.

Folhas em branco. Absurdos

Respondo a meu antecessor Oseas. Mal, muito mal. As coisas no meu século continuaram de mal a pior. Absurdo atrás de absurdo. Momentos de luz e momentos de escuridão que chegavam a parecer perenes. Retiro o que disse. Como foi sempre. Igual ou pior ou péssimo. A Inquisição foi trocada pelos campos de concentração e de extermínio nazistas. Agora nem sequer havia julgamentos. Utilizar o trabalho escravo dos judeus até a morte. Ou diretamente dos trens de transporte massivo aos fornos crematórios.

Histórias que eu poderia contar. A de uma menina sobrevivente de um campo de concentração que chegou a minha escola. A única da família que se salvou. Que cresceu. Que se casou. Que teve filhos. Que teve netos. Que começou a sonhar depois de uma vida insone. Sonhos na velhice. Sonhos de morte. Tarde, muito tarde.

Depois de eu tê-la conhecido no colégio passaram anos e alguém me disse que ela morreu em terras longínquas. Poderia arredondar sua história, mas como? O que aconteceu com ela? O que fez? Que coisas ela pensou o resto da vida? Impossível saber. Só inventar. Inventar absurdos. Ou não tão absurdos. Colocar-me no lugar dela.

Dormir sempre levemente e despertar sobressaltada com uma cena de Auschwitz. Não reconhecer o quarto em que vive livre. Na escuridão pouco a pouco surgem formas. Nas trevas, um móvel, outro, uma parede, uma porta, uma janela. Não o catre e o amontoado, os corpos em ossos, o frio, o mau cheiro. Nem uma janela, nem uma paisagem, nem um sorriso.

Como um ser pode fazer isso com outro ser?

Como o endurecimento? A crosta sem dor. Porque tiveram que construir uma crosta para não sentir a dor. Tanto uns como outros. Mas crostas diferentes. As dos verdugos para matar. As das vítimas para sobreviver. Tartarugas, enfim.

Carapaças como a do estranho monstro metamorfoseado de Kafka. Irreconhecíveis. Os verdugos em sua presunção. As vítimas em seu despojamento. A superalimentação e o sobrevestuário frente à fome e à desnudez. O instrumento de tortura frente ao gesto ainda piedoso do prisioneiro que entrega seu pedaço pão duro a quem está a ponto de morrer. Porém que morre do mesmo jeito. Inutilmente? Acaso alguma morte é útil?

Esse foi o grande erro dos nazistas. A morte não serve para nada.

Por isso as vítimas sobreviveram.

Os verdugos morreram. Quem são eles hoje?

Ninguém.

Nada.

Absolutamente nada.

Por isso a menina-anciã não morreu. Transitou entre cadáveres e reviveu. Teve filhos e netos que foram isso: filhos e netos.

Os filhos e netos dos verdugos se ocultam. Nãos querem ser reconhecidos. Não existem. Negam-se.

Ela tinha pesadelos até que chegou o último dia e somente sonhou. Sonhou todo um dia e toda uma noite. Não se atreviam a despertá-la. Nesse longo sonho ela se desprendeu de todos os sonhos anteriores e sentiu como se tivesse nascido. Uniu o último momento com o primeiro momento e o longo pesadelo se apagou. Voltou ao campo primeiro de sua infância. À sombra da árvore e ao som da água pura.

Encontrou o sentido da vida. Eles, os outros, foram amaldiçoados e nunca recuperaram nada. Absolutamente nada. Eles não eram ninguém. Nada. Nem mesmo uma pedra. Que uma pedra tem sentido.

Morreu em paz, depois de seu longo sonho.

Os outros nunca souberam o que era a paz. Então morrer tampouco foi o fim. Eles viraram intermináveis. As vidas deles não existiram. Eles não tiveram vida. Eles não souberam o que era a vida. O absurdo. Ter passado pela vida sem saber. Tampouco saber o que era a morte. Eles imersos nas mortes. Eles invejavam a vida sem conhecê-la. Eles acreditaram que a morte era a recompensa. Eles adoravam a morte. O absurdo. A morte não é nada.

Eles acreditaram que a morte triunfava. A deformação. É a vida que triunfa. Pedaço de vida que ressurge da ruína mínima. Resquício que sempre se salva. Cidade abandonada que renasce.

A menina-anciã que não morre. Os genes se reproduzem. Genes limpos. Sem culpa. Enquanto os genes dos outros se retorcem. São negados. São ocultados.

Incongruências. O império que eles acreditaram forjar se desfez como um castelo de cartas ao vento. Uma menina-anciã jogou melhor suas cartas. Porque, na realidade, ela não jogava, ela vivia.

Inutilidade de inutilidades. Quem segue uma ideia que não existe? Por que a ideia não existe. Mas todos os que seguiram a quimera de um falso iluminado transbordaram os precipícios e viraram cadáveres, e não os martirizados e cremados. Seu horror foi o vazio. O vazio absoluto. O absurdo.

Não existe coisa pior que o absurdo.

O absurdo ridículo.

Sem pé nem cabeça.

Sem ordem.

Sem razão.

Improdutivo.

Estéril.

O absurdo não leva a lugar nenhum.

Nem mesmo a uma porta fechada. Porque uma porta fechada é uma esperança. E o absurdo carece de esperança.

Se eu respondesse à pergunta de Oseas lhe diria que não importa como vão as coisas no meu século. Vão. Foram. Passaram. E a vida triunfou. Os esquecidos serão os esquecidos. Os reconstrutores são os reconstrutores. As ruínas não são ruínas porque abrigam a vida mais poderosa que a morte. O paradoxo é sempre fonte de continuidade. De pergunta. De resolução.

A menina-anciã reconhece a bondade a cada amanhecer. Diga-se o que se disser, o bem ganha a batalha, ainda que o bem não seja notado e o mal seja visto. Esse é o erro, tomar sem refletir a decisão final e acreditar no mal. Afinal, o mal não existe: é um desaparecimento. Como é imperceptível, o bem parece incompreensível. O bem, como operação científica, precisa ser verificado e é mais fácil rasurá-lo. Negá-lo. Acusá-lo. Destroçá-lo. Enganá-lo. O mal, por outro lado, é fácil, cativante, massificado. Repetitivo. Ele se espalha como rastilho de pólvora. O bem é único. Como Deus.

O bem é matemático. Perfeito. Comprovável.

O que o mal nunca será. Daí sua revolução,

Folhas em branco. Dois cães suicidas

Tenho ainda um espaço e vou falar de um cão suicida. Melhor dizendo de dois. Que são os dois casos que conheci. Dois cães que perderam as esperanças.

O primeiro foi uma história que minha mãe me contou. Ela tinha acabado de casar e vivia num apartamento alto da Rua Hermosilla em Madri, antes da Guerra Civil. Ela sempre gostou de animais e meu pai lhe tinha dado um filhote de presente. Pouco depois de recebê-lo se deu conta de que era cego. Também existem cachorros cegos e então são guiados por um homem dotado de visão.

O outro cão suicida é o que escuto chorar todos os dias enquanto escrevo isto e seu tom de tristeza parte meu coração. É verdade que o coração dói. É verdade que ele se parte. Principalmente se for alguma coisa que você sabe e não puder remediar. Alguma

coisa que dói em você, mas não dói nos outros. Como explicar uma dor d'alma?

A primeira história é a do cão cego. Minha mãe teve cães desde menina e ao longo de sua vida. Na casa de Guadarrama quando vivia com seus pais adotivos, teve uma pastora inglesa, chamada Sita. A cadela era carinhosa, inteligente e era sua companheira de brincadeiras. Foi a primeira a se dar conta quando um incêndio por pouco não acaba com a vida de minha mãe e de seus pais adotivos. À noite, quando todos estavam dormindo, uma faísca da chaminé caiu sobre o tapete e o fogo começou a se espalhar, ninguém notou nada. Somente Sita, a cadela, percebeu logo e correu para avisar aos donos. Latiu desesperada e arranhou as portas para que os amos saíssem. Graças a seus latidos e aos arranhões, eles acordaram e se salvaram. Minha mãe foi enrolada em um colchão e jogada pela janela. A cadela também se lançou e ambas saíram ilesas.

O segundo cão de minha mãe foi o que meu pai lhe deu de presente quando eram recém-casados. No princípio ela não se deu conta de que ele era cego. Pouco a pouco ela descobriu quando observou que o cãozinho somente se guiava pelo ouvido e que, com frequência, batia contra móveis e paredes. Ela começou a testá-lo e, ao constatar sua cegueira, cuidava dele de maneira especial.

Entre os dois se estabeleceu uma união tão estreita que eles não se separavam. Minha mãe pegava nos braços o cãozinho, ao qual ela deu o nome Omer e levava o animal consigo para todos os lugares. Não queria deixá-lo sozinho em casa para que não se ferisse ou caísse. Omer aprendeu a estar o mais perto possível dela e a esperar que ela ordenasse para ele se mover. "Sim" ou "não" foram compreendidos e ele se movia ou parava de acordo com o tom de voz da dona.

Até que um dia aconteceu o inevitável. A porta da varanda ficou aberta um dia que minha mãe foi sozinha para a rua. Quando ela caminhava de volta, Omer, sentindo de longe a sua presença, correu para a varanda e se lançou em direção a ela no meio das grades. Impossível segurá-lo. Quando minha mãe o levantou do chão, Omer só teve tempo de virar o focinho para ela pela última vez e de tentar beijá-la com uma lambida que ficou interrompida.

O outro cão que se suicidou foi o de uns vizinhos do edifício em frente da minha casa. Todos os dias ele chorava com o mais de-

solador dos sons. Cheguei à janela para ver se descobria onde ele estava. Uns andares mais abaixo, em uma varanda, havia uma caixa de papelão e um cão branco pequeno e esquálido diante da porta fechada. Não tinha comida nem água e a caixa de papelão era insuficiente devido ao frio e à chuva.

Não sabia o que fazer, porém seu choro me estremecia e eu me sentia mal por não fazer nada. Até que um dia decidi. Atravessei a rua, toquei a campainha do porteiro e falei com ele do cão abandonado que chorava. Ele negou que fosse daquele edifício e me mandou para o outro edifício. Fiz o que ele sugeriu e, de novo, perguntei ao porteiro pelo cão, acrescentando que queria falar com seus donos. Mas ele também negou que fosse ali.

Voltei ao meu apartamento sem saber o que fazer. Nesse momento havia silêncio e pude continuar escrevendo sem essa dor no coração pelo sofrimento do cão. O silêncio continuou durante dias e isso me intrigou. Teriam deixado o cão entrar no apartamento, ele teria sido dado a quem pudesse cuidá-lo, ou teria sido recolhido pela Sociedade protetora dos animais?

Tempo depois, fiquei sabendo o fim da história. Eram dois cães irmãos e os donos deram um deles. O que ali ficou, fechado na varanda, chorava pela separação. O dia que abriram a porta, ele correu desesperado por todos os cômodos e como não encontrou o irmão voltou à varanda e se lançou ao espaço.

Histórias como essas me aproximam mais dos animais do que do ser humano. Seus sentimentos são mais profundos que os nossos. Mais definidos. Mais poderosos. Sentimentos em estado de pureza. Sem duplas intenções. Sem arrependimentos. Sem hipocrisias.

Então, a dor no coração me oprime. Sei que não há nada que fazer. O animal será o animal e o homem, esquecido de que é animal, se condena.

MISTÉRIOS

Como em um barco acontecem tantas coisas e mais ainda em um barco pirata, conto agora um assunto misterioso. Ocorreu quando abordamos uma nau espanhola que não respondeu a nosso ataque nem tentou fugir. No princípio nosso capitão Samuel Palacio acreditou que seria uma presa fácil, mas logo começou a duvidar e pensou em um truque para nos emboscar ou, melhor, nos fazer afundar.

Em dúvida entre as duas possibilidades, decidiu por uma aproximação cautelosa. Ele não tinha recebido nenhuma notícia de semelhante embarcação, e como sua rede de espionagem poucas vezes falhava, era estranho não saber do que se tratava. Fosse o que fosse não se podia perder uma oportunidade de um saque. Alertou os canhões e preparou a tripulação para uma abordagem rápida e contundente.

Enquanto nos aproximávamos o barco permanecia imóvel. Era estranho, e isso começou a causar medo. A incerteza penetrava nas mentes dos marinheiros e paralisava seus gestos e sua fala. Eles se olhavam inquietos à medida que *La Reina Esther* se avizinhava da embarcação inimiga, que viajava sem bandeira. Chegaram a pensar inclusive se não seria uma embarcação dos seus.

Quando nosso capitão deu a ordem de abordagem estávamos preparados para qualquer surpresa. O silêncio era angustiante e, segundo me contaram depois, também os nossos se moviam sem fazer ruído, sem sequer proferir os alaridos que causam temor nos adver-

sários. Frente ao silêncio, abandonei meus deveres na cozinha e me assomei para ver o que estava acontecendo. Não recordo sensação semelhante em meus anos de travessias marítimas. Para realçar os fatos, o mar permanecia em calma, como se estivesse de acordo com a situação esquisita.

Eu não podia desgrudar da coberta tratando de esquadrinhar o horizonte à procura de alguma resposta. Nossa tripulação atuou com passos medidos, as espadas desembainhadas, olhando à direita e à esquerda rapidamente. O que acharam foi um barco estático, vazio, sem ninguém a bordo. Tudo em perfeita ordem e limpeza, reluzente, impecável. Como se acabasse de ser construído e nada tivesse sido utilizado. Brilho e claridade em cada canto. Irrepreensível. Impoluto.

Nossa gente ainda não tinha baixado as armas quando todos começaram a ouvir uma música longínqua: primeiro muito suave, pouco a pouco subindo de tom e, por fim, em um nível o mais próximo do ideal para o ouvido humano. Era uma música envolvente, sedutora, nunca antes ouvida, que fazia esquecer os infortúnios e os desgostos. Que convidava a descansar, a fechar os olhos e a sonhar. Os piratas baixaram as armas e se sentaram no chão para escutar melhor a música, música das esferas, apaziguadora.

Não entendiam e tampouco importava que não houvesse músicos que a interpretassem. Só se abandonavam aos sons como se a isso se dedicassem. Como se já não importassem a guerra, os assaltos, as perseguições e tudo se convertesse em um ritmo ao compasso do próprio mar, de suas ondas, de suas mudanças de maré. E nesse ritmo, as notas musicais iam e vinham com toda placidez. Talvez, mas não fizeram isso, se tivessem levantado para dançar. Uma dança improvisada que nunca tinha existido. Mas isso lhes pareceu insólito e eles desistiram de qualquer movimento. Ficaram paralisados.

Se acaso havia algum movimento ele era interno. Uma espiral que fazia girar folhas de outono. Um redemoinho inexplicável. Um enjoo suave, inevitável. Um desmaio sem perder a consciência. Um já não ser. Carecer de nome e até de palavra. Um revolucionar na mente de todo vocabulário conhecido em qualquer ordem, como se um dicionário desfolhado desse voltas e voltas no ar e as palavras se

desprendessem e adquirissem seu próprio ritmo e voassem sem parar. Como uma carência de peso e de gravidade.

A sensação se tornava tão prazerosa que parecia um sonho do qual nunca despertariam. Seus rostos esboçavam apenas sorrisos de enlevo. Os olhos se entrefechavam. Nenhuma testa se franzia. Pouco a pouco, os membros se relaxavam, os braços deixavam de estar tensos, as pernas se dobravam, as armas caiam ao solo lentamente. Parecia um exercício de paz eterna. Uma trégua da inocência que nunca se interromperia.

Seu silêncio contrastava com a música celestial que cada vez subia mais de tom para alcançar mais rápido as altas esferas do universo. O som era insuportável, mas nem despertava a tripulação. Eles se balançavam como em um berço. Dormiam como um recém-nascido. Era a felicidade nunca conhecida antes.

A música abarcava tudo. Era a única possibilidade de existência. A consagração do tempo. O esquecimento de todas as coisas. A máxima experiência mística. Se pensássemos em Fray Luis de León seriam estes versos:

> Aqui a alma navega
> por um mar de doçura, e finalmente
>
> nele assim se afoga,
> que nenhum acidente
> estranho ou peregrino ouve ou sente. [11]

Versos que, quando eu falava com Fray Luis e lhe contava o que nos aconteceu, de imediato pegou pena e papel e este foi o resultado. Porque o mundo escapa e nada é o que é. Se nada é o que é há que buscar outro ser. Outro ser e outro estar. Esquecer a ação. Estancá-la. Criar outro mundo sem fronteiras, sem espaços, sem delimitações.

Simplesmente deixar fluir a alma das palavras. No mar da inatividade. O ponto final que é a morte. Como o episódio do barco vazio e a música flutuante. Os guerreiros que abandonaram as armas. O descanso último. Por fim respirar em paz. Lentamente. Sem pressa.

Porque tudo me asfixia, compreendi nesse instante o incompreensível. Que por incompreensível é intransmissível. Como essa ideia de Deus que não é Deus. Que não é nada. Mas o absoluto vazio.

Como se começasse a compreender o que é o vazio. O que mais me deixa obcecado é o vazio. Porque do pleno estou farto. A meu lado só vejo coisas e coisas. E mais coisas. E não suporto isso. Quem dera não ver nada. Como o horizonte marítimo: nada.

Que nada é a morte. Como compreendê-la?

Que tudo é a vida. E tudo não serve para mim.

Se eu pudesse compreender o que é nada.

Se pudesse escolher a onda precisa que me ensinasse a inabarcabilidade.

O ponto de elevação sem queda.

É a queda o que eu temo.

A queda é a surpresa imensa. É o fim no final. É não saber o ponto de gravidade em que a gravidade terminará.

Minha maneira de escrever deve mudar. Não. Não mudar. Mas ser. Ser em rodopios. Ser que esqueça os cadernos em que tomei notas até agora. Esquecer meu ofício. Começar do zero. Como se nascesse neste momento. Porém, tampouco. Porque não posso abandonar o mar. Apenas o mar me permite este divagar, esta falta de ataduras. Este flutuar sem sentido. Este ritmo imperecível. Este grande mistério. Para o qual não é necessário procurar causas. Apenas deixá-lo ser.

Esta grande morte que é o mar. Ou esta grande vida. Onde os extremos se tocam. Este traslado da terra em forma de barco.

Por que o mar? Porque ele é o todo. Do princípio ao fim. Origem dos pequenos seres que não promoviam a destruição.

Onde olho há destruição. A terra firme não me interessa. Não é firme. É desprezível. Torrões que caem a pedaços. Debulhamentos. Grandes buracos nas paredes, nos interiores, nas fachadas. Nada se sustenta. Mentira e falsidade. Engano. Enganos para a falsidade. Falsidade a do gênero humano.

Hoje me sinto pessimista e se nota. Ponho ponto final a este mistério do barco de música que não se poderá resolver. Que bom. Ou a música será a resposta.

INVEROSSIMILHANÇAS

A VERDADE É QUE UMA NUVEM me envolve e giro, giro, giro. Seres fantásticos: medusas, sereias, tritões. A leveza de um mergulho. Como em redemoinho caio no fundo do mar.

Também há aventuras que acontecem no fundo do mar. Como um casal de amantes que se abraçasse lentamente entre as águas e se beijasse e copulasse. A semente duplamente úmida buscando seu assentamento.

O delírio do mar é inevitável

O amor marinho é compreensível.

Retomo a palavra fluida que se empapa e se dirige para onde ela quiser. É um dever deixar que ela voe, que afunde. Que retome sua liberdade e receba independência. Que já não se governe por regras nem ordens. A desordem absoluta. Que é a ordem inicial. A do grito primitivo sem segundas intenções. A palavra necessária. Palavra primeira. Não escrita só ouvida.

Para que a escritura? A limitante do som. A estática. A invariável.

Porém sem ela, sem a escritura, tudo se perde. No ar. Ar inútil. Escritura que compromete: invariável. Escritura cega para os não cegos. Cega-cega para os cegos. Até que se invente um sistema para ver o papel. Porque estamos na era dos inventos. Era só o que faltava.

Eu dizia que giro e giro: enjoo ontológico. Eu o digo e quem mais o haverá de repetir. Algum pensador. Pense que você se pensará e acertará.

Pequenos espaços vazios dão voltas na minha mente. Não sei se outros escritores de minha época ou de épocas vindouras terão sentido ou dito isso. Porém esses pequenos espaços vazios são poderosos: refletem a plenitude, ainda que pareça paradoxal. Sei que minha linguagem me escapa e me amplia. Reflete estados de ânimo sem ânimo. Ânimos e desânimos (como poderia ser um título). Na verdade, eu me deixo arrastar pelos espaços plenos de palavras: é como se sempre estivesse pensando em escrever, mesmo sem fazê-lo. Pelo simples prazer de fazê-lo. Sem nenhum outro fim subsequente. Ao contrário dos que realmente são escritores: sempre pensando nos fins presentes, nos reconhecimentos, nas multiedições, nas leituras múltiplas. Eu não, como ninguém sabe que sou escritor, não me preocupo por nada, apenas dou ideias aos verdadeiros escritores: eu, o cozinheiro *kósher* dos piratas.

Quando vejo os escritores se esforçarem, eu me lembro de uma frase de Teresa de Jesus (pobrezinha cristã nova que sofreu horrores): "Basta a cada dia o seu próprio mal". Esses escritores que trabalham duro. Eu, nada. Eu trabalho muito entre frigideiras e pratos. Embora, às vezes, eu quisesse dar paneladas nos inconvenientes.

Que mundo é este: cheio de incongruência, de imbecilidades, de mentiras, de hipocrisias, de erros, de corrupções e vamos parar com isso. Não sei em quem acreditar: a panelada pode ser para mim, a cada dia. Ainda que os cozinheiros sejam respeitados: era só o que faltava. Desde que eles não envenenem a tripulação. Que, naturalmente, seria muito fácil. Talvez eu tente um dia.

É uma rotina cozinhar? É uma rotina comer? É uma rotina escrever? *Qui le sait*?

Mas também poderia me perguntar: é uma rotina viver? É, mas deveria deixar de ser. Por isso agradam os romances de pícaros, os que não têm rotina e inventam a maldade diária sem nenhum plano: a tudo que aparecer. Bom, já deixarei de divagar. Poderia jogar algumas palavrinhas na sopa. Incrível o que acaba de me ocorrer: fazer massa para a sopa em forma de letras e assim instruir os marinheiros. Que formassem palavras com as letras segundo iam comendo. A comida letrada. Ninguém tinha pensado nisso, exceto um cozinheiro escritor como eu. Alguém algum dia vai inventar. Se não for hoje vai ser amanhã.

Às vezes passam anos. Anos cheios de coisas de todo tipo que vão sendo resolvidas pouco a pouco. Você conhece uma pessoa e deixa de vê-la. Vinte anos depois volta a encontrá-la. Você só fala da surpresa de tê-la encontrado. Não do que ela fez durante esses vinte anos. Depois você se despede, talvez melancolicamente. Então, já longe, sem saber se vai voltar a encontrá-la, você se recrimina por não ter perguntado isto ou aquilo. E que ela tampouco tenha lhe perguntado. Que estranho. Com certeza você não vai voltar a vê-la, ou vai vê-la a cada vinte anos?

A imaginação não para e não sei o que se pode fazer com tanta agitação de pensamentos. Eu penso. E quem está em frente a mim o que pensará? Vejo que a pessoa me olha, o que ela vai pensar? Pensará em mim?

Estou apavorado com o que ela pensará de mim. Bem ou mal?

Mas por que penso que a pessoa pensará em mim? Eu acredito ser o centro do universo? Claro, do meu ponto de vista eu sou o centro do universo. O que mais ou menos eu poderia ser?

Por que sempre me sinto observado? Na mira de todo olho, de toda luneta e de todo telescópio. Poderia acrescentar de Deus, embora com tanto trabalho que Ele tem, e, parece descuidado por tanto assunto sem solução, por que teria que olhar para mim? Ainda que talvez fosse bom me olhar e não a todo o desastre deste mundo contrafeito.

E sim, digo, contrafeito: malfeito, desfeito.

Imperfeito. Quem disse que deveria ser perfeito? Grave equívoco. Nem as máquinas são perfeitas. De acordo, como vão ser perfeitas se quem as faz é um ser imperfeito?

Tudo é perdurável. Mais uma pergunta: por que teria de ser imperdurável? Não ia ser uma chateação?

Variação. Tudo é variação. Se existe variação existe imaginação.

Por isso esses músicos que estão na moda, como Salinas, o da Ode do meu amigo frei Luis e outros vindouros se envolvem nos temas e variações.

Agora me dou conta: a música e o mar se parecem.

Acredito que já tinha dito isso. Mas é preciso repetir o já dito

para que se grave na memória. Os temas musicais são recorrentes e assim começamos a cantarolá-los. Tudo o que se repete, se aprende.

Menos minhas receitas que, com frequência, eu esqueço por estar escrevendo minhas histórias e meus divagares internos. Com certeza as receitas eu não vou escrever. Não vou perder tempo em semelhantes afazeres. Como saem diferentes cada vez que quero repetir alguma, mudo o nome da receita e todos ficam contentes. Ficam surpresos com a variedade que tenho delas que na verdade não são as mesmas, mas outras. Por sorte, a fome perdoa tudo, sobretudo depois das batalhas cruentas dos piratas.

Bom, volto ao girar. Ao girar e ao não girar. Porque se eu não giro me paraliso. Eu me paraliso de uma forma especial. Paraliso-me porque não reconheço o que vejo: nem as pessoas, nem as coisas, nem nada. De repente, não sei quem é o capitão Samuel Palacio que está na minha frente e fala comigo. Como em brumas lhe respondo, mas tampouco sei quem sou eu. Deixo-o com a palavra na boca e corro para me esconder onde ninguém me veja nem eu veja a ninguém. Perdi a mim mesmo: não sou eu. Onde me encontrar? Será que eu já morri e só o meu espírito me mantém?

Como quando sonhei com meu enterro e do ataúde eu via e até falava, porém não me movia e ninguém me escutava. O desespero me embargava. Não deveriam enterrar-me, porque minha mente estava viva.

Então eu tinha que me justificar de ter corrido e deixado o meu capitão com a palavra na boca. Para isso o tema da cozinha era salvador: dizer que estava queimando meu delicioso molho de trufas que estava preparando era suficiente para me fazer perdoar.

Agora percebo que tudo o que ocorre nesta vida é inverossímil. Ninguém sabe onde está a realidade nem o que é verdade ou mentira. Nós imaginamos, inventamos, desafiamos tudo. Necessitamos um ponto de apoio e damos a ele o nome de fé, crença, cerimônia. O que faríamos sem esses esteios?

Surpreender-nos. Que é algo agradável, se não for desagradável. O sobe-e-desce, isso é o interessante. E aqui para, porque meu enjoo está inominável. Minha cabeça dá voltas.

Voltam os seres fantásticos.

MINIMALISMOS

O mínimo. O pequeno. O breve. Mas o grande, o extenso o incomensurável.

Acredito que de tanto navegar perdi a medida das coisas e desconheço seu tamanho. Só ver mar e mar, céu e céu, faz você perder a ideia de espaço e tempo.

Ver sempre as mesmas pessoas. Sem variação. Um pequeníssimo, vamos dizer, povoado aquático. Crianças. Isso é o que falta. Sem crianças, o que fazer? Crianças para contemplar, brincar, ensinar, distrair. Animais. Não ter um animal seu. Alguns capitães têm um pássaro, um louro, dificilmente um cão. Gatos sim. Porque servem para acabar com os ratos que comem as sementes, o arroz, os biscoitos.

Na embarcação tudo se torna mínimo. Equilibrado. Detido: para não cair nas ondas. De metal: xícaras de metal para que não se quebrem, pratos, jarras. Móveis parafusados: para resistirem aos vaivéns dos temporais. Somente os homens ficamos sem apoio e dançamos daqui para ali. Em breves doses.

Outro espaço mínimo é um farol, ocupa pouco espaço, mas se eleva o suficiente para ser visto de longe. De forma cônica ele diminui sua superfície à medida que se eleva e o fanal está na ponta. Seu movimento circular ilumina o horizonte marinho e é a grande esperança dos navegantes.

Pintado de branco reflete ainda mais a luz. Alguma janelinha se abre por um lado ou por outro. O faroleiro vive solitário. Às vezes com sua mulher e filhos. Ele plantou uma horta. Tem algumas galinhas, gansos guardiães, cachorros e gatos, uma vaca alvinegra. Precisa distrair-se e dedica um tempo precioso a seus animais. Vigia o mar e distingue os navios pelo nome. Conhece os horários e se dá conta da mínima alteração.

Do barco, à noite, a luz envolvente do farol é a promessa de terra firme, a comprovação de que a rota era a correta e de que chega a seu fim. Um pouco mais e a viagem termina.

Acontecerá o desembarque. A mochila no ombro com o equipamento limitado. Com a roupa exata, não mais. O caminhar lento enquanto o corpo se acostuma a um chão firme, não bamboleante.

Talvez alguém para receber, umas mulheres cujas casas carecem de cortina para ver mais rápido a chegada do barco.

O porto, conhecido ou não, mas que guarda surpresas.

O encontro de uma cama tranquila, quieta, ampla.

Uns braços que acolhem. Um corpo desejado. Um prazer prolongado.

Outra comida. Sem fugir, diferente, com outro sabor. Frutas frescas, laranjas, maçãs, uvas. Saboreá-las.

Dormir. Dormir. Dormir sem horário, sem temor de ser despertado para alguma tarefa. Ou, ao contrário, acordar sobressaltado porque está tarde, porque se perdeu a hora, porque a tarefa atrasou, por uma perda, por um castigo.

As mãos sem trabalho. O corpo relaxado. Sem dor, sem espasmos, sem medida, pequenos movimentos, não os extremados do transporte de carga, da distensão do músculo exacerbado. Dos ossos doloridos. Do nervo comprimido.

Ir à pousada e pedir um vinho, um rum, uma cerveja. Beber e conversar com os outros marinheiros. Contar histórias. Exagerá-las. Manter os ouvintes em suspense.

Tropeçar pelas ruelas. A duras penas chegar ao lugar de descanso. E volta a dormir, dormir, dormir. Como se isso fosse o mais importante.

Até que chega o chamado e o descanso se vai. Sem importar o fato de que a escassa atividade já cansava.

Outra vez embalar a bagagem com roupa nova e fresca, recém passada. Subir pela prancha de embarque e adquirir o equilíbrio de pernas separadas e balanço de corpo. Virar e conseguir despedir-se com a mão, para o caso de alguém ficar com saudade dele. Um sorriso esboçado e a confiança do regresso ou a dúvida dele.

Aparecer para escutar as ordens e o cumprimento dos antigos camaradas com a maquinação dos recém-chegados. Se ocorreu alguma mudança de oficial. Se o capitão está de bom humor. Se o cozinheiro continuo sendo eu.

Os últimos acertos. As distribuições instantâneas, as mensagens lacônicas. A rota anunciada. Olhar o céu em busca de sinais benévolos. O tempo dividido.

Espaço e tempo apagados pelos do sol, da lua e das estrelas. A Ursa maior, a Ursa Menor, a Estrela Polar.

Guias. Mapas. Rotas. Traços. Um método. O concentrado. O essencial. Por isso, o mínimo. Um compasso apenas para medir as distâncias. Um astrolábio.

O método da loucura, como recomendei a meu amigo Shakespeare, grande observador dos pequenos mundos internos, como meu outro amigo, Cervantes. A ordem da loucura: a grande minimizadora.

A embarcação dos loucos. Porém nossa embarcação não é dos loucos: sabemos muito bem o que fazemos. Estou me repetindo, mas é necessário.

É a embarcação dos justiceiros. Devemos triunfar, ainda que em pequena escala, para que nossos irmãos perseguidos se salvem. Contra os loucos da Inquisição, porque tem de ser louco para ser inquisidor. Para ir contra toda regra, toda lógica e só pensar em perseguir, perseguir, perseguir para impor suas ideias. Torturar. Torturar. Torturar. Se só acreditam na alma, por que afligir o corpo? Os inquisidores nada perguntam. Devastados são os devastados. Cairão, algum dia cairão. E nós, os perseguidos, teremos razão. Eu me rerrepito.

Teremos o breve, livre espaço da vida. A vida breve bem vivida.

Contra o grande império espanhol. Nossa medida sem terra. O infinito mar, a embarcação concisa.

O mundo recuperado. Sem fronteiras. Sem ligamentos. Sem correntes. Sem forjas. O mundo recuperado.

A brevidade. A brevidade.

O máximo prazer no mínimo tempo. Percorrer a coberta do navio uma vez ou outra. A bom passo. Sem pressa. Uma e outra vez.

Para cima e para baixo. Termos pequenos. Grandes significados.

Dedico-me a isto: para cima e para baixo: da coberta à cozinha: da cozinha à coberta.

Baldadas de água. Como armazeno água fresca? Água fresca em quantidades mínimas.

Para acalmar a sede basta um copo d'água. Um copo d'água. Único.

Isso é: a unidade *Adonai ejad*. Deus é um: o mínimo. Mas seria melhor zero. Indivisível. O nada absoluto.

Deus como um barco. Flutuando no menor espaço.

TEATRALIDADES

Nada melhor que um teatro para a navegação. O grande teatro da navegação. Cada qual com seu papel. Muitas obras de teatro começam depois de uma viagem marítima ou, melhor ainda, de um naufrágio. Então vêm as confusões e os mal-entendidos, os que se salvam e os que não se salvam. Os que creem que os outros morreram. Os outros que creem que uns morreram. Cada um tira suas conclusões: se ele morreu eu fiquei sozinho. Mas não. Ambos se salvaram sem saber que o outro também se salvou. Suas contas estão erradas. Decidem destinos equivocados. Solidões que não o são. Não empreendem a busca. Não são órfãos. Ainda que acreditem nisso.

O tempo passa. Eles reclamam sem sentido. Esquecem. Para que ocorra o reencontro, deve haver outra viagem marítima. Outro continente. Outra ilha. Que a ilha é perfeita para desfazer equívocos.

O grande amor dos marinheiros é a ilha: com seus portos múltiplos, baías, enseadas, praias. Que, para os autores, dramáticos ou não, é o grande enquadramento para suas ideias. Odisseu não teria sido Odisseu sem o mar e as ilhas. Simbá não existiria, nem se fale Próspero e Viola. Teatralidades. Utopias.

O lugar do não lugar. Porque o teatro não é o lugar. A ação não é a ação. Engano total. Espaço inexistente. Barco à deriva. Barco fantasma.

Assim a embarcação transporta todo sonho. O viajante, sua aventura. O emigrante, seu destino. O soldado, sua sorte. O aventu-

reiro, seu desejo, o fugitivo, seu esquecimento. Alguns com conhecimento. Outros enganados. O amante, sua esperança. O amante, sua desventura. Todos, seu acaso.

A embarcação é um teatro. Um teatro além de qualquer teatro. O do Globo ou o do Corral de la Pacheca. Por quê? Porque sem cenário nem *Deus ex machina* o rugir das ondas é a solução perfeita.

Ali acontece a representação inconclusa de toda situação humana. E me corrijo: também pode ser a representação conclusa de toda situação humana. O fim de todas as coisas. A morte limpa e não o enterro, mas a entrada em alto mar. A piedade da água como o regresso ao estado aquático-fetal. A onda que suaviza a pele doente. A maciez recém-nascida.

O teatro improvisado. O de cada amanhecer. O que não necessita ensaio. O puro, o sem reverencia nem aplauso. Um teatro para surdos e mudos. Um teatro invisível: para míopes e cegos. Um teatro na medida de cada espectador. Com uma mensagem especial para cada um que terá de descobrir.

O grande descobrimento do teatro sobre as ondas, escrito pelo capitão, pelo piloto, pelo timoneiro, pelo grumete e pela tripulação inteira. (Inclusive por mim).

Escrito sem palavras e representado sem movimento. Cada ato intuído e adivinhado. Refeito ao fim do dia e diferente cada vez. Um princípio e fim indeterminados e, por isso, perfeitos. Perfeitos em sua perfectibilidade.

O assombro. O assombro todo-poderoso do que sucederá depois. Do que irá acontecer. De como se solucionará. Lições que não são lições. Porém das quais se aprende a sabedoria incomensurável.

O mar é a sabedoria? Ou será o teatro?

Sim, toda vez que é mistério. E o mistério conduz à sagrada sabedoria.

Toca-se nas portas. Em toda porta. E é a porta do conhecimento. No mar o tempo serve para refletir. Refletir é o tempo do teatro: a perda do espaço.

O breve espaço de uns quatro metros exatos que não podem ser nem ampliados nem diminuídos. Parece uma prisão, mas não é. Ou é a do barco e o do cenário.

O barco é um palco com um cenário invariável. Um ruído de fundo e aves sobrevoando. Espectadores e atores permutam. Não é necessário ensaiar os papéis e o diretor acaba sobrando.

O grande teatro do mundo se converte no grande teatro do mar. A participação dos animais marinhos é inesperada e diverte a tripulação por um momento. Os delfins são os melhores atores que requerem aplausos e algo de comer. Eu sempre separo umas vasilhas de lixo que eles adoram. Pegam os restos de comida no voo e agradecem com uma reverência. Por outro lado, as baleias são perigosas: um golpe com o rabo desmancharia nosso barco. Quando são avistadas, o capitão Palacio ordena que nos afastemos na maior velocidade.

Assim vão sendo escritos, sem querer, os atos deste teatro flutuante. Alguns piratas acreditam nas sereias e esperam por elas inquietos. Outros imaginam uma completa corte palaciana no fundo do mar, povoada por seres encantados que vivem sem se afogar e que têm alimentos ao alcance da mão. Pensam que esses seres reproduzem erros e benevolências como nós e são um espelho úmido do que pode ser a vida inesgotável.

Teatros vão e vêm, como os dias, e cada um sabe seu papel: enfeita-o, entretém-no, presenteia-o, expõe-no, renova-o, limita-o, estende-o. Enfim, nunca ocorre a repetição nem a indolência. Cada amanhecer, seu surpreendente despertar.

Aqueles que, em terra firme, asseguram sua unicidade, desconhecem a multiplicidade da vida teatral no mar. O confinamento deixa de ser confinamento e o espaço de atuação é inconcebível. Os traços adquiridos pelo sol e pela água protegem e adornam os músculos de corpo inteiro. A mão como viseira e os olhos entrefechados, como um míope que não o fosse, permitem ver mais longe do que o normal.

Aprendo desta vida teatral que a relatividade é a permissividade aceita. O grande perdão do mar é sua transparência encoberta e sua alegre lucidez. Sabe tudo e oculta tudo.

O que nos resta é desvendar as profundidades. Interpretar o que se vê entre uma onda e outra. Ver além do visível e prever a tormenta que chega ou a calmaria enervante.

Lemos sobre a água e a respeito da água. Não desprezamos os sinais da divindade e nos acoplamos a eles.

A nossa maneira, os homens do mar somos uns sábios em matérias não ensinadas nem compreendidas pelos terrestres. Por isso, as grandes investigações e as disputas minuciosas são apagadas em nosso flutuar. Há um espaço de eternidade que o homem da terra desconhece.

Somos homens suspensos. Em equilíbrio. Uma espécie de trapezistas que adoram o vento suave que impulsiona todas as coisas.

GRUMETE-ANJO

Disse que queria voar e que por isso embarcaria no *La Reina Esther*. Todos começaram a rir. Não deu importância e disse outras vezes que queria voar. O capitão lhe respondeu que então seria um grumete para subir ao Mastro Maior e voar dali.

Pequeno e forte ele se transformou em uma espécie de mascote e todos o procuravam para lhe contar histórias do mar e acariciar seu cabelo crespo e revolto. Os piratas se comoviam com ele e lhe ensinavam todo tipo de truque marinheiro para que ele se sentisse o melhor possível nas longas viagens. Eu lhe reservava os melhores bocados e ele me agradecia ajudando na cozinha.

Ele era também um esperando. Seus pais e irmãos foram queimados pela inquisição e ele se salvou porque estava no teto experimentando voar no dia em que os meirinhos prenderam sua família. Começou então sua fuga de povoado em povoado até chegar a Portugal. Ali alguns amigos dos Palache o aconselharam a juntar-se a eles. Foi assim que embarcou e começou sua vida marinheira.

O grumete insistia em que um dia voaria e do mastro grande avistava o horizonte para avisar das embarcações que se aproximavam. Estendia os braços e os girava em circulo ensaiando o voo. Observava as aves e estava convencido de que um dia sairia voando.

Faziam brincadeiras com ele e esperavam impacientes que ele realmente voasse um dia. Afirmavam que ele era o melhor grumete de todos

os que tinham tido. Subia a toda velocidade pelos degraus e aguentava ficar empoleirado na cesta do mastro maior horas a fio. Era difícil fazê-lo descer pois dizia que não queria ser surpreendido muito tarde.

Sozinho, às vezes, ele era visto apoiado no parapeito do passadiço contemplando o mar ensimesmado não se sabe em que pensamento. Todos respeitavam seu silêncio. Estavam quase certos do que ele pensava e ninguém pensou em distraí-lo.

De repente, ele se virava e seus olhos melancólicos demoravam a retomar o brilho que os caracterizava. Até que acabava com as lembranças e reconhecia que a vida segue e que seu dever era prolongá-la. Levantava os olhos para o mastro maior e num pulo subia pela escada.

Sentava comigo para falar de qualquer coisa, menos da família martirizada. Eu lhe confessava meus afãs de escritor e ele pedia que eu o deixasse ler minhas páginas. Tinha prazer na leitura e até me dava ideias, logo a mim que sou quem dá as ideias aos escritores. Porém algumas eram boas e eu aceitava. Pensei até que poderíamos ser coescritores.

Escutava em silencio os planos de navegação e ataque do capitão e seus oficiais e em mais de uma ocasião, com voz pausada, ele fez uma observação tão ajuizada que foi bem-vinda.

Era querido por todos e por todos procurado. Até os mais esquivos se divertiam vendo-o trabalhar sem parar e sem queixar-se. A única coisa que tinham notado era que ele dormia pouco. Deitava tarde e quieto no seu catre, olhando fixamente o teto, não movia nem um músculo durante horas. Os demais caiam exaustos e não se davam conta de quando o pequeno grumete fechava os olhos finalmente. E quando acordavam, ele continuava ali olhando fixamente o teto.

Se lhe perguntavam se tinha sonhado, ele respondia invariavelmente que ele nunca sonhava. E isso é estranho, penso eu, que costumo sonhar tanto e que talvez comece outro livro chamado *Sonhário*. O grumete não sonhava ou não queria lembrar o que sonhava ou não queria contar.

O caso é que comecei a preocupar-me com ele. Por seus espaços vazios. Por suas negações e sua permanência cada vez mais tempo no alto do mastro maior. Ao mesmo tempo, por seus silêncios e suas palavras lacônicas. Como se falar fosse um impedimento ou uma perda de tempo. Como se as palavras fugissem dele e ele não se

preocupasse em retomá-las e empregá-las. Ele se perdia na conversação dos demais e se lhe pediam sua opinião demorava em dá-la, como se fosse um esforço, uma ausência, um afastamento.

Sua voz se debilitava. Seus movimentos eram mais pausados, mais rítmicos. Seus estados contemplativos duravam mais. Sua mente divagava. Seu olhar pousava no horizonte com tristeza. Seu sorriso, tão amado por todos, diminuía.

Suas mãos esvoaçavam como pássaros e ficavam tão expressivas que substituíam as palavras. Essa parte do corpo do rapaz já começava a voar.

Eram mãos magras de dedos pontiagudos que acariciavam, que ondulavam.

Mãos para amar e proporcionar prazer.

Não para amarrar cordas, fazer nós, ficarem calosas. Mas que tinham a qualidade de executar tarefas pesadas com tal leveza que deixavam de parecer pesadas e se alguém tratava de imitá-lo nunca conseguia.

Seu corpo era um mistério. Um corpo que não reagia como os demais. Um corpo alado.

Como se não pusesse os pés na terra. Um corpo que se deslocava tão rápido que se alguém o via de frente, em seguida estava de costas sem mudança alguma. A vista não podia seguir suas evoluções enquanto ele desaparecia ficando, em um instante, invisível.

Era estranho, mas ninguém se surpreendia. E isso era mais estranho ainda. Que ninguém falasse, que ninguém se alarmasse, que ninguém tivesse inveja dele.

Tinha-se convertido em uma espécie de espírito flutuante ao qual não se devia interrogar. Todos compreenderam o sentido de sua presença e nem sequer era necessário explicá-la. Todos estavam contagiados por sua leveza.

Eu jamais tinha vivido uma sensação daquelas. Uma sensação que invadisse toda a tripulação e unificasse as diferenças e as intolerâncias.

O que tinha o grumete? O que guardava? Quem era? Era alguma coisa não conhecida. Não alguém. Mas alguma coisa. Alguma coisa.

O desejo interno de cada um de nós de acessar outro mundo pleno de perguntas que se resolviam por revelação? De alcançar um

conhecimento como se fosse um dom?

Um perigo? Como o qualificou o capitão Samuel Palacio, porque temia que ele afastasse os marinheiros de sua meta.

E, no entanto, ninguém deixava de trabalhar e o trabalho já não pesava. O trabalho era cumprido rigorosamente e inclusive de maneira mais determinada. Agora o trabalho era uma bênção e o prêmio de ver o grumete entre nós era suficiente.

Um anjo. E foi chamado de anjo. Não se sabe quem espalhou a palavra. Porém todos concordaram que era um anjo. Só faltava voar.

Suas palavras, antes claras e breves, se tornavam crípticas. O que falava era discutido por todos e, diante dele, sem que ele se alterasse, propunham-se diferentes versões do que ele tinha querido dizer. Ele guardava silêncio e não aprovava nem desmentia. De vez em quando o olhavam e, pelo simples fato de olhá-lo e sem explicação alguma, achavam a resposta adequada.

No fragor das batalhas e quando atacavam o inimigo ou se defendiam ao serem surpreendidos, o grumete atendia aos feridos, estancava os sangramentos, recolocava as vísceras, dava de beber aos sedentos. Os gritos de dor se calavam e sua mão sobre a testa dos que iam morrer lhes devolvia a tranquilidade.

Um dia, chegaram notícias de que um novo comboio de embarcações carregadas de tesouros e moedas cunhadas para o banco espanhol estava a caminho, e o capitão Palache se preparou. Com *La Reina Esther* e *La Burladora* preparou seu plano de ataque.

O grumete subiu ao mastro maior para avisar quando o comboio aparecesse no horizonte. Passaram horas, porém ele não se cansava e sua vista se aguçava. Pôde distinguir o mínimo sinal e quando as embarcações se aproximavam ele, do seu posto, gritava os detalhes. La *Burladora*, sob o comando de Elena/Eleno de Céspedes, foi a encarregada das manobras de distração, por sua conhecida velocidade e *La Reina Esther*, da abordagem.

Os disparos de mosquete e o entrechocar das espadas não tardaram. O grumete-anjo, do alto, não teve tempo de descer. Um disparo direto no coração o fez abrir os braços e estender as pernas. Lançou-se ao ar.

Esse foi seu primeiro e último voo.

SEREIAS

Isto aconteceu em outra viagem quando vínhamos fugindo de um navio espanhol que por pouco não acaba conosco. Tivemos que nos afastar muito de nossas rotas habituais para escapar da perseguição. Apesar dos perigos, o capitão Eleno de Céspedes decidiu que nos dirigíssemos para as Ilhas Bermudas, porque seria mais fácil nos recolhermos em alguma baia pequena para reparar nossa maltratada *Burladora*.

O que não esperávamos é que houvesse sereias que nos faziam sinais de pequenas rochas que emergiam onde não tinham sido vistas por nós em outras viagens. As rochas apareciam e desapareciam. Moviam-se como embarcações leves e começamos a ficar fascinados pelo estranho espetáculo.

As sereias nos animavam a nos aproximarmos e seus belos corpos nus eram um atrativo irresistível. Eleno principalmente estava a ponto de lançar-se em direção às rochas. Então recordei a história de Ulisses e as sereias e recomendei que ele se atasse a um dos mastros para resistir ao impulso de atirar-se, porque se tratava de uma sedução mortal.

O capitão/capitã me ouviu e se atou a mastro maior. Fechou os olhos e pediu ao piloto que navegasse o mais rápido possível para escapar do perigo.

Uma das sereias se destacou entre todas e era a mais insistente em chamar a atenção. Sobretudo porque foi a primeira em entoar um

cântico nunca ouvido antes e tão sedutor que detinha as ondas e o vento e, portanto, o movimento do barco. A ordem de ir a todo vapor foi inútil e ficamos encalhados.

Elena/Eleno abriu os olhos. Quis desamarrar-se, mas foi impedido por nós, pois o perigo era enorme.

O tempo passava e seguíamos encalhados. O cântico se repetia uma e outra vez. Começamos a nos desesperar e não sabíamos como resolver a situação. As rochas com as sereias se aproximavam pouco a pouco até que chegou um momento em que elas pareciam dispostas a nos abordar. Alguém deu a ordem para que preparássemos nossas armas e nos dispuséssemos a enfrentar a abordagem.

De repente, as sereias saltaram ao barco, de suas nadadeiras de peixe saíram pernas, se livraram do resto da indumentária, convertendo-se em aguerridos piratas espanhóis que nos atacavam. Esta vez realmente fomos surpreendidos e quase perdemos a batalha.

A luta foi dura até o momento em que os que pareciam piratas de novo recuperaram a forma de sereia e se lançaram ao mar, imergindo em sua profundidade. O vento começou a soprar, desatamos nosso capitão e nos afastamos na maior velocidade possível.

Apenas um de nossos marinheiros quis desvendar o mistério do acontecido e se lançou ao mar. Não pudemos recuperá-lo e não sabemos se ficou vivendo com as sereias piratas na profundidade das águas.

Folhas em branco. Sem assunto

Tenho a impressão de que Oseas ficou tão atônito com o ocorrido que deixou estas folhas em branco até se recompor.

Seguirei com minhas ideias estranhas. Com esse fluir de consciência que não é nada. Com esses sonhos que se recordam ou não e que pululam incessantemente. Com as associações que conduzem a totais desacordos e interpretações errôneas.

Uma vez sorri e meu interlocutor acreditou que eu estava rindo dele.

Uma vez chorei e os que me rodeavam me consolavam, quando eu estava chorando de alegria.

Uma vez me enganei e acertei.

Uma vez fiz silêncio e foi um erro.

Uma vez falei demais e tudo deu certo.

Outra vez acertei do princípio ao fim. Aleluia.

Claro que, outra vez mais, o fracasso foi total. Irremediável.

Assim, eu caminho por esta terra sem saber o que está certo e o que está errado. Quando direi a palavra correta ou incorreta.

Do mesmo modo, as expressões do rosto ou os movimentos inconscientes do corpo podem ter significados diferentes para quem os percebe.

Por isso fico paralisado.

Porém esses movimentos das mãos são incontroláveis. Vejo as pessoas ao meu redor e tudo se segura com as mãos. Na televisão só quem dá as notícias não usa as mãos ou as mãos deles não são vistas. Os atores as usam muito pouco em um filme ou no teatro. Talvez por isso apareçam como irreais.

Tampouco esqueço a linguagem das mãos para os surdos. O que é outra coisa. É uma linguagem inventada. Não espontânea.

Existe ainda uma outra linguagem, a dos olhos. Uma linguagem que partilhamos com os animais. Cada vez eu me sinto mais próxima deles. Mais parecida. Minha gata, Kyra, expressa todo tipo de emoções com os olhos. Isso acontecia também com os cães que eu tive. E com Cuca, a égua. Em compensação, Juanito, o louro, falava e muito, mas não com os olhos.

Sem assunto. Este é um escrito sem assunto. E tudo bem. Por que tudo tem de ter assunto? O mais importante é aquilo que não tem assunto. Por exemplo, a filosofia: por acaso tem assunto? Por exemplo, a poesia: por acaso tem assunto? O conhecimento é um assunto? A poesia é um assunto? Não.

Um assunto é o de menos. Mas para as mentes sem mente o assunto é o de mais. Só pensam em colunas vertebrais, sem dar-se conta

de que nunca estão retas e que a escoliose é o seu paradoxo. A única possibilidade de que uma coluna seja interessante se deve a seus desvios, curvaturas e grande dor que causa. Mas para as mentes sem mente a coluna é tão forte e reta como a de mármore. Nada mais equivocado.

Então, os sem mente perguntam: o assunto, o assunto, qual é o assunto?

Esqueçam isso. Não existe assunto que valha a pena.

Os sem mente acrescentam: se não há assunto não me interessa, não me importa, não me atrai. Assunto, assunto, isso é o que conta.

E eu digo: assunto não, assunto não. Quem disse que é preciso contar, interessar, importar, atrair? A MAIORIA.

Eis aqui que já saiu a maioria. Quem disse que a maioria vale a pena? Conta. Outro erro. Nem a maioria vale a pena. Nem conta. Ainda que para algumas contas conta sim.

A maioria é a monotonia. A desnecessária repetição. A clonagem.

A maioria se apoia na maioria e acredita que tem razão.

A maioria é tão maioria que sequer analisa a razão e é unicamente assertiva.

A maioria diz: porque nós dizemos é suficiente.

A maioria se baseia na subjetividade como se fosse a prova máxima.

Baseia-se no egocentrismo como se fosse a prova máxima.

Baseia-se na ninharia como se fosse a prova máxima.

Baseia-se na trivialidade como se fosse a prova máxima.

Baseia-se na irracionalidade como se fosse a prova máxima.

E o pior: baseia-se em si mesma como se fosse a prova máxima.

O que a maioria desconhece é que a maioria não existe. Mas acredita que sim.

Não existe porque não é nada. Já saiu o nada.

E nada não existe.

Ainda que seja nomeado.

Seu nome não é nada. Nada é nada porque a mania linguística do ser humano o leva a nomear inexistências. Não vamos dizer Deus.

Outro erro: nada é incapaz de ser um verbo, mas a maioria o outorga a si mesma "não tenho nada", "não vejo nada", "Não entendo nada".

Nada é nada.

A maioria é tão nada que nem sequer tem a honra de ser nada.

É necessário ganhar a honra de ser nada.

Nada é nada.

Não me cansarei de repeti-lo porque ninguém entende que nada é nada.

Ser nada. Isso sim que é (eu ia dizer "algo") nada.

O algo também me agrada. Porém não gosto nada de tudo.

Gosto do algo pelo indeterminado e o mínimo.

Que já é algo.

Algo é algo

Tudo é nada. Um nada entendido erroneamente. Um nada povoado.

Portanto, desvirtuado.

Que tudo fique como tudo: em seu trono desconjuntado pelo peso.

E insisto: que isto é nada. Algo. Tudo. Nada de nada.

RELATO NA RUA

Agora escreverei de coisas não vistas, quer dizer, de coisas que há que ver. Assim como existem pintores que em lugar de pintar montanhas, rios, folhas, pedras, pessoas, poderiam preferir quadrados, círculos, triângulos e todo tipo de linhas: grossas, finas, azuis, amarelas, torcidas, retas, envolventes, labirínticas, oblíquas, verdes, pequena, grandes, sem princípio nem fim e não se dão o luxo de apagar, assim é que eu quero escrever.

Eu, Oseas, escreverei como eu pinto. Ah, eu não tinha dito isto: outra de minhas habilidades é pintar e fazer mapas, não marítimos, mas terrestres. Porque a gente se perde nas cidades. Nada mais fácil que se perder nas cidades. As cidades são labirínticas.

Você pergunta a alguém como chegar a uma igreja, a uma sinagoga, a um palacete, ao mercado (especialmente este último) e confundem tudo: direita é esquerda, acima é abaixo, norte é sul e oriente é poente. Os cidadãos são distraídos.

Por isso desenho meus próprios mapas. Uma cartografia terrestre. Fica bom porque sou cuidadoso e meço as distâncias das ruas e dou a orientação delas. Estas agitadas ruas labirínticas tão estreitas que chocamos uns com os outros. Ruas e mais ruas. Maneira estranha de viver nas ruas. Com casas apertadas e pouca ventilação. Às vezes sonho com ruas que não vi, em desordem, com cordas, com pedras soltas, como se fossem de outra época. Vindoura ou não. Po-

rém de outra época. Com fios de água correndo pelo solo. Germinador. Leve. Tênue.

Outras vezes as ruas se dispersam em desconcerto e não sei o que fazer com tantas delas. São a vida contínua, imparável. Sem sentido. Os homens vão e vêm como formigas perfeitamente ordenadas. Intuem o espaço mínimo para não chocarem uns com outros. Ninguém quer encostar-se no próximo. Evitam-no. Olham-no de esguelha. Esquivam-se dele.

A maior demonstração do estranho sentido da vida é cada rua de cada cidade: existente apenas para que o transeunte cumpra sua missão. Não poderíamos viver sem ruas. Nós nos perderíamos. Onde iríamos parar?

As ruas ordenam as casas. Ordenam a vida. Cada construção ao lado da outra para que não nos equivoquemos. Cada casa diferente da outra. Com outras portas e janelas. Com outras cores. Cada um escolhe a sua. E as ruas levam a ela.

O ritmo ao caminhar é o ritmo da rua. A rua se adapta aos passos. É fiel e não muda seu caminho sem sua distância. Está aí, quieta, para que a pisemos. Rua dos humildes. Rua humilde. Ruas dos relatos. Porque o relatado acontece na rua, acredite-se ou não.

E o que é um relato? O que conta. O acontecido. O transcorrer. A rua mesma.

Como em sonhos é o acontecido fora de mim. O exposto com ou sem permissão. O desenvolto. O inesperado. Porque não saberei se vou chegar ao meu destino cedo ou tarde. Nem a quem encontrarei pelo caminho. Pode ser a perseguição de algo ou de alguém. É o total desconcerto. O acaso absoluto. A aberta filosofia. A poesia incontrolável. Surpresa atrás de surpresa.

O som. Qualquer som ocorre na rua. Rua dos desejos ou do silêncio. Rua dos estrépitos. O rodar de carroças ou carruagem. Os cascos dos cavalos. O rumor surdo de conversas apagadas. Ou acesas. Algum grito inesperado que não se sabe de onde vem.

O que sucede. O que sucede não é nem a metade do que, na verdade, sucede. O que se vê é a mera aparência. As cabeças pensan-

tes pensam em tudo ao mesmo tempo. Se pudessem ouvir os pensamentos seria um ruído ensurdecedor. Que bom que se pensa em silêncio. E que se ignoram esses pensamentos. Seria aterrador.

Sair para a rua é sair a relatar. O que me aconteceu e o que aconteceu ao outro. As histórias incompletas. O breve trânsito em direção a algo predeterminado e, ao mesmo tempo, exposto ao acaso. E se uma carruagem me atropelar? Posso ficar ali, jogado, morto para sempre.

A rua é o caminho traçado diante do incerto. Sei que lugares encontrarei, que edifícios, que praças, que fontes para minha tranquilidade. O que não sei é o que me acontecerá. Diante do horror, a segurança dos mesmos lugares imóveis me permite seguir adiante com monotonia precisa. Por isso prefiro o mar, sem rotas, sem sinais, sem direções.

A rua é um relato.

CIRCO E SANGUE

O circo tem sido a grande diversão dos povos que se entediam. Os que não se enfastiam fazem coisas, escrevem, filosofam, poetizam ou inclusive guerreiam ou matam ou perseguem ou torturam. Porém os entediados precisam de pão e circo. Pão para mastigar, que é uma boa ocupação. Circo para que a diversão venha de fora, porque são preguiçosos. E porque eles gostam das grandes multidões. Serem iguais aos demais em grandes quantidades. Confundirem-se entre os demais: não se destacarem, não serem diferentes, não opinarem, não divergirem.

Por isso existem os circos; para agrupar os indiferenciados. Circos de todo tipo: incluindo os da Inquisição para matar os que inferem, diferem, referem. Como alguém se atreve a ser diferente? DE MANEIRA NENHUMA.

Circos como os romanos, destinados a enganarem por diversão, a matarem pelo prazer. O sangue derramado é cômico, fora de seu curso secreto, exibido. Se isso quiser dizer a palavra diversão. Afaste-se do caminho, não pense, ria da desgraça dos outros: homens e animais: para não rir da sua: para não se ver no espelho. Que coisa boa uma gargalhada em uníssono. Você é tão inteligente que entendeu. Você é dos que se salvam no anonimato. Sangue ou não.

Os grandes espetáculos distraidores dos ditadores. Porque todos são ditadores, não apenas os imperadores, os reis, os papas, mas qualquer tipo de governante: todos armam seu circo. Cada pequeno

ser humano arma seu circo. Ra. Ra. Ra. Cada pequeno ser humano –e grande– é um ditador que arma seu circo. Ra. Ra. Ra.

Por isso os circos funcionam. E o pior de todos os circos é o circo-circo. Circular, para que todos circulem e todos acreditem estar no centro do círculo. Para isso o círculo foi inventado. Figura impossível na natureza, mas possível na pervertida mente humana. Até os Cavaleiros da Távola Redonda a elegeram para evitar rivalidades e invejas.

O circo-circo: o pior de todos. Trazer animais e desanimalizá-los para que se pareçam com os humanos: que os imitem miseravelmente, ridiculamente, que se vistam com roupas, que repitam os atos humanos, que se tornem educados. Educados?

Claro que posso inverter a situação circense e dizer que essa ridícula maldade não é mais do que o fiel retrato do ridículo ser humano e de sua ignorância que ri do animal sem ver-se representado nele. Sem reconhecer-se nele.

Ao circo-circo se leva a criança-criança que se acostume à estultice-estultice.

Você me dirá: e os palhaços, os saltimbancos, os trapezistas? E eu respondo que é a mesma coisa. Os palhaços somos os espectadores e os palhaços-palhaços são o espelho. Quer dizer, que só suportamos a imbecilidade em forma inversa. Os saltimbancos e os trapezistas pertencem a outra categoria; a do perigo e a do medo da morte, claro, em corpo alheio, sem nos reconhecer. E os mágicos em nossa cegueira diante da ilusão e do duplo fundo das coisas. Esta vez não queremos ver o espelho e, portanto, não nos interrogamos. Por isso o circo resolve toda incongruência. Viva o circo.

Outro circo é o das touradas. De novo com seu referente sanguinolento. O sangue do touro e do cavalo e o tão esperado do toureiro. Eu inverteria a situação: que se ensinasse ao touro a cravar bandarilhas no toureiro e assim satisfazer a sede de sangue. Resumindo, sangue é sangue.

Por alguma razão os esperandos não gostamos de sangue e não comemos chouriço nem outras elucubrações. (Veja que é preciso inventar e retorcer a mente culinária para comer sangre frito com cebola). Porém os sanguinários nos atribuem o que eles praticam e nos acusam de beber sangue de crianças cristãs. Talvez se estivesse cozida não fosse tão grave. Claro que eu, Oseas, não cozinharia tais receita. Não são *kósher*.

UMA VISITA RÁPIDA A SOR JUANA

De repente, meu capitão Palache resolveu enviar uma mensagem a sor Juana Inés de la Cruz. E sabe em quem ele pensou para fazer isso? Sim, vocês adivinharam: em mim, o cozinheiro Oseas. Que ideia! Não sei por que ele me escolheu como mensageiro. Ele me disse que eu era a pessoa ideal porque ninguém suspeitaria de um cozinheiro e que meu trabalho seria parecido ao de um espião. O que me amedrontou ainda mais. Também me disse que a monja sabia receitas e que poderíamos trocar conhecimentos culinários. Isso me animou um pouco e, finalmente, tive que aceitar.

Esse encargo não foi tão rápido, embora a visita o tenha sido. O caso é que planejar como chegar à capital da Nova Espanha sem levantar suspeita me obrigou a trasladar-me a Havana e esperar um barco rumo ao porto de Vera Cruz. Uma vez em Havana começou meu trabalho como espião. Não pude visitar meus amigos para evitar indiscrições e me disfarcei de nobre cavalheiro. A capitã Elena de Césped, em arranjo prévio com Samuel Palache, se fez passar por meu escudeiro para me dar apoio moral e de tipo esgrimista, já que a espada cintilante era uma de suas especialidades. Protegido por semelhante protetor/protetora comecei a me tranquilizar um pouco.

A estada em Havana foram verdadeiras férias. Eu me dediquei a passear e a ler, atividades favoritas, e sem a pressão de ter que pensar em pratinhos e mais pratinhos. E depois em lavá-los. Que não sei

o que é pior. Porque, quando a comida queima, raspar as panelas e as frigideiras é uma tarefa árdua, ainda que eu já seja especialista.

Com frequência caminhava pelo *malecón* com meu escudeiro Eleno e pudemos comprovar que o hábito faz sim o monge, pois antigos conhecidos da vida marinheira não nos reconheciam com nossas vestimentas elegantes e nossa refinada maneira de falar que tínhamos adotado para despistar. Devo advertir que usar um vocabulário elevado era mais difícil para Eleno, já que falava mal por princípio para apagar sua natureza dupla, já que sempre preferiu ser homem a ser mulher. Não se deve esquecer seus belos casamentos com várias damas. Ou o contrário.

Também passeávamos pelo interior da ilha, por Trindade, por Baracoa, por Ciego de Ávila e, sobretudo, por Caimito del Guayabal com apenas uns casarios, mas com goiabas deliciosas, abius e cocos de água. Eu ficava surpreendido com a maneira como os nativos subiam pelas palmeiras, agarrando-se com pés e mãos e galgando a toda velocidade chegar até os cocos, cortá-los e jogá-los no chão, para voltar descendo com a mesma elegância rápida. Em seguida, com o facão abriam um buraco em um extremo para que bebêssemos a doce água de coco diretamente. Para mim é a melhor bebida do mudo.

Quando, depois de longo tempo chegou a embarcação que nos levaria às costas da Nova Espanha, Elena e eu suspiramos ao nos despedir de Havana e começamos a sentir um pouco de temor pelo que nos esperava em nossa viagem. O pior é que eu não sabia com certeza em que consistia minha missão e eu suspeitava que Eleno soubesse, mas que não me diria nada por agora. E isso me alarmava. Quando não se tem certeza de algo se começa a elucubrar e pensar no pior. Acordo de madrugada, tentando esclarecer minha situação e sou apanhado pela insônia. Dou voltas e mais voltas no meu catre. Levanto e vou à coberta para ficar horas contemplando a lua e as estrelas. A navegação é tranquila, porém minha mente não para. Não sei o que pensar. O negrume me envolve. O ar fresco é agradável.

Gostaria de não pensar mais. Que tudo se detivesse. Que dia e noite não mudassem. Uma eternidade sem claro-escuro. Um clima equilibrado. Que nada se movesse. Que nada sussurrasse. Como esse momento fugidio que já me está escapando. Como deter o rodar do mundo?

Eu me viro e ali está ela, Elena de Céspedes, me observando. Como se quisesse penetrar no meu cérebro e descobrir meus pensamentos. Não lhe digo nada. Meu momento de paz se rompeu.

– O que você está fazendo?

– Não podia dormir e precisava ver o mar. A escuridão.

– Você quer ficar sozinho?

– Sim. E você o que quer?

– Não sei. Tudo está girando.

– Neste momento não somos nem você nem eu.

– Estamos indistinguíveis. Somos como um princípio e fim sem princípio nem fim.

– Um todo longo. Inacabável.

– Talvez um nada. Um nada contínuo.

– Que seria a perda da matéria.

– Talvez a recuperação da matéria.

– Matéria que dá voltas e nunca se perde.

– Na imensidão. No mar. Na noite.

– Poeira de estrelas. Somos poeira de estrelas.

– Não morreremos?

– Sim e não.

– Transmutaremos nosso ser.

– Como alquimistas?

– Os mais próximos de descobrir o mistério da Grande Obra.

– Nem você nem eu?

– Nem você nem eu.

– Por acaso, nossas vidas têm sentido, essas vidas como os rios?

– Que vão dar no mar, que é morrer.

– Será esse o sentido desta viagem?

– Toda viagem tem um sentido. Se não, não se empreenderia.

– O mar é um bom sentido para alcançar um fim.

– Se você souber qual é o fim.

– Não, o fim nunca se sabe. Essa e a grande pergunta.

– Acabaremos no nada?

– É que não existe nada.

– Nada de nada.

– Tudo se transforma.

– A matéria não morre.

– Seremos eternos?

– Sim, descompostos, mas eternos.

– Mas eu me interesso pela mente, pelo pensamento, pela memória. Tudo o que acumulamos em nosso interior.

– Sobre isso, não podemos saber nunca: se também se decompõe o se se perde completamente.

– O que não sabemos é se o pensamento, a consciência, vamos chamar de alma, também é matéria.

– Parece herético, mas tomara que a alma seja matéria e não espírito.

– Parece que tudo é matéria: a luz e o som.

– E o arco-íris?

– Tudo.

– Até a transparência é matéria.

– As palavras são matéria?

– Suponho que sim; pesam, são escritas, são ouvidas, são tocadas.

– Cheiram?

– Talvez, e não nos damos conta. Há tanta coisa de que não nos damos conta.

– Que não vemos e que existe.

– A maior parte de nossos arredores e mais além.

– Como percebemos pouco.

– Nada.

– Algum dia se saberá o que não sabemos?

– E se não, se inventará.

– Como nós agora.

– Como nós agora.

– Tenho esperança de que se vai saber.

– De que seja permitido que a ciência avance e que a religião não a mate.

– Está vendo? Você disse ciência e disse matar.

– Eu a tratei como matéria.

– É matéria.

– E é perseguida.

– Claro, sacode as bases da religião. Por isso ela é perseguida e morta.

– Shhh.

– Melhor não mexer.

– Melhor não mexer.

Entre essa e outras conversações a viagem marítima transcorre. Depois vem o longo translado por terra, as paisagens, as montanhas, os vulcões. Tudo nos emocionava. As pessoas: como elas nos olham, como nós olhamos para elas. Uma aprendizagem ao vivo. Comparações. Diferenças. Igualdades. O idioma que não entendíamos, o que eles começavam a entender.

Por fim, a entrada na capital. As antigas estradas astecas ainda presentes. Que sempre ficarão presentes: Tacuba, Tlatelolco, Iztapalapa, Azcapotzalco.

Nós nos alojamos em uma estalagem nos arredores, para não chamar a atenção. Elena/Eleno me previne que nossa missão deve ser a mais rápida possível. Porém eu ainda não sei do que se trata. Eleno

me diz que não é necessário que eu saiba e que a única coisa importante é conseguir ver sor Juana no convento das Jerônimas. Que o capitão Palache repartiu nossa missão e que cada um cumprirá sua parte. A encarregada de unir as partes será sor Juana e, então, teremos que nos afastar o mais rápido possível para voltar a embarcar na mesma nau que nos trouxe e regressar a Havana. Não podemos nos arriscar a ficar em terra.

Perdemos algum tempo até conseguirmos ver sor Juana e isto por estranhas mediações que não posso mencionar, para que não me descubram e tudo se perca. Então, cuidado, cuidado.

Sor Juana me impressionou não pelo que se dizia dela, mas pelo contrário. Não era tão esperta como parecia, pelo menos para a conversa normal. Demorava muito em responder, como se tivesse dificuldade em reunir as palavras, ela tão hábil ao escrever seus sonetos e romances. Porém isso costuma acontecer com os escritores, sobretudo os poetas, que são lentos e não sabem ler suas próprias poesias. Razão pela qual Shakespeare recorreu aos atores que pronunciavam melhor que ele. Ah, e a propósito, Cervantes gaguejava embora dissimulasse muito bem. Em parte, graças às aulas que lhe dei para que ele melhorasse sua dicção.

Quanto a sor Juana era muito tímida, por isso lia tanto e queria ser astrônoma. Ela se atrevia a dizer as coisas claras e eu temi por ela. Os tímidos costumam ser muito valentes. Sua cela era um verdadeiro caos entre livros, instrumentos científicos, musicais, papéis, manuscritos, penas, tinteiros, porta-partituras, teares. Quase, quase parecia o laboratório de um alquimista. Era o melhor exemplo do *horror vacui*. Tinha vários gatos que saltavam entre toda essa desordem sem alterar sem mover nada. Cada um tinha escolhido um montão de livros sobre o qual dormir, adaptando-se ao seu tamanho, porque os corpos dos gatos são elásticos; y recebendo a luz do sol dormiam com placidez.

Os gatos se chamavam Alfa, Beta, Gama e Delta. Eu disse a ela que em hebreu seriam: Álef, Bet, Guímel, Dálet e, imediatamente, mudou os nomes dos animais. Os gatos o traduziram sem nenhum esforço. Além disso, ficaram bilíngues.

Nessa época lhe tinham pedido que comentasse um sermão de Antonio Vieira, confessor do rei de Portugal e da rainha Cristina da

Suécia, nada menos, e eu a adverti de que tivesse cuidado que poderia muito bem ser uma armadilha. Por meus antecedentes portugueses não confiava no mencionado teólogo a quem tinha lido extensamente, durante minha estada em Manaus, para ter argumentos cristãos no caso que ser apanhado pela Inquisição. Tempos depois soube que sor Juana, apesar do meu conselho, não se cuidou.

Ela se dedicou, argumento por argumento, parágrafo por parágrafo, a assinalar os pontos críticos do discurso do padre Vieira e enviou a *Carta atenagórica* sem saber que ia ser exposta publicamente e que isso acarretaria a intervenção do tribunal inquisitorial e sua anulação como escritora, leitora e investigadora. Viu-se obrigada a desfazer-se de livros, de instrumentos, de escritos e de todo objeto de conhecimento. Porém isto ocorreu depois de nossa visita. Naquele então, ainda ela era feliz entre livros e gatos.

O que eu não conseguia saber era o propósito de nossa visita. Elena continuava fechada em seu mutismo e não tinha jeito de eu adivinhar. Até pensei que tudo era manobra distratora de algum desenlace.

Começava a me impacientar. Além disso, Palache me tinha dito que nos entretivéssemos o menor tempo possível. Eu lembrava Elena disso, mas ela não me escutava. Eu observava quando ela falava com sor Juana e via que as duas se entendiam à perfeição. Comecei inclusive a sentir ciúmes. Ciúmes que eu tinha que combater de alguma maneira. Então descobri um jeito. Como meu forte é o gastronômico assediei sor Juana com receitas as mais elaboradas. Ela ficava intrigada e em seguida me dizia: "Essas receitas são como as da minha família". Eu lhe respondia que só certas famílias as conheciam e que era perigoso difundi-las, que seria melhor que não dissesse nada. Ela me olhou fixamente e, de repente, compreendeu a que eu me referia. E eu compreendi que ela compreendia e já não dissemos palavra. O silêncio é ouro. Sor Juana seria *kosher*?

Talvez essa fosse a minha missão. Dar esperança a esperandos ocultos. Ou, melhor ainda, descobri-los e adverti-los. Em plena atividade inquisitorial e queimas na Nova Espanha, resgatar a quem se pudesse resgatar. E sor Juana era uma figura muito importante. Não queríamos que se perdesse seu trabalho poético. Talvez, talvez.

O caso é que se sentiu advertida e começou a cuidar de suas palavras. Para isso, um dia surpreendi Elena dando a sor uns papéis e uns livros, e então me disse que a missão estava cumprida e que o melhor era corrermos de imediato. Nem sequer me deixou despedir-me nem beijar a bela mão de sor Juana, que era o que eu mais desejava desde que vi seu lindo quadro, ainda que ela o desdissesse e tachasse de "engano colorido".

De regresso, chegamos ao porto de La Vera Cruz com tal pontualidade que nosso barco já estava levantando âncora. Demos dois saltos extraordinários. E não sei se imaginei aquilo, se foi real ou a repetição de um sonho, porém me pareceu que vi aproximarem-se a toda velocidade uns meirinhos que já não puderam deter o barco.

Uma vez em Havana só nos restou esperar que viessem nos recolher. Passava o tempo e não tínhamos notícia de *La Reina Esther*. Eleno teve a ideia de embarcarmos em outra nau que nos aproximasse de alguma de nossas ilhas, a Curaçao, por exemplo. O plano, porém, não me convencia. Seguíamos esperando, lendo, escrevendo e Eleno metendo-se em brigas e duelos. Comecei a temer por ele/ela. Chamava a atenção demasiadamente.

Quando, por fim, vislumbramos o velame da nossa querida *Reina Esther* ficamos felizes. E, quando nos contaram a razão do atraso, não podíamos acreditar. Tinham encontrado com a embarcação que nos levou e trouxe a Havana e em um rápido combate tinham esvaziado seu conteúdo.

Este foi o fim de nossa rápida visita a sor Juana

INAD

Prometi que seguiria escrevendo sobre a melancolia e estou cumprindo. Este é o relato de um homem jovem, chamado Inad. Desde que o vi subindo pela escadinha de *La Burladora* pensei que ele era diferente. Alguma coisa nele o distinguia, mas não sabia o quê. Fiquei intrigado com seu caminhar pausado como se não quisesse pisar o solo. Como se não tivesse pressa para terminar de subir. Com uma lentidão exacerbante. Seria capaz de chegar ao alto ou retardava a chegada como se não estivesse decidido? O saco com seus pertences que levava pendurado a um ombro era pequeno e não estava muito cheio. Poucas seriam as suas posses. Pouca a sua dependência deste mundo terreno. Talvez por isso estivesse embarcando. Pela ambiguidade do mar e sua instabilidade. Porque a terra é terra e não muda. A água é o acaso e o inesperado.

O homem seguiu subindo com o maior sossego possível: tranquilidade? Preguiça? Esperança de não chegar? O adiamento em alcançar o último lance da escadinha era tal que, por um momento, me pareceu que os dois lances se multiplicavam como se fossem inacabáveis e estivessem dirigidos a um céu enganador. Suas pisadas leves e rítmicas indicavam um corpo magro prestes a voar. Chegar, por fim, no alto foi uma façanha nunca contemplada antes. Quis dizer-lhe alguma palavra, porém nada saiu de minha boca como se adivinhasse que, ao mesmo tempo em que era leveza, era parcimonioso no falar.

Os dias seguintes foram de aprendizagem da rotina marinheira. Inad parecia saber das tarefas requeridas e cumpria tudo cabalmente. Eu procurava falar com ele e descobrir algo de sua vida. Ele resistia a falar de si e o silêncio excedia. Tentei conquistar o rapaz, separando para o seu prato algum bocado especial. Ou pedindo a ele que me ajudasse em alguma tarefa. Ele respondia com um sorriso; porém, nada mais.

Dormia pouco e se levantava à meia-noite para contemplar a lua e as estrelas. Em seguida regressava a seu catre e, embora fechasse os olhos, demorava para dormir, como se repassasse acontecimentos obcecantes de sua vida. Quando conseguia conciliar o sono muitas noites era tomado por pesadelos e acordava empapado de suor. Lembrava o grumete-anjo.

Ele me intrigava e pedi ao capitão que o colocasse comigo na cozinha. Eu lhe ensinava minhas artes culinárias e lhe pedia que não me deixasse distrair-me, por meu costume de queimar a comida quando começo a escrever. Inad aprendia rapidamente e era minucioso e perfeccionista. O que eu não conseguia era tirar palavra dele. Ele me respondia com monossílabos: "sim", "não". Quando seu vocabulário aumentou, sua frase favorita era: "Não importa", mesmo nas piores circunstâncias.

O resto da tripulação começou a ter a mesma curiosidade que eu. Falavam com ele, lhe perguntavam, faziam brincadeiras, sacudiam-no. Inutilmente. Alguma coisa mudou no comportamento dele quando lhe perguntaram se tinha estado nos mares asiáticos. Pela primeira vez prestou atenção, sorriu e respondeu com seu monossílabo afirmativo preferido. Mas foi só.

Essa mudança no seu rosto e o monossílabo expressado publicamente me fizeram pensar que algo especial teria passado nesses mares longínquos. De volta à cozinha o interroguei e comecei a nomear portos até que mencionei Hong Kong e, de novo, seu rosto se iluminou.

– Você esteve em Hong Kong?

– Estive.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não é nada.

– Não é ou não foi?

– Não é nada.

(E isso me surpreendeu porque ele seguia insistindo no "não é nada"

– Foi ou é?

– Não.

– Se foi, foi ruim?

– Foi.

– Ruim?

– Não.

– Então?

– Não é nada.

– Decida: sim ou não?

– Sim ou não.

(Com isso notei seu uso sutil das conjunções.)

– Então foi alguma coisa.

– Foi.

– Você não pode me contar?

– Não.

– Por quê?

– Não é nada.

– Se não é nada, você me conta?

– Não.

E daí não saía mais nada. Ainda que, pelo menos, suas leves variantes monossilábicas indicavam certo grau de confiança ou certo desejo de contar o que aconteceu. Seu vocabulário defensivo começava a mostrar fissuras e era apenas questão de seguir insistindo pouco a pouco.

Nossas mínimas conversas (poderia avançar e dizer "minimalistas", como algumas passagens repetitivas do músico da corte Francisco de Salinas, segundo me explicou Fray Luis de León a última

vez em que nos vimos?) sempre terminava em um "não é nada" tão textual que ficava óbvio demais.

Inad esmorecia, não tinha apetite e parecia ter saudade de outros mares e de outros idiomas. Tampouco eu tinha podido averiguar de onde ele era, mas era comum entre os marinheiros esconder sua origem e ninguém perguntar muito para o caso de haver algum delito ou crime cometido.

Passados alguns dias começou a mostrar interesse pelo manejo de armas observando atentamente como os piratas cuidavam de seus mosquetes e arcabuzes, como desarmavam, limpavam e carregavam as armas. Eu o vi acariciar suavemente um arcabuz quando seu dono o deixou de lado; o que me surpreendeu especialmente, porque não combinava com seu temperamento melancólico. A não ser que ele estivesse encantado com a perfeição de sua forma e o tato de seu metal polido em contraste com a madeira cálida.

Ele tinha temperamento melancólico sim. Daí sua tendência à solidão e ao monossilabismo. Tentei levar minha investigação para esse lado e não deixei de aproveitar qualquer oportunidade nostálgico-saudosa para apanhá-lo de surpresa. Seus passeios noturno-lunáticos eram perfeitos para o meu propósito e então descobri alguma coisa.

Inad começou a procurar em seus bolsos. Tirou uma caixinha de prata lavrada. Abriu suavemente e a deixou aberta um momento. Em seguida aproximou o rosto e parecia absorver um pó. Fechou a caixa e a guardou. Suspirou. Aproximou-se do corrimão da coberta e aspirou o ar fresco da noite.

Pude observar isso várias noites. Não me atrevi a interrogá-lo. Preferi não continuar descobrindo do que se tratava.

Seu comportamento não variava. Suas respostas eram as mesmas. Escutava falarem e guardava silêncio. Ele retinha tudo em sua memória e círculos obsessivos o atormentavam: parecia querer confessar-se. Mas ele não dizia quais eram esses círculos obsessivos.

Hong Kong era o lugar de sua melancolia, de sua entrada a paraísos artificiais dos quais teria querido sair. Ou, talvez sim, e por isso se tinha ajeitado em nosso navio. Ainda que se pudesse pensar se ele não estava fugindo de algo pior. Podia imaginar-se que sob efeito de

drogas ele se tivesse envolvido com uma prostituta e tivesse matado a mulher. Mas minha mente acelerada descartava essa hipótese.

Até que um dia ganhou a admiração de todos nós. Ninguém imaginaria, mas não se sabe como nosso capitão Samuel Palache caiu na água. E quem foi que imediatamente se lançou para resgatá-lo? Efetivamente, Inad, que se mostrou um nadador excelente. Quando todos se precipitaram para felicitá-lo, sua resposta foi: "Não foi nada".

Sua história continuou sendo um mistério e seus passeios noturnos durante os quais pegava sua caixinha de prata lavrada eram rotineiros. Eu teria gostado de saber o que era o pó que ele guardava, um pó mágico que nunca se esgotava, como se se reproduzisse.

Inad, assim como chegou, desapareceu. Quando atracamos no porto de Havana o vi descer tão lentamente como tinha subido meses atrás e tive um mau pressentimento. Virou a cabeça na minha direção, me disse adeus com a mão e sorriu. Nunca mais voltei a vê-lo e como ele, repeti sua frase preferida: "Não é nada"

CASAUBON

Ao lado das coisas tão ruins que eu vivi, existem outras muito boas. Lidei com escritores, pintores, escultores, arquitetos, cozinheiros e personagens como Isaac Casaubon a quem dei algumas aulas de hebraico quando nos encontramos em Montpellier. Hoje, nestes mares caribenhos, me lembro dele.

Ele foi um erudito incansável. Tudo para ele era ler, ler, ler e escrever, escrever, escrever. Não parava. Não havia modo de lhe dizer, basta, descanse um pouco. Não ouvia quando se falava com ele. Um livro levava a outro livro e não se conformava com uma opinião apenas e buscava muitas mais. Tampouco se conformava com ler e estudar em um só idioma, ao contrário, decidia aprender a maior quantidade de línguas para chegar às fontes primárias. Um verdadeiro erudito. Eu ficava surpreendido com seus extensos conhecimentos e com o fato de ele ter sempre à mão uma resposta para o tema de que se tratasse.

Sua história era complicada como a de todo humano inteligente que valha a pena. Ser huguenote na França católica de minha época era uma condenação. Sua família ia e vinha de Ceca a Meca para escapar das perseguições. Por isso ninguém duvida de que ele se converteu em um exilado com todas as características. De país em país o que não deixava de fazer era continuar aprendendo, lendo e escrevendo. Era reclamado por universidades e reis, e ele comparecia por curiosidade e desejo de transmitir ciências e saberes. Embora, é claro, tivesse que ter

cuidado com suas opiniões religiosas. Este era um assunto que o preocupava demais. As incongruências não combinavam com seu temperamento e era dubitativo por natureza. Inclusive, com certo senso de humor, não aceitava os absurdos. A fórmula de *credo quia absurdum est* não combinava com ele. E isso lhe trazia problemas.

Quando eu o conheci, ele estava empenhado em aprender hebraico e aramaico. Algo suspeito. Ensinei a ele o máximo que pude e ele aprendeu a escrever o alfabeto hebraico com cuidado, de maneira muito mais legível do que as letras latinas de seus manuscritos que, às vezes, nem ele entendia. Depois passamos a discutir assuntos de teologia e ele se surpreendia com meus conhecimentos. Recomendei que ele estudasse o Talmud, a Mishná, o *Guia dos perplexos* de Maimônides e até os livros da Cabala. Enfim, ele se transformou num especialista em judaísmo. Ele quis aprender ídiche, mas eu lhe disse que só podia ajudá-lo no ladino. Que, naturalmente, aprendeu num instante e quase sem sotaque. Seu dom de línguas era maravilhoso. Teria sido um bom espião, coisa da moda na época, mas não lhe interessava. Não queria complicar-se mais do que estava complicado.

Outra de suas curiosidades consistiu em me pedir que lhe explicasse as regras da dieta ritual judia ou *cashrut*, as quais expliquei pacientemente enquanto ele tomava nota. Não sei se chegou a cumpri-las na preparação pessoal dos alimentos. Porém conhecendo como eu o conhecia, diria que podia muito bem tê-lo feito.

O dia em que nos despedimos, porque os irmãos Palache requeriam meus serviços para uma nova viagem transatlântica, pressenti que uma nova ameaça pairava sobre ele.

Passados anos, eu soube que quando ele dava aulas na Universidade de Oxford, tinha escolhido como secretário um esperando amigo meu, Jacobo Barnet, com quem se envolveu em acontecimentos estranhos que não foram esclarecidos. Jacobo foi para na cadeia depois de uma tentativa arrependida de conversão ao cristianismo e foi Isaac quem se encarregou de libertá-lo. Os nomes bíblicos se repetiam: as histórias de Isaac e Jacó.

Para mim Casaubon foi um sábio muito valente: em uma época tão complicada como esta que me coube, alguém que chegue ao âmago dos assuntos teológicos, históricos, gramaticais por seu pró-

prio esforço, deixando de lado dogmatismos e preconceitos, é de admirar. Além disso, com tanto livro que se publica, graças ao invento da imprensa, nem eu mesmo, entre pratinho e pratinho, tenho tempo suficiente para ler. Não consigo entender como Casaubon consegue. Ou sim. Com certeza ele se concentra tanto na leitura que esquece o restante: ele se esquece de tomar banho, de se vestir, de comer, de dormir, de copular. Tudo, além de ler, é prescindível. Que homem!

Não poderia parar de contar mais coisas de minha época. O que acontece é que eu quero dar testemunho dela. Um testemunho imparcial, já que não sou nem sábio, nem letrado, nem soldado, nem cabalista, nem alquimista, nem comediante. Ainda que eu seja, isso sim, um grande observador, um grande amigo de situações imprevistas, um improvisador e, em consequência, deveria ser um grande cozinheiro. Embora eu duvide disso, por estar sempre estragando refogados deliciosos.

Voltemos a Isaac Casaubon, que eu considero mais representativo da minha época do que todos os reis, imperadores, papas, inquisidores e grandes personagens. Claro, o que me atrai nele é sua tranquila rebeldia, seus imperturbáveis ensinamentos, suas flagrantes investigações, seu ir e vir, seus exílios, seu não conformismo sua falta de solenidade. Um simples e exemplar exemplar.

Quero também descrever seu olhar. Um olhar direto, sem concessões. Reflexo de seu pensamento: olho você, o conheço, o aprecio, não evito você, assim você me conhece, não lhe oculto nada, não sorrio para você, mas o escuto, o que é o mais importante.

Claro, digo eu, que, se além de escutar você sorrisse, seria perfeito. Porém, às vezes, o sorriso é ambíguo e quem o recebe pode confundi-lo com um gesto de zombaria. Ah, por que o ser humano é tão difícil de satisfazer? O que eu não daria por um bom sorriso? Às vezes é preciso tomar a iniciativa e lançá-la de repente para ver o que acontece. As reações são diferentes: existe gente que se surpreende e sorri depois de um bom tempo; gente que se ofende e não retribui; gente que, alegre, sorri imediatamente; gente que, confundida, olha para o outro lado; gente que, distraída, não se dá conta; gente que pensa que o sorriso não é para ela e segue como se não fosse nada; gente que, estupefata, se paralisa; gente que se pergunta: por que esta

pessoa que eu não conheço está rindo para mim? Ou sim conheço, mas não lembro? E na dúvida, sorrio; existe gente que, piedosa, diz a si mesma: e se ele for um ser indefeso, maltratado, portador de deficiência? E lhe oferece o seu melhor sorriso; existe gente que, irascível, lança um olhar de ódio; gente que disposta a reformar o mundo sorri e até dá a mão; gente que, violenta, dá uma rasteira; gente que, amorosa, manda beijo; gente que, cheia de inveja se pergunta: por que eu não sorri primeiro? Gente que, antecipadora, sorri antes. Gente como Isaac Casaubon que eu não sei se sorrirá alguma vez.

Sei que já escrevi sobre os sorrisos, mas eu gosto de repetir com variantes. Assim me divirto. Como em um jogo de letras e palavras. Como se fosse um dicionário ambulante,

Que sorte a minha viver nesta época. Apesar dos pesares.

Folhas em branco. Lodaçal

É a minha vez de aproveitar as folhas em branco do filósofo Oseas, depois de seu entusiasmo escritural que quase não deixa espaço para mim.

Acordei com a palavra "lodaçal" e comecei a pensar por quê. Lembrei-me de um romance de Iris Murdoch, *O unicórnio*, lido faz muitos anos. A paisagem era mais para enevoada, no castelo de Gaze, e tinha alguma coisa a ver com lodaçal e inundações.

Lodaçal. Lodaçal. Por quê? Mescla de água e terra em alguma paragem. Com essa água e terra se poderia criar uma figura? É provável. E depois secá-la ao sol? É provável. Para quê? Para que tanto empenho em tanta fragilidade? Porque a vida humana é assim? Muito empenho e maior fragilidade ainda.

O que lembro de Iris Murdoch são os brejos. E dos brejos vou aos pântanos. E essas cenas em que o protagonista está a ponto de fundir-se com o lamaçal. Ou as areias movediças, enganosas, impiedosas. Cenas de suspense, de temor, de quem se salvará? E lembro outra cena vista na televisão da Colômbia: umas chuvas torrenciais e

a descida em cataratas de toneladas de lodo. As pessoas aprisionadas, afundando-se para sempre. A câmera da televisão focada em uma menina com meio corpo no lodaçal e a parte superior lutando para escapar do afundamento. Os esforços para salvá-la. Dia após dia, enquanto ela afundava lentamente. A menina dizendo que queria viver, que tinha muito que fazer, enquanto ia se debilitando pouco a pouco e quase não se ouvia o tom de sua voz. Seu tronco a cada instante mais e mais submerso até que o lodo chegava ao pescoço e ela ainda com esperanças de que seria salva. Jogaram troncos para que ela apoiasse os pés e não se conseguia nada. O lodo lhe tampava o rosto e ela ainda olhava já sem poder falar. Quando ela afundou totalmente eu não quis olhar e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Tenho esse momento tão gravado que sabia que algum dia viria à tona. Sim, à tona, ainda que possa soar terrível e irônico. E hoje, quando escrevo isso, a história da menina esperançosa me aparece e volto a chorar.

Lodaçal, lodaçal, esse era o lodaçal que tantos anos depois me acordou com essa palavra ressoando. Lodaçal. O da morte e a esperança era o lodaçal que deu voltas no meu cérebro e que interrompeu meu sonho para que eu escrevesse isso.

Como será morrer em um lodaçal, com o corpo aprisionado, incapaz de qualquer movimento e o frio insuportável? Porque a menina dizia isso, que estava morrendo de frio e seu corpo tremia: afundado no nada, sem ter onde apoiar os pés e sendo sugada mais e mais para baixo. Conversavam com ela e queriam consolá-la e ela acreditava nessas palavras e agradecia com a certeza de que iam salvá-la. Nunca perdeu a esperança, não podia morrer, ela era esperada por muitas coisas. No final tinha sono, vontade de dormir para sempre. Fechava os olhos e gritavam para ela, não, não durma, está faltando pouco, vamos salvar você. E isso a manteve acordada até que não pôde mais, inclinou a cabeça e fechou os olhos para sempre.

Lodaçal. Palavra estranha. Agora compreendo que essa palavra tinha estado no fundo da minha mente durante anos esperando para surgir na superfície, como algum dia ficará a descoberto o cadáver da menina que não perdeu a esperança. Em vão.

Folhas em branco. O olhar perdido de minha mãe

É difícil escrever sobre a própria mãe. Ilusa? Ela ou eu? Sentimentos de todos os tipos se cruzam na minha mente. É algo tão íntimo, para que no final só fique alguma coisa necessária. Uma espécie de despedida, não dela, mas de mim. Porque também podemos nos despedir de nós mesmos.

Seu olhar de uma cor indefinida, entre verde, café, amarelo. Olhos grandes, tão expressivos, brilhantes. Quando eu era menina, falávamos olhando-nos nos olhos. Ela me dizia que não era necessário usar palavras. Olhávamo-nos e sabíamos. Por isso, essa fotografia diz tanto, em silêncio.

A foto foi tomada em Caimito del Guayabal, pequeno povoado da província de Havana, por um amigo de meus pais, Luis G. Wangüemert. Tínhamos chegado a Havana de navio, do porto francês de La Pallice, depois da Guerra Civil Espanhola. Foto não pousada, surpreendida pelo fotógrafo. Foto aberta ao infinito.

O que estaria pensando minha mãe? Sentada em uma cadeira de balanço da varanda da fazenda de São José. A varanda rodeava a casa toda de madeira, assentada sobre estacas para deixar passar os ciclones. O corpo tranquilo, a mão roçando o rosto e uma expressão de meio sorriso, apesar do olhar perdido. O que ela estaria lembrando?

Porque recordar era seu jeito de ser. Tinha vivido tanta vida que podiam ser escritas páginas e páginas sobre ela. Marcada pela morte desde a infância quando perdeu o pai aos quatro anos; depois, recolhida por um casal porque sua mãe, na pobreza, não podia manter todos seus filhos. Depois o suicídio de seu pai adotivo, quando ela tinha quinze anos, e o casamento com meu pai um ano mais tarde. Aos dezessete anos, internada em um hospital da França por causa da febre puerperal, perde a sua primeira filha recém-nascida. Regressa para a Espanha: nova gravidez e nascimento de meu irmão. Chegam uns anos de tranquilidade junto com a alegria da proclamação da Segunda República Espanhola, interrompidos pelo levantamento franquista contra a República. Saída da Espanha para a França de minha mãe, grávida de mim, e com meu irmão de seis anos, enquanto meu pai permanece em Madri.

Em Paris ocorre a outra grande tragédia de sua vida: meu irmão morre atropelado por um caminhão, do que ela nunca se recomporia. Fico eu, de dois anos de idade, porém ela não suporta me ver, me repele e um casal amigo me leva para viver com eles durante uns meses enquanto ela se refaz. Anos depois soubemos que, quando os nazistas invadiram a França, esse casal tinha sido denunciado como judeu e foi enviado para a morte.

Um pouco antes de estalar a Segunda Guerra Mundial, embarcamos para Cuba. Meus pais pensam em uma nova vida que apague a anterior e por isso se refugiam em Caimito del Guayabal. Minha mãe sofre, o calor a angustia, grande leitora e ávida de conhecimentos busca livros e como não encontra descobre um quarto cheio de jornais atrasados e se dedica a lê-los e a conhecer para trás as notícias cubanas. Enlaça os fatos históricos sob a perspectiva americana e aprende a relatividade pelos diferentes enfoques do vivido de um a outro lado do Atlântico. Porém a morte continua assomando e, desta vez, minha mãe resvala por um barranco e aborta.

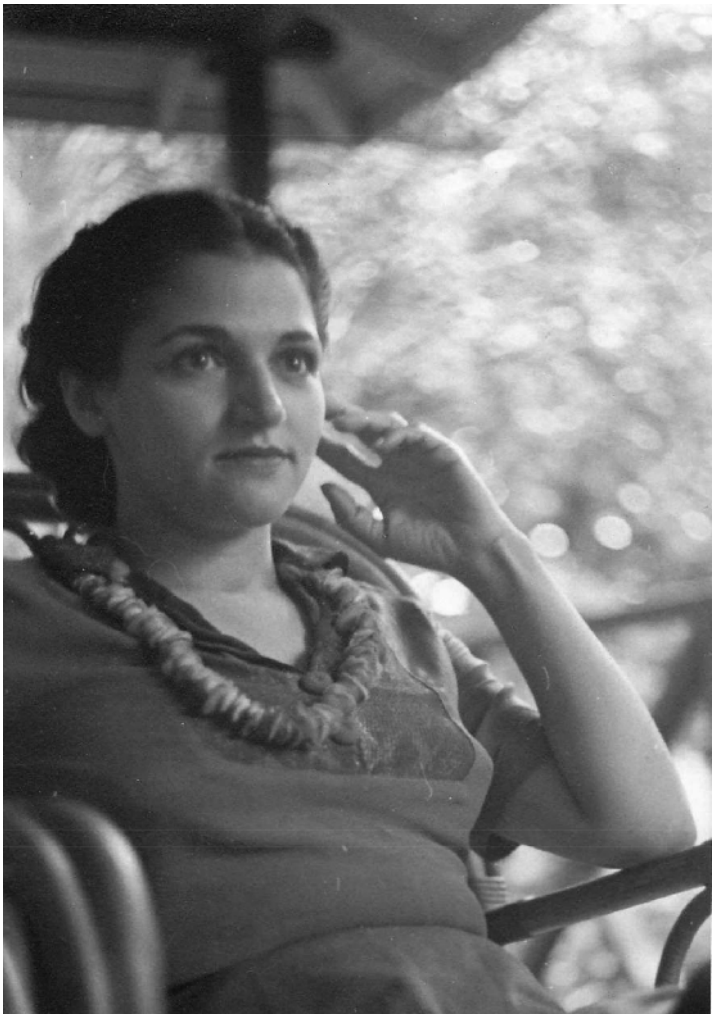
Um dia encontra amigos também refugiados da guerra espanhola e um deles é o autor desta fotografia. Foi assim que me criei entre adultos, ouvindo suas histórias, que não eles paravam de contar, e guardando na memória uma infância de encontradas facetas.

Minha mãe me contava a vida dela na Espanha e na França. Descrevia a família sem economizar fatos e personagens em seus aspectos claro-escuros. Desde então, ela pensava que eu ia ser escritora e me pedia muita atenção para não esquecer os detalhes e algum dia escrevê-los. Graças a ela posso recordar lugares, paisagens, árvores, o mar, cheiros do campo, pores do sol, chuvas e temporais.

Porém o que me angústia, ainda hoje, após sua morte, anos atrás, é não lhe ter perguntado muitas coisas que ficaram sem resposta. O que esse seu olhar estava refletindo? Onde eu estaria que não lembro nada? Este esquecimento da memória. Essa traição que nem sequer chega à traição. Por acaso a memória se importa com a sua memória?

O que minha mãe, em sua memória recôndita, teria presente nesse olhar ensimesmado? A vida com seus pais adotivos que a cobriam de presentes e lhe davam o melhor de si? E, no entanto, por

que o suicídio? Não foi suficiente sua presença e seu amor? O olhar não encontra a resposta.



A mãe da autora em Caimito del Guayabal

A memória como continuação das mortes. A morte como herança que me aparecia em sonhos e aparecia estando eu acordada. Por um caminho da fazenda São José íamos minha mãe e eu chupando uma laranja. De repente, engoli uma semente e, certa de que ia morrer, contei isso para ela. Ela me tranquilizou, sempre me tranquilizava, com esse olhar entre sorridente e perdido.

Seus relatos eram meu sustento. Tinha uma coleção de relatos e um refrão para cada ocasião. Tinha também cadernos nos quais anotava todo tipo de conhecimento, fórmulas, datas, acontecimentos históricos, notícias, estatísticas, operações matemáticas, versos de seus poetas preferidos que em seguida me fazia memorizar. Obrigou-me a aprender as capitais de todos os países, os rios, as montanhas. Como se esse olhar perdido sentisse falta de maiores conhecimentos e nunca ficasse satisfeito.

Porém seu olhar também podia ser um olhar fulminante, de raiva, de desprezo. Um olhar devastador, profundo, que aniquilava quem o recebia. Ensinou-me a olhar fixamente alguém e não desviar a vista até que o outro baixasse a sua. Era uma espécie de domínio temido, sem sentido, parecido à presença da morte. Uma condenação, um jogo perverso. A pior reprimenda que podia receber dela era: "Olhe nos meus olhos", que também me foi dado como herança.

Eu me pergunto se esse olhar de olhos inalterados, precisos, entre a beleza e a severidade, e esse meio sorriso irônico não eram senão um desafio à morte que não perdoa nada nem ninguém.

Folhas em branco. Quem era o Sr. Velasco?

Uma descendente daqueles esperandos dos quais falava Oseas, foi Carmia. Sua vida se complicou desde a infância quando ficou órfã de pai e foi dada em adoção por sua mãe, que não podia sustentá-la. Seus novos pais, financeiramente bem e sem filhos, proporcionaram a ela uma educação esmerada. Para começar a mandaram ao colégio São Luís dos Franceses. Sua situação no colégio de irmãs foi estranha. O que fazia ela naquele colégio de meninas ricas e católicas? Ela não

era nem uma coisa nem outra, porém pelos acasos do destino, tinha sido convertida em uma pessoa diferente. Acasos. Que acasos? Os acasos surgem em um instante; não se pode superá-los, mas é preciso remediar logo o fato que altera a vida para sempre.

Talvez tenha sido no colégio que ela conheceu as filhas do Sr. Velasco, mas não tem certeza. Suas vagas lembranças remetem a ele. Quem era essa personagem? Ela o confunde com uma canção da época.

Papai, se o senhor me deixar
um pouquinho na Alameda

com as filhas de Merino

que trazem boa merenda.

Na hora de merendar
se perdeu a menorzinha,

seu pai a foi procurar,

rua acima, rua abaixo,

na rua de São Tomás

onde conseguiu encontrá-la

em um portãozinho escuro

falando com seu galã.
E estas palavras dizia:

Minha avó tem um peral

que cria a pera fina.[12]

Que estranho lembrar partes de uma canção e nem ter certeza de que essa fosse a letra. Mas associá-la com o Sr. Velasco. Pelas filhas que tinha e as filhas de Merino.

Ele deve ter sido uma personagem especial. O que mais recordava Carmia era que na hora de comer, se tinha que partir o pão ou o queijo ou um bolo, o fazia perfeitamente e. se ficava um pedaço desigual, voltava a cortá-lo e essa era a parte que se comia, fosse pouca ou muita. Por isso sempre se lembra dele com a faca na mão.

O que mais fazia o Sr. Velasco? Tudo o que via mal colocado, mal dobrado, assimétrico, ele consertava imediatamente. Um qua-

dro inclinado, o punha reto. Os talheres deviam estar perfeitamente alinhados na mesa. Os lápis em sua mesa com a ponta afiada e ordenados por tamanho. As folhas de papel em montes de quantidade igual. O jornal, depois de lido, era deixado na mesa com as folhas impecáveis, nenhuma mais saliente que a outra. Os livros, classificados alfabeticamente e dispostos do maior ao menor. A roupa no armário arrumada por cores e formas. Caminhava sempre pela calçada de sombra porque não queria ver sua própria sombra. Protegia-se do sol com um chapéu da cor da roupa. Cada peça do vestuário combinava com a outra. Falava pouco e medido. Cada palavra era pensada e precisa. Não dizia nenhuma a mais.

Carmia o observava e queria ser como ele, porém sua vida subvertida não permitia, para ela não existiam a ordem, nem o equilíbrio, nem a segurança. Fingia diante dos demais e temia que descobrissem sua vida dupla entre esperança e desesperança. Ver alguém com tanto rigor, pleno, impassível, era um consolo. Por isso apreciava quando era convidada a merendar com as filhas do Sr. Velasco, como as filhas de Merino. Sem o fim da canção.

Até que um dia o Sr. Velasco lhe perguntou por que o observava tão detidamente e ela não soube o que responder. Então a levou a um quarto separado e lhe confessou que ele também era um esperando e que, por isso, construía um mundo de aparências. Carmia não voltou mais à casa do Sr. Velasco. Quem era ele, na verdade?

EM CUBA, LIÇÕES DE ALQUIMIA

Nossos ataques aos navios piratas sozinhos ou em conjunto com ingleses e holandeses aumentavam. A ilha de Cuba, por ser a primeira pela qual passavam os galeões espanhóis carregados de barras de ouro e prata, era objeto constante de incursões e batalhas. Atacávamos por Pinar del Río, Baracoa, Havana, Camagüey, San Juan de los Remedios, Bayamo, Siguanea, Trinidad.

Ao mesmo tempo, muitos esperandos se tinham estabelecido na ilha e por eles sabíamos quando um comboio proveniente da Nova Espanha e carregado de riquezas se aproximava. Nós nos preparávamos para o combate e quase sempre saímos ganhando. Depois de tudo tratava-se de negócios de altos voos ou baixa preamar. Havia atos sangrentos, claro, e violações e torturas e mortos e feridos e mutilados. Quase sempre somos pintados sem perna ou sem olho e com uma bandeira que ostenta uma caveira. Mas se não chegamos a tanto, é até divertido. Às vezes penso, com meus dotes adivinho-literários, que poderíamos ser objeto de futuros romances e extensos poemas. Estaríamos na moda. Mas, por que nos idealizar? Ainda que, no caso dos piratas ingleses, até sua rainha Isabel os converta em nobres e lhes dê o título de *Sir*. Nós, não. De jeito nenhum. Ninguém nos recompensou, embora déssemos parte de nossos lucros para a comunidade de Amsterdã para apoiar atos de caridade ou impulsionar a educação.

Em Cuba, graças aos esperandos estabelecidos, está ocorrendo uma situação especial e diferente da do resto dos países das coroas espanhola e portuguesa. É assim que a Inquisição tem menor influência e não tem havido, nem acredito que haja queimas de nossos companheiros. O ambiente cubano não é asfixiante no tocante à religião católica, inclusive existem convertidos em cargos eclesiásticos. Coube-me entrar em uma igreja e ouvir o padre pregar em hebreu, enquanto os fieis acreditavam que era latim. O senso de humor nos caracteriza e a coisa não vai tão mal para nós os esperandos.

Mas, voltando às incursões de nossos barcos, quero mencionar o estranho caso de um alquimista que não sei como apareceu no porão perfeitamente instalado e rodeado de tubos, alambiques, filtros, balanças, e até de um atanor. Estava empenhado em transmutar a maior quantidade de ouro possível e tinha apontamentos de onde localizar o tesouro de Cristóvão Colombo.

Asher Benalef tinha usado suas artes mágicas para embarcar sem ser visto porque pensava que o movimento marítimo seria um bom procedimento aplicado a seus experimentos. O clima bom ou ruim marcaria o resultado final, sabendo-se combiná-lo com as etapas do albedo, nigredo e rubedo. Entre outras fórmulas aprendi com ele como preparar água de ouro que, embora não me servisse para cozinhar, fiquei tentado a jogar umas gotas no caldo de galinha, para deixá-lo mais dourado.

Asher Benalef me ensinou o quadro mágico que mostra a infinita variabilidade da água de ouro, o qual eu copiei imediatamente no meu livro de receita e me pus a fazer cálculos:

8	58	59	5	4	62	63	1
49	15	14	52	53	11	10	56
41	23	22	44	45	19	18	48
32	34	35	29	28	38	39	25
40	26	27	37	36	30	31	33
17	47	46	20	21	43	42	24
9	55	54	12	13	51	50	16
64	2	3	61	60	6	7	57

Descobri que esse quadro soma em todas as direções: de cima abaixo, da direita para a esquerda e em diagonal, 260, cuja soma dá 8, que é o número de *yesod* ou fundamento da árvore sefirótica. Em referência ao processo alquímico inclui o número de purificações. E em hebreu a água de ouro se chama *mei-zahav*. É uma água que não procede da terra nem das minas, mas que surge do trabalho alquímico, depois de muita paciência, tentativas, variações.

Asher Benalef tinha escapado da perseguição de guardas do reino de Mallorca, acusado de ter sido incapaz de produzir ouro na quantidade desejada para as arcas reais. Embora tenha sido detido, pouco depois conseguiu escapar e virou o médico dos cortesãos. Mas essa ocupação não o convencia, já que seu desejo era construir um laboratório de alquimia e ir reunindo os aparatos necessários para trabalho tão árduo. Depois, escolher os materiais de trabalho também levava tempo.

Ele dependia de mecenas que lhe proporcionassem o dinheiro necessário para seus experimentos. Depois, a luta era encontrar um bom aprendiz que lhe ajudasse de forma eficiente, que acompanhasse seu trabalho e que não o traísse fugindo um belo dia com suas fórmulas secretas para usá-las em proveito próprio. Isso era o mais difícil de achar. Eu lhe disse que um bom ajudante vai conspirar contra ele ou que um mal ajudante vai botar a perder anos de trabalho por sua incompetência.

Por isso, Asher Benalef quis deixar para trás a terra firme e embarcar para continuar seus estudos e investigações sem ninguém para atrapalhar. Pouco a pouco, ganhei a confiança dele e unimos nossos gênios combinatórios. Aprendi com ele a importância de graduar os calores e assim evitei que meus alimentos se queimassem. Porém ele também observava meus procedimentos, e por isso comecei a me considerar seu colaborador.

Nossa base de inspiração e fornecimento foi a ilha de Cuba, ele em busca do tesouro de Cristóvão Colombo, eu de frutas e verduras. Maravilhosas frutas, cuja doçura é inigualável e que eu não tenho palavras para descrever. Quanto a ele, bem, sua busca do tesouro passou por diferentes etapas. Primeiro, embora se supusesse que o lugar onde estava o tesouro de Colombo era a ilha da Jamaica, já que essa

lhe tinha sido outorgada pelos Reis Católicos. Como não foi descoberto nunca, Asher Benalef quis acreditar que o tesouro estava na ilha de Cuba. Tive muitas discussões com ele sobre o assunto, porém ele se agarrava a sua posição, afirmando que tinha sido uma maneira de desviar a atenção para que o tesouro não fosse descoberto. Estava disposto a criar um grupo que saísse em busca do ouro. Eu lhe perguntava se dispunha de alguma prova ou de um mapa em que ia se basear. Suas respostas não eram exatamente muito científicas e isso me decepcionava, pois eu acreditava que um alquimista estava mais próximo da ciência do que da magia. Por outro lado, no que me diz respeito, minha experiência de cozinheiro, de cálculo de quantidades, de manejo do calor, de misturas adequadas dava como resultado um bom experimento culinário. O fato de ele não se basear nesses procedimentos me fazia duvidar e eu até me considerava mais científico que ele.

O alquimista insistiu tanto na busca do tesouro que cheguei a acreditar nele. Um dia ele apareceu com um mapa que tinha elaborado sobre o possível lugar em que o tesouro estaria enterrado. Estava perfeitamente desenhado, dentro da escala e com medidas precisas, tão perfeito que poderia ter sido emoldurado e pendurado em uma parede para deleite de quem o contemplasse. Então, pensei: E por que algo imaginado não pode ser verdade? Enfim, acreditamos sem discussão em tantos disparates que um a mais não faz diferença. E disse a mim mesmo: vou acreditar. Imediatamente começamos a espalhar boatos já que, naturalmente, no contexto da pirataria a notícia do tesouro era um artigo de fé.

Tínhamos já formada um grupo de até dez acompanhantes dispostos a sair imediatamente em busca do tal tesouro. Os irmãos Palache riam de nós, pois eles só se baseavam em fatos reais e concretos: pão, pão, vinho, vinho. Eles prometeram ajuda no caso de as coisas darem certo.

Seguimos as instruções passo a passo e avançamos até o centro da ilha. Pelo caminho, ficávamos distraídos com todo tipo de acontecimento e atribuíamos isso a um misterioso desvio ambiental que nos indicava que não deveríamos continuar. Houve advertências de todo tipo. Algumas mais graves que outras, como o fato de cair um

coco na cabeça de um de nossos companheiros e ele não despertar do desmaio. Ou que algum outro enlouquecesse e começasse a dançar em círculo e não quisesse seguir adiante. Ou aquele que morreu de picadura de uma serpente que, aliás, não são venenosas em Cuba, mas talvez de susto. Ou alguém que, de repente, desaparecesse. E aquele que, sem nenhuma justificativa, matasse o seu vizinho e em seguida se suicidasse com um traiçoeiro punhal. Assim, o grupo ia diminuindo. A tal ponto que só ficamos Asher Benalef e eu. Foi então que aconteceu algo inusitado: Asher desdobrou o mapa, observou-o detidamente e concluiu que o tesouro, na verdade, não se encontrava na ilha do Caribe, mas na ilha da Jamaica como se tinha afirmado originalmente.

Isso foi um golpe duro: ter organizado semelhante expedição, maldita e mortal, para nada. Cabisbaixos e meditabundos, nós demos meia volta e regressamos com as mãos vazias.

Outro dos experimentos se relacionou com a medicina. Meu querido alquimista inventou, nada mais nada menos, que os metais poderiam servir para curar uma doença que se estendia na população e que se chamava câncer. Sua ideia era que a semente de ouro impediria o avanço, como um caranguejo, da tal doença. O problema consistia em como diluir o ouro para poder administrá-lo. Porém Asher seguia ao pé da letra a fórmula alquímica: "Ora, labora e invenies" e sua paciência não tinha limites Experimentava e experimentava sem dar-se por vencido.

Por isso tinha esperado a chegada de nossos barcos para conseguir uma porção de ouro extraído das minas de Potosí, pensando que a pureza desse ouro era máxima. Foi nesse período que ele imaginou que o melhor era embarcar sub-repticiamente e tomar as mostras auríferas diretamente, sem passarem por muitas mãos. Além disso, discutia comigo certas passagens de uma peça de teatro que tínhamos visto em Londres, *A tempestade*, na qual a figura do mago Próspero era para ele a de um alquimista em etapa de ocultamento: seu contato direto com os elementos da natureza foi o que inspirou nele o desejo de experimentá-los na própria carne e daí tirar suas conclusões mágicas.

A última viagem que o alquimista fez conosco no *La Reina Esther* e o temporal que sofremos, assim como sairmos derrotados em

nosso ataque ao comboio espanhol, o decepcionaram. Como chegou foi embora, desaparecendo subitamente com todos os seus instrumentos sem que nós nos déssemos conta. Às vezes não tenho certeza se esse episódio aconteceu ou não.

AÇÚCAR, CAFÉ, CACAU, FUMO

Agora eu tenho que escrever um pouco sobre uns produtos que se relacionam com meu âmbito culinário e com outros que não tanto, mas que coroam de maneira nefasta o fim da refeição. Açúcar, café e cacau são bons, mas o fumo estraga tudo.

O fato é que eles eram produtos por cujo desenvolvimento os esperandos fomos responsáveis. Quatro produtos que deixam os consumidores extasiados. Não há quem não goste. Menos eu, que desprezo o fumo, e que tampouco me entusiamo com o café. Mas o açúcar e o cacau me encantam. Principalmente se combinados. E com leite, então, nem se fala.

Vou por partes: o que move o ser humano é a fome ou a gulodice, pois esses quatro produtos não são necessários, mas sim gostosos. Suponho que nisso parecemos com os ursos e sua atração pelos favos de mel.

Uma vez que se prova o açúcar ele se torna irresistível. Quando os cruzados o levaram para a Europa já não se pôde viver sem ele. Algo bom, derivado das matanças religiosas. Algo para adoçá-las.

Foi Cristóvão Colombo quem teve a ideia de trazer as primeiras raízes provenientes das Ilhas Canárias para este novo continente. Graças ao clima destas terras cresceram rápido e se desenvolveram grandes plantações e fomos os convertidos e os esperandos que descobrimos sua importância comercial. Logo foi uma grande indústria, sobretudo no Brasil até que tudo nos foi tirado por parte dos cris-

tãos velhos e da poderosa Inquisição. É assim que acontece conosco: iniciamos um comércio ou uma indústria e assim que floresce, nos tiram baseados no fato de sermos infiéis e de pervertermos tudo o que tocamos.

Por sorte, nossa destreza naval e nossos atos de pirataria nos permitem recobrar o que inimigos avarentos tiram de nós. Até o grande almirante dos mares Cristóvão Colombo foi antes corsário e mercador. É o enorme negócio de nossa época. Inauguramos o toma lá dá cá: o que vai e vem: o roubado e o recobrado: o corrupto e o incorruptível. Pelo menos.

Assim, o cultivo do açúcar foi doce em todos os sentidos. E embora ele nos tivesse sido arrebatado, nós levamos o conhecimento a outros lugares. É a vantagem do saber: algo que nunca se perde e que não pesa nem ocupa espaço. Aqui quero contar a história de 700 crianças judias que, ao escapar com suas famílias da Espanha para Portugal e permanecer mais tempo do que o permitido, o rei João os declarou escravos e os enviou à ilha de São Tomé, depois de convertidos ao cristianismo. Muitos anos depois se mudaram para o Brasil e ingressaram na indústria de açúcar que se estava convertendo em uma das mais importantes do Novo Mundo.

Depois vem o café. De origem africana se estendeu pelo mundo. Bebida amarga e viciante. Grande negócio para os cultivadores entre os quais se destacam os esperandos. Cultivo de café no Brasil e em outros países. Delicioso para a maioria. Quando conseguia as sementes, eu mesmo as tostava e moía para preparar a bebida, para mim intragável. Mas para o capitão e o piloto, ótimo estimulante para entrar na batalha, razão pela qual costumava subtrair alguns grãos do carregamento a bordo e reservava para eles.

Tenho certeza de que se vai tornar uma bebida generalizada, imprescindível, caótica. A ela serão dedicados poemas e cantos, e quem sabe até cantatas. Até haverá salões especiais dedicados unicamente a seu consumo e servirá como forma de estabelecer conversa com desconhecidos. Que desastre ante tanta amargura, ainda que para dissimulá-la se lhe acrescente açúcar!

Cacau. Com essa bebida me reconcilio mais. Claro que, de novo, com açúcar. Neste momento estou pensando que poderia in-

ventar uma receita: faço uma mistura de cacau moído e junto um pouco de água ou até de leite e açúcar: deixo secar a mistura e em seguida se pode comer em pedaços. Assim que tiver grãos suficientes começarei a tarefa.

Fumo. Tem seus prós e seus contras. Cristóvão Colombo ficou deslumbrado com ele, maravilhado pela habilidade dos índios de soltar fumaça pelo nariz como dragões. Depois a Inquisição o considerou um ato demoníaco. Mas para nosso amigo e colaborador Walter Raleigh, grande adicto a fumar cachimbo, foi a maravilha das maravilhas. Eu também tentei fumar, porque Walter insistia para eu provar, mas me deu tal acesso de tosse que nunca mais tentei de novo.

Os quatro produtos se converteram, suponho que será por todos os séculos dos séculos, nos maiores negócios e em escravizadores dos que o cultivam e dos que o consomem. Uma pena.

A ESPERANÇA DE MENASSEH BEN ISRAEL

As formas da esperança são muitas, como os caminhos que levam ao mar.

As longas fileiras dos expulsos, dos exilados.

Sem saber qual será o porvir. Sem entender por que aconteceu o que aconteceu.

E se está acontecendo.

Séculos de permanência e tudo desaparece de um momento para outro.

Sem casa, sem trabalho, sem propriedades.

A solidão bem entendida.

Está dito pelo Decreto de Expulsão: sair no prazo de dois meses: vender mal as posses. Deixar os amigos, as rotas conhecidas, o calor, o clima. Sem piedade. Sem um consolo. A surpresa também

para os cristãos já acostumados a conviver com os judeus. O vazio. O buraco. As casas abandonadas, de agora em diante ocupadas por novos inquilinos. Impossível levar os animais queridos. Não saber qual será o passo seguinte nem em que área voltar a estabelecer-se. A incerteza, sim. Mas a esperança também. Por quê? Se sua vida era pacifica, ordenada, produtiva?

Não fazíamos mal a ninguém, apesar de sermos perseguidos, oprimidos, impedidos de levar uma vida normal e ainda assim fiéis, constantes, entregando impostos, obedientes à lei. Talvez por isso. Sustento de reis e nobres, cargos ocupados, cultura excelente. Em luta contra preconceitos e lendas absurdas: que bebíamos sangue de crianças cristãs, que envenenávamos poços, que tínhamos matado Jesus Cristo. E, no entanto, necessários, imprescindíveis no conhecimento, na ciência, na medicina, no ensino, nas artes e nos ofícios, no comércio e na navegação. Tudo apagado de uma só vez.

Nunca pensamos que poderíamos ser expulsos dessa maneira tão cruel. Consternação. Raiva. De repente, desejo de vingança que vai tomando forma e que se realizará. Ainda que, talvez a maior vingança seja indireta e, diante do vazio, a impossibilidade da Espanha de dar o passo para a modernidade. Porque éramos a força inovadora, a estabilizadora, a congruente. E, a partir de agora, o nada.

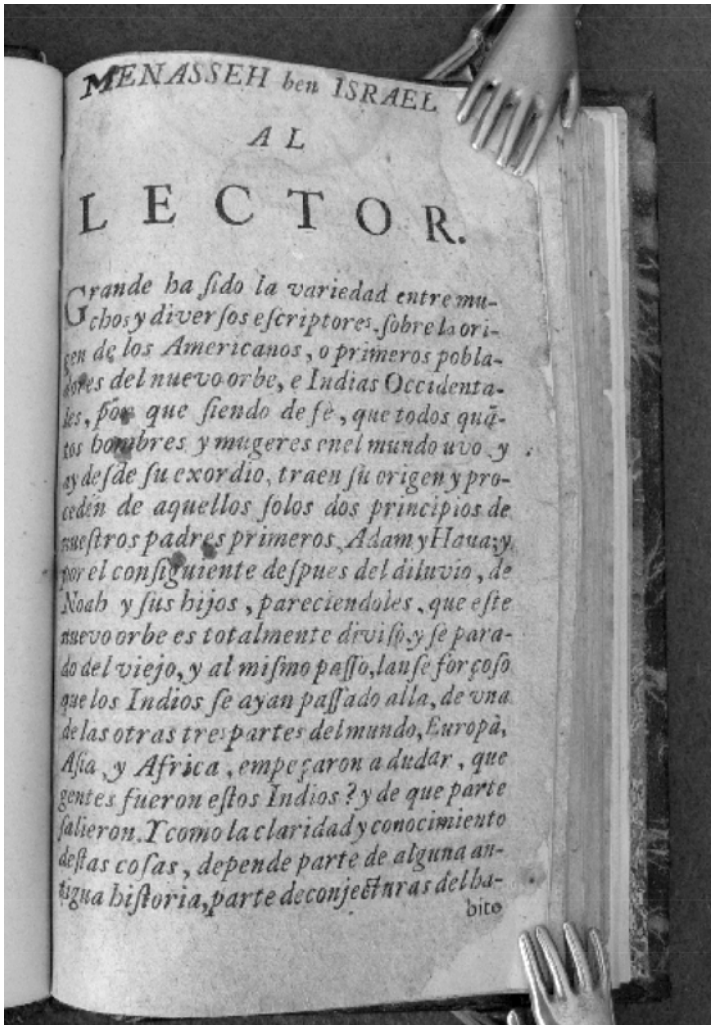
No entanto, sobrevivemos. Levávamos conosco o saber, que nunca se perde, e que no exílio se desenvolveu mais ainda. Às vezes, começar do zero é a totalidade e aí aonde chegamos e fomos acolhidos seguimos existindo e criando. A melancolia foi acentuada e nos impulsionou a novos campos.

Por isso, quando estou nesses atos de pirataria às vezes sinto falta da vida em Sefarad, ainda que impossível, e me conformo com a vida em Amsterdã. Isso deve ter sido o que aconteceu a Samuel Palache quando decidiu aposentar-se das flutuantes façanhas marítimas e dedicar o resto de sua vida à tranquila comunidade de Amsterdã, apoiando-a com suas riquezas para que crescesse e florescesse.

Não sei o que vai ser de mim, estou na metade de minha vida. Navegando nela. Estou ainda na etapa do exílio, flutuante-gastronômico no meu caso. Mais exílio por isso. Acontece que agora sinto falta de Sefarad, mas também de Amsterdã, essa última por sua tranqui-

lidade e por nos deixar viver em paz, coisa que nós desconhecíamos.

Outro esperando saudoso é Menasseh ben Israel. Tanto que seu livro se chama *Esperança em Israel*. Origina-se em Amsterdã, primeira cidade que compreendeu a tolerância e a diversidade. Coisa estranha. Mas foi assim e ainda bem. Por isso, nos ramificamos com nossa língua florida que nunca esqueceremos apesar dos pesares e da Sefarad que nos expulsou. A língua foi nossa e vai continuar sendo para todo o sempre.



MENASSEH ben ISRAEL

AL

LECTOR.

Grande ha ſido la variedad entre muchos y diverſos eſcriptores ſobre la origen de los Americanos, o primeros pobladores del nuevo orbe, e Indias Occidentales, ſon que ſiendo de ſe, que todos quãtos hombres y mugeres en el mundo uvo y ay deſde ſu exordio, traen ſu origen y procedẽ de aquellos ſolos dos principios de nueſtros padres primeros Adam y Haua; y por el conſiguiente deſpues del diluvio, de Noah y ſus hijos, pareciendoles, que eſte nuevo orbe es totalmente diviſo, y ſe parado del viejo, y al miſmo paſſo, lauſe forçoſo que los Indios ſe ayan paſſado alla, de una de las otras tres partes del mundo, Europa, Aſia, y Africa, empeçaron a dudar, que gentes fueron eſtos Indios? y de que parte ſalieron. Y como la claridad y conocimiento deſtas coſas, depende parte de alguna antigua hiſtoria, parte de conjecturas del habito

Esperanza de Israel de Menasseh ben Israel.

Regressando a meu amigo Menasseh eu observei que ele escrevia demasiadamente rápido seu livro e eu lhe dizia: "Menasseh, não cite de memória, busque na Torá as palavras exatas" e ele não me dava ouvidos. O livro tinha que sair rápido, divulgar o que ele pensava: era um dever deixar documentado o grande conflito de nosso tempo. Ele elegeu como personagem a história do criptojudeu Antonio de Montezinos para assinalar diante do mundo a precária vida daqueles que fugiam da Inquisição espanhola e da Contrarreforma. Na primeira parte, relata sua vida e suas viagens de um país a outro até a chegada a Cartagena de Indias onde conhece, em uma viagem ao campo, o índio Francisco, que lhe fala dos índios hebreus. Decidem transferir-se ao lugar onde moram e, efetivamente, eles são recebidos com a oração *Shemá Israel*. Depois de descrições maravilhosas Antonio de Montezinos conclui que se trata de uma das Dez Tribos perdidas. Preso pela Inquisição cada vez se certifica mais dessa teoria. Quando é solto se muda para Amsterdã e desenvolve a ideia de um messianismo renovado. A segunda parte do livro de Menasseh é dedicada a este último assunto. Se a chegada do Messias estava próxima, a perseguição aos judeus ia acabar e a humanidade seria purificada.

Eu não sei se se deve acreditar nessa história, mas aqui fica descrita. Menasseh me disse que o livro teria outro propósito de caráter prático: propiciar o regresso dos judeus para a Inglaterra, expulsos desde a Idade Média, e assim salvar muitos esperandos perseguidos nas nações católicas. Nesse caso a política seria envolvida pelo enfrentamento entre protestantes e católicos. Eu me pergunto: e se a Inglaterra com Cromwell à frente, via vantagens nessa chegada dos sefardis e via até a possibilidade de espionagem? Eu temo que sim, apesar de que seria perigoso entrar nesse alto jogo de potências.

Enfim, muitos são os caminhos da esperança, porém é o que nos mantém vivos.

O MUNDO ESCURO

Quando tenho que falar com Elena de Céspedes não sei com que humor vou encontrá-la: se feminino ou se masculino. Sempre é uma surpresa e é sempre incrível. Também penso que a vida sexual é um desastre marinho.

Com Elena/Eleno costumamos inventar muitas histórias. Sua imaginação é inalcançável. Quando falo com ela nunca sei se o que ela me conta é verdade ou é mentira. A história de seus amantes alternados é escura e contraditória. Parece que o gênero do amante do momento não tem importância para ela. Sua capacidade ambidestrossexual é notória. Não sei por que não me propôs algum exercício esclarecedor. Um amplo exercício abrangente entre o azul e o boa noite. Depois de recolher tudo na cozinha e me sentar para descansar poderíamos executar alguns passos que nos mantivessem em forma, principalmente a mim. Porém, nada, tudo se reduz a conversar sem parar. Essa capacidade falante própria do ser humano é escandalosa. Fala-se por falar, mesmo sabendo que o ouvinte não se interessa em absoluto pelas palavras que vão caindo pelo seu próprio peso. Ele só espera seu turno para alcançar outras palavras desgastadas. Fala-se, fala-se, mesmo calados todos falam, falam. E não dizem nada.

As histórias de Elena/Eleno dizem sim algo. Algos muito raros, mas algos. De novo, não sei se acredito, mas aí vão suas histórias não de carochinha, mas marinhas.

Elena/Eleno gosta, particularmente, dos tétricos-incoerentes. Os diabólicos-fantásticos. Os maravilhosos-incríveis. Os deslocados-andarilhos. Os narcóticos-sonolentos. Os negativos-defeituosos. Os inverossímeis-invalidados. Com o objetivo de manter a audiência acordada. Que neste caso sou eu sozinho.

Por exemplo, me pergunta se eu acredito no inferno (ela está obcecada por sua ambígua qualidade) e eu digo que não (no judaísmo é um tema discutível), pelo menos não à maneira cristã, com diabos vermelhos, fogo aceso, torturas e tridentes. Nada disso. Ela não se altera com a minha descrença e me dá um exemplo: "Se você disser sete vezes a palavra demônio, ele aparece". Eu digo: "Fale a palavra". Ela, claro, não fala e não podemos comprovar a tese. Então lembra que seu professor, Mateo Alemán, o médico judeu seguidor de Maimônides, sempre examinava os fatos por meio da razão. E se calava. Eu concordava com isso. Digo, nisso de calar. Porque a palavra é uma condenação. É muito melhor pensar, com ou sem palavras, mas pensar, porque não se cometem erros ou se dizem coisas das quais a pessoa poderia arrepender-se. Assim que a palavra é lançada e soa como deve soar não se sabe onde vai parar e começam as interpretações. E se existem interpretações existem discrepâncias: discute-se se o negro é branco e o branco é negro, se o encima é embaixo e o embaixo é encima, se o espaço é tempo e o tempo é espaço. Ou ambos. Porque então é ponto de vista e a vista, como sabemos, engana. Engana ou não mostra tudo o tem de mostrar. Tudo depende do lugar em que estamos localizados.

Porém já me desviei do que estava tratando: isso é o que acontece com a palavra: ou aproxima ou afasta.

Voltando ao ponto de partida. Elena/Eleno deambula pelo submundo. Acredito que ela não o teme, pois entra e sai incólume. Então me conta coisas. Ela me fala da vida dos meirinhos. Não sei por que ela decide me falar disso. Quem se interessa pela vida dos meirinhos? Lembro que meu inimigo Francisco de Quevedo y Villegas se interessava, assim como outras vidas nada heroicas também o atraiam. Talvez aconteça isso com Elena/Eleno.

Além dos meirinhos, também o desastrado mundo sexual interessa a minha amiga/amigo. Ela só fala de incestos, estupros, extra-

vagâncias, inversões, artificialidades, animalidades, posições à Kama Sutra (isso ela aprendeu em uma de suas viagens pela Índia- Índia não nas Índias Ocidentais) e tudo o que se possa imaginar. O que, depois de tudo, já não me surpreende. De tanto falar vejo isso como normal. Gosto não se discute. Até me aborrece. Que pouca originalidade!

Ela me conta: que sua avó não de deitou com o neto, mas com a neta. Seu pai fez o mesmo com a sobrinha. Seu tio com a égua favorita. Seu irmão com a vassoura da casa. Seu primo de três anos com a galinha. E assim sucessivamente. Resumindo, por isso para ela tanto faz ser homem ou ser mulher. Ela reduz tudo à introdução ou recipiente, e é isso.

Chega um momento em que nós rimos tanto que sentimos dor nod flancos. E chego a pensar que toda essa tagarelice é o exemplo máximo da necessidade de fantasiar sem pensar nas consequências. Antes eu amava a palavra, mas com Elena/Eleno começo a odiá-la. Elas viram um mundo escuro em que cada uma pode ser interpretada com um significado tão diferente que, imediatamente, se estabelece a falta de comunicação e o erro. Até chegar à irritação e à inimizade. Ou à traição. Alguma coisa dita de um modo é interpretada de outro e o mundo desmorona. Começo a me dar conta da razão pela qual a palavra é perseguida, torturada e condenada à morte. Daí que meu amigo Miguel de Cervantes tenha incluído em seu livro a famosa queima de livros. Os livros e as palavras serão tão perigosos? Parece que sim.

O problema da palavra é que acreditamos nela. Depois de tudo, a palavra não é nada, mas nos parece tão real que até insistimos para as crianças aprenderem a falar. Talvez fosse melhor cantar, sem palavras, claro.

Estou chegando à conclusão de que este mundo escuro que Elena/Eleno me descreve não existe. Deve ser um mundo virtual. Algo imaginário e incrível do meu ponto de vista. O mundo dos fantasmas e da bruxaria. Dos rumores e das lendas que se vão estendendo dia a dia e aos quais todo divulgador acrescenta seu toque pessoal cada vez mais disparatado e afastado da realidade.

Para minha amiga/meu amigo a alquimia não pertence ao mundo negativo como seus perseguidores pretendem. Ao contrário,

é o mundo iluminador, o experimentador, o que vai a caminho da ciência, ainda que num invólucro espiritual. Descubro a frequência com que os que o perseguem são os mais ignorantes, os que tergiversam, os obcecados. Mas o fato de os sábios e os conhecedores finalmente triunfarem me consola. Talvez não hoje, mas sim amanhã. A esperança. A esperança.

Tikvá em hebreo. Palavra querida também desvirtuada pelos de mente obtusa, mas que, de forma contraditória, utilizam o mesmo de que debocham.

Erro dos erros. Erro por preguiça mental: melhor não analisar. Erro por repetição. Erro por pertencer ao imutável. Erro por facilidade. Erro por hipocrisia. Erro por aceitação. Erro por cegueira. Erro por medo. Erro dos erros, tudo é erro.

O que parece mundo escuro não é. Na estupidez tudo cabe. *Credo quia absurdum est*. Melhor não pensar: melhor não argumentar: esse é o mundo escuro.

Folhas em branco. Sones Jarochos ou a memória da eternidade

Finalmente umas folhas em branco me chegam. Aqui vou escrever sobre a memória das canções. Tenho tantas guardadas, dando voltas na memória, que me surpreendo quando alguma aparentemente esquecida surge do nada. Ela pode ser desencadeada por uma palavra, uma situação, um som. Até por uma paisagem.

Outras vezes, escutar uma nova música me faz saber de antemão as palavras que vão vir. Deve ser por tantas que giram e giram no meu interior. Como um disco riscado. Como uma consciência desenhada.

E outras, pois quando não lembro a palavra exata a troco imediatamente por outra e assim a repito durante dias. Mas então acontece que, quando menos espero, chega a palavra exata. Para isso, não preciso cantar em voz alta, pode ser em silêncio.

De onde me vêm tantas canções? De meus pais. Eles cantavam e cantavam todo o dia. Parece que essa era a sua ocupação. É o que

recordo deles. E eu aprendi a cantar e cantar todo o dia. Parece que essa é a minha ocupação.

Que tipos de canções repito e repito? Cantos flamencos. Romances. Canções do século passado: *cuplés* e partes de zarzuelas. Canções traduzidas de outros países. Canções com a letra alterada porque meus pais se deliciavam com as paródias. Às vezes, com música de óperas, criavam sua própria variação. Por exemplo, com a ária de "La donna è mobile" eles cantavam:

> *Um automóvel, dois automóveis*
>
> *três automóveis, e um sidecar*.
>
> pronunciado sidecar como se fosse em espanhol.[13]

Pode-se ver que na época deles os sidecars estavam na moda. Fascinavam. Talvez seja necessário explicar o que é um sidecar: o assento vinculado a uma terceira roda da motocicleta. O sidecar adquiria uma função social e permitia levar um amigo, a namorada, um parente e todos se divertiam. Teve grande uso também entre militares e polícias. Foi muito utilizado na Segunda Guerra Mundial. Nos filmes de guerra costuma aparecer com um militar que usa no pescoço um cachecol branco que se agita ao vento e um gorro de aviador. Ah, costuma também ser muito bonito.

Todas essas variações mecânicas e musicais pelo canto de meus pais. O que me aproxima ao tema dos *sones jarochos*. *Sones* que desencadeiam o esquecido pela memória. Esses *sones* estão registrados nos arquivos da Inquisição como negativos. E eu penso, por quê? E arrisco uma hipótese em torno da palavra. Nisso estou de acordo com meu amigo Oseas, o cozinheiro *kósher* dos piratas. A palavra é composta de fios múltiplos. Isso já foi dito e redito. Não existe quem a entenda. Para uns é uma coisa e para outros é outra. Antes eu pensava que era universal e que isso permitia o entendimento entre todos os seres humanos. Agora penso diferente. Ou será que de repente só vejo seu aspecto desagradável e ininteligível. A palavra escapa da boca sem querer e se torna perigosa. O ouvido que a recolhe não ouve bem: ouve o que quer ouvir: não leva em conta o outro. Os mal-entendidos nascem. E também os divórcios de todo tipo.

Pela palavra os inquisidores se dedicavam a capturar a mínima heresia e com sua falta de senso de humor prendiam o cantor. Para os conversos os *sones* foram a oportunidade de duplicar a palavra e fazer entender sua linguagem cifrada. Essa é a teoria que proponho.

Quanto à dança que acompanha os *sones* é um sapateado não de origem espanhola, mas portuguesa. E português e esperando era a mesma coisa. É necessário lembrar as embarcações nas quais Oseas trabalhava, piratas ou não, ou de simples comerciantes, mas que atracavam no porto de Vera Cruz, berço dos *sones*.

Agora que me lembro, em Vera Cruz existem comunidades de origem criptojudia desde a época colonial até hoje. Entre os membros alguns são cantores de *sones jarochos*. Serão eles esperandos?

Os *sones* vêm do fandango espanhol e seus instrumentos são o requinto, a harpa, violões, o pandeiro, a queixada, a marimba.

Desde menina ouvi *sones jarochos* por radio: *La bamba*, *La bruja, El pájaro cu*. Agora só lembro fragmentos:

Para bailar la bamba se necesita
una poca de gracia y otra cosita

Depois de tudo é uma lembrança que se perdeu. A memória dá voltas inúteis. Perdi outras coisas. Muitas. Muitas. Eu me encontro com gente que deixei de ver desde a infância e o que me dizem é novo para mim: eu disse isso? Eu disse isso? Impossível. Porém lembram com muita firmeza. Menos eu.

A memória que se perde e a memória que se recupera. Tudo é parte do mesmo processo. O ir e vir da mente delirante. Porque a mente de tanto que guarda já não pode mais. Obceca. Recorre. Faz esforço. É uma gravação a fogo. Indelével. Incontrolável. Com uma história de milhões de anos. Onde vai parar?

No fundo do mar. Onde tudo se funde e se corrói. Mas permanece. Para um dia ser descoberto. Será necessário polir tudo e tirar-lhe a ferrugem. Fazê-lo reviver. Todo esse material acumulado se perderá no juízo final? Ou, ao contrário, será recuperado em sua totalidade?

Será assim com os *sones jarochos* e as canções de meus pais que já não lembro a não ser por dois ou três versos? Esse não recordar é como a própria morte. É já a morte por não poder dominar a mente. A mente cansada já não se vale por si mesma. Pouco a pouco se apaga. Já não importa o esquecimento. Por isso, no final se aceita a morte. Ela é desejada. É invocada.

Serão recuperados os *sones jarochos* e todas as canções perdidas na grande memória da eternidade?

Não posso saber e esse não saber o que ninguém pode saber é pior que saber. É aí que entra a imaginação que destrói tudo. Por outro lado, desejar que a consciência encare seu papel e seja algo constante, sem princípio nem fim, sem tempo nem espaço, um ontem, um hoje, um amanhã sem nome. Uma linha de flutuação. Um reconhecer que a existência não existe. Que somos parte de uma cadeia. Uma cadeia de imitações. De espelhos que se repetem. De ecos intermináveis. De imagens frente a imagens. De sons inaudíveis. A chispa maimonidiana que não se apaga.

Estes foram pensamento em torno de *sones jarochos* e canções que se perdem e não se perdem.

DESTRUIÇÕES OU PEQUENOS APOCALIPSES

A vida do submundo dos portos me atrai e me repele. Quero ser observador e não participante. Ver sem ser visto. Fingir que estou absorto na compra dos alimentos para minha tripulação e, com o rabo do olho, apanhar momentos de desolação.

A vida da estirpe ruim e por que será que se chega a isso. Descobrir a origem do mal. Tantas teorias ao redor e sem nenhuma conclusão ou com conclusões múltiplas segundo versões religiosas, filosóficas, éticas e do saber popular. Hoje o mal domina. Ele está aí e é aceito. É como se o mal tivesse ficado irrelevante. Como se fosse a norma. Como se fosse impossível lutar contra ele. Como se ele representasse a incompreensão do mundo. Porque não é só o mal dos humanos, mas o da natureza em seus desvios.

É como se o mal tivesse perdido seu caráter sagrado e campeasse na trivialidade. Um mal que não recebe castigo e se o recebe não repara nele. Toda essa gente que vejo vangloriando-se com o mal pelo mal, sem sequer sem se perguntar por que fazem tal coisa.

É um mal sem propósito. Anódino. Ignorante. Ignorante de si. De sua própria maldade. Nem sequer por prazer porque caiu na indiferença. E a indiferença é nula. Incapaz de criar. Só produzir e reproduzir os signos negativos.

Essa gente nos portos ou nos meandros da cidade transgredindo seu próprio vazio. Sem se atrever a aceitar seu abismo e, por isso, destruindo o das demais pessoas.

Destruindo o inexistente. Mutilando cachos apodrecidos. Devorando fezes e vomitando sua própria imundície. Não ganham nada: perdidos, desequilibrados.

Produtos da vida urbana. A do ócio. A das horas que sobram. A da invenção do desatino. Em vez disso, a vida do trabalho. A que redime. A que aparta. Desejada ou desdenhada. A da queixa: se tenho trabalho me queixo: se não tenho, também.

Aqui, no mercado, enquanto compro, observo. Existem lacunas em torno das mercadorias e essas lacunas são ocupadas pelos indolentes. Preenchem as lacunas com a imagem desfeita. Horror ao vazio. Preenchê-lo com a fraude, o latrocínio, a conversão de outros à transgressão. E nem sequer alcançar a satisfação, mas maior desejo de um afundamento total.

Afundamento pela palavra. Desfazê-la. Retorcê-la. Só o insulto, a difamação, a inversão. A palavra volta ao contrário. As lacunas dos indolentes ficam nas lacunas e nada mais. Os destruidores se destroem a si mesmos. Não sobra nada deles nem sequer o eco de sua destruição. Eles se esgoelam. É só tapar os ouvidos e está mais do que bom.

Nas tabernas vi de tudo: pendências, punhaladas, difamações, doentes, agonizantes, ladrões, prostitutas. Pululando em um mundo desmoronado e sem sentido. Fezes da sociedade. Detritos que nem sequer percebem, mas chamam os outros e se afundam juntos.

Nos becos, copulando uns com outros, em desordem, sem importar o sexo, desovando como salmões no caminho para a morte.

Prantos de meninos abandonados. Mortos deambulantes. No ar flutuam cicatrizes de todo tempo.

Eu vi, escutei, cheirei e apalpei tudo. Mas não me atrevi a provar. O gosto é meu sentido predileto. Caso contrário, não seria cozinheiro.

Vi espadas desembainhadas que mataram à traição. Emboscadas que mataram vidas plenas. Sangue que correu. Sêmen inutilizado. Veias e artérias convulsas. Massa encefálica derramada.

Vi homens embriagados, drogados, fora de si. Que acreditaram

que era o modo de não sofrerem. De não entenderem. De não serem eles. Enquanto mais eram eles e menos se olhavam no espelho.

E eu me disse: o mundo é assim e eu sei. Preferi, ao contrário, preparar uma boa comida, embora em seguida ela seja transformada em massa descartável.

Preferi rir. Preferi chorar. Entre opostos, deixei que a vida fluísse incessante.

Já é hora de cortar divagações no mercado, de comprar a comida e de prepará-la.

CONTINUAÇÃO DO ANTERIOR

Regressando ao barco, continuei com os pensamentos anteriores, enquanto lavava, cortava e picava as verduras, as frutas e o resto dos ingredientes. A cozinha é um bom lugar para filosofar. Como o fez inclusive sor Juana.

Seguindo com a ideia do mal, sou levado a pensar que ele está ligado à perda de liberdade. Eu sei disso por nós, os esperandos. Quando o Edital de Expulsão foi proclamado, a primeira coisa que perdemos foi a liberdade. Então ficamos apenas com a esperança.

A esperança de que algum dia as coisas melhorassem. Porém, não contávamos com o fato de que o mal pode distorcer a realidade a ponto de apagá-la e criar uma nova, tão adaptada a suas metas que pareça verdadeira.

Uma vez que o mal se consolide e absorva a liberdade roubada se torna onipotente. O corpo se converte no centro do sofrimento e é torturado e destruído sem que o verdugo sinta nada. E além disso tem prazer em poder destruir outra vida e sentir como ela se apaga, gota a gota. Decidiu que o bom é matar. Que mata por uma causa e começa a se justificar. Para se justificar, qualquer posição extrema é aceita e se acabou. Quanto mais distorcida melhor. Quanto mais incrível mais aceita. Quanto mais deformadora mais venerada. Os rumores se assentam e é um dever divulgá-los para que sejam inflados, empanturrados, cuspidos.

Uma calúnia que se dispara não pode ser detida e o acréscimo de incongruências é a regra. Regra impossível de comprovar, porém que, por sua anomalia, se converte em dogma. Dogma que, em sua mediocridade, se estende aos maiores círculos possíveis. Apoiar-se na ignorância e no consenso da maioria imitadora. O reino dos sofismas e das falsidades. A mentira idolatrada.

O bem e o mal se refletem em dois conceitos antagônicos: lentidão e velocidade. O primeiro menosprezado, o segundo exaltado. Quando deveria ser exatamente o contrário. A lentidão como origem do conhecimento e da bondade. A velocidade, da trivialidade e da superficialidade. Lentidão é amor. Velocidade é morte.

Outros conceitos antagônicos. O puro e o impuro. Os signos invertidos desta vez. O puro que acredita e, por isso, deve destruir o impuro. Perverte-se a linguagem e se chama bem à própria maldade e se chama mal à bondade alheia.

Acredito que, afinal, seja uma questão de perspectiva. Depende do lugar onde esteja situado o adversário para se considerar atribuído com todos os direitos de eliminar o antagonista. As qualidades só pertencem a ele. A vítima é um ser carente. E mais que isso, nem mesmo é um ser. Nem uma essência. Ele não conta. Não existe. Assim pode ser esmagado como uma mosca.

Será que não entendemos o mundo? Que só o mal pode nos fazer entendê-lo? Penso muito e não resolvo nada. Porque o bem é também difícil de explicar. Sou levado a pensar: por que o mundo não é indiferente, nem bom nem mau, mas neutro? E uma resposta me ocorre: porque na indiferença não existe criação. Se não qualificamos não fazemos nada. A qualificação é um impulso. Quando me dizem que minha comida estava ruim, eu me esforço para que na próxima vez esteja boa.

Qualificar é o problema? Um problema que vem desde a primeira página do Gênesis: todas as coisas criadas por Deus eram boas, até que lhe ocorreu criar a árvore do conhecimento do bem e do mal. Com o que a história e o progresso começaram. Será essa a resposta?

Perguntas a que eu não posso responder e que deixo aqui, porém, para que alguém mais sábio reflita e responda. Se puder.

CONSTRUÇÕES

É DIFÍCIL QUE UM MARINHEIRO-COZINHEIRO fale de construções, mas hoje quero falar. Talvez pelo chão instável do barco eu sinta falta da estabilidade das casas. A falta de movimento e a paisagem invariável me surpreendem. Porque ainda que o mar e o céu pareçam sempre idênticos, nunca é assim. Tanto tempo navegando me faz entender a diferença mínima dos tons do mar e do céu. Por outro lado, em terra firme, uma vez construído um edifício, a vista se perpetua. A paisagem se torna monótona e isso aprisiona, ainda que me dê segurança também.

Eu gostaria de dizer algo sobre as sinagogas desta Nova Terra. Vou começar pela da ilha de Curaçau. O mais chamativo é que está construída sobre piso de areia. Isso começou a ser imitado no resto das sinagogas caribenhas, sobretudo as dos portugueses. Já que vivíamos nas Antilhas Holandesas e que meu querido príncipe Maurício de Nassau permitiu a liberdade de religião, os esperandos pudemos construir nossas próprias sinagogas. Pensamos que o piso fosse areia devido à lembrança da travessia pelo deserto do profeta Moisés em direção à Terra Prometida. Ou porque devemos ser tantos quantos são os grãos de areia. Ou porque a areia é suave e silenciosa. Além disso, é muito agradável pisar na areia e eu até tiro o calçado para senti-la nos pés. Pouco a pouco os demais me imitaram e agora todos fazemos a mesma coisa.

Outras construções são as casas que, pouco a pouco, povoam as ilhas pelas quais perambulamos. Gosto de ver como vão surgindo e como vão se complicando. Comparo esse caso com a comida que no princípio foi tão simples e que agora é tão elaborada. Remonto à época das cavernas tanto em literatura quanto em gastronomia. Não havia muita diferença de uma caverna para outra até que alguém pensou que podia fazer uns risquinhos e que esses risquinhos representavam alguma figura e que sua caverna era diferente da do vizinho. O vizinho foi contagiado e também fez uns riscos com sua primitiva lasca de pedra. O primeiro esmagou umas ervas ou espremeu uns insetos e apareceram as cores. Rapidamente, o segundo o imitou e até fez diferente. E aconteceu o mesmo com a comida, primeiro tudo cru e rasgado. Até que o grande e nefasto descobrimento do fogo estabeleceu a diferença. Do cru se passou ao cozido. E daí em diante o avanço da civilização e todos os seus bens-males. A culpa foi do fogo.

Regressando às construções antilhanas, registro que os esperandos levantaram casa, pavimentaram ruas, edificaram templos, armaram portos, cultivaram os campos. Enfim, quando deixaram o mar, ficaram presos no nascimento das cidades.

Eu me pergunto o que é uma construção. É um jogo de misturar argamassa e tijolos e calcular peso e gravidade. Deixar que a mistura suba, escale, tome forma. Criar cômodos, corredores, recantos, quartos secretos, esconderijos, escadas, águas-furtadas. Proteção e seguridade. O que mais? Aspecto agradável por fora, adornos, balcões, janelas, portas, aldrava. Quase como um bolo de noiva: ingredientes e mais ingredientes: com a diferença de que o bolo é mais efêmero e a construção dura um pouco mais. O sabor, porém, é parecido. Eu que o diga. Existe quem gosta de comer a cal das paredes.

Essas primeiras construções são simples. Já imagino as que virão nos próximos séculos. Aí sim haverá diferenças entre casas de madeira e casas de pedra. O traçado das ruas será diferente. Haverá novas ideias de como construir, porque os furacões, próprios desta região, destroem tudo.

Enfim, existe um afã ilusório para edificar a casa ideal. Já não a casa herdada ou alugada, mas a sonhada. A que se sente própria de verdade. A que se adapta às necessidades e ao gosto de quem cons-

trói. Isso é uma alegria.

Quanto a mim, não creio que chegue a ter uma casa própria, construída de acordo com meu gosto. Este meu ofício entre água do mar e água de cozinha é mareante. Além disso, nunca me casei. Para que quero uma casa? Que coisa!

Folhas em branco. Sonhos

Já que Oseas escreveu sobre coisas tangíveis, as construções, eu vou escrever sobre intangíveis: os sonhos. Os sonhos são como fonte de vida transvasada. Os grandes transtornos e os objetos que desabam. Ou que estão prestes a ruir e não conseguem. A pergunta é: por acaso querem desmoronar? Não será que se esforçam para não conseguir? Porque o objeto precipitante tem duas ou mais caras, dependendo do ângulo de que é visto. Fica como reflexão para desenvolver.

Os sonhos ou o grande exercício interrompido. O que acontece depois do sonho? A multiplicação, não a divisão. A desmemória. A imagem apagada. Obliterada. Difusa. Antes e depois do sonho. Como morrer. O grande espaço negro. Invisível. O céu despedaçado: despedaçado despedaçado: quer dizer, feito migalhas. Pedaços de coisas vividas, imaginadas, desejadas. Em imagem inexistente. Aquilo que não é, mas que se vê.

Tenho um sonhário. Anoto o sonho de cada dia. São já vários volumes. O que eu vou fazer depois com tanto sonho? Para que servem os sonhos? Claro que o José bíblico e Sigmund Freud se divertiram com os sonhos dos demais. Talvez alguém se divirta com os meus. Eu me diverti, me aterrorizei, me acalmei, me senti bem-ou-mal todo o dia.

Eu poderia anotar aqui algum sonho estranho. Alguma ínsula estranha. Porque sonhar é povoar um mar de ilhas. Ilhas inconexas. Desabitadas. Verdes e animadas. Por exemplo: acontecimentos com amigos mortos os quais eu vejo em perfeitas condições, com meus pais jovens, com meus filhos crianças. Como se almejasse uma época passada e amável. E além também. Longe, muito longe. Sonhos de

sons: sonhei uma canção em inglês. Acordei: fui ao piano, toquei a música e escrevi sua letra. Parecia uma canção irlandesa de amor. Outra vez sonhei com um cais em um porto da Inglaterra, um dia claro. Havia piratas e Shakespeare recitava um poema. Talvez a imagem tenha surgido da minha relação através dos séculos com Oseas.

Sonhos de todos os tipos: eróticos, transgressores, persecutórios, repetitivos. Sonhei e transformei em meu um sonho de minha mãe. Também de antigamente. Uma mulher vestida de negro desce uma escada de uma mansão no campo. Um mensageiro bate à porta, traz uma notícia triste. A mulher a adivinha. Recebe a carta e não abre porque sabe o que diz. O mesmo sonho, exato, preciso, se repete uma noite atrás da outra. Então, eu o herdo e sonho o mesmo sonho de minha mãe.

Cavalos correm pelo prado. Existe um desfiladeiro. Eu vejo desde cima o panorama, a vegetação, as rochas, a areia do deserto.

Uma aurora boreal de belíssimas cores se desdobra diante dos meus olhos. Pessoas que não conheço estão ao meu redor, mas Alberto está comigo. Está a meu lado. Não tenho medo, embora não saiba por que deveria senti-lo na contemplação da aurora boreal.

Vou de navio. O mar está tranquilo, mas poderia haver uma tormenta. Eu penso, o mar se altera e o céu escurece. Fecho os olhos. Eu os abro e o mal tempo desapareceu.

Sonho com minha mãe. Meu pai lhe diz que eles têm que ir viver na Finlândia. Ela não quer e se desespera e, entre lágrimas, repete que não quer ir. Ao mesmo tempo, alguém que não é visto lhe serve, desde o alto, uma sopa de cabelo-de-anjo com pedacinhos de cenoura em caldo de tomate. Tudo se repete várias vezes: ela dizendo que não quer ir para Finlândia e a sopa lhe sendo servida desde cima.

Estou em um ônibus pela Avenida de Mazatlán e tenho que descer na minha antiga casa no número 132. Passo da esquina e peço ao motorista que pare na metade da quadra, mas não sei se ele vai fazer isso. Ele para. Eu tenho na mão uma toronja, que jogo para cima e pego várias vezes. Depois olho as casas que estão antes do meu edifício e olho o chão, com seus desníveis e umas ervas crescendo entre as fendas. Eu me lembro de tudo exatamente como era. Fico alegre.

Eu estava em um hotel que parecia um convento com um pátio central, um poço e umas plantas. Era de noite e meu dormitório dava para um corredor com arcos e vista para o pátio. A porta era de quadrados de vidro emoldurados de madeira com um trinco apenas. Eu jogava as cortinas e depois as entreabria para ter certeza de que tinha fechado. Alguma coisa tinha acontecido no hotel que me fazia tomar precauções. Eu estava com medo. Escurecia e começava a chover.

Era um campo aberto. Havia gente, principalmente mulheres que estavam em uma excursão. Eu acabava de chegar e me unia ao grupo. Nós conversávamos enquanto andávamos. De repente, estávamos em um vale. Eu olhava para cima e via muitas camadas geológicas e mais acima ainda, árvores antiquíssimas e enormes. Era difícil ver e chegava a ter dor no pescoço com o esforço de levantar a vista, mas eu insistia em olhar. Eram impressionantes e aparentemente eram fósseis vivos. Eu via perfeitamente as camadas geológicas, de tons bege e café claro, extraordinárias. Então, alguém dizia que o percurso durava vários dias. Nesse caso, eu não podia continuar com eles e pedia que eles me deixassem em um lugar onde eu pudesse tomar um táxi, pois tinha que voltar logo para casa.

Eu estava na Romênia, mas a situação era da guerra de Sarajevo. As mulheres usavam vestidos longos e turbantes na cabeça; a roupa era de cor bege. O pequeno povoado tinha sido arrasado e todo mundo tinha medo. De repente os guerrilheiros reapareciam e continuavam matando. Ameaçavam-me com um fuzil na cabeça e eu punha um dedo na saída das balas, calculando que era preferível perder um dedo a perder a vida. Depois, prepara-se uma feira de livros com umas construções muito primitivas, de palha entrelaçada e oscilante. Eu pensava que com isso não haveria matanças nem guerra.

Era uma casa como aquela em que eu morei quando era criança em San Ángel Inn. Eu estava no jardim, e havia um leão, igual a uma estátua, que queria me atacar. Eu corro, tento enganá-lo, ele me descobre. Entro na casa e fecho as portas, mas se eu fechar a última ele morrerá. Vejo seus dentes ameaçadores. Fecho a última porta. Então saio para a Rua Santa Catarina. Há dois vigilantes e eu aviso que fechei a última porta e devem abri-la para que o leão não morra. Eles correm para fazer isso. Contemplo o jardim da casa.

Aparece um homem muito bem vestido e muito atraente que me diz alguma coisa.

No campo há uma camionete estacionada. Uma mulher sai com um urso preso em uma coleira. Ela me entrega o animal porque me diz que não há quem cuide dele. Fico com um pouco de medo, mas tenho pena de ele ter sido abandonado. Levo o urso pela coleira e ele caminha em direção ao campo e a um bosque longínquo. O chão está enlameado.

Outro sonho maravilhoso se dá com Alberto em que só aparecem cores maravilhosas. Elas são tão extraordinárias que penso que não é sonho, mas realidade.

Esses são alguns dos sonhos que recordo. É uma pena que Oseas não possa ler esses sonhos. O tempo só retrocede quando se dorme. É uma maneira de recuperá-lo. Para isso servem os sonhos, para viver em dobro: lugares: momentos.

Folhas em branco. Gargarejos

Gargarejos. Palavra estranha. Onomatopeica. Faz-me pensar em gárgulas. Garganta. Gargantilha. Gorjeira. Gorjal. Góngora. Engargalar. Gargalho. Gargarejo. Garganteio. Gorgorotada. Gorgolejo. Gorigori. Gorjeio. Regurgitar. Palavras antiquíssimas. De idiomas pré-romanos. Celta? Basco? Muito primitivas. Muito sonoras. Substanciosas. (Já que pela garganta passam muitas coisas.)

Gargarejo, em especial, é o som unido perfeitamente à palavra. Seu mimetismo. Sua singularidade. Historicamente: quando se descobriu o uso da garganta para que um líquido nela chegado criasse borbotões sem tragá-los, enquanto se segura a respiração? Que operação estranha! Quem terá pensado nisso? E por quê? Sempre se pensa que tem um uso medicinal, mas quem terá pensado em tamanha excentricidade?

Suponhamos algo: um feiticeiro pré-médico caminhava pelo bosque em busca de ervas curativas. Com elas decide fazer uma infusão porque está com dor de garganta e observou que uma bebida

quente alivia as dores. Uma ideia brilhante lhe ocorre: se conseguisse deixar um momento a infusão na garganta quieta, sem engolir, o efeito seria maior. Primeiro a deixa quieta sem engolir, com a cabeça inclinada para trás. Move o líquido de um lado para outro, gostaria que descesse um pouquinho mais, mas sem deglutir o produto. De repente, engole sem querer, mas ao tentar trazer de volta a infusão, começa a tossir e cospe o restante. Ele se recompõe. Volta a tentar. Faz isso várias vezes. Nisso, com o líquido na garganta, para de respirar e produz um ruído estranho. Fica intrigado com o ruído e comprova que se deixar de respirar o ruído se repete. Aprende a modular o ruído e se diverte. Conseguiu: pode manter o líquido na garganta sem engolir e o efeito curativo dura um momento.

Pula de contente e volta correndo a sua caverna. Dizendo algo equivalente a "aleluia, aleluia" mostra à família e aos pacientes que o esperam a grande descoberta da época pré-histórica: como manter um líquido na garganta e movimentá-lo sem engolir com seu consequente e peculiar som: grgrgrgrgrgrgr. Ele fez também uma extraordinária descoberta linguística: a palavra gargarejo. O feiticeiro pré-médico é agora também o primeiro onomatopeísta e linguista da história. Felizmente, ele não pertence a nenhuma academia da língua nem da garganta.

O dito acima se refere à origem do homem das cavernas. O que continua me intrigando é o quando se ensina a uma criança a utilizar o primitivo método curativo. Talvez entre os cinco e seis anos de idade. Quando ele tiver uma infecção bucofaríngea. Serão necessários vários minutos para a explicação e seria recomendável que se ensaiasse primeiro com água simples para o caso de se engolir, já que, naturalmente, não é recomendável ingerir o liquido desinfetante. Uma vez bem praticado o sistema, ele pode ser executado com o tal líquido e a garganta agradecerá o benefício.

Efetivamente, eu me lembro de fazer gargarejos desde menina e me divertia muito. Ainda hoje, gosto muito quando o médico me receita essa prática. Costumo variar o ritmo e a velocidade e até acompanhá-los como se fosse uma melodia.

Quando vou à ópera fico à procura e captura de gorgorejos. Os cantores pensarão em uma boa dose de gargarejos? Com certeza

precisam deles para clarear a voz e desinflamar a garganta. Que farão eles quando ficam afônicos? Bem, gargarejos novamente.

Por tudo isso, os gargarejos são muito recomendáveis. Aclaradores, higiênicos, melodiosos. São neutrais, não provocam conflitos nem efeitos secundários. Tampouco caem por fogo amigo. Podem ser executados qualquer momento do dia ou da noite. São rápidos e breves. Vão direto a seu objetivo. Não ficam dando voltas ao assunto.

Particularmente, recomendo seu uso não apenas quando seja necessário, mas como prática diária para manter a garganta em forma. Já que estamos em época de fazer exercício ao menor pretexto e à menor provocação, não nos esqueçamos desse exercício de tão sonoro raizame.

O IMPREVISÍVEL

A verdade é que eu, Oseas, não faço planos. Como posso fazer planos do que não aconteceu, se não aconteceu? Como posso saber que barco vai aparecer no horizonte? Nem sequer a comida eu posso planejar de antemão, pois não sei o que vou encontrar no mercado. Na realidade, sou meu próprio pretexto envolto na minha falta de previsão, que não é de provisão. Por exemplo, quem diria que minhas especialidades culinárias se enriqueceriam graças a uma ave própria do novo continente, o peru? Imprevisível.

De meus amigos piratas no mar Caribe eu aprendi a não me guiar por nada, salvo pela bússola. Do mais alto caíam ao mais baixo. Do mastro principal ao porão. O que ontem ganhava um assalto, amanhã podia perder outro. O que era o capitão podia terminar preso e condenado à morte. O saudável podia terminar inválido: caolho e com perna de pau, com escorbuto e sífilis, se não for morto. A roda da fortuna virou meu guia e me acostumei a não acreditar no estável, mas no instável.

Como bom título: "o imprevisível", eu deixo que minha pena deslize de qualquer jeito e assim executo ficção e realidade: ambas em uma. Não é esse um ideal dos escritores? Parece que cada vez me torno mais escrivão e menos cozinheiro. Não deveria estar aqui anotando minhas especialíssimas receitas para que não se perdessem eternamente? Mas, ao invés, divago mais e melhor. (Enquanto, para variar, a comida queima e tenho que esfregar o fundo das caçarolas enegrecidas.)

O imprevisível acontece desde que a gente abre os olhos pela manhã. E até antes: em sonhos: quando não temos ideia do que vamos sonhar. Por tanto, o dilema de delírio e destino (como alguém repetirá em séculos vindouros) fica estabelecido. Delírio como o loucamente inexplicável e destino porque nem Deus o sabe.

Assim, a norma é a falta de norma. Como vivo em uma época de descobrimentos, tudo cambaleia e cai. Até a força da gravidade, segundo me contaram, que um inglês chamado Newton explica, jogando uma maçã ao solo e efetivamente caindo e não subindo de novo a seu ramo, como prova de que tudo cai por seu próprio peso.

É uma pena que as maçãs não regressem aos ramos sustentadores, pois isso seria o imprevisível. A não ser que espaço e tempo se transtrocassem. Ou deixassem de ser dois para ser um, indistinto, indistinguível. Que isso eu noto na navegação.

Para não exagerar, claro que existem normas que são cumpridas, caso contrário seria o caos absoluto. Algumas leis da natureza são esperáveis: dia e noite, sol e lua, estrelas, maré, mas em outros casos se rompem com todo rigor: temporais, vendavais, furacões, secas, chuva em demasia e vamos parar por aqui.

Por isso, continuo agarrando-me ao imprevisível, ainda que não seja agarrável, mas, pelo menos, não me surpreendo. Isso significa que me previno? Acredito que sim, e ao imaginar o pior, se não acontecer alguma coisa adiante. Os marinheiros me dizem que sou pessimista, mas eu acredito outra coisa: sou realista.

Assim que abro os olhos, faço uma recontagem de minhas atividades e me encomendo à imprevisão. Raras vezes algo sai como o planejado: para começar a hora: se digo às seis, será às seis em ponto ou minutos antes ou depois? Impossível prever. Se me visto de um modo ou de outro, vou variar? e assim sucessivamente. A instabilidade absoluta triunfa.

Tudo é patinação sobre o gelo, como vi os holandeses patinarem sobre águas geladas. Esse deslizar sem tropeços é admirável, a não ser que você esteja a ponto de cair (não se deve esquecer Newton).

Última recomendação: imprevisível.

Folhas em branco. Um exilado

Este foi um sonho que tive. Era um homem jovem que caminhava por muitos lugares, campos, povoados, cidades. As pessoas lhe perguntavam: "O que é um exilado?" Depois era eu que caminhava e me perguntavam o mesmo. Ficava penalizado de vê-lo. Então acordei e disse a mim mesmo: um exilado é um esperando.

A HISTÓRIA DE HANS STADEN

Acontece que eu conheci Hans Staden assim que ele escapou do cativeiro das mãos (e estômagos) dos tupinambás que tinham o paladar pronto para comê-lo. Suas primeiras narrações sobre a aventura de ter permanecido prisioneiro por volta de nove meses me foram contadas por ele e fui eu quem lhe disse que ele se escrevesse suas memórias seria um livro de grandes vendas e que ele poderia aposentar-se e viver de seus direitos. Ele me ouviu e o título exato e germânico de sua obra foi: *Verdadeira história e descrição de um país de selvagens nus, ferozes e canibais, situado no Novo Mundo, América*. Essa foi a sua caracterização do Brasil.

Hans Staden tinha chegado a Pernambuco como responsável pelas armas pesadas e, em um dos assaltos dos índios ao forte que ele defendia, foi feito prisioneiro e suas desventuras e sofrimentos começaram. Houve ocasiões nas quais esteve a ponto de ser liberado, quando uma embarcação francesa chegou para recolher pimenta e plumas para seu comércio. Hans Staden rogou que o levassem com eles e que convencessem os índios de que ele não era português. Como ele não foi entendido, se negaram a salvá-lo, e ele temeu por sua vida. Porém tinha boa sorte e cada vez que faziam preparativos para a comilança, que estaria borrifada de bastante chicha, acontecia alguma coisa que adiava a celebração. Outras, uma tempestade. Outras, por preferirem a deliciosa carne de um tenro inimigo recém capturado. Além do que sua aparência tão diferente da dos portu-

gueses, já que era louro, de olhos azuis, os encantava e eles o exibiam com curiosidade. Hans começou a utilizar essa circunstância e a falar de seu deus como propiciador de dons e desgraças. Ele olhava para a lua e os índios, surpresos, lhe perguntavam o que ele via e ele assinalava uma cabana prevendo algum acontecimento. Pouco a pouco começam a crer que o Deus dele é poderoso e adiam o banquete culinário. Saem e chegam naus que comercializam com os índios: farinha de mandioca, machados e quinquilharias. Porém Hans Staden não consegue que o resgatem.

Assim passam os meses e os acontecimentos se multiplicam, sempre a ponto de ser comido e se salvando, sempre chegando alguma embarcação e ele pensando que o levarão, sempre fazendo alguma previsão para que o temam e o deixem vivo, presenciando banquetes de carne humana, esquivando-se de comê-la. Com frequência os prisioneiros capturados pelos tupinambás eram amigos ou conhecidos de Hans Staden e, embora ele interviesse por eles para que não os grelhassem e devorassem, teve que suportar o cheiro de carne queimada e ver como desapareciam braços e pernas pelas vorazes mordidas dos índios.

De repente, eu me dei conta de que os homens nem sequer são os lobos dos homens, mas os homens dos homens. Na Inquisição queimaram minha gente e agora, nas novas terras, ouvia histórias de Hans Staden e não sabia o que era pior.

Por último Hans me contou como foi liberado. Com a chegada da nau francesa *Catherine de Vataville* para negociar intercâmbio de produtos, Hans maquinou para subir a bordo da embarcação e contar sua história ao capitão Guillaume de Moner. Fizeram um acordo e fingiram que os irmãos de Hans vinham vê-lo e traziam presentes para a tribo. Foram repartidos machados, facas, espelhos, colares de pedraria falsa, adornos, sombrinhas e os tupinambás davam gritos de gozo. O cacique não queria entregar Hans, a quem considerava como um filho. O capitão francês argumentou que dez irmãos de Hans que estavam a seu lado pediam o regresso do irmão e, como eram maioria, não podia negar-se a atender. Hans acrescentou que era impossível opor-se à vontade dos irmãos. O cacique hesitava, mas finalmente consentiu em entregar Hans com a condição de que ele voltasse em

um ano. Todos concordaram e assim terminou felizmente o cativeiro do artilheiro alemão especialista em sobreviver, que regressou para a Europa e nunca mais pôs os pés nas novas terras, dedicando-se a escrever suas memórias. Essas memórias me fizeram pensar muito sobre a arte culinária.

Os relatos de canibalismo que Hans Staden me contou eram horripilantes, porém não mais horripilantes que as torturas inquisitoriais, com a única diferença de um apetite desmedido versus uma especulação teologal.

Folhas em branco. Nem tempo nem espaço

Estou certa de que Oseas, o cozinheiro filósofo, adoraria navegar pelas telas da rede, na internet anglo-saxônica. Navegação, redes, tempo e espaço renovados.

Quem navega na tela do computador esquece o tempo e o espaço. Ou, melhor, penetra em outra dimensão: a virtualidade. Ao apagar tempo e espaço, a fascinação é apagar a mortalidade: já não existe princípio nem fim. La mortalidade, que é o mesmo que a realidade presente. O oposto à virtualidade, sempre ausente. Embora enganosamente confiável. Uma aparência que nada sustenta. Tão cativante que é difícil desprender-se e voltar ao mundo real, com seus desastres absolutos. Na navegação virtual tudo é possível: é a fuga perfeita: adeus às proibições: saltemos as barreiras: não me veem e eu vejo o que eu quero: não corro perigo: sempre que não me mova da cadeira. De vez em quando meu pescoço e minha coluna doem: mas não importa: não me levanto do assento, apesar de as instruções recomendarem levantar-se a cada meia hora, fazer exercício e olhar pela janela.

É uma fascinação inenarrável. Nem o cigarro nem a droga são tão poderosos. E digo mais, poderia ser a sua cura. Poderia? E se vier outro vicio? Não dormir, não comer, não trabalhar. O corpo convertido em uma massa flácida. A perda da memória, do entendimento e da vontade.

Os sentidos obliterados. A vista exacerbada, dolorida, caricaturada. Olhos irritados. Pescoço contraído. Dedos a ponto de apagar sua pegada. Eu já não escuto, não cheiro, não sinto, não nada, salvo a tela brilhante. (Também deixo a comida queimar e nem me dou conta: o que diria meu querido amigo cozinheiro *kósher*?)

A propósito de outros vícios: acabo de ler no jornal que existem cigarros eletrônicos. Morro de rir. Já não apenas a negação do tempo e espaço, mas a absoluta imbecilidade. Claro que a pornografia online é também para pessoas com problemas mentais que acreditam em tudo.

Estamos na pior das épocas, porque esta foi a que nos coube. Como disse alguma vez Erasmo de Rotterdam.

Se não existe tempo nem espaço, mas nós acreditamos que sim, o que existe então, a não ser mera ilusão, miragem, autismo?

Se apagamos a realidade e só acreditamos na virtualidade e a virtualidade não existe, será como Deus? Virtual e inexistente? Na grande tela ilusória?

É um jogo de espelhos: a imagem aparece em certo lugar e esse lugar não existe, e menos ainda o reflexo. Do outro lado do espelho que é este onde eu estou, portanto, não estou.

Diante do espelho o que se vê é sua inversão: direita é esquerda e esquerda é direita. Sim, todos sabemos, mas esquecemos ou não queremos que nos lembrem isso e nem sequer nos importa.

Estamos na era do nada me importa, do você que se arranje, do egoísmo supremo, tudo isso são formas que apagam os limites.

Os campos de concentração: onde tudo se reduziu: menos o mal absoluto. Onde o verdugo foi verdugo de si mesmo e quem ele assassinou e calcinou foi a si mesmo. A coluna de fumaça humana se elevou à mais alta espiritualidade, enquanto os de botas negras se afundavam na lama e nos detritos. Destes não sobrou nada e aqueles são lembrados e os rastros os exaltam. Tempo e espaço recobrados.

Obsessão pelos relógios, mas não pelo tempo. Relógios extravagantes, com maquinaria diamantina, quanto mais caros mais apreciados, sem levar em conta sua atemporalidade, sua fragilidade, sua

relatividade. Melhor os antigos relógios de sol ou os de areia. Ou, melhor ainda, sem relógio: o cálculo do dia e da noite por uma percepção interna, intuitiva.

O tempo, mera ilusão. Ilusão que brota e desliza, que leva uns a dizer como dura pouco e outros como demora a passar. O ano acabou. Passou voando. Como demora! Quando vai terminar? Essa ilusão se aplica também ao espaço: inalcançável ou mínimo. O grande palácio para o habitante solitário. A pequena cela para o monge ou o prisioneiro. O navio confinado em movimento perpétuo: percorrendo todos os mares existentes. A mente sem princípio nem fim: daí a ideia de Deus.

Espaço livre que delimitamos em pequenas parcelas, fronteiras impostas, quadratura da natureza.

Formas arquitetônicas que roubam espaço do espaço e se elevam em direção a um céu desejado, onde não há limites: arranha-céus.

Ou afundamento na terra: subterrâneos que fundem as duas ilusões.

Cidades que ao transbordarem gostariam de voltar a serem pequenas aldeias sem mapa.

Os transportes quanto mais velozes mais apreciados. Romper barreiras: automóveis, barcos, aviões, pesados e leves, sem que os olhos possam segui-los.

Competições, esportes: distâncias encurtadas pela maior rapidez. O corpo humano rompe sua própria marca com antecedência à meta: a morte.

Que pressa? Que aceleração? Que urgência? Que precipitação?

Vertigem. Tudo se transforma em vertigem.

Rápido. Veloz. Pólvora, *Calamo currente*. Correndo que é gerúndio.

Tantas e tantas expressões, verbos, adjetivos que aludem à pressa. Pressa que é passagem do tempo e passagem do espaço.

Tive um editor, Joaquim Díez-Canedo Manteca, a quem eu disse que o computador permitia que eu escrevesse mais rápido e ele me respondeu: "E para quê você quer escrever mais rápido?"

Folhas em branco. Nem Cervantes nem Shakespeare

Centenários vão e vêm. Grande emoção pelos de Cervantes e Shakespeare. (escrevo isto em 2016). Essa mania de celebrar. Para tudo uma celebração: a do pai, a da mãe, a dos avós, a da criança, a do médico, a da secretária, a do pedreiro. Como se fossem santos. Por que não a do transeunte, a do franco-atirador, a do encantado, a do tolo?

Não seria melhor esquecer? Cervantes e Shakespeare, o que mais se pode dizer deles? Inventemos. Todos inventando. Todos aplaudindo. Qualquer coisa. Contanto que se apareça nas homenagens.

Ainda não se reconhece o silêncio. Cale-se e siga lendo.

Shhh.

TESTEMUNHO

Eu, Oseas, sou uma testemunha da minha época. Eu caminhei. Eu naveguei. Eu vi. Eu ouvi. (Eu cozinhei). Propus deixar um testemunho porque as coisas acontecem tão rapidamente, inventos e descobertas se multiplicam, teorias caem por terra, máquinas se aperfeiçoam, instrumentos nascem, a ciência e a tecnologia crescem. Já não se pode acreditar no que era plausível há apenas alguns anos. Uma hora a imprensa, uma hora o telescópio, uma hora o microscópio. Dentro de pouco tempo, o homem vai voar de um continente a outro, vai navegar na profundidade do mar, vai construir edifícios enormes, apartamento sobre apartamento. As cidades mudarão, vai haver luz permanente à noite, será implantada a higiene, não existirão doenças, a imortalidade chegará.

Mas antes que aconteça isso e muitas outras coisas, ainda imprevisíveis, devo insistir neste breve momento que vivo para que a memória não desapareça. E que depois as pessoas digam: como se podia viver assim? E que não pareçamos irracionais, intolerantes e desatentos.

Estamos em um grande momento da mudança. A partir de agora tudo vai ser questionado, apesar daqueles que se aferram às ideias antigas e não querem saber nada do novo. São chamados os preguiçosos. Os incongruentes e os inadequados.

Quero ressaltar, por um lado a inadequação e pelo outro o progresso. As grandes obras criativas e a violência, o ódio, as persegui-

ções. Em resumo, o que desde tempos imemoriais acontece a partir de Adão e Eva primitivos até qualquer Adão e Eva contemporâneos.

Adão e Eva primitivos, modelos de seus herdeiros. Herdeiros às vezes extraordinários e às vezes desvirtuados. O grande e o pequeno. Acima e abaixo, como a Tábua Esmeraldina. Embora quisesse que o progresso fosse total, incluindo o caráter arbitrário, os erros e as paixões. O famoso equilíbrio nunca alcançado, a regra de ouro.

De repente, me dou conta. Não tenho que ficar dando maiores testemunhos nem criando estratagemas para provar nada. Tudo o que escrevi até agora o comprova. Terá chegado o momento de colocar ponto final? Por cansaço? Por insistência? Por falta de novidades? Não creio. Um cozinheiro escritor como eu não se dá por vencido.

Gostaria de escrever sobre os valentes. Por exemplo: sobre Giordano Bruno, que eu não conheci pessoalmente, mas que, quando estive em Londres como testemunha das conversações para o retorno dos judeus para a Grã-Bretanha (na companhia de Menassh bem Israel), ele me foi mostrado por meu amigo, o comediante Shakespeare. Bruno Nolano tinha vindo dar umas conferências sobre a arte da memória, coisa em que era especialista. Ele teve a ideia de escrever um livro chamado *O jantar das cinzas*, se bem me lembro. A memória. A memória. E como o tema me parecia de uma estranha gastronomia, pensei que seria de proveito para mim.

O livro, escrito à maneira platônica, consta de cinco diálogos. Como se fosse um jantar de cinco pratos. No primeiro, trata de dois doutores oxfordianos. No segundo, se descreve uma espécie de topografia moral na qual são mencionados os lugares pelos quais os caminhantes se dirigem ao lugar do jantar. Chegam, recebem Giordano amavelmente e se dispõem a provar os alimentos deliciosos. No terceiro, entre outras coisas, refere-se às teorias de Copérnico e aos fenômenos celestes. Insiste em que a terra gira em torno do sol e que Aristóteles estava equivocado. Por isso, serão descobertos segredos da natureza, até então guardados. O quarto diálogo defende a ideia de conformar as novas ideias com uma nova teologia. No quinto, insiste em que existem mais planetas do que os sete tradicionais e outras coisas difíceis de explicar. O que eu entendi desta parte foi que o jantar estava a ponto de terminar.

A verdade é que não sabemos nada do jantar em si e do que comeram os convidados. Essa me parece uma falta grave. Tenho certeza de que o que comeram influenciou nas discussões, porém ficamos em jejum. Por fim eu compreendi a coisa das cinzas: o jantar aconteceu durante a noite da quarta-feira de cinzas, um pouco antes do nosso *Pésaj*. Erroneamente, eu tinha pensado que os alimentos deste jantar seriam cozidos no rescaldo de cinzas, o que daria um sabor especial entre tostado e queimado, o qual me interessava muito e muito o que falariam depois.

Passando a outras cinzas, devo dizer que a vida de Giordano terminou mal: resolveu, em má hora, voltar para a Itália e foi um aluno que o delatou ante o tribunal da Inquisição. Depois de anos de cadeia, torturas e interrogatórios foi queimado vivo com lenha verde, nu, com a língua imobilizada por uma prensa de madeira para que não gritasse ao mundo suas últimas palavras, em um lugar de nome bonito e inadequado: Campo dei Fiori. Suas cinzas, espalhadas aos quatro ventos, alimentaram a paisagem romana.

Esse foi o meu século, paradigma dos séculos vindouros.

RESTAURANTE KÓSHER DE COMIDA RÁPIDA

Um dia, decidi dar fim a minhas viagens marítimas. Tinha visto muito. Ou pouco talvez. Escolhi Nova Amsterdã, em memória de minha vida na velha Amsterdã, onde os esperandos encontramos liberdade. E como sem mar não podia viver, eu estava ainda aqui diante do mar. Passeava e via as ondas e o pores-do-sol. Caminhava às margens do rio Hudson. Esperava a chegada de barcos com notícias do Brasil e de Portugal. A população sefardita proveniente do Brasil aumentava de maneira considerável, sobretudo desde que os portugueses recuperaram suas colônias e retomaram as perseguições.

Vivi uma longa temporada na ilha e quando os ingleses recuperaram a cidade mudaram seu nome para Nova York e parece que é assim que vai ficar. Outros lugares conservaram seus nomes neerlandeses: a lha de Coney, Brooklyn, Harlem, Flushing, Broadway, a ilha do Staten.

A mudança de donos não afetou os esperandos. E, pouco a pouco, fomos esquecendo o epíteto. Foi então que tive a ideia de estabelecer um negócio muito original: criar um pequeno restaurante *kósher* de comida rápida para quem não tem tempo de cozinhar ou de voltar para casa ao meio-dia. Ou ainda para os caçadores de castores que vinham vender as peles. Tinha certeza de que meu restaurante ia ser o primeiro na história kósher.

Sem demora, procurei um lugar apropriado e central. Em seguida comecei a inventar novas receitas fáceis de fazer. Desenvolvi

novos pratos, como uma espécie de linguiça dentro de um pão macio comprido acompanhado de repolho azedo e pepinos curtidos que está tendo muito sucesso. (Dá água na boca). Consultei meu amigo o rabino Jacobo Pérez Levi para saber se uma ave própria dessa localidade era *kósher*, o peru, e ele me garantiu que não havia nenhum problema. Lembrei-me de um antigo romance que se cantava em minha família sobre a história de Tamar e Amnón.

Um filho tem o rei Davi
que pelo nome Amnón se chama

Enamorou-se de Tamar,
que era sua própria irmã

Fortes eram seus amores,
doente caiu, jogado na cama.

Um dia pela manhã,
seu pai a vê-lo entrava.

—O que tens tu, Amnón,
filho meu e de minh'alma?

—Mal estou e não como nada.

—Sim comerás tú, Amnón,

a carninha de nobre ave.

—Eu a comerei, meu pai,

si Tamar ma preparar.

—Eu irei dizer-lhe a Tamar,

que a prepare e a ti a traga.[14]

Claro que na época do rei Davi não se comia essa ave, o peru. Mas me deu ideias para minhas receitas. Das minhas passagens pelos mares Mediterrâneo e Caribenho eu podia misturar condimentos e molhos, além dos originais vegetais e frutas dessas terras. Assim, quando as batatas peruanas começaram a ser difundidas por toda parte, de forma decidida, eu as incluí em todo menu. Tanto fervidas como fritas, em purê, assadas ou com ovos batidos. Enfim, chegaram a virar um prato preferido.

Meus lucros aumentaram tanto que pensei que já não seria necessário continuar escrevendo este livro, com cujos direitos eu tinha a ilusão de me aposentar e usufruir um merecido descanso depois de tantas aventuras. Lembrei o meu querido amigo Cervantes que nunca pôde viver de seus livros. De maneira que, enquanto eu tenha forças e saúde, seguirei à frente de meu restaurante *kosher* de comida rápida que já foi convertida em comida para todos os públicos.

Folhas em branco. Ponto final

Chegou o momento de eu também colocar ponto final neste livro juntamente com Oseas. O que não quer dizer que não continuarei escrevendo, mas que, devido a terem ficado tantas folhas em branco, vou aproveitar para material de outro livro: os esperando de minha época: os arrítmicos. Além disso, poderei fazer uma inversão dos tempos históricos. Assim como Oseas me deixou as folhas em branco para o futuro, eu vou retribuir, imaginando que ele tivesse dado, desde o passado, opinião sobre este nosso conflitivo século. Oseas vai seguir vivendo a meu lado, dando-me ideias. Quer dizer, eu vou invadir o campo da comida (o cozido com carnes) e da construção (a betoneira). Ou no que poderiam ser palavras de Oseas se no lugar de sefardita fosse asquenazí: isto é, um *mishmash*.

Quero acrescentar um dado pessoal, já que Oseas falava de sua comida rápida no que hoje se chama Nova York. Em uma das minhas viagens a essa cidade descobri um delicioso manjar: os *knishes*, espécie de tortinhas feitas à base de batatas. E se a receita tivesse vindo do próprio Oseas e tivesse sido transmitida de geração em geração? O caso é que em um beco do Brooklyn um velho vendedor de knishes, com sua grande panela quente, me ofereceu um. Enquanto eu saboreava o bocado lembrei-me de lhe perguntar como se chamava e ele me respondeu: "Oseas". Como eu o olhei surpreendida, ele acrescentou: "Fui cozinheiro de barco faz muitos anos".

Coisas que acontecem. Depois dessas folhas em branco que deixaram de estar em branco chegou também minha hora de me despedir. Se este excêntrico livro conseguir ser publicado, espero que

sirva de exemplo que, em matéria literária, a transgressão é o recomendável para divertir, abrir horizontes e passar as noites de claro em claro e os dias de escuro em escuro como esse amigo Miguel de meu querido cozinheiro.

Adeus, amados e pacientes leitores. Até a próxima.

NOTAS

1 Nace en las Indias honrado,
donde el mundo le acompaña,
viene a morir en España
y es en Génova enterrado

2 Es en el mar secuestrado
por ingleses y holandeses
y en seguida portugueses.

3 derecho de pernada
1. m. Rito feudal en el que el señor, tocando con la pierna el lecho nupcial, simbolizaba la servidumbre de la descendencia del nuevo matrimonio.
2. m. En algunos territorios, derecho que se atribuyó al señor feudal para yacer con la esposa delsiervo en su noche de bodas.
3. m. coloq. Ejercicio abusivo del poder o de la autoridad. (DRAE online)

4 Aquí la alma navega
por un mar de dulzura, y finalmente
en él ansí se anega,
que ningún accidente
extraño o peregrino oye o siente.

5 Papá, si me deja usted
un ratito a la Alameda
con las hijas de Merino
que traen rica merienda.
A la hora de merendar
se perdió la más pequeña,
su papá la fue a buscar,
calle arriba, calle abajo,
calle de Santo Tomás
donde la vino a encontrar
en un portalito oscuro
hablando con su galán.
Y estas palabras decía:
Mi abuela tiene un peral
7que cría la pera fina.

6 Un automóvile, dos automóviles
tres automóviles y un sidecar.
pronunciado sidecar como si fuera en español.

7 Un hijo tiene el rey David
que por nombre Amnón se llama
namórose de Tamar,
aunque era su propia hermana
Fuertes eran los amores,
malo cayó y echado en cama.
Un día por la mañana,
su padre a verle entrara.
—¿Qué tienes tú, Amnón,
hijo mío y de mi alma?
—Malo estó y no como nada.
—Sí comerás tú, Amnón,
pechuguita de una pava.
—Yo la comeré, mi padre,
si Tamar me la guisara.
—Yo se lo diré a Tamar,
que te la guise y la traiga.